



1290000162



FE

TCC/UNICAMP C166p

Ana Flávia Fialho Cantarelli

PEDAGOGIA: (re)significando-a em outras áreas
de conhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para cumprimento parcial das exi-
gências para o título de graduada em Pedagogia
, orientada pelo Professor Dr. Pedro Goergen
(Departamento de Filosofia e História da Edu-
cação, DEFHE/ FE/UNICAMP)

Universidade Estadual de Campinas

1996

UNIDADE...	FE.....
Nº CHAMADA:	
YCC/UNICAMP	
C166p	
V:.....	EX:.....
TOMBO:	162
PROC:	124/03
C:.....	D:..X
PREÇO:	R\$ 24,00
DATA:	03/11/03
Nº CPD:	Brind 31 0516

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO / UNICAMP

C166p	Cantarelli, Ana Flávia Fialho Pedagogia: (re)significando-a em outras áreas de conhecimento / Ana Flávia Fialho Cantarelli. - Campinas , SP: [s.n.], 1996. Orientador: Pedro Goergen. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade d Educação. I.Epistemologia - Educação. 2.Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 3.Ensino Superior - História. I.Pedro Goergen II.Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.Título.

"Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é "diógenes", como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada ("quia") e passa através ("transgride"). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é topológico, relativo às deformações de figuras, e não cópico, definidor de lugares."

(CERTEAU) (1994)

Para os professores
Luis Estevam, Roseli A. Coção
Fontana e Pedro Georgetti:
companheiros queridos na
caminhada pelas operações
enunciadoras que constituem
estes traçados gráficos... e
que muitas vezes lhes
escapam cinesteticamente.

SUMÁRIO:

PARTE 1

Ausência e presença da Pedagogia em outras áreas de conhecimento

(Referenciando teoricamente as entrevistas)

CAPÍTULO 1 MAPEANDO A QUESTÃO.-----01

CAPÍTULO 2 RE/SIGNIFICANDO A PEDAGOGIA ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS: memórias, representação, enunciação e interpretação... os possíveis.-----15

CAPÍTULO 3 NOMEANDO A PEDAGOGIA: movimento de busca do particular enquanto unidade entre o singular e o geral.-----29

CAPÍTULO 4 BUSCANDO A COEXISTÊNCIA PEDAGOGIA/OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO: 'a partir delas' X 'com elas'.-----64

4.1) o lugar da Pedagogia-----66

4.2) o lugar de outras áreas de conhecimento-----87

4.3) a coexistência Pedagogia/outras áreas de conhecimento: de lugares a espaços-----97

CAPÍTULO 5 CIÊNCIAS HUMANAS: situando o horizonte de um rio de três margens.---114

PARTE 2

(Enunciando: as entrevistas)

1. Análise do Discurso:

Eni Puccinelli Orlandi-----122

2. Antropologia:

Márcio Ferreira da Silva-----143

3. Ciência Política:

Plínio Dentzien-----158

4. Economia:

Wilson Cano-----169

5. Epistemologia:

Silvio Sánchez Gamboa-----180

6. Filosofia:

Eldeu Moreira Coelho-----199

7. História:

Poulo Miceli-----225

8. Neurologia:

Ana Maria Sedrez Gonzaga Piovesana-----242

9. Psicologia:

Marília Gouvea de Miranda-----249

10. Psicologia:

Samuel Piromm Netto-----262

11. Sociologia:

Renate Ortiz----- -297

BIBLIOGRAFIA :-----312

PARTE I

Ausência e presença da
Pedagogia em outras áreas de
conhecimento

(referenciando teoricamente as
entrevistas)

CAPÍTULO 1

MAPEANDO A QUESTÃO

*"Entregue a paixões que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim..."*

(Sérgio Magrão/ Luiz Carlos Sá)

A questão fundamental que constitui a presente pesquisa tem sua dimensão vinculada à busca da Pedagogia, de sua especificidade e das contribuições que fornece ao processo de produção de conhecimento. Para abordá-la, como prenuncia o texto de Sérgio Magrão e Luiz Sá, procurei seguir uma lógica não-hermética indo para outros lugares além do 'próprio' da Pedagogia, ou seja, do seu território. Na busca de seu lugar transportei-me à dinâmica do espaço, ao movimento de suas relações com outras áreas de conhecimento.

Neste primeiro parágrafo dois conceitos, constitutivos da lógica não-hermética buscada no presente texto, aparecem exigindo um maior rigor reflexivo. Colocados como sinônimos no senso comum estes dois conceitos diferenciam-se num pensamento mais rigoroso, abrindo muitas possibilidades de pensamento

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

sobre a existência e a coexistência humanas. São eles: o conceito de lugar e o de espaço.

Para Certeau (1994) o lugar corresponde à ordem que determina a distribuição dos elementos nas relações de coexistência. Aqui os elementos situam-se em lugares 'próprios', distintos e definidos. Neste sentido o lugar implica a configuração de posições, a estabilidade e a univocidade. É o 'estar-aí'.

Já o espaço implica vetores de direção, velocidade e tempo. Espaços são sempre cruzamentos animados pelas operações que os orientam. Há a presença constitutiva da circunstância, do tempo, da polivalência de conflitos e proximidades entre os diferentes. O espaço é um lugar praticado, um lugar povoado por operações de um sujeito histórico.

Tendo explicitado os sentidos atribuídos às palavras 'lugar' e 'espaço', podemos voltar ao foco de interesse da pesquisa com um maior refinamento.

Esperando contribuir para as discussões e buscas em torno do lugar da Pedagogia (as quais ocorrem dentro das Faculdades de Educação) dirigi-me aos lugares das várias ciências e saberes denominados 'de fundamento' buscando apreender as marcas pedagógicas deixadas nos mesmos. Através da memória de significados de algumas áreas de conhecimento busquei resgatar a presença silenciosa da Pedagogia nestes saberes, o como é re/significada em um território que não é o seu, ou seja em um lugar ('próprio') diferenciado. O ponto de

partida assim, foi a busca da diferenciação dos lugares que levam às ausências (dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar) e de como esta diferenciação/ausência é percebida e dialeticamente feita presente nas áreas exteriores à Faculdade de Educação. É neste sentido que dos lugares da Pedagogia e de algumas áreas 'fundamento' caminhei em direção ao espaço , ao movimento de coexistência que se pratica nestes lugares.

Introdutoriamente é bom explicitar que a produção desta reflexão exige a compreensão destes lugares/espacos dentro do ambiente maior que os constitui e influencia, ou seja, sempre em relação a uma sociedade e a uma universidade concretas e históricas.

Quanto a esta constituição podemos dizer que a existência e o processo de produção de bens materiais e não materiais em nosso país hoje se desenvolvem de forma capitalista. Embora correta, esta frase não é suficiente para uma introdução à questão, já que implica a referência ao Capitalismo situado concretamente em um período histórico que colocasse anteriormente ao século XX e aos seus múltiplos processos de aperfeiçoamento (o dinamismo de sua auto-afirmação é sem dúvida um de seus componentes) em períodos curtos de tempo quando leva-se em consideração a história da humanidade.

Lefebvre (1984) elabora uma densa reflexão sobre a sociedade atual na medida em que busca um modo de concebê-la que implique um refinamento do título 'capitalista'.

Segundo este autor vivemos em uma sociedade burguesa industrial, onde até a agricultura é absorvida por este processo (situação que é explicitada hoje através da muito falada agroindústria) e onde o crescimento (numérico, quantitativo, aritmético) se sobrepõe ao desenvolvimento (que trabalha com as proporções, com a qualidade, com as dimensões da geometria). Esta sociedade industrial porém, se revela em um duplo processo constitutivo onde industrialização e urbanização se entrelaçam e se determinam. Como nos diz Lefebvre¹ (1984):

"Es la vida urbana la que aporta el sentido de la industrialización, la que lo contiene como segundo aspecto del proceso. Es posible que a partir de un cierto punto critico (en el que podemos situarnos) la urbanización y su problemática dominen el proceso de industrialización."

Lefebvre afirma ainda que nada resta à 'sociedade industrial', quer no campo quer nas cidades, senão produzir para a vida urbana.

Além da industrialização, da ênfase no crescimento e da urbanização , a constituição de nossa sociedade exige também referência à questão da técnica. Em nossa sociedade a técnica adquire um caráter determinante, influenciando não só as condições de produção material , mas também as próprias formas de consciência sociais e individuais. O objeto técnico coloca-se como 'transparente' e invade

1. Para maiores detalhes sobre a definição da sociedade atual sugiro a leitura de Lefebvre (1984), capítulo 1 (1.5) página 62 em diante.

toda a prática social. O olhar para este objeto técnico transforma-se em um olhar passivo, atento ao funcionamento aparente e orgânico de montagem/desmontagem em um quadro marcado pela neutralidade.

Esta característica da nossa sociedade (transformação da técnica em tecnocracia), tem como principal álibi as aplicações de uma técnica aparentemente neutra à vida social, sendo por sua vez o álibi dos dirigentes da vida econômica e política.

Dentro desta característica podemos situar a problemática do conhecimento científico. A sociedade parece sempre evoluir pacificamente até uma racionalidade superior onde a aplicação racional do mais alto saber ocorre em nome da cientificidade. Assim é justificada a racionalidade burocrática estabelecendo-se a competência dos tecnocratas. O conceito de ciência neste quadro está vinculado à eliminação do histórico como constitutivo de sentido. A 'obsolescência' leva a um apagamento da historicidade ... é preciso consumir o novo.

Chegamos aqui a uma outra característica de nossa sociedade : o consumo. Além da industrialização, da ênfase no crescimento, da urbanização, e da tecnocracia , o consumo configura-se como um importante aspecto da constituição social atual. Hoje quem detém o processo de produção de bens possui uma intimidade grande com o mercado , com os desejos dos consumidores e com suas necessidades. Lefebvre (1984) sintetiza as características da socie-

dade contemporânea propondo o seguinte nome e definição :

"Sociedad burocrática de consumo dirigido, tal es la definición que aquí proponemos para 'nuestra' sociedad. De este modo se subrayan tanto el carácter racional de esta sociedad y los límites de tal racionalidad (burocrática) como el objeto que organiza (el consumo en lugar de la producción) y el plano al que dedica su esfuerzopara asentarse en él: lo cotidiano."

Dentro destas referências sobre o ambiente mais amplo da sociedade , podemos localizar a ciência e a própria universidade. O binômio tecnocracia/consumo explica o caráter aplicativo do conhecimento científico, sua reificação e sua obsolescência a-histórica.

O conceito atual de universidade está um tanto vinculado a estas determinações, dividindo-a em faculdades e institutos. As faculdades destinam-se à aplicação de um conhecimento reificado e absolutizado como superior , são os mercados consumidores de conhecimentos-objeto controlados pelos tecnocratas; já os institutos destinam-se à evolução pacífica e linear da produção de conhecimentos.

Luiz Antonio Cunha² desvela toda esta condição de aplicação e tecnocracia da univer-

2. Luiz Antonio Cunha escreveu uma livros sobre o desenvolvimento da universidade no Brasil: CUNHA, Luiz Antonio. *A universidade temporã : o ensino superior da colônia à era de Vargas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves , 1986 ; *A universidade crítica: o ensino superior na república populista*. Rio de Janeiro , Francisco Alves , 1983. *A universidade reformanda: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988. Seu texto sobre a gênese e o desenvolvimento do ensino superior desde os primórdios do capitalismo encontra-se neste último livro pp 12-19.

sidade enveredando pelo viés histórico. Definindo-a enquanto espaço de formação de intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos da burguesia, o referido autor realiza um resgate do desenvolvimento da instituição universitária no Brasil situando-o no modo de produção capitalista e em sua organização mundial.

No início do capitalismo, logo após a Revolução Francesa de 1789 e já com Napoleão no Estado republicano, uma abrangente reforma institucional é estabelecida no sentido de consolidar o regime burguês. Neste quadro de adaptação ao novo modo de produção, a universidade era vista com muita desconfiança na medida em que representava um aparelho ideológico do Antigo Regime voltado para a cultura clássica em oposição às ciências experimentais e ao enciclopedismo. A adequação desta instituição às aspirações burguesas envolveu a criação de inúmeros decretos que visavam a fragmentação da universidade em instituições de ensino profissional (ainda que formalmente pertencentes à universidade) dentro de um quadro referencial positivista. Desta forma demolia-se um dos aparelhos de formação de intelectuais do Antigo Regime e buscava-se a preparação de intelectuais para o novo modo de produção.

Enquanto na França o panorama era de fragmentação e profissionalização, o ensino germânico seguia caminho inverso valorizando a filosofia e o saber livre e desinteressado de aplicações práticas.

Portugal, embora não podendo participar do bloqueio continental imposto por Napoleão à Inglaterra, visto que estava subordinado economicamente à ela (situação que levou à transferência da sede do reino para o Brasil em 1808), acabou endossando o pensamento francês no que diz respeito à esfera educativa.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil no início do século XIX e com a influência francesa no pensamento educacional, foram criadas aqui não universidades mas instituições isoladas de ensino superior voltadas para a formação de profissionais.

Este quadro foi mantido no século XX no Brasil a despeito da criação das primeiras universidades na década de 30, pois estas universidades nada mais eram do que uma reunião formal das faculdades isoladas.

Dentro desta organização geral as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criadas também na década de 30, representavam a adesão ao pensamento educacional germânico e à Faculdade de Filosofia de Berlim onde predominava o saber desinteressado de aplicações imediatas.

Foi somente na década de 60 que o modelo de ensino superior 'napoleônico' foi superado em prol da implantação do modelo americano, o qual vinha ganhando espaço desde os anos 40. Novas fragmentações foram incorporadas ao ensino universitário que passou a ser formado a partir de disciplinas (não mais de

catedras), de departamentos e de créditos na elaboração contábil do currículo dos alunos.

Cunha (1988) analisa com muita perspicácia esta nova organização universitária afirmando que:

"Assim , a própria estrutura da universidade revelava a vitória do empiricismo anglo-saxônico sobre o racionalismo francês e o idealismo alemão(...)" (pp 18)

O referido autor vai ainda mais longe em sua análise afirmando que a universidade passa a subordinar-se à empresa capitalista e às práticas americanas da grande indústria adotando a ênfase na produtividade, na organização racional do trabalho, nas linhas de comando.

Articulando as análises de Cunha (1988) e de Lefebvre (1984) sobre o caráter industrial e de consumo de nossa sociedade e as influências deste caráter sobre a organização de nossas universidades pós 64 , podemos compreender com mais intensidade as transformações ocorridas na Pedagogia que inicialmente vincula-se à Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras (entendida dentro do idealismo alemão) transformando-se na década de 60 em um campo de profissionalização e aplicação.

Voltarei à questão do curso de Pedagogia de maneira mais detalhada no capítulo 4. Aqui estou preocupando-me em situá-la juntamente com outras áreas de conhecimento em um ambiente maior , dentro da composição de nossa

sociedade e dentro da história da universidade no Brasil.

A partir desta visão mais ampla podemos perceber que o binômio produção industrial/consumo é transportado para as universidades gerando uma ruptura interna entre os momentos de produção do saber e de seu consumo/aplicação. É enfatizada a ruptura destes momentos através da divisão das áreas em duas grandes dimensões: a dos institutos responsáveis pela produção de conhecimentos e a das faculdades responsáveis pela aplicação destes conhecimentos.

É dentro desta abordagem de produção/aplicação de conhecimentos, que as entrevistas orais foram organizadas e selecionadas. Buscando apreender as representações e interpretações de representantes das chamadas 'ciências humanas' cujos modelos conceituais seriam 'aplicados' na área educacional, procurei apreender subsídios para reflexões sobre o curso de Pedagogia e a viabilidade/inviabilidade da adoção da noção de ciência aplicada em seu processo de constituição.

Em Pérez (1978) encontrei uma referência à listagem dos modelos conceituais das várias áreas de conhecimento, os quais seriam aplicáveis à educação. Remetendo-me a estes modelos selecionei os lugares que abrigariam as entrevistas e que viriam a se transformar em espaços de coexistência durante as entrevistas.

Em seu texto o autor define os modelos conceituais enquanto uma representação seletiva de terceiro grau (1.percepção, 2. abstração, 3.modelação técnica) que interpretaria um objeto por extrapolação ou o faria compreensível pela estruturação formal. Seria possível assim uma definição-explicação- interpretação do objeto educacional partindo de uma constelação conceitual prévia , já conhecida e procedente de um estudo sobre outros objetos. Segundo a tese de Pérez teríamos em mãos um modelo mais ou menos abstrato e geral , o qual seria aplicado a diversos objetos (entre eles a educação) que interrogam cientificamente nossa capacidade de não saber.

Pérez levanta nove modelos conceituais específicos para o objeto educativo: 1. modelos linguísticos (fala-língua, tradução, semiótica, gramaticais, protosimbólicos , semânticos denotação/conotação), 2.modelos econômicos (input-output, inversão-rentabilidade, planificação, sistêmico, de recursos, de mercado, de consumo, de custo, de inflação, de subempregos, etc), 3.modelos epistemológicos (da tábula rasa, socrático, platônico, de associacionismo empirista, genético de Piaget e Bruner, de metateoria, de ciência, etc), 4. Modelos históricos (de sucessão temporal, biográfico, clínico, de oportunidades históricas, etc), 5. modelos psicológicos (de afetividade, de ego/superego/id, de aprendizagem, de hábitos, de dependência, de maturidade, etc), 6. modelos sociológicos(de grupo, de interação, sociográfico/sociométrico {de equilíbrio social, de estratificação cultural, de acultura-

ção, etc) , 7.modelos antropológicos (de auto-realização, de plasticidade, de humanização axiológica, teológico-topológico, estético, ideológico, etc) , 8.modelos políticos (legal, democrático, de autoridade, de ordem, de bem comum, do público e do privado, etc), 9.modelos da medicina (diagnóstico, saúde, terapia, de evolução, etc).

Ao levantar estes modelos Pérez nos explicita todo o 'modus operandi' do discurso sobre a aplicação de saberes em educação, discurso este que é hegemônico em nossa sociedade industrial/de consumo e que pressupõe uma reificação do próprio conhecimento.

Retomando a estrutura básica deste primeiro capítulo, pretendi com um mapeamento inicial explicitar alguns conceitos básicos (espaço/ lugar)que balizam o tratamento e a reflexão da relação Pedagogia/outras áreas de conhecimento, situando este relacionamento na dimensão da sociedade mais ampla e na dimensão da estrutura universitária brasileira. Neste movimento busquei abordar o processo histórico de produção que sustenta a idéia de aplicação de conhecimentos na Pedagogia. Dentro da visão aplicativa de saberes resgatei Pérez e os modelos conceituais que levanta enquanto aplicáveis à educação, de modo a selecionar os representantes a serem entrevistados .

No capítulo 2 explicito a maneira através da qual percebi e organizei as entrevistas, ou seja as categorias teóricas que as fundamentam . No capítulo 3 resgato a primeira aproximação ocorrida durante as entrevistas em

relação ao lugar da Pedagogia , caminhando pelo ato de nomeá-la e de delimitar o seu 'próprio' . Este ato foi configurando-se como insuficiente para o pensar a questão, exigindo um repensar a história da Pedagogia bem como os lugares das outras áreas de conhecimento. É este repensar que constitui o capítulo 4 . Neste capítulo resgato o percurso que fizemos e as necessidades surgidas na delimitação dos lugares específicos e das operações discursivas praticadas em espaços de coexistência . Finalmente no capítulo 5 teço uma breve reflexão sobre as ciências humanas enquanto lugar de coexistência que precisa ser revisto em função das possibilidades que aponta.

A partir deste mapeamento introdutório podemos apreender o movimento dos capítulos que se seguem da seguinte forma:

2-) <u>ENTREVISTAS</u>	3-) <u>NOMEANDO A PEDAGOGIA</u>	4) > <u>O LUGAR DA PED.</u>	5-) <u>O COEXISTIR</u>
(a palavra praticando lugares)	(o ponto de partida)	4) > <u>O LUGAR DAS OUTRAS ÁREAS</u>	(espaços / as ciências humanas)

Para encerrar este momento introdutório talvez seja importante explicar o porquê do uso do gerúndio nos títulos das partes e capítulos. O gerúndio traz em si a possibilidade de expressar o aspecto e duração da ação, correspondendo ao meu desejo de imprimir ao trabalho um caráter processual. Considero este texto como não acabado , como parte de um processo maior de reflexão sobre a especificidade

, o lugar e o espaço da Pedagogia buscando trazer algumas contribuições para o desenvolvimento das discussões.

CAPÍTULO 2

RE/SIGNIFICANDO A PEDAGOGIA ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS :memória, representação, enunciação e interpretação ... os possíveis.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

(Caetano Veloso/ referência ao conto de Guimarães Rosa que possui o mesmo título , parte de seu livro 'Primeiras Estórias')

(...)Margem da palavra

Entre as escuras duras

Margens da palavra

Clareia, luz madura

Rosa da palavra (...)

A busca da re/significação da Pedagogia em outras áreas de conhecimento, da sua presença em lugares que não são seus, nos remete ao ato de navegar por/entre escuras e plurais margens da palavra. Mergulhando na palavra-água (na terceira margem do rio) com os entrevistados procurei estabelecer novas circunstâncias em que pudéssemos chamar e lembrar escrituras invisíveis e tatuagens recíprocas. O navegar pela palavra e a busca de superação de lugares e de afirmação de espaços implicou quatro conceitos básicos referenciando, sistematizando e direcionando teoricamente as en-

trevistas . São eles: o conceito de memória, o de representação, o de enunciação e o de interpretação. Estes conceitos viabilizaram a configuração do 'possível' na apropriação do que é específico na Pedagogia , de suas contribuições e relações com outras áreas de conhecimento.

O ato de navegar pela palavra em busca do espaço tatuado da Pedagogia e de sua presença em outras 'margens', vinculou-se teoricamente a um primeiro conceito: memória. Teoricamente a memória foi compreendida como algo cuja mobilização é indissociável das alterações que provoca. Sua força de intervenção é assim obtida de sua substância deslocável e móvel que se faz sempre nascendo no outro. Neste sentido a memória permite o desenvolvimento da possibilidade de estarmos no lugar do outro sem nos apossarmos dele, o encontro alternado com a outra margem sem nos perdermos nela.

Para Certeau(1994) a memória é no tempo análoga ao que a 'arte da guerra' é nas manifestações do espaço. A força da memória seria não um poder mas autoridade, na medida em que tira os significados da memória coletiva/discursiva autorizando , tornando possíveis inversões, mudanças, passagens, metáforas. Em sua dimensão social mediatiza transformações , rompe instauradoramente e transgride a lei do lugar . Esta é a grande e nobre tarefa da memória nas entrevistas realizadas, permitir uma transgressão dos lugares estáveis e defi-

nidos das áreas que atuam na produção do saber ligados de alguma forma ao objeto educação, em busca do possível. Segundo este mesmo autor a memória implica a expectativa de se produzir algo no presente através do chamamento pelo outro, por suas inscrições e tatuagens 'lembradas' por novas circunstâncias. Nem relicário, nem lixo do passado, a memória tem sua vida amarrada à idéia da crença nos possíveis e à mobilidade própria desta idéia. Através dela os fragmentos oferecem o conjunto que constituem, as totalidades não se bastam e a estabilidade é alterada pela lembrança.

Também em relação à memória Eni Orlandi³ realiza alguns apontamentos importantes. Em sua fala ressalta a importância da memória no ato de pensar o processo ideológico, as práticas significativas e a própria interpretação na medida em que estas coisas implicam as relações com as condições de existência vindo com sentido (sentidos estes que não existem soltos na história). A historicidade é aqui constitutiva da relação dos homens, de modo que essa interação é permeada por uma memória que é sentido. É justamente a memória discursiva, de sentidos, que constrói a sociedade como um todo tendo inúmeros participantes. O movimento de re-significação seria então justamente este onde um indivíduo consegue imaginar o que outro está dizendo porque possui uma história de sentidos que permite a compreensão.

3. Conferir entrevista localizada na segunda parte deste trabalho: Parte2/Análise do Discurso/EniP.Orlandi.

Sendo assim , o gesto de interpretação vem para esta autora sempre carregado de uma memória , de uma filiação e todo discurso é um deslocamento na rede de filiações em relação a uma memória que possibilita a produção de sentido. Os acontecimentos discursivos são ao mesmo tempo inovações e repetições e a memória não é mera reprodução.

Orlandi (1996) converge com Certeau (1994) ao abordar a memória enquanto movimento, inscrição e deslocamento onde a mudança implica relação com o mesmo e a repetição supõe fechamento e possibilidade. A memória é um retorno que crê no possível.

Um segundo conceito que permeia as entrevistas conferindo-lhes uma densidade teórica é o conceito de representação. Este conceito está de certa forma também vinculado à memória pois nos remete etimologicamente (do latim 'representare') ao tornar presente, à simultaneidade dos tempos, à contemporaneidade. Como as entrevistas caracterizam-se pela busca das marcas ou das tatuagens que a Pedagogia deixa nas outras áreas e vice-versa , acabam nos remetendo à busca da ausência como presença assimilada na ocupação e povoamento das margens distintas de um mesmo rio. Embora as áreas de conhecimento possuam lugares próprios e olhares para a realidade de ângulos diferentes, ao transformarem-se em espaços (enquanto lugares praticados) rememoram e eco-

am vozes outras, ausentes no lugar e presentes na variável tempo que as invade.

Henri Lefebvre (1983) aborda em seus estudos a representação e a relação representante-representado. Para ele as representações interpretam e interferem na prática social, fazendo parte da vivência e incorporando a ela a análise. A representação vincula-se ao binômio representante-representado implicando diretamente o 'outro' presente (vivido) ou ausente (concebido). Estes dois pólos estão em constante relacionamento e em busca da superação do estado de separação dos lugares a que estão inicialmente destinados. Neste movimento as representações configuram-se como mediadoras. Enquanto mediações as representações nos mostram toda a sua força na medida em que trabalham diretamente com o possível.

Lutfi, Sochaczewski e Jahnel (1996) resgatam a elaboração da teoria da representação de Lefebvre articulando-a com o conjunto de obras dos seus antecessores. Da filosofia kantiana Lefebvre trouxe a possibilidade da apreensão das representações como conhecimento. Hegel contribuiu para a formação de seu pensamento ao possibilitar a concepção dialética da tríade em oposição às clássicas díades (finito X infinito, saber X não saber, etc), entre o representante e o representado há sempre o 'outro', há sempre a representação. De Marx herdou a inversão da dialética idealista através do olhar materialista, bem como a possibilidade de desvelamento das ideologi-

as/representações. Em Nietzsche , Lefebvre resgatou a questão de que a linguagem nasce socialmente , num enlaçamento de sentimentos e valores.

Um outro ponto relevante para a teoria de Lefebvre a respeito das representações, consiste no resgate e contextualização de sua gênese histórica, de sua genealogia, filiações, encontros, influências. O papel da teoria aqui está justamente na seleção das representações engendradas pelas relações de produção na medida em que apontam para o novo, para o possível.

Enfim, o conceito de representação em Lefebvre vem contribuir com a realização e análise das entrevistas possibilitando o pensar a Pedagogia na superação do binômio representante-representado. A Pedagogia ausente nas outras áreas é re/presentada por elas e tornada presente pelo processo de representação/mediação. Instaurando-se o ato da representação enquanto processo de conhecimento , interpretação e interferência, é garantido o espaço do outro e da memória . Ocorre assim a negação da dicotomia entre o vivido e o concebido gerando apontamentos para os possíveis.

Para Lefebvre o poder das representações está na sua possibilidade de conter o porvir, os sonhos e as utopias. Em 'La presencia y la ausencia' o autor estrutura a noção da 'consciência do possível' onde considerando as representações como fatos que interpretam e

interferem na prática social, aponta para a aproximação constante do impossível. Através da trilogia viver-falar-pensar, Lefebvre sintetiza as relações entre ausência e presença enfatizando o caráter mediador e constitutivo das representações. O viver implica o ser representado e o transgredir representações; o falar implica uma transformação das distâncias em ausências preenchidas, o pensar é representar e superar estas representações.

É neste sentido de superação das dicotomias presença/ausência, concebido/vivido que a categoria 'representação' (mediação de natureza social que implica deslocamento) de Lefebvre (1983) contribui para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente na fundamentação das análises das entrevistas e de suas possibilidades.

O terceiro conceito que vem viabilizar a compreensão das entrevistas como espaços do possível é o de enunciação buscado em Bakhtin (1995). Para este autor o objeto de interesse está na enunciação enquanto categoria social e não individual. A fala está sempre ligada às condições da comunicação e às estruturas sociais, as quais precisam ser desveladas. Por exemplo, quando o professor Samuel Pfromm diz em sua entrevista que 'a Psicologia é uma ciência', o significado atribuído por ele a esta palavra é diferente daquele utilizado pelo professor Wilson Cano quando define, também em sua entrevista, a Economia como uma ciência.

Para Bakhtin (1995) a enunciação é o motor das transformações linguísticas (portanto do possível) e a palavra é uma arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios da sociedade e os valores da língua, refletindo os conflitos de classe dentro de um mesmo sistema. A realidade determina o signo e este reflete e refrata a realidade em transformação. O interesse pela palavra está na sua ubiquidade social, na medida em que são tecidas a partir de fios ideológicos e servem de trama para todas as relações sociais em todos os domínios.

Neste sentido, nas entrevistas a palavra atua como indicador das transformações e movimentos em relação à Pedagogia, mesmo daqueles que despontam e que ainda não tomaram forma. A palavra registra as fases transitórias mais íntimas e mais efêmeras das mudanças, dos possíveis.

O conceito de enunciação implica também o ato de considerar que épocas e grupos sociais possuem repertórios próprios de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica, de modo que a cada forma de discurso corresponde um grupo de temas. Para que o signo entre no horizonte social e desencadeie uma reação semiótica-ideológica, está sempre ligado às condições sócio-econômicas do grupo em questão e às bases de sua existência material. A significação é múltipla e interindividual e o signo é ideológico e sempre carregado de valores sociais distintos. Todos os índices

de valor expressam para Bakhtin, lugares sociais ocupados por vários indivíduos (grupos sociais). O signo e a enunciação possuem uma natureza social onde a linguagem determina a consciência e a ideologia determina a linguagem. Psiquismo e ideologia estão em uma constante interação dialética tendo como terreno comum o signo. Estas categorias são imprescindíveis nas análises das entrevistas enquanto naturezas interindividuais.

A relação entre os sujeitos e os signos implica o fato de que os seres refletem-se nos signos e acabam por se refratar em função dos conflitos de interesses sociais numa mesma comunidade semiótica. Pessoas de classes diferentes, com visões de mundo diferentes incutem em todo o signo ideológico confrontos de índices de valor. Por isso para Bakhtin (1995) o signo é uma arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios e os valores da língua, refletindo os conflitos de classe dentro de um mesmo sistema. É justamente esta plurivalência social do signo ideológico, caracterizada pelo entrecruzamento dos índices de valor, que o torna vivo e móvel, processual e constitutivo da sociedade. Neste sentido o signo se produz no movimento de significação (atribuição de sentidos), o qual implica uma relação de poder.

Num processo de exposição das possibilidades de sentido em contraposição à aparentemente monovalência das relações de poder, Bakhtin nos faz atentar para a relação entre

significação e tema. Para ele o tema pertence à enunciação como um todo formando uma unidade que é a expressão de uma situação histórica concreta , articulando signos de maneira dinâmica e complexa em condições específicas de um dado momento da evolução . Para que possa se realizar, o tema precisa do apoio e da estabilidade que provém da significação, caso contrário se perde.

Na relação entre tema e significação o tema seria assim um estágio superior real da capacidade linguística de significar, significando de maneira determinada; já a significação seria um estágio inferior desta capacidade cujo significado estaria em caráter potencial dependendo do tema. A investigação da significação pode , dentro deste raciocínio, seguir dois caminhos: 1) pode dirigir-se para o estágio superior , para o tema , numa investigação contextual da significação; 2) pode dirigir-se para o estágio inferior , o da investigação da palavra dicionarizada. O primeiro caminho de investigação é o que busco ao tratar das entrevistas .

Primeiramente explicita-se o lugar de onde o entrevistado fala e no movimento da enunciação as palavras referentes a (palavras que retomo e analiso nos próximos capítulos) Ciência, interdisciplinaridade, história da Pedagogia, educação, entre outras vão adquirindo uma significação tematizada. Neste processo a significação dicionarizada enquanto elemento abstrato é absorvida pelo tema , di-

lacerada por suas contradições vivas para retornar sob a forma de uma nova significação com estabilidade e identidade provisórias.

Na apreensão da significação tematizada vale também a metáfora da terceira margem do rio elaborada por Caetano Veloso e citada na epígrafe deste capítulo. A significação não está na palavra nem na alma do falante ou do interlocutor mas está sim no movimento, no encontro das memórias e no processo de resignificação destas .

O último termo que fundamenta a apreensão das entrevistas como um espaço do possível refere-se ao mundo da interpretação. Eni Orlandi (1996) toma a interpretação como gesto (um ato considerado em nível simbólico e não somente em nível pragmático) que funde memória e língua no processo de produção dos sentidos. A ligação entre o que faz do homem um ser simbólico e um ser histórico se dá pela interpretação.

A interpretação acontece porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude (as várias linguagens possíveis, a relação necessária entre linguagem e silêncio, o sentido como algo sempre aberto, a multidirecionalidade, etc) que configura-se como o vestígio do possível , como o espaço materializado pela história e como o lugar da ideologia. É neste sentido de incompletude que a interpretação passa a ser vista como necessária na relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo. Ao

significar o sujeito se significa alterando a sua direção e a dos sentidos do discurso. Todo discurso é um deslocamento de filiações constituídas a partir de uma memória que dá sustentação à possibilidade de produção de sentido. O ato de deslocamento supõe em cada discurso um retorno à memória que não é mera reprodução.

Levando-se em conta esta natureza da interpretação, como constitutiva do ser humano simbólico e histórico, as entrevistas apresentam-se como um momento privilegiado em dois níveis :1) em interpretações elaboradas pelos representantes de várias áreas de conhecimento a respeito da Pedagogia; 2) em nível da interpretação das entrevistas dentro do espaço da Pedagogia.

Para encerrar a abordagem deste conceito resgato a fala de Eni Orlandi (1996), onde a interpretação é tida como um espaço do possível:

" Certamente a vida aí se põe em questão . Porque o espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha , do efeito metafórico, do equívoco, em suma; do trabalho da história e do significante, em outras palavras , do trabalho do sujeito." (pp 22)

É através dos quatro conceitos citados que o ato de tornar a Pedagogia presente em lugares que não os seus, ou seja o ato de buscar as marcas desta em outros territórios

por meio da palavra oral (entrevistas), busca a dimensão do possível.

Pela memória temos o possível vinculado ao coletivo e à autorização de transformações, à história de sentidos e à resignificação. Nesta categoria as entrevistas configuram-se enquanto momentos de resgate e explicitação da história de sentidos elaborada nas várias áreas de conhecimento a respeito da Pedagogia, viabilizando apontamentos e confrontos para o processo de resignificação desta.

Pela representação temos o 'possível' relacionado ao ato de tornar presente o que está distante. Este processo implica conhecimento e mediação, gerando marcas e transformações. Através das representações o espaço do outro é garantido e a prática dos lugares 'próprios' implica sempre mediação. É a transgressão de lugares em direção a espaços (com o 'outro') que nos remete ao possível. Aqui concentram-se os fundamentos teóricos que possibilitam a apreensão da materialidade da Pedagogia nas operações vinculadas à espacialidade durante as entrevistas. Através do conceito de 'representação' é viável uma superação das dicotomias ausência/presença, concebido/vivido.

Pela enunciação temos a palavra como indicadora de transformações, como uma arena onde confrontam-se valores contraditórios de épocas e grupos sociais, como um registro da transitoriedade, da mudança e do possível. A

apreensão da palavra em sua materialidade (pela enunciação) vem permitir uma significação tematizada nas entrevistas e não dicionarizada.

Pela interpretação (constitutiva do homem e vinculada à filiações e à histórias de significado específicas) temos também o possível se afirmando . Esta afirmação nas entrevistas aparece em dois momentos gerando a prática de lugares :1) na interpretação dos entrevistados sobre a Pedagogia, 2) na interpretação da entrevistadora sobre as enunciações dos entrevistados.

Tendo explicitado os referenciais teóricos que guiaram meu olhar na leitura e na análise das entrevistas, podemos passar para o primeiro ponto de discussão com os entrevistados , para a aproximação destes com o tema em questão. Neste primeiro momento colocamo-nos na terceira margem do rio (a da palavra, a do movimento) tentando descrever a margem (o lugar) da Pedagogia. É este o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

NOMEANDO A PEDAGOGIA: movimento de busca do particular enquanto unidade entre o singular e o geral

MEDIDA DA SIGNIFICAÇÃO

(Cecília Meireles)

Procurei-me nesta água da minha memória / que povoa todas as distâncias da vida / e, onde, como nos campos , se podia semear , talvez, / tanta imagem capaz de ficar florindo...

Procurei minha forma entre os aspectos das ondas, / para sentir, na noite, o aroma da minha duração. (...)

Este capítulo marca um momento presente em todas as entrevistas em que há uma aproximação com o lugar da Pedagogia, um olhar mais lento e demorado para ele. Nem sempre esta aproximação constitui o primeiro momento das enunciações , mas aparece regularmente como a 'medida da significação' (fazendo referência à Cecília Meireles) , como a descrição de um lugar e do que lhe é próprio: o nome.

'Nomeando'. Novamente o uso do gerúndio (forma nominal do verbo) retrata a tentativa de uma apreensão do ato em sua duração e continuidade. O nomear a Pedagogia implica processualidade e categorias como tempo e memória , marcando cinesteticamente uma aproximação dos entrevistados com a Pedagogia e com a sua forma . É o lugar praticado que, segundo Certeau(1994), traz a dimensão do movimento temporal.

Para uma fundamentação teórica do ato de nomear(temática deste capítulo) foram resgatadas quatro tríades que viabilizam a análise da natureza deste ato (primeira tríade: conteúdo-forma-material), da sua relação com o sujeito que nomeia (segunda e terceira tríades: significado-significação-significante, representante-representação-representado) e das suas possibilidades no atual quadro de discussões em relação à Pedagogia(quarta tríade: sujeito-conhecimento-objeto).

A primeira tríade nos traz os conceitos conteúdo-forma-material , evocando o nomear enquanto uma prática que acaba ultrapassando os limites do conteúdo e do material em direção à forma ('...procurei minha forma entre os aspectos das ondas...', Cecilia Meireles). Bakhtin (1988) realiza uma boa elaboração teórica a respeito dos conceitos forma, conteúdo e material.

Já a segunda tríade que fornece densidade à discussão em torno do nomear, nos re-

nome aos conceitos significado-significação-significante, trabalhados no capítulo 2. Aqui, estes conceitos vêm subsidiar o olhar para a relação entre aqueles que desenvolvem o ato de nomear recorrendo a uma memória de sentidos própria e para a Pedagogia enquanto objeto de nomeação (formal e não só material).

.

A terceira tríade que constitui a análise nominativa abarca os termos representante - representação - representado, apresentados no segundo capítulo. Estes três conceitos vêm colaborar na sistematização dos atos de nomear e das mediações que se afirmam, nos permitindo observar o movimento de interpretação e interferência do sujeito que nomeia sobre o objeto (Pedagogia).

Finalmente a última tríade é a clássica epistemológica sujeito-conhecimento-objeto, que não se esgota no nomear levando-nos a uma outra problemática, levando-nos à especificidade da Pedagogia e sua relação com outras áreas de saber. Neste capítulo a relação de conhecimento que envolve sujeito e objeto estará aportada no resgate de categorias teóricas elaboradas por Schaff(1974) e no levantamento de discussões dentro das Faculdades de Educação a respeito da Pedagogia (enquanto ciência da educação, ciências da educação ou Pedagogia). Desenvolve um breve mapeamento destas discussões e argumentos em torno do nomear (ato que ultrapassa o apenas burocrático). Ao apresentá-lo aproveito para trazer as

vozes e posições dos entrevistados a respeito do assunto .

Embora as posições em relação a esta discussão sejam às vezes divergentes entre os entrevistados, um ponto se mantém suscitando outras variáveis : as respostas para as questões do particular em Pedagogia passam invariavelmente pelas outras áreas de conhecimento. É somente através da unidade entre o singular e o geral que poderemos apreender o específico. Neste momento me aprofundo na primeira e na quarta tríade (visto que as duas outras já foram abordadas) , buscando desvelar pontos que ainda não foram explicitados. É na última tríade que a insuficiência do pensar a Pedagogia sozinha se configura e que o movimento de apreensão de sua particularidade afirma-se enquanto busca do singular (próprio da Pedagogia) e do geral(conjunto das áreas de conhecimento).

Explicitando a dimensão da primeira tríade (conteúdo-forma-material) , recorro a Bakhtin (1988) que fundamenta teoricamente cada um dos conceitos desta, afirmando e possibilitando uma análise do nomear enquanto forma que engloba dialeticamente o conteúdo e o material.

Para o referido autor os fenômenos deixam de ser meramente fatos existentes quando passam pelo processo de significação no entrelaçamento dos campos cognitivo, ético e estético. A forma estética transfere a realidade

conhecida (campo cognitivo) e avaliada (campo ético) para uma nova unidade , ordenando-a de modo novo , individualizando e concretizando sua existência. É pela atividade estética (forma), que se cria uma nova realidade onde as realidades ética(material) e cognitiva(conteúdo) encontram-se positivamente admitidas e transformadas. Na integração dos domínios ético e cognitivo , a estética nada divide, nada abole, de nada se desvia. É criada uma nova forma para o que já se tornou realidade em outros planos , de modo que há um fundo sobre o qual pode ser vista a novidade e a liberdade, o desvio do fatal.

Situando a relação forma-conteúdo no campo da estética , Bakhtin (1988) afirma que não existe o conteúdo puro ou a forma pura. Ambos interpenetram-se no movimento dialético que sintetiza grandezas de ordens diferentes. Para que a forma se realize e tenha significado , o conteúdo que a envolve precisa ter um sentido ético e cognitivo possível, uma densidade extra-estética.

A forma muitas vezes é esvaziada ao ser confundida com material , quando na verdade desmaterializa-se ultrapassando os limites composicionais. O ato de nomear no contexto das entrevistas, está sempre atrelado à dimensão formal , incluindo a material porém a superando. Vygotsky(1972) ilustra esta incorporação/superação do material pela forma, através de uma analogia desta triada com máquinas voadoras cujo peso do material se opõe ao voo

e ao mesmo tempo o possibilita através de sua forma. É na oposição entre matéria e forma que se encontra a oportunidade, o possível.

O ato de nomear a Pedagogia encontra-se assim, na busca de possibilidades a partir de desvelamento de espaços. A triade conteúdo-forma-material nos remete à outras duas triades abordadas no capítulo anterior: significado-(re)significação-significante e representante-representação-representado.

Estas duas triades já não dizem respeito à natureza do ato nomear, como no caso da primeira, mas dizem sobre a relação entre quem nomeia e sua memória de sentidos no ato de significar, sobre a leitura da presença do objeto a ser nomeado no ato de representar.

O processo de nomeação da Pedagogia enquanto passagem para discussões maiores é muito bem explicitado por Orlandi⁴ em sua entrevista:

" Nomear é uma coisa muito forte e muito importante , não é só rótulo. Esse pensar os vences superficialmente o processo de denominação como se um rótulo, não é... Eu acho assim, primeiro já o fato de nomear está fazendo com que as pessoas tenham que tomar posições em relação a isso . Então o fato de nomear faz surgirem diferentes discursos disso, e já faz parte ... porque o nome em si não está com o sentido já nele não! Ao nomear há todo um processo que faz com que os sentidos sejam movimentados para que

4. Todas as entrevistas encontram-se transcritas integralmente na segunda parte deste trabalho.

aquilo faça sentido. Então isso aí é fundamental, dar esse nome. A discussão desse nome não é só uma discussão burocrática no caso. Ela é uma discussão de fato e para mim é fundamental sim saber que discursos surgem na hora de nomeá-lo, porque o processo de nomeação é aquela coisa importante porque certamente ao nomear você vai recortar um certo sentido, você vai recortar uma certa região justamente num certo espaço, num sítio significante que tem ali. Quer dizer, o sítio significante é mais amplo, as pessoas intuem que ali há sentidos e ao nomear você recorta estes sentidos para ele significar uma coisa 'x' ou 'y', e aí vem uma coisa importante também, que ao nomear você vai silenciar outros sentidos. Então este é um momento crucial, importante, eu não acho que ...

(Ana)...nomear seja algo burocrático.

(Eni) Não, é muito mais forte que isso não tenha dúvida. É um processo reflexivo como este da educação... e não é à toa também por que é preciso nomear isso, no fundo re-significar? Porque os sentidos disto estão mais ou menos perdidos, quer dizer... está sendo necessário um novo ritual, um novo gesto de interpretação. Em relação você estava falando de espaço, são regiões de conhecimento em relação à este espaço-região ... outra vez lidar com os limites e os não-limites dessa região que é a ciência da educação, ciências da educação ou pedagogia. E não é só acho... porque aí seria essa idéia de 'vai mudar de nome para continuar tudo a mesma coisa', eu não acredito nisso. E eu não acredito não porque as pessoas, que eu não trabalho muito lá, no discurso a gente não trabalha com as intenções justamente a gente trabalha o discurso enquanto prática, como um trabalho mas um trabalho simbólico como a gente fala. Então neste sentido a prática, ainda em nomear, não é essa coisa simplesmente de rotular e tal... nunca é isso. Agora mais geral é nesta prática saber o que está existindo. Aí que eu volto: não é a inten-

ção das pessoas 'nós vamos dar este rótulo' , no sentido da pessoa que está a fim de dar um nome se para aquilo tenha a intenção tal , 'x' ou 'y' . Mesmo que a intenção seja 'x' ou 'y' , vai muito mais longe o processo e eu acho que a necessidade desta re-significação deste espaço ela vem justamente de um fato muito mais amplo que é histórico, mais amplo dentro da sociedade." (Entrevista com Eni Orlandi/ Análise do Discurso)

É dentro deste modo de compreender o processo de nomeação que as discussões nas Faculdades de Educação vêm se estruturando. A preocupação não fica restrita à dimensão material do significante ou do objeto representado , mas sim na busca da articulação desta à dimensão do conteúdo, do significado, do sujeito representante. Ao articular diádes de modo a superá-las , a forma do ato de nomear nos remete à quarta tríade, à clássica epistemológica sujeito-conhecimento-objeto.

O processo de nomeação da Pedagogia traz sempre consigo uma determinada concepção de conhecimento e de relacionamento entre as várias áreas envolvidas .Schaff (1974) aborda com muita clareza e rigor três modelos fundamentais de abordagem do processo de conhecimento, os quais encontram ilustrações concretas em correntes filosóficas historicamente existentes.

O primeiro modelo levantado pelo referido autor fundamenta-se na teoria mecanicista do reflexo. Aqui o sujeito é apenas um ser contemplativo de um conhecimento que é có

pia do objeto. Seguindo esta lógica o objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do indivíduo passivo, num movimento reflexo cuja origem está na ação mecânica do objeto sobre o sujeito. O sujeito apenas registra os estímulos vindos do exterior como um espelho. As diferenças entre as imagens percebidas da realidade são explicadas pelas diferenças individuais dos aparelhos perceptivos.

O segundo modelo apresenta uma abordagem também ortodoxa e cristalizada da triade sujeito-conhecimento-objeto, porém o foco de atenção agora é deslocado para o sujeito. Neste segundo modelo, denominado ativista-idealista, o objeto transforma-se em mera produção do indivíduo. Nos termos desta concepção porém, o indivíduo aparece isolado da sociedade e subtraído à sua ação.

Já o terceiro modelo apresentado por Schaff (1974) nega o princípio de preponderância ora do objeto, ora do sujeito dos modelos anteriores propondo o princípio da interação. Esta interação é abordada enquanto prática social do sujeito que apreende o objeto na e pela sua atividade. Sujeito, objeto e conhecimento adquirem aqui uma dimensão dialética distinguindo-se da linearidade das dimensões dos modelos anteriores. O sujeito é sempre um indivíduo humano concreto (considerando-se seu condicionamento biológico e social), bem como ativo na medida em que introduz algo de si no conhecimento e que di-

rige, orienta, regula e transforma os dados obtidos no processo. Por outro lado o objeto é abordado com um realismo gnosiológico e com um materialismo ontológico (é sempre cognoscível, portador de uma existência objetiva). O conhecimento é aqui concebido enquanto atividade prática, como ação sensível e concreta e não como mera contemplação ou produto individual. Ao sistematizar este terceiro modelo, definindo o conhecimento como ação, Schaff nega a tendência reificadora de nossa sociedade que o concebe como produto passível de aplicação.

Estas considerações acerca dos três modelos fundamentais de abordagem do processo cognitivo, são importantes balizas para as análises desta pesquisa na medida em que fornecem categorias que possibilitam um desvelamento dos vários sentidos atribuídos à palavra 'conhecimento'. Estes sentidos pressupõem organizações e nomes distintos para as áreas de saber e para as ciências. Em especial a distinção entre a concepção que enfatiza o produto (primeiro e segundo modelos) e a concepção que destaca a atividade (terceiro modelo) é de grande teor esclarecedor na análise da atual situação da Pedagogia e dos discursos a seu respeito. O ato de nomeá-la encontra-se sempre vinculado a uma determinada concepção de conhecimento que guia a compreensão organizacional das áreas de saber. É a configuração deste quadro geral que implicará a especificidade da Pedagogia.

Ainda dentro da quarta triade (sujeito-conhecimento-objeto) mapeio brevemente algumas das discussões básicas sobre o estatuto epistemológico da Pedagogia resgatando os discursos de autores da área, bem como os de alguns entrevistados.

Existem hoje no interior das Faculdades de Educação três posicionamentos básicos (por vezes antagônicos, por vezes complementares) nos modos de conceber e configurar nominalmente a Pedagogia: 1) enquanto ciências da educação, 2) enquanto ciência da educação (dentro deste posicionamento encontramos duas formas distintas de se conceitualizar a ciência: uma de cunho positivista e outra de cunho histórico), 3) enquanto técnica ou disciplina.

Embora saiba dos inúmeros matizes que acompanham os posicionamentos citados, me deterei a essa configuração mais geral na medida em que atende às necessidades de interpretação suscitadas nas entrevistas.

Articulando os textos das entrevistas a esse procedimento de análise resgato a seguir uma fala do prof. Paulo Miceli em relação ao processo de nomeação:

"(P.M.) Mais uma questão também que nunca me ocorreu na verdade. Eu acho que a própria palavra 'ciência' ou 'ciências' no plural, ela parte de um conceito de educação, de um sentido que se tem a respeito disso. Na História existe a discussão sobre a História, ciência, ciências ou disciplina... Fico pensando se o nome que a gente dá para a coisa é tão importante.

Mas aqui não é só uma questão de nome, aqui você tem uma ciência da educação e as pessoas quando dizem , dizem 'ciência da educação', 'ciência da história' , se você disser 'ciências' já dá um sentido quase coletivo . Ciências da educação e Pedagogia carregam , eu acredito, você que é da área sabe bem melhor que eu isso, carregam uma coisa quase estigmatizada , não é? Pedagogo, como as pessoas te perguntam 'por que não foi estudar Medicina, Pedagogia?' . O próprio sentido de cada uma destas expressões está carregado de historicidade."(Entrevista com Paulo Miceli , História)

Miceli deixa bem claro o caráter histórico e de significação do ato de nomear, o qual traz sempre embutidas concepções de ciência e de educação. É bom ressaltar que atrás da proximidade aparente dos nomes (considerados como material) há divergências de concepções (conteúdo). Por exemplo dois teóricos podem afirmar que a Pedagogia deveria assumir o estatuto científico , partindo porém de concepções distintas e antagônicas do que seria a ciência.

O primeiro posicionamento básico citado no modo de conceber e configurar nominalmente a Pedagogia (enquanto Ciências da Educação) envolve autores como Gadotti, Nóvoa , Abreu, entre outros.

Para Gadotti a discussão acerca dos termos Pedagogia (estudo dos fatos educacionais , já em desuso nos E.U.A) e Ciências da Educação (introduzido recentemente em nosso vocabulário sob influência européia) desvelam a insatisfação da clientela com o tradicional

Unicamp - São Carlos - SP - 1994

curso de Pedagogia , bem como as transformações sociais vividas nos últimos tempos.

Este teórico resgata a idéia de Pedagogia enquanto "condução das crianças" (origem grega do termo) , contrapondo-a às novas exigências da sociedade industrial. não atendidas pelos atuais cursos de educação. Se até o final do século XIX a formação recebida na infância era suficiente para a integração social do indivíduo , com a exploração das técnicas e das ciências esta já não é suficiente. Dentro deste quadro situacional, Gadotti critica a organização dos atuais cursos de Pedagogia revelando sua anacronia. As habilitações oferecidas hoje enfatizam a educação escolar voltada para a criança, obliterando que nos "tempos modernos" os adultos e os próprios educadores precisam ser educados , muitas vezes em um sentido não escolar. Em suas palavras:

" Nossos cursos de pedagogia , se continuarem fechados em si mesmos , correrão o risco de tornar-se , em breve , verdadeiros cursos marginais , afastados completamente das reais aspirações da comunidade em matéria de educação." (GADOTTI, 1979)

Ao propor a adoção do título "Ciências da Educação " , Gadotti (1984) busca uma transformação no sentido de atender aos desejos da sociedade e do curso que estuda o processo educativo. Quanto à unidade e integração destas ciências, é colocada a questão de que isoladamente nenhuma delas pode explicar ou entender o processo educativo , de modo que

faz-se necessária a formação de um quadro complexo que implique a interseção delas através de uma pluri , inter e intradisciplinaridade , revestindo de originalidade esta área em relação às ciências humanas.

O conceito atribuído ao título "Ciências da Educação" envolve questões como : campos de saber , metodologia específica , realidade múltipla , técnicas instrumentais de trabalho educativo. Constitui-se assim um conjunto de disciplinas que estudam a existência das situações educativas. É importante ressaltar que essas ciências possuiriam, para o autor, um interesse eminentemente prático atendido pela pesquisa teórica , proporcionando uma unidade dialética entre estes pólos.

Em resumo Gadotti discorda da tese segundo a qual a Pedagogia é uma ciência, argumentando que a educação é um fenômeno que requisita conhecimentos de várias ciências.

Nóvoa (1996) defende a construção plural das Ciências da Educação onde esta pluralidade não venha negar a identidade nem justificar a dispersão, a superficialidade , a pulverização. Para ele a identidade das Ciências da Educação viria a ser construída na transgressão das disciplinas de origem e na atitude de repensá-las em novas temáticas. Neste sentido constrói-se uma identidade segunda a partir da confrontação das identidades primeiras de modo que as Ciências da Educação possuiriam uma cientificidade de segundo grau.

Na década de 40, Abreu (1944) já elaborava registros sobre introdução à Pedagogia, tendo em vista os alunos das antigas Escolas Normais. Nestes registros a questão da cientificidade da Pedagogia já é colocada em termos de ciência aplicada ou seja uma ciência que precisa das outras para orientar-se . Embora o termo Ciências da Educação não apareça explicitamente, subentende-se a ocupação do espaço pedagógico pelas ciências aplicadas à educação como condição de cientificidade deste espaço. Vejamos alguns trechos do livro de Pedagogia Geral:

"Na segunda metade do século XVIII a Pedagogia deixou de ser apêndice da didática para se constituir em ciência geral da educação, reservando-se à didática o seu primeiro objeto , isto é arte de ensinar. Em fins do século XVIII Herbart (Filósofo e pedagogista alemão), verificando que apesar dos esforços de outros estudiosos a Pedagogia não possuía base sólida , resolveu a questão fazendo da Psicologia a propedêutica da Pedagogia . Hoje , podemos também considerar como orientadoras da Pedagogia , a Filosofia e a Sociologia, além de outras ciências."(ABREU , 1944)

Talvez seja importante neste momento articular o discurso supra com a fala de Pfromm em sua entrevista . Falando do espaço próprio da pós-graduação em Psicologia o referido professor resgata as origens desta ciência no Brasil também vinculando-a à Pedagogia nas Escolas Normais . Pfromm debita ainda grande parte da ausência de especificidade da atual Pedagogia ao momento em que a Psicologia ganhou autonomia.

"... veja a Sociologia já existia no país e os cursos de Sociologia também, na Psicologia o país ainda não contava com a formação do psicólogo, nós não tínhamos psicólogos formados como tais e a psicologia educacional era apenas uma das cátedras ou seria hoje departamento, setor e tal nos cursos de Pedagogia. Já as instituições de ensino superior mantinham também às vezes, como no caso da U.S.P., uma cátedra de psicologia experimental mas que era no curso de Filosofia. Então se você ia para a Filosofia você estudava psicologia enquanto futuro filósofo, como disciplina psicologia experimental, se pelo contrário você ia para a área de educação você fazia o curso de Pedagogia e estudava psicologia educacional." (Entrevista com Samuel Pfromm/ Psicologia)

"Então é neste começo dos anos 60 que de fato se faz esta separação, este surgimento de uma Psicologia autônoma não mais subordinada à Pedagogia de um lado e não mais subordinada à Filosofia de outro lado. Porque antes ou ela estava em uma casa ou na outra, ou na Filosofia como psicologia experimental ou na casa da Pedagogia como no caso da psicologia educacional, as outras psicologias de certo modo estavam embutidas nessas duas." (Entrevista Samuel Pfromm/ Psicologia)

Já em relação ao posicionamento que nomeia a área da Pedagogia como Ciência da Educação podemos citar: Saviani, Ildefonso da Silva, Rotger, Marfull, Dias, Mazzotti, Pimenta, Libâneo, Freitas, Kowarszik, entre outros. Nas entrevistas realizadas duas interpretações/representações foram elaboradas neste sentido com relação à Pedagogia: uma no campo da Epistemologia e uma no campo da Psicologia. Embora estas duas formas de interpretação estejam dentro de um mesmo grupo de posicionamento (o da Pedagogia enquanto ciência) apresentam-se de maneira antagônica quanto às concepções de ciência que implicam. Enquanto uma das posturas envereda pelo ca-

minho de uma revisão e crítica dos modelos científicos vindos das ciências exatas e naturais , a outra os legitima e os coloca como um objetivo a ser atingido.

Saviani define o sentido da Pedagogia enquanto uma ciência da educação ,diferenciando-a das ciências afins, na medida em que tem um objeto específico (educação), o qual deve assumir o centro das reflexões e problematizações, localizando-se enquanto ponto de partida e chegada destas. A multiplicidade de enfoques do fenômeno educativo , muitas vezes faz com que o objeto da Pedagogia seja obscurecido em prol dos objetos de outras ciências . Este movimento é denominado por este estudioso como "colonialismo epistemológico", no qual ocorre uma perda de identidade por parte da ciência da Educação , através de um reducionismo flutuante. Ao redefinir a educação enquanto objeto, o educador utiliza-se dos conhecimentos produzidos em outras ciências de maneira crítica , tendo sempre como referencial a problemática educativa. A incorporação de elementos de outras áreas estaria assim submetido à relevância perante às situações educacionais e aos objetivos que lhe servem de balizas . Nas palavras do próprio Saviani:

" A educação , enquanto ponto de partida e de chegada , torna-se o centro das preocupações. Note-se que agora ocorre uma profunda mudança de projeto. Ao invés de se considerar a educação a partir de critérios psicológicos , sociológicos, econômicos etc. , são as contribuições das diferentes áreas que serão avaliadas a partir da problemática educacional. O processo educativo erige-se assim em critério, o que significa dizer que a incorporação desse ou daquele aspecto do acervo teórico que compõe o conhecimento científico em geral dependerá da natureza dos problemas enfrentados pelos educadores . " (SAVIANI, 1989)

Em consonância com Saviani , Ildefonso da Silva (1984) argumenta que a ciência da Educação implica uma teoria elaborada a partir da prática pedagógica . Deveria , neste sentido, compreender de maneira conjuntural o processo educativo , incorporando criticamente as produções teóricas das chamadas "ciências da Educação" imprescindíveis para a sua prática educativa. Afirma também que só é possível falar em ciência da educação partindo-se de uma abordagem de totalidade, unitária e orgânica do fenômeno, considerando seus movimentos e contradições.

Um questionamento relevante que faz em relação ao curso de Pedagogia diz respeito ao seu caráter essencialmente profissionalizante e a sua forma fragmentada , voltando-se exclusivamente para as instituições escolares. Ildefonso defende a existência de um novo curso dirigido aos educadores e àqueles interessados em pesquisa, de modo a favorecer a distinção entre o ensino e a educação como um todo.

Petrus Rotger (1984) em seu texto " Teoría y Teorías de la Educación" , contribui para a questão da epistemologia na área educacional , argumentando que a complexidade do tema inicia-se em seu próprio objeto , já que na educação o homem conhece e é objeto de conhecimento. Este fenômeno pode ser concebido por um lado como um fato que ocorre independentemente da reflexão científica , embora por outro lado possa ser penetrado pelo homem transformando-se no objeto de seu conhecer teórico. Esta natureza dubia do processo educativo vincula fortemente o seu conhecimento teórico à prática , sintetizando-os em um único ato.

Frente às oposições ao fato de se considerar a ciência surgida em torno da educação enquanto tal, Rotger

retoma o conservadorismo e a abordagem restrita do conceito ciência. Epistemologicamente assume que um conhecimento certo e racional sobre a natureza das coisas e de suas condições de existência constitui uma ciência, onde o objeto material aparece vinculado à realidade a ser conhecida , e o objeto formal vinculado ao conhecimento . Afirma que no caso do fenômeno educativo o objeto material é a educação e o objeto formal os conhecimentos teórico-especulativos da essência, existência, possibilidades, limites e axiologia do fenômeno. Assim , para este teórico a teoria da educação apresenta-se enquanto uma ciência de cunho especulativo-prático, cujo objetivo principal está na questão dos fins para uma eficaz aplicação dos meios.

Alejandro Sanvisens Marfull (1992) parte do pressuposto de que o tema fundamental da Pedagogia é a educação para em seguida abordar as especializações científicas e tecnológicas do saber pedagógico e da função educadora. Afirma que a primeira consequência desta situação é uma confusão terminológica que leva a Pedagogia a perder a exclusividade de seu próprio objeto. Os termos começaram a serem usados indistintamente, obscurecendo o rigor conceitual que os caracterizam como Pedagogia (ciência, tecnologia, praxiologia) e Educação (fato, atividade, técnica específica).

Marfull busca abordar a questão pedagógica em sua dimensão científico-filosófica (fundamentante) , em sua dimensão tecnológica (mediadora) e em sua dimensão praxiológica (aplicativa) . É neste sentido que assume a Pedagogia enquanto uma ciência que abrange sistematicamente âmbitos quantitativos e qualitativos, empíricos e racionais, descritivos e discursivos , justificando assim seus fundamentos e aplicações. Enquanto ciência humana de

caráter teórico-prático e normativo-condutivo, possuiria a educação por objeto e a interdisciplinaridade por metodologia , sistematizando os resultados práticos nos campos humano, social e cultural.

Para este estudioso, as chamadas ciências da educação têm surgido muitas vezes da própria Pedagogia e outras vezes de outras áreas que se aplicam à educação. Para ele, uma reflexão do conhecimento pedagógico enquanto saber da educação de caráter normativo deve servir de pauta às chamadas "ciências da educação" e as ações nesta área.

Patrick V. Dias (1982) nos alonga as perspectivas a respeito da especificidade da Pedagogia , apontando-nos alguns problemas de percurso. Observando a ciência da educação como uma área que não tem conseguido institucionalizar seus campos de trabalho dentro dos institutos superiores, o autor relata sua atual situação como de busca da realidade perdida e de seus campos de ação . Em um terreno inseguro , a ciência da educação tem retido-se de forma muito insegura a fatos e a métodos marcados por outras ciências a fim de conseguir o estado científico delas. Este quadro leva a uma confusão científica visto que os conceitos de outras áreas possuem uma validade questionável para os fins educacionais e para as perguntas pedagógicas. Os conceitos e objetos peculiares da Pedagogia são assim transformados, fazendo com que esta perca o que lhe é peculiar. Para Dias a ciência da educação tem abandonado e cedido a outras disciplinas seus temas, interrogações , esquemas de elaboração e terminologias.

O teórico em questão, não ignora o fato da ciência da educação estar ligada a outras ciências e suas

antropologias de mil maneiras, bem como o valor positivo da apropriação dos desenvolvimentos teóricos de outras outras, porém ressalta a necessidade de interpretações prévias dos esquemas de ação com a luz de seu próprio objeto, fato que se não for considerado retardará o avanço de uma ciência da ação educativa.

Dias ressalta também que a relevância social da ciência da educação só será percebida quando esta assumir as perguntas sobre onde é chamada a operar e sobre onde é efetiva para dirigir e transformar a ação. O pronunciamento público enquanto disciplina, de forma vigorosa, a respeito de questões educacionais e de políticas educativas constituem uma forma de ação orientada cientificamente. A ciência da educação tem que reconhecer as relações educativas mais amplas no cotidiano, investigando, criticando e iluminando a existência diária.

Mazzotti (1996) procura apresentar evidências de que é possível abordar a Pedagogia enquanto uma ciência da prática educativa. Para ele o objeto desta ciência seria o fazer educativo em suas múltiplas determinações. Em sua relação com as ciências humanas, a ciência da educação encontra os limites do fazer educativo. A exposição destes limites seria necessária mas não suficiente, a Pedagogia como ciência da prática educativa não é imediatamente a prática, não se efetiva como uma tecnologia imediata e sim como uma reflexão sobre uma técnica particular: a educação.

Pimenta (1996) debruça-se sobre o estatuto científico da Pedagogia buscando apontá-la como um saber específico que não se confunde com as ciências da educação.

Libâneo (1995) entende que a ciência pedagógica postula a si os vários ramos de estudo acerca da prática educativa, os quais são complementados com as contribuições das demais ciências da educação. Desta forma a Pedagogia é uma ciência inserida entre outras ciências da educação destacando-se delas na medida em que assegura a unidade e dá sentido às demais contribuições com um enfoque unitário.

Freitas (1989) afirma que uma reconceitualização do estatuto de Ciência Pedagógica passa essencialmente pela reflexão acerca da interdisciplinaridade desta ciência e pelo estabelecimento do seu nível qualitativo próprio. Partindo do pressuposto que a Pedagogia é uma ciência prática, o autor admite a necessidade de uma recorrência ao aporte de outras ciências que estudam o fenômeno educacional. A grande confusão em relação ao caráter prático e interdisciplinar da Pedagogia instaura-se prejudicando os aspectos epistemológicos da ciência pedagógica, quando ocorre uma transformação do auxiliar em principal. Esta postura desenvolvida através das ciências da educação terminou fragmentando o objeto de estudo da Pedagogia entre as diversas áreas.

Kowarzik (1988) faz referência em sua obra à fundamentação teórica e científica da Pedagogia como uma ciência prática da e para a educação. Para este autor a ciência da educação revela-se como uma disciplina que se realiza somente enquanto teoria dialética, encarando sua tarefa como da e para a 'práxis'. Fora deste ambiente corre o risco de se transformar ou numa ciência inativa ou/e numa ciência profissional pragmática, mera transmissora de conhecimentos para o domínio das aptidões técnicas e artesanais.

Trazendo as interpretações de dois dos entrevistados para dentro destas discussões pedagógicas, busco o resgate da palavra como arena de contradições e como espaço polissêmico que implica em constante resignificação, memória, filiação. Embora aparentemente próximas em nível de posicionamento frente à questão da Pedagogia estas duas falas nos remetem a lugares antagônicos. Procuro a fluência da terceira margem do rio, da margem da palavra (conforme metáfora de Caetano Veloso abordada no capítulo 2). Nesta margem que é puro movimento e água, encontram-se reflexões na área pedagógica e representações/interpretações vindas da Epistemologia e da Psicologia.

Da Psicologia Samuel Pfromm nos diz que:

"...faltou no caso brasileiro a devida ênfase no que eu chamaria cientificização da Pedagogia. A Pedagogia no Brasil não se ajustou aos padrões hoje vigentes nos principais países do mundo, chamemo-los os mais desenvolvidos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Alemanha... Alemanha principalmente, e Alemanha estaria no primeiro grupo, Canadá." (Entrevista com Samuel Pfromm/ Psicologia)

"(Ana) E como o senhor define Ciência ?

(Samuel) Isso vai longe, mas em todo caso vamos lá. O que é esse fazer científico? Primeiro um saber que exige provas, a primeira expressão eu já usei, é um saber que precisa apresentar provas daquilo que você afirma. É um saber portanto fundamentalmente empírico, note que em português chega-se até a dizer que o termo empírico tem um sentido depreciativo 'ah mas isso é empírico' ... fala-se menosprezando alguma coisa ou o empirismo. No alemão e tudo mais não é isso! O empirismo é algo que não está na minha cabeça mas que eu posso provar, posso verificar através

de... outro ponto objetividade. Empirismo , objetividade, possibilidade de refutação ... o conhecimento pode ser refutado por outros experimentos , pesquisas, etc, etc. Então eu provo que a sua pesquisa não foi bem cuidada , bem desenvolvida porque eu realizei a sua pesquisa aqui e não deu este resultado , deu um resultado diferente , alguma coisa está errada na sua pesquisa . Então a refutabilidade é outro ponto fundamental. Note como essas coisas se opõem em paralelo assim 'refutabilidade' X 'o mestre afirmou' . De quem é esta palavra? Essa palavra é de São Tomás de Aquino e Tomás de Aquino falou , acabou. Ninguém pode pôr em dúvida , contestar ou discutir o que pertence as páginas de Santo Agostinho ou de São Tomás de Aquino e assim por diante . Tanto que eu sou católico mas eu separo muito uma coisa da outra , a religião e a prática , a espiritualidade e tudo desses outros aspectos no que se refere no entanto à construção de conhecimento , à elaboração , produção de conhecimentos . Então o que nós podemos dizer que é uma das grandes mazelas da nossa colonização portuguesa é que os portugueses que para cá vieram não tinham a mínima ideia do que era conhecimento científico. A contribuição para o desenvolvimento das ciências nos séculos porrenascimento é fundamentalmente , de novo, francesa, alemã, italiana, inglesa e já tardiamente americana... os americanos entram nesta história no finalzinho dela agora no fim do século passado e começo deste século. Se você pega os nomes por exemplo , pegue um bom livro de Química, de Física, de Biologia etc e veja quem é citado. Até o século XIX geralmente é um destes que eu mencionei... ou é um francês , um alemão , um italiano, um inglês . Então não sai muito disto , às vezes um ou outro país pequeno , um belga , um polonês e tal. Mas o grosso da tropa do conhecimento científico originou-se nesses países."(Entrevista com Samuel Pfromm/ Psicologia)

Já no campo da Epistemologia a fala de Gamboa nos aponta outras direções:

"Neste final de século têm algumas questões... eu gosto dessa discussão sobre uma possível epistemologia da ciência da educação a partir de reformular as concepções do que seria ciência, que seria uma nova classificação da ciência porque nós ficamos presos a essa concepção analítica classificadas as ciências por desmembramento progressivo... por partes. Você subdivide uma árvore de (inaudível) em que você va dividindo as ciências. Estou colocando como ciências básicas aquelas que têm uma pesquisa básica e ciências aplicadas geralmente quando a ciência tem uma função de resolver problemas práticos, ciências aplicadas. E a estrutura, por exemplo, de uma universidade é essa, institutos são de ciências básicas, faculdades de ciências aplicadas. Não pode ter um Instituto de Educação ou um Instituto de Engenharia... falam 'não mas é aplicado'. Instituto de Biologia sim, Instituto da Física sim, então é esta a questão. Agora aí se consideramos ciências humanas, ciências naturais, etc,etc,etc, têm várias classificações das ciências, mas se pegarmos as ciências lógicas e aplicadas aí lógico onde fica a educação? Na Faculdade de Educação, ciência aplicada, mas é muito problemática." (Entrevista com Silvio Gamboa/ Epistemologia)

"Schmied-Kowarzik que é o autor que eu citaria para esta discussão ele fala que se esgotou já o modelo de dividir as ciências em ciências auxiliares e aplicadas, precisamos de uma terceira categoria para ciências novas. Ele fala que têm ciências em que nosso próximo conhecimento pode ser aplicado e a ciência aplica por que foi desenvolvido até articulando... por exemplo a Engenharia articula a matemática, a física, a química. Então é uma aplicação de várias ciências básicas, um pouco mais interdisciplinar nas ciências aplicadas. Agora a educação caminha por aí, acho que os últimos cinquenta anos foi entendida educação como ciências aplicadas. Qualquer um aplica na educação ou na Pedagogia o que desenvolveu na Sociologia, desenvolveu até na Economia, na Administração

que também são ciências aplicadas... outras ciências aplicadas para aplicar na educação, a Biologia, Psicologia, História, Filosofia, e aí qual é o currículo básico da Pedagogia ou da Educação?" (Entrevista com Silvio Gamboa / Epistemologia)

"(Silvio) Agora o que Kowarzik fala e que eu tento desenvolver em algumas publicações que eu tenho por aí: ela é uma ciência que ele chama práticas ou da ação, e nós temos subsídio já por exemplo o Saviani aqui, deve estar escutando aí, ele tem alguns ensaios muito interessantes por exemplo a partir do conceito de trabalho. O que é o trabalho pedagógico? Ele fala 'é uma categoria não material', ele fala 'porque a produção não se separa do processo, então é um processo, educação é um processo, uma ação, uma prática. Esse é o objeto.' (Entrevista com Silvio Gamboa / Epistemologia)

O terceiro posicionamento frente a concepção de Pedagogia encontra-se vinculado à idéia de técnica e disciplina. Entre seus representantes podemos citar: Severino e Haidar. Nas entrevistas realizadas três interpretações confluíram por este caminho : a de Renato Ortiz (Sociologia), a de Marília Gouveia de Miranda (Psicologia) e a de Ildou Moreira Coelho (Filosofia).

Antonio Joaquim Severino (1984) coloca a questão da especificidade da Pedagogia partindo de uma análise do projeto iluminista na modernidade , da idéia de ciência veiculada neste e de seus impactos no âmbito educacional . Em relação à educação enquanto fenômeno, afirma que ocorre grande complexidade na discussão de seus aspectos epistemológicos.

cos, visto que para que houvesse uma maior aproximação e contemplação foi necessário o uso de uma abordagem multidisciplinar que ampliasse o acervo categorial, bem como uma perspectiva transdisciplinar que ultrapassasse os limites de cada disciplina e um trabalho interdisciplinar que articulasse as categorias. Sendo uma totalidade de ação, o fenômeno educacional não se reduz a um objeto de estudo exigindo uma imersão do pesquisador em suas urdiduras. Desta forma, não pode ser abordado por uma ciência isolada ou por uma justaposição de ciências, requisitando um trabalho refinado e elaborado de seus profissionais.

Maria de Lourdes Mariotto Haidar (1984) assume o discurso de que o termo Pedagogia não precisa ser eliminado, mas revisto em seus aspectos existenciais. Considera a educação como um campo específico de estudos concernente à Pedagogia enquanto teoria deste objeto e corpo doutrinário que lhe versa. Admitindo a necessidade de acenar para as contribuições de outras áreas, ressalta que a perspectiva de conjunto é dada somente pelos estudos pedagógicos. Esta autora enfatiza a importância da formação básica do pedagogo, através da qual consiga refletir sobre os fins e princípios que regem a ação educativa. Retomando Gusdorf critica a especialização do curso e sua fragmentação através da criação do sistema de habilitações, afirmando que esta organização leva a uma deficiência tanto na formação do pedagogo generalista quanto na do especialista, pois sem uma base de conhecimen-

tos sólida e globalizante a noção de conjunto pretendida nos estudos educacionais é perdida.

" o espírito não prevenido recua horrorizado diante do cientismo hermético das exposições em que se afirma a pretensão de uma espécie de taylorismo aplicado ao trabalho intelectual . Números , curvas e gráficos desenvolvem-se no vazio e , como não assentam em coisa alguma , a nada conduzem. Quando muito , confirmam essa impressão de niilismo e de inutilidade que , misturada a um aborrecimento profundo , é uma das características mais constantes da literatura pedagógica ." (GUSDORF, apud Haidar , 1984)

Trazendo novamente a fala dos entrevistados para este espaço (lugar praticado) de nomeação , levanto alguns momentos da entrevista com Renato Ortiz que burlam os altos muros das Faculdades de Educação na busca do encontro reflexivo:

"Não é o caso da Educação, ou da Pedagogia, que já se define como uma reflexão sobre uma prática . Isso significa que neste caso as fronteiras da Pedagogia são mais difíceis de serem definidas , porque neste caso a prática social do pedagogo tem implicações na própria construção da disciplina . Durkheim dizia que a Sociologia é uma ciência , a Pedagogia é uma técnica. Técnica não no sentido que nós entendemos atualmente, mas técnica no sentido medieval do termo , de artesanato ... técnica no sentido de que o indivíduo para fazer artesanato tem que ter um saber , mas não basta o saber, ele tem que se concretizar, se realizar de uma forma específica . Eu tenho a impressão de que Durkheim tinha razão neste sentido. Talvez não utilizaria os mesmos termos , mas ele tem razão neste sentido... a Pedagogia ou aquilo que chamamos de disciplina da educação , ou o nome que dermos, são na verdade saberes voltados especificamente

para uma prática e por isso a educação , a Pedagogia, está muito marcada por esta prática nos diversos contextos históricos . Dito de uma outra forma: não há uma ciência da Pedagogia da mesma forma que existe uma ciência Sociologia. Mesmo assim é necessário alçar a idéia de ciência na Sociologia, se bem que não é o caso da nossa discussão aqui, mas mesmo se nós não alçássemos eu acho que as diferenças são essenciais." (Entrevista com Renato Ortiz/ Sociologia)

"(Renato)Eu tenho a impressão que a Pedagogia está próxima um pouco da engenharia. A engenharia não é uma ciência . Muito próxima do Direito também... o Direito não é uma ciência no sentido de que a Física é uma ciência, a Sociologia é uma ciência. Veja, eu poderia inclusive criticar a idéia de ciência na Sociologia e na Física. Não vou fazer isto para não complicar. Mesmo aceitando as críticas existe o direito a um saber específico, eu estudo Direito , sou obrigado a conhecer um conjunto de técnicas, eu tenho que ter certo entendimento da sociedade ... mas com uma finalidade: eu tenho que dar respostas concretas às situações concretas. Divorcium, a quem cabe a parte da herança? Estabeleceu-se um acordo internacional... corre-se ao acordo estabelecido. Para eu estabelecer critérios de justiça e injustiça eu tenho um conjunto de procedimentos legais que eu sou obrigado a conhecer e esses procedimentos legais são definidos em função das hierarquias... entende o que eu quero dizer? A mesma coisa a engenharia. Um engenheiro trabalha com Física, um físico teórico faz suas experiências em função do contexto em que se encontra a disciplina tendo inclusive a possibilidade de escapar da realidade muito maior que um engenheiro. O engenheiro tem que ter aqueles conhecimentos todos , porém ele tem um outro elemento, o elemento técnico no sentido anterior que eu estava te dizendo da Pedagogia , ele tem que dar respostas às situações extremamente concretas. Portanto é um saber que tem cruzadas utilizações as mais variadas possíveis, inclusive utiliza fontes e disciplinas científicas as

mais diferentes, porém terá que responder à questões concretas muito específicas. "(Entrevista com Renato Ortiz / Sociologia)

Marília Gouvea de Miranda compartilha deste posicionamento elaborando as seguintes interpretações a respeito da Pedagogia, da educação e da prática científica:

"(Marília) Não, não. Parece-me que é aquele da curvatura da vara... Num daqueles textos ele vai estar dizendo isto Quer dizer ele tem educação como prática social, e esta também é a compreensão que eu tenho tá? E aí nesta perspectiva de que a Pedagogia seria uma sistematização dos conhecimentos na área de educação, eu acho que esta sistematização não tem o estatuto de ciência.

(Ana) Quem falou isto também foi o Renato Ortiz. Ele até falou que os pedagogos têm mania de achar que por não ser ciência não é nobre... uma visão até preconceituosa em relação ao que é...

(Marília) Claro! Para ser uma tend... Por exemplo, se você entrevistar o Libâneo, que eu acho muito interessante, o Libâneo defende esta ideia da Pedagogia enquanto ciência. A gente acha que não, a gente acha, eu entendo que a Pedagogia é uma sistematização mas de uma prática social, eu acho que ela não tem o estatuto, ela não cria conhecimento, ou...

(Ana) Como o próprio Renato Ortiz estava dando o seguinte exemplo, 'a Física eu considero como ciência, a engenharia não é', nem por isso as pessoas que se formam em engenharia ficam com aquela coisa 'não, eu sou ciência' ou querendo justificar a valorização do próprio curso.

(Marília) Também não significa que a prática do engenheiro não possa ser científica, que a prática do médico não seja científica ... e que a prática do pedagogo não seja científica. Eu digo para os meus alunos que quando ele pedagogo vai para a escola e tem um problema para resolver , ele não vai encaminhar o problema dele da seguinte forma 'eu vou tomar esta decisão porque eu acho que' ele vai tomar uma decisão que é pensada , refletida, sustentada por fundamentos e que vai ser orientada por isso. Neste sentido a decisão dele é orientada por um pensamento científico, tem que ser. Você não vai ao médico para ele dizer 'eu acho que você deveria tomar esse tal remédio'. Então o engenheiro não vai falar que eu acho que esta parede sustenta, ele tem que afirmar isso. Agora eu não acho que a Pedagogia tenha um estatuto epistemológico de ciência. Essa é a minha posição. E eu acho que isso não é bom nem ruim para a Pedagogia, eu acho isso uma característica . E eu acho que na verdade é nesta compreensão enquanto prática social." (Entrevista com Marília G. Miranda / Psicologia)

Ildeu Moreira Coelho segue a mesma linha de raciocínio:

"No meu caso por exemplo, eu acho que se a gente pega o que tem sido a ciência no mundo moderno, sem discutir se a gente concorda com isso, e a realidade que está se construindo desde o século XVII para cá, a Pedagogia não é uma ciência . Não tem como se tornar uma ciência porque o que ela se propõe a fazer , e eu acho que esta correta, é justamente trabalhar a educação da perspectiva da globalidade, de uma certa totalidade , alguns usarão a expressão integração não sei. As palavras podem aliás cada uma delas com a sua conotação teórica, ideológica , não é? Mas de uma forma ou de outra existe sempre uma perspectiva de uma certa globalidade ou seja , a Pedagogia tem uma proposta de pensando a questão da educação no caso específico da escola, ir além dos recortes que as vá-

rias ciências vêm fazendo , inclusive as ciências da educação e outras. Portanto neste sentido a Pedagogia tem algo além para colocar , para apresentar na área da educação na medida em que ela se propõe a partir da educação, da contribuição da Filosofia, que não é uma ciência mas um outro tipo de saber, e de outros setores do conhecimento humano e das práticas , ela se propõe a equacionar a questão da educação mais ampla e da escola numa perspectiva de globalidade no sentido de reconstruí-la dentro de uma certa racionalidade , é claro, não é? Por que eu digo que ela não é ciência? Por vários motivos. Primeiro é preciso dizer o seguinte, a ciência sempre trabalha... é um saber regionalizado. Você vai dizer 'bem, isto é um absurdo' e eu poderia até dizer também, porque eu acho a fragmentação que se produziu no saber nos séculos modernos uma coisa terrível. Chega em alguns casos a ser patológico mesmo. Mas, daí dizer que a ciência vai fazer o caminho inverso também seria uma ingenuidade total. A ciência tem por natureza desde o seu início a especialização, ela é um saber regionalizado, recortado em termos de objeto. Ela constrói , ela produz, ela cria o seu objeto e o cria muito recortado e cada vez mais recortado não é? Em termos teóricos, conceituais ... melhor ainda, o que uma ciência entende por uma determinada palavra , uma coisa, um conceito por exemplo, na Sociologia é um, na Psicologia é outro e assim por diante. Cada uma delas produz seus conceitos e seus métodos. O que significa que não sejam completamente diferentes ou opostos ... sei lá. Algumas vezes sim, outras não, às vezes há adaptações , há transposições ... melhor ainda, muitas delas vindas, no caso aí que nós estamos apresentando especificamente que são as ciências humanas, vindas das ciências da natureza, vindas da Biologia, da Fisiologia, às vezes até da Matemática, da Física ... toda a história que a gente conhece bem do final do século XIX para cá. Então a Pedagogia não sendo um saber regionalizado não se propõe , pelo contrário, a ser um saber regionalizado. Ela não se encaixa dentro daquilo que tem sido a ciência desde o seu início até hoje , portanto ela não é ciência. Ela tem uma

outra proposta , ela tem um outro objetivo, ela trabalha com outras categorias que procuram romper com a questão da regionalização, com esse saber que é limitado no sentido verdadeiro do termo, que tem limites e que tem recortes específicos."(Entrevista com Ildeu Moreira Coelho / Filosofia)

"(Ildeu)E aí você não tem uma perspectiva de globalidade na ciência , o que já você pretende na Pedagogia. Isso não significa de modo algum que a Pedagogia seja inferior ou superior . Não é uma questão de hierarquia , não é. Eu acho que a gente pensar isso em termos de hierarquia e ficar assim com quase um certo complexo de inferioridade, é uma visão cientificista. Se você achar que só a ciência tem nobreza, tem valor , tem importância... Por exemplo nós da área de Filosofia temos muito claro isso, a Filosofia não é ciência, não pretende se tornar uma ciência , nem por isso ela tem sua dignidade , sua importância..."(Entrevista com Ildeu Moreira Coelho / Filosofia)

"Cada um tem a sua abordagem diferente. Agora, a ciência surgiu justamente rompendo com esta perspectiva da globalidade que é a perspectiva da Filosofia , e aí voltando então, a Pedagogia não tem nada a ver com isso . Quer dizer a Pedagogia não é um saber regionalizado , ela não tem como ser... até porque se ela caminhar pela perspectiva da regionalização ela se auto destrói , assim como a Medicina se pretendesse caminhar para a perspectiva de uma regionalização na área médica ou na área biológica talvez até. Daí ou ela vai se confundir ou vai repetir o que faz a citologia , a biologia, a físico-química, a bio-química ou coisa que o valha , mas ela não vai ser medicina."(Entrevista com Ildeu Moreira Coelho/ Filosofia)

Toda esta navegação pelo rio da palavra enquanto terceira margem da temática a

respeito da especificidade da Pedagogia , implicou a fundamentação teórica das quatro triades citadas: conteúdo-forma-material, significado-(re)significação-significante, representante-representação-representado e sujeito-conhecimento-objeto. Através do nomear, lugares (distantes, próximos, antagônicos, complementares) são desvelados e tocados pela prática e pela memória. Os processos de resignificação e de interpretação retomam sujeitos e objetos em seus gestos simbólicos.

Navegando pela palavra tentei retomar as marcas e tatuagens dos outros(de outras áreas de conhecimento) na constituição da Pedagogia e na condução da discussão sobre seu nome . Esta percepção adquirida no encontro interpretativo a respeito da sua 'margem' , acabou levando os navegantes até rios maiores . Nas discussões das entrevistas as reflexões iniciadas no microcosmo da Pedagogia foram assumindo formas mais amplas e densas , foram se configurando numa rede capilar de rios e afluentes em direção a uma questão maior. Neste movimento da palavra fomos até o espaço de relação entre as disciplinas/ciências numa tentativa de superação da concepção da Pedagogia 'a partir do outro' para uma concepção da mesma 'com o outro'. No movimento das águas chegamos ainda a citar a própria condição das ciências humanas na sociedade hoje. São estas as temáticas que compõem os capítulos seguintes: o lugar da Pedagogia , lugares de outras áreas de conhecimento e o espaço comum praticado por elas (capítulo 4), e um

breve apontamento sobre a situação desta coexistência dentro das ciências humanas (capítulo 5).

As relações entre as partes e o todo, entre o singular e o geral, entre as áreas de conhecimento e o espaço científico-social onde coexistem, nos remetem à clássica questão do cineasta sueco Ingmar Bergman :

"O espelho está partido , sim, mas o que refletem estes pedaços?" (Bergman , 1996)

CAPÍTULO 4

A COEXISTÊNCIA PEDAGOGIA/OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO: 'a partir delas' X 'com elas'

"(...) enxame de reflexos sobre a página, ontem e hoje / confundidos, o visto enlaçado ao entrevistado, invenções / da memória , lacunas de razão;

encontros, despedidas , fantasmas dos olhos, encarnações / do tato , presenças não-chamadas , segmentos de tempo: / destempos."

(Fragmento de 'Instantâneos' / Octavio Paz)

O capítulo anterior foi marcado pela problemática referente ao ato de nomear a Pedagogia e pela fundamentação teórica (as quatro tríades conceituais) necessária para a compreensão da mesma. Numa primeira aproximação em direção ao lugar pedagógico, o tatear nominativo das entrevistas nos levou a buscar relações mais amplas de significação. Tornou-se necessário um alargamento do olhar que recaia sobre a "margem" da Pedagogia (objeto deste estudo) na tentativa da apreensão de outras áreas de conhecimento (lugar de onde falaram os entrevistados) e da transformação destas duas margens em espaços de coexistência

pela palavra-água. As marcas e tatuagens do outro no pedagógico encaminharam a discussão para a dimensão da coexistência Pedagogia/seus interlocutores.

É este movimento que determina a configuração deste quarto capítulo. Ao nos envolvermos no ato de nomear a Pedagogia (nomear nos termos abordados no capítulo anterior) entaçamo-nos uns aos 'outros' num 'enxame de reflexos', o que evocou lugares, espaços, identidades, diferenças, equivalências, discursos, aplicações, coexistência, paradigmas, formações de sentidos, histórias de significados...

A formulação do presente capítulo implica assim o explicitar e confrontar os três elementos que compõem as margens de um rio (utilizando novamente a metáfora de Caetano Veloso), ou seja a Pedagogia, as áreas afins de conhecimento e o processo de coexistência dos dois termos(a margem da palavra).

Em um primeiro momento abordo o lugar da Pedagogia atentando para dois pontos fundamentais levantados nas enunciações: o seu objeto e a sua história no Brasil.

Em um segundo momento dou voz aos representantes de cada área para que apresentem o lugar de que falam, mapeando suas particularidades e especificidades. O mais interessante é que em alguns casos está muito clara a preocupação com o combate à possível instauração de uma neutralidade científica no ato de definição da área, enquanto em outros a preocupação

se dá justamente com a manutenção deste 'status'.

No terceiro momento a coexistência das duas dimensões anteriores é levantada e refletida enquanto espaço, ou seja lugares praticados que implicam a variável tempo e a presença da memória.

4.1 O lugar da Pedagogia

A busca do lugar da Pedagogia, enquanto o que lhe é próprio e estável, através da enunciação nas entrevistas me remete a duas dimensões que lhe são constitutivas e indissociáveis : a dimensão de seu objeto/campo de atuação e a dimensão de sua história.

Recupero no início da abordagem de cada uma das dimensões alguns trechos das entrevistas em que aparecem , para que o entendimento do porquê deste recorte e linha de raciocínio que sigo seja possível.

Em se tratando da dimensão do objeto/campo de atuação da Pedagogia tomo abaixo alguns dos momentos em que desponta nas conversas:

*(Ana) E a educação seria um objeto?

(Renato) Seguramente para o sociólogo a educação é um objeto , só que ele diria antes que a educação não seria um objeto que se reduziria à educação formal. É

um objeto que pode ser a educação formal e muitas vezes acaba sendo formal. É por isso que muitas vezes os sociólogos que escrevem sobre educação e não lidam com educação, eles têm uma certa dificuldade ... ou o aceitam muito bem, ou o aceitam muito mal." (Entrevista com Renato Ortiz / Sociologia)

"Agora o pedagogo sim, eu acho que quando ele pegando a contribuição quem sabe da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, da Didática, de todas as ciências ele tem como objetivo articular ... me parece não é? Eu não sou da área... articular o processo ensino-aprendizagem e dar uma resposta positiva resolvendo os problemas que tem aí. Isto é da maior importância em termos de educação mais ampla, escolar ou não, e especificamente dentro da escola." (Entrevista com Ildou Moreira Coelho / Filosofia)

"Esse conjunto de ciências sustenta a educação em quanto prática e aí eu faço referência ao Saviani que num dos textos dele, não me lembro qual, se não me engano...

(Ana) 'Do Senso Comum...

(Marília) Não, não. Parece-me que é aquele da curvatura da vara... Num daqueles textos ele vai estar dizendo isto, quer dizer ele tem educação como prática social, e esta também é a compreensão que eu tenho?" (Entrevista com Marília Gouveia de Miranda / Psicologia)

"(Silvio) Agora o que Kowarzik fala é que eu tento desenvolver em algumas publicações que eu tenho por aí, ela é uma ciência que ele chama práticas ou da ação, e nós temos subsídio já por exemplo o Saviani aqui, deve estar escutando aí, ele tem alguns ensaios muito interessantes por exemplo a partir do conceito de trabalho. O que é o trabalho pedagógico? Ele fala

'é uma categoria não material', ele fala 'porque a produção não se separa do processo, então é um processo, educação é um processo, uma ação, uma prática. Esse é o objeto.

(Ana) Isso não a impede de ser um fenômeno a se...

(Silvio) É, mas tem a característica, o objeto é uma ação. Então aí a categoria ciência da ação, não é aplicada. Temos que partir da própria ação." (Entrevista com Silvio Gamboa / Epistemologia)

Na tentativa de apreender o 'próprio' da Pedagogia e de seu objeto, minha referência está justamente nas interpretações que se colocam acima. Sei que a definição da educação como objeto da Pedagogia não apresenta-se única e dogmática implicando interferências de visões de mundo, épocas históricas e definições às vezes muito distantes umas das outras; porém neste momento preciso estabelecer algumas redes de significado que viabilizem a discussão posterior sobre a coexistência das diversas áreas. Como o propósito deste trabalho não é o de resgatar as várias concepções dentro da história a respeito do objeto da Pedagogia, mas sim o de torná-la presente nas outras áreas e apreender as leituras que fazem dela dentro de histórias específicas de sentido, levo em consideração as interpretações citadas para fundamentar uma determinada concepção de educação como objeto da pedagogia.

Em Brandão(1989), Ponce(1990), Saviani(1991) e Janela(1992) busco fundamentos teóricos e conceituais para a definição do termo educação (enquanto objeto da Pedagogia). Esta

definição localiza-se em um ambiente de revisão do reducionismo da educação à instituição escolar, sem retirar-lhe a importância.

Saviani nos apresenta a educação como um fenômeno essencialmente humano estando por isso atrelada à condição de transformação da natureza . Através da ação intencional denominada trabalho o ser humano realiza este processo transformador criando o mundo da cultura. É neste sentido que o autor se aproxima do objeto da Pedagogia enquanto uma exigência do e para o trabalho, sendo também um processo de trabalho. Para que produza bens materiais o ser humano precisa planejar suas ações . Este processo de planejamento e de intencionalidade implica três dimensões não-materiais : a da ciência (conhecimento do mundo real) , a da ética (valorização) e a de estética (arte/simbolização). Este conjunto de saberes sobre a natureza e a cultura forma o conjunto do trabalho não-material. É neste conjunto que se inclui a educação.

O referido autor distingue duas formas de trabalho não-material: um onde o ato de produção e o consumo se separam no tempo (livros , objetos artísticos) e outro onde esta separação não acontece. Este último retrata a situação educativa onde o ato de produção e o consumo se fundem.

Se Saviani (1991) nos fornece elementos para uma compreensão da educação em sua natureza , em seu caráter geral dentro do mundo como um todo, Janela (1992) nos dá aportes para o levantamento de suas características em

situações mais específicas, sistematizando sub-classes dentro do conceito geral.

Janela levanta basicamente três tipos de educação: a formal, a não-formal e a informal. Por educação formal entende o processo organizado com uma determinada sequência e seriação proporcionado pelas escolas. Já a educação não-formal é aquela que embora obedeça a uma estrutura e organização se distingue das escolas, embora possa emitir certificados não os tem como finalidade, não se prende a tempos, locais e grades curriculares. A educação informal é aquela em que se encontram todas as possibilidades educativas da vida do indivíduo, sendo permanente e não-organizada e não-tética.

Em Brandão (1989) também podemos significar a educação como algo que ultrapassa os muros escolares. Para este autor não existe uma única forma de educação e a escola não é o único lugar que a abriga. O processo educacional desenvolve-se de formas diferentes em cada povo, em cada organização social, podendo inclusive ser utilizada para a subordinação de um povo ao outro. Todas estas afirmações estão vinculadas ao fato de que o processo educativo ajuda a pensar tipos de homens e ajuda a criá-los, participando da produção de crenças e idéias que permeiam as trocas em cada sociedade.

Neste sentido, podemos compreender a abordagem de Ponce (1990) acerca da educação. O autor a considera como um fenômeno social da superestrutura que precisa ser entendida a

partir das características idiossincráticas de cada organização sócio-econômica.

Na fala dos entrevistados a condição atual do pensar a educação apenas do ponto de vista escolar mostrou-se vinculada à fatores históricos e à própria formação do curso de Pedagogia no país. O ato de colocar a instituição escolar enquanto antagônica às outras instâncias educacionais é configurado como preocupante e como causador de enfraquecimento da própria escola e da Pedagogia. Vejamos as falas de Renato Ortiz e de Plínio Dentzien sobre o assunto:

"(Renato) Agora , acontece que a escola no século XIX , as teorias que fundam as faculdades de educação e a origem disso é que a escola é o elemento fundamental se não é 'o' , é 'um' dos elementos fundamentais na constituição do cidadão . Então aí a escola , sobretudo a escola republicana, tem muito clara esta visão de ensino leigo que forma o cidadão ... não sei se isso é verdade hoje , a indústria cultural tem muito mais peso em educação e na socialização que qualquer escola , sobretudo no caso do Brasil em que o ensino é caótico. Então neste caso, é o seguinte, a educação já não é mais , a escola já não é mais o lugar privilegiado da formação nem do cidadão, nem da sua socialização. Ela dá alguma coisa... já não é mais o lugar preponderante e privilegiado. Neste sentido as faculdades de educação perdem em importância não porque elas não são científicas , elas perdem importância porque outras fontes que concorrem com a formação tornam-se mais importantes. Ou seja, as faculdades de educação não concorrem em legitimidade com a T.V. Globo." (Entrevista com Renato Ortiz / Sociologia)

"(Plínio) Mas é que cada vez mais eu acho... bem eu não sei , eu acho que tem uma revolução na frente de todo mundo que mexe com educação terrível... terrível

vel, terrível, terrível quer dizer terrível não necessariamente por que eu acho que isso vai para o mal, mas é uma coisa que ninguém sabe para que lado vai." (Entrevista com Plínio Dentzien/ Ciência Política)

A partir deste breve explicitar e sistematizar o conceito 'educação' passamos para a segunda dimensão do lugar da Pedagogia a qual lhe é constitutiva: sua história. É a dimensão histórica que se torna possível o pensar a atual situação da Pedagogia e sua relação com as outras áreas de conhecimento. É no fluxo temporal que podemos acompanhar a passagem da Pedagogia enquanto uma das disciplinas ministradas nas antigas escolas normais, com densidade teórica própria e situada ao lado das outras disciplinas, para sua atual situação essencialmente profissionalizante. Este processo repercutirá na relação da Pedagogia com as outras áreas de conhecimento, na medida em que passa a consumir e a aplicar o conhecimento produzido pelas diversas áreas num processo onde dicotomiza-se teoria e prática. Em muitas entrevistas a categoria histórica configura-se com muita força na apreensão da temática nos dias atuais. Transcrevo a seguir algumas das colocações ocorridas nas entrevistas que refletem esta vinculação.

"...porque o homem segundo esta perspectiva do discurso não é só animal em interação, porque há história e há sociedade, e a sociedade pega pela história. E porque é possível haver sociedade animais têm uma sociedade neste sentido de relações possivelmente interativas ... o homem tem a memória, o saber, o conhecimento, mas fundamentalmente a memória que eu acho que distingue aí, a memória discursiva

para a gente. Isso significa que, aí eu acho também muito bonito o discurso, dizer que o homem aí a memória significa que os fatos reclamam sentido. O homem não vive os fatos como tal, os fatos... a sociedade se faz na história, e a história é história porque os fatos reclamam sentido, e é ao dar sentido a esses fatos que o homem se constitui na sociedade... nessa relação." (Entrevista com Eni Orlandi/ Análise do discurso)

"... é a gente pensar o que significou no Brasil a criação das Faculdades de Educação na reforma de 64. Eu ainda quero um dia trabalhar com isso um pouco mais. Eu fiz isso num texto sem maiores pretensões, ate publicado aqui pela faculdade no caderno de pesquisa... caderno de pesquisa não(!), caderno de divulgação... mas é um texto muito embrionário ainda, eu ainda quero um dia trabalhá-lo melhor. Para mim, estou cada vez mais convencido, que a política educacional pós-64 especificamente é que está ditando a lógica da reforma universitária. Ela traz uma certa concepção de educação que exige este formato de Faculdade de Educação. É a perspectiva economicista, tecnicista que leva a isso necessariamente. É o interessante a gente ver além disso, que a faculdade que mais "sofreu" com a reforma universitária, ou seja que foi mais fragmentada e desfigurada por completo, foi a de Filosofia, Ciências Humanas e Letras que existia antes da reforma." (Entrevista com Ildes Moreira Coelho/ Filosofia)

"Por um lado nós passamos a viver um período marcado pela presença do Chagas, do Passarinho, as famosas reformas que vão explodir nos anos 70 em que muita coisa boa se fez e que muita bobagem se fez também, muita tolice se fez. Uma das maiores e mais rematadas burradas foi a extinção do curso ensino Normal no país. Ao invés de fazermos o que todo o mundo faz, converteram as Escolas Normais em Escolas Normais Superiores, que foi o modelo francês adotado em outros países também. Nos Estados Unidos as muito antigas Normal Schools passaram a ser Colleges e depois uni-

versidades. Mas com esta confusão criada na época ... eu participei pessoalmente das reuniões com Valmir Chagas em que argumentei veementemente contra certas coisas dizendo 'você estão esvaziando a Pedagogia, a Pedagogia afinal de contas vai ficar com um currículo aqui que os pedagogos não terão mercado de trabalho', mas com os votos vencidos eu e os colegas que levantávamos essas bandeiras porque na ocasião, me lembro disso como se fosse hoje, o Chagas disse 'acontece que eu não vim aqui para discutir estas coisas com vocês, eu trouxe isto aqui para ser aprovado, quem quer assinar assina, quem não quiser não assina'. Então temos mais ou menos um mando militar no negócio, quem topa, topa; quem não topa sai da sala. De modo que meio estomagado com esta coisa toda, naquela época eu levei ingenuamente aquelas propostas 'olha tecnologia da educação e mais isso e mais aquilo ... estas são áreas emergentes de trabalho, a avaliação, experts em problemas de avaliação e tudo'. A Pedagogia tomou então um ramo meio esquisito porque de um lado ela tinha perdido com a criação da Psicologia boa parte daqueles laços psicológicos, a Sociologia já era mais ou menos independente da sociologia educacional trabalhando à solta ... e agora o que sobrava? Sobravam estas disciplinas a que nos referimos e a meu ver faltou exatamente nesta mudança uma consciência mais clara de que nos estávamos na Pedagogia e estamos na Pedagogia não formando apenas um profissional mas vários, nos estamos formando pesquisadores, estamos formando o indivíduo que atua num contexto universitário, secundário e de 1º grau seja lá qual for, programa de educação de adultos, treinamento na indústria e tal e tal. Esse era outro aspecto que a gente achava que era fundamental, que toda essa parte de treinamento e desenvolvimento de Recursos Humanos ficasse atrelada à Pedagogia ... também voto vencido. Mas..." (Entrevista com Samuel Pfromm / Pedagogia, Psicologia)

Retomando a implantação do curso de Pedagogia em nível nacional, podemos contem-

plar as circunstâncias e a ordem formal em que este envolve-se desde seu início. Na legislação brasileira encontramos três momentos relevantes na compreensão do curso e de sua existência: o Decreto-Lei número 1190/39 ; a Lei 4024/61 (complementada pelo Parecer 251/62) e o Parecer 252/69. É preciso porém articular estas datas com o contexto mais amplo do desenvolvimento das universidades no Brasil explicitado no capítulo 1. Como já foi dito, da chegada da família real portuguesa em 1808 até a década de 60 do século XX, o modelo de ensino superior francês demonstrou-se dominante, com exceção das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que adotavam o modelo alemão. O modelo francês caracterizava-se pela fragmentação e profissionalização , enquanto o modelo germânico era marcado pelo saber livre e desinteressado de aplicações práticas. Na década de 60 o modelo napoleônico ou francês foi superado e o modelo germânico extinto com o fim das Faculdades de Filosofia , Ciências e Letras. O novo modelo adotado passa a ser o americano , ou seja o do empiricismo anglo-saxónico.

Adentrando o curso de Pedagogia a partir deste panorama temos no período anterior a 1939 (primeiro momento destacado como relevante na legislação brasileira) , a gênese do curso vinculada à evolução da Escola Normal no país. No final do Império a expansão da escola elementar exigiu a formação de professores em nível médio e a Escola Normal foi por quase um século o local privilegiado desta formação. Em relação as Escolas Normais e à influência des-

tas no desenvolvimento e estruturação do curso de Pedagogia , Piromm faz importantes comentários em sua entrevista:

"O que é que acontecia por volta dos anos 50? Um pouco antes , um pouco depois, anos 40, 50 ou 60? As Escolas Normais até então ministravam os cursos de formação dos professores de 1º Grau , nessas escolas a Pedagogia era uma das disciplinas , paralela à Psicologia Educacional ou Sociologia Educacional , Neurologia Educacional. O professor de pedagogia desse meado do século dava então o que a gente poderia chamar fundamentos da educação , o que é educação, natureza da educação , o ato de educar e esta coisa toda , comentava esses fundamentos biológicos, psicológicos, sociológicos da educação independentemente deles merecerem um tratamento específico em disciplinas que tinham esses rótulos Psicologia da Educação, Sociologia da Educação e Biologia da Educação . Acrescentava-se a isso História da Educação que informava ao aluno o que seria uma evolução do ensino desde tempos remotos , civilização oriental, educação na China , educação na Índia etc, etc, em tempos remotíssimos , passando pela Antiguidade Clássica e vindo até praticamente o século XX; mais algumas pitadas de Educação Comparada e de mais alguma outra coisa e que de fato não chegavam a constituir núcleos disciplinares ... com isso se formava o professor de 1º Grau. Quando as Faculdades de Filosofia passaram a desenvolver programas e cursos centrados em Pedagogia , agora é mero palpite, eu tenho a impressão de que o que marcou muito esta Pedagogia nascente nos nossos cursos superiores , lembrando que o curso superior de pedagogia começa na década de 30/40, este ensino se pautou e muito no que se fazia nas Escolas Normais . Tanto que boa parte dos professores chamados para lecionar nessas faculdades emergentes , nestas primeiras universidades eram professores... Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, todos eles vinculados a um ensino de 1º Grau. Eram professores ligados ao chamado Núcleo Normalista de Formação que preparou

nossos docentes antes da existência das Faculdades de Filosofia , depois com as reformas que vieram conver-
neria nas licenciaturas e tal e tal... mas pelo menos
naquele tempo era uma espécie de privilégio a Facul-
dade de Filosofia formar o pedagogo, o licenciado,
bacharel e licenciado em pedagogia. O que afinal de
contas acabou então sendo essa preparação em Pedago-
gia? Ela repetiu em nível superior o que ocorria já
em nível de curso normal . Os cursos de Pedagogia da
U.S.P. , daqui do Campinas da então Faculdade de Fi-
losofia, Ciências e Letras de Campinas que precedeu a
PUCCAMP e outros espalhados pelo estado tinham uma
visão de , de um lado preparar professores que lecio-
nariam pedagogia em nível de 2º Grau da mesma forma
que os cursos de Química formavam professores que le-
cionariam química no 2º Grau , o curso de Matemática
formava licenciados em matemática para lecionar mate-
mática em 2º Grau e assim por diante . Então da mesma
forma a Pedagogia surgiu para formar professores que
lecionariam a nível de 2º Grau , preparar os profes-
sores primários e os secundários dentro de um campo
específico e restrito que seria a Pedago-
gia."(Entrevista com Samuel Efromm/ Psicologia)

Ainda no período anterior a 39 temos
o registro do aparecimento de várias escolas
superiores dedicadas a formação de docentes ,
influenciadas pelo II Congresso Católico no
Rio de Janeiro , onde foram discutidas ques-
tões relativas a criação de uma Universidade
Católica nos moldes da de Louvain (Bélgica)
. Em 1918 é criada uma Faculdade de Filosofia
e Letras e em 1920 uma Faculdade de Educação

Nos primeiros quarenta anos da Repú-
blica , em objeção ao Império, houve uma di-
versificação gradativa no sistema de classes .
As oligarquias agrárias (principalmente o se-
tor cafeeiro) , efetivaram-se como classe do-

minante. O trabalho assalariado e a imigração garantiam a mão de obra no campo e nos centros urbanos em processo de industrialização. Toda esta urdidura levou à elaboração de um sistema de ensino que privilegiava o ensino secundário e superior em detrimento do ensino fundamental.

Nas décadas de 20 e 30 as Faculdades de Filosofia com o objetivo de formar docentes multiplicaram-se , caracterizando-se por uma ausência de diagnóstico da realidade e de planejamento , prejudicando o alcance de objetivos propostos com relação a qualidade e nobreza da formação.

Após o golpe de 1930 , o Primeiro Ministro da Educação e Saúde Pública (Francisco Campos) , realizou várias reformas como a criação do regime universitário enquanto organização do ensino superior . O Regime inaugurado em 30 refletiu o enfraquecimento das oligarquias agroexportadoras e um fortalecimento do exercício do poder governamental por parte de tecnocratas, militares e industriais

No campo de educação , duas tendências de pensamento precisavam ser consideradas e controladas pelo governo : de um lado os reacionários e conservadores rejeitavam alterações qualitativas e de democratização no sistema (expressamente vinculados à Igreja Católica) ; e de outro os liberais que desejavam as mudanças .

Em 1931 , acontece a IV Conferência Nacional de Educação , onde seria definido o

caráter " pedagógico da revolução". Esta conferência serviu de divisor de águas entre católicos e liberais , fato este que agravou-se com a publicação em 1932 do " Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova ". O grupo responsável pelo documento não era homogêneo , de modo que o assinaram tanto liberais elitistas , igualitaristas e socialistas.

Após o Manifesto dos Pioneiros , ainda estava em vigor a reforma Francisco Campos , porém é importante destacar que essas lutas ideológicas repercutiram na elaboração das constituições de 1934 e 1937, onde a primeira revelou-se com um caráter renovador e a segunda conservador , estando esta última já dentro do período do Estado Novo.

As oligarquias cafeeiras em apuros econômicos e dependentes do governo, os setores industriais em crescimento e carentes de financiamentos vantajosos , vêem em Vargas um misto de salvador e patrocinador , que resumia a solução para os projetos econômicos das classes hegemônicas. Sendo assim a partir de 35, ocorre um encaminhamento no sentido de um Estado autoritário consolidado com a implantação do Estado Novo.

Em 1939 é formulado o Decreto-Lei 1190 , o qual teve a duração de 23 anos (devido a demora na tramitação da L.D.B.E.N.) . Este decreto instituiu o chamado "Padrão Federal", que englobava o esquema "três mais um" , ditomizando o bacharelado e a licenciatura inclusive no curso de Pedagogia. Do bacharelado saía o técnico em educação (função não bem

definida) e da licenciatura saia o professor para as Escolas Normais.

Este mesmo decreto atribuiu às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras uma dimensão de multifuncionalidade . Assumiram os objetivos de preparação de intelectuais para a área técnica ou filosófica, de preparação de docentes para os níveis secundário, normal e superior e de realização de pesquisas em ciência, pedagogia (como área de conhecimento própria), literatura e filosofia.

Durante o Estado Novo foram elaboradas também as leis orgânicas do ensino. Basicamente estas leis implicaram seis decretos, que referiam-se ao ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola.

Em 1945 encerrou-se o Estado Novo, sendo importante ressaltar que as forças que derrubaram Getúlio muito pouco tinham de democráticas. O fim da ditadura interessava à manutenção do quadro hegemônico da época , pois Vargas começou a aproximar-se indesejavelmente de teses de esquerda. Este novo período só adquiriu uma forma democrática, devido às exigências do cenário mundial frente ao fim da Segunda Guerra Mundial.

A Constituição de 46 , nasceu assim inspirada em princípios liberais democráticos e cabia à União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional . Foi prevista a aplicação de recursos financeiros no sentido de democratizar o acesso dos brasileiros à escolarização. O anteprojeto da reforma de al-

cance , na forma de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ficou tramitando por 13 anos tendo como resultado a Lei 4024 /61. Esta lei porém não definiu claramente o processo de formação de educadores e especialistas em educação.

Em 1962 foi criado o Conselho Federal de Educação (C.F.E.) , o qual em congruência com os princípios reformistas constitucionais , aprovou vários pareceres relacionados a qualificação de profissionais da Educação . Dentre estes pareceres destaco o de número 251/62. O prof. Valnir Chagas foi o autor , buscando uma regulamentação dos cursos superiores, incluindo o de Pedagogia , o qual não era repensado em relação ao seu currículo desde 1939 . Resgato a seguir alguns trechos que revelam as idéias centrais do texto em questão, no que diz respeito ao significado social do Curso de Pedagogia naquela época.

" 1. O Curso:

O Curso de Pedagogia é um dos mais controversos dentre os que se incluem no plano das nossas Faculdades de Filosofia . Há os que propoñam pela sua extinção , partindo de que lhe falta conteúdo próprio , em oposição aos que lhe tomam a defesa simplesmente hipertrofiando esse conteúdo . Os primeiros escudam-se no exemplo de países onde os estudos pedagogicos já ultrapassaram totalmente o nível médio, enquanto os últimos se atêm a uma perspectiva estática da nossa realidade que lhes não permite divisar além dos esquemas pré-estabelecidos . O certo é que a

uns e outros assiste alguma parcela de verdade, porquanto a posição destes, correta no presente, deverá no futuro conduzi-los à daqueles.

Com efeito, se nos fixarmos na experiência de sistemas em que a formação do próprio mestre-escola já é feita em estabelecimentos de ensino superior, a existência de um curso especial de Pedagogia certamente não há de ter sentido. (...)

Não há dúvida assim, de que o sistema ora em vigor ainda representa o máximo a que nos é lícito aspirar nas atuais circunstâncias: formação do mestre primário em cursos de grau médio e consequente formação superior, ao nível de graduação, dos professores desses cursos e dos profissionais destinados às funções não docentes dos setores educacionais. (...) À medida que tal ocorrer, a preparação do mestre-escola alcançará níveis post-secundários, desaparecendo progressivamente os cursos normais e, com eles a figura do respectivo professor. Ao mesmo tempo deslocar-se-á para a pós-graduação a formação do pedagogo, num esquema aberto aos bacharéis e licenciados de quaisquer procedências que se voltem para o campo da Educação. O curso de Pedagogia terá então que ser redefinido; e tudo leva a crer que nele se apoiarão os primeiros ensaios de formação superior do professor primário."

Fica clara a existência de duas correntes que posicionavam-se distintamente a respeito do curso: uma visando sua extinção e outra visando a supervalorização do seu conteúdo.

O Parecer acima destacado, que aponta em direção a algumas questões relevantes para a discussão da especificidade do Curso de Pedagogia, foi homologado em 1962 trazendo em

5. Introdução ao Parecer 251/1962, relator Carlos Chagas.

seu amago muitos pontos que ainda hoje possuem certa atualidade. Dentre estes cito os referentes à formação do professor primário em nível superior , à diferenciação (em essência) entre o pedagogo e o mestre-escola , às controvérsias em torno do objeto de estudo da Pedagogia. Estes pontos de conflito e divergência perpassam as discussões contemporâneas a respeito do curso e suas funções. Na época a saída encontrada por Valmir Chagas em relação às duas correntes apresentadas foi a de conciliá-las através da tese de elevação em níveis na formação do professor provocada por pressões sociais .

A partir de 1964 com o Golpe de Estado que instaurou a ditadura militar no país, ocorreu uma alteração na superestrutura da sociedade civil e política com a imersão de novos setores no comando do aparelho governamental , os quais visavam dar continuidade ao modelo econômico desenvolvido até então . Os anos 50 e início dos 60 foram marcados por uma contradição na vida social e política do país. Enquanto ideologicamente nestes dois âmbitos difundiu-se o ideal nacional-desenvolvimentista , no plano econômico viveu-se uma abertura do país ao capital estrangeiro. No momento em que as teses nacionalistas intensificaram-se sob a forma das Reformas de Base e a consequente distribuição de rendas requeridas, a contradição citada chegou ao seu ponto culminante levando à ocorrência do Golpe de 64 . Este objetivou ajustar a ideologia ao modelo econômico vigente. O "slogan" agora aclamava o "desenvolvimento com segurança".

No campo educacional , o período da ditadura militar foi marcado por uma série de convênios entre o MEC e a Agency for International Development (AID), com fins de assessoramento técnico e financeiro ao setor educacional do país. Assim, toda a reformulação do sistema educacional brasileiro esteve marcada pelos convênios nefastos entre estas duas instituições . Tanto os diagnósticos dos problemas educacionais como as linhas de ação eram designados pelos técnicos da AID e acatados pelos órgãos públicos competentes, num clima de acomodação de interesses externos e internos.

É neste ambiente que a lei 5540 de 1968 foi elaborada. Esta lei veio , fundamentalmente, fixar as normas de organização e existência dos cursos superiores . A ênfase dada aqui ao funcionamento destes cursos , teve como balizas as exigências do mercado de trabalho e o atendimento às expectativas em relação a prestação de serviços. Através desta lei implementou-se a departamentalização , a matrícula por disciplinas e o sistema de créditos ; bem como o incentivo a privatização do ensino (o que a longo prazo alterou a vida universitária e a qualidade de suas atividades) e a organização do vestibular unificado e classificatório , sendo importante ressaltar que estes dois últimos itens apareceram no sentido de elitizar o ensino superior.

O curso de Pedagogia teve sua concepção redefinida frente a um mercado de trabalho que privilegiava o aspecto técnico da educação

, seus fragmentos e especializações em detrimento de uma abordagem geral do processo que os articulava. O diploma passou a capacitar a atuação profissional de acordo com áreas específicas. Os postulados do "Taylorismo" arraigados nas elocuções dos teóricos da AID, sustentavam o parcelamento das atividades e do trabalho universitário, pregando-se a racionalidade, a eficiência e a produtividade.

Reiterando as determinações constitucionais e as aperfeiçoando, o CFE elaborou e aprovou o Parecer de número 252 em 1969, cujo autor foi novamente o professor Valmir Chagas. Este foi o espaço de reorganização do curso de Pedagogia em sua terceira regulamentação em nível nacional. Foram regulamentadas as habilitações, as licenciaturas, o núcleo comum, entre outros pontos não menos importantes. O Parecer 632/69 do CFE veio complementá-lo estabelecendo o conteúdo específico da Faculdade de Educação e vinculando a formação do professor à três dimensões que explicitaram o caráter aplicativo fornecido à Pedagogia. São elas: a das ciências básicas como fundamento para o estudo científico da educação, a das ciências aplicadas e a dos métodos e técnicas.

A estrutura apresentada acima nos traz uma visão bem clara da atual situação do curso de Pedagogia (esta legislação ainda vigente) onde a ênfase é dada à aplicação dos modelos conceituais das 'ciências básicas' e ao caráter profissionalizante fragmentado.

Com o fim da ditadura militar uma nova Constituição é promulgada em 1988. O posicio-

namento desta em relação ao curso de Pedagogia ainda é indefinido , estando imerso em discussões e propostas em tramitação.

Desta forma, hoje ainda nos encontramos sob os designios dos Pareceres 252-632/69 que vieram adequar o curso de Pedagogia às exigências da Lei 5540. Segundo Freitas (1989) existem dois grandes núcleos de problemas gerados no interior das Faculdades de Educação quando nos remetemos a esta determinação legal e histórica: 1) com a departamentalização das disciplinas das várias áreas de conhecimento criam-se mini-institutos dentro das Faculdades de Educação, desvinculados da prática e distantes de uma possível interdisciplinaridade, 2) com a institucionalização das habilitações fragmentou-se a própria formação do pedagogo. Freitas define este panorama instaurado como de dupla fragmentação: fragmenta-se as universidades e o próprio curso de Pedagogia.

Em sua entrevista Renato Ortiz menciona esta questão da fragmentação do curso levantando a seguinte questão, a qual retomo agora para finalizar este resgate histórico:

"...O grande problema é o seguinte , em que medida vocês são só um conjunto de departamentos separados ou se esse conjunto de departamentos se articula de forma mais orgânica na determinação de objetivos mais gerais. É isso que dá a Faculdade de Educação , se você determina dividir aqui em departamentos não tem grande problema porque as disciplinas estão constituídas ... a História está constituída, a Filosofia está constituída; ninguém... ai eles vão até preferir que fique assim . Mas agora uma Faculdade de Educação, justamente por ser uma encruzilhada,

se você a segmenta não é mais encruzilhada, vira esquina não é verdade? Cada um está numa esquina. Agora eu não sei, como funciona a Faculdade de Educação tem que ver no interior do contexto da Faculdade, como se estabeleceria este conjunto de uma forma mais orgânica e dinâmica. Ai sim os diferentes departamentos existentes, ou os que vierem a ser fundados... o que seja, poderiam articular propostas diferenciadas no contexto da formação dos indivíduos." (Entrevista com Renato Ortiz/Sociologia)

4.2 O LUGAR DE OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO

Neste momento trago para este espaço fragmentos das definições dos entrevistados a respeito dos lugares de onde falam. Vale lembrar a definição de Certau (1994) a respeito do que seriam os lugares. Para este autor os lugares são ordens segundo as quais se distribuem os elementos nas relações de coexistência, imperando a lei do próprio e do que é distinto.

Mantenho a fala de cada um dos entrevistados transcrevendo-as. Essa transcrição visa colocar e confrontar em um espaço (lugar praticado/coexistência) comum e em uma mesma discussão (definição dos lugares, do 'próprio' de cada área de conhecimento) os vários representantes das disciplinas-'fundamento', para posteriormente abordar o movimento destas disciplinas juntamente com a Pedagogia.

Na parte anterior que compõe este capítulo aproximei-me da existência e do lugar da Pedagogia, através da descrição de sua

'margem', de seu objeto e de sua história; agora dou a palavra aos representantes das outras áreas de conhecimento para que explicitem o lugar (a 'margem', a existência) de onde falam. No momento final deste capítulo adentro o espaço praticado, buscando atingir reflexões sobre a coexistência destes lugares.

A- Análise do Discurso/ Eni P. Orlandi

"Bom, já que a gente pensa que o discurso é essa relação da língua com algo que é exterior à ele, a gente precisa construir uma teoria que fale disso, então a noção de interdiscurso que é dessa memória, a gente vai fazendo as definições mas numa região teórica em que há esta contribuição que você está falando para a educação, nós já temos para a Análise do Discurso que é a das ideologias ...que não existe justamente porque a que é aceita na Sociologia não serve porque eles não pensam a linguagem, é a mesma questão. Então a Teoria da Ideologia que a gente fala que são os campos constitutivos, a linguagem enquanto Teoria da Sintaxe e da enunciação, dos mecanismos da enunciação que é a parte da Linguística que importa na Análise do Discurso mas que também não é retomada como tal e re-significada e a Teoria do Discurso mesmo, o que que é a Teoria do Discurso? É a determinação histórica dos processos de re-significação. Então o campo da Análise do Discurso é constituído por estes três campos teóricos. O trabalho é justamente neste vão, nesta coisa que não é nem a Linguística, nem as Ciências Sociais e nem a junção disso. É justamente a falta, o trabalho com o lugar desta falta. Quer dizer o que falta aqui que aqui diz. Mas você não pode colocar junto porque aí você destrói aqui, não tem jeito, não pode por. E houve um momento em que quando a Linguística virose a ciência piloto das ciências humanas e tal, as ciências sociais vinham buscar na Linguística modelos para dar conta dos objetos ... não dá porque a Linguística para poder dar conta disto tem que deixar de

lado aquilo que a Sociologia pensa como social. Quando a gente fala que a língua é um fato social, quando Saussure fala isso, fala de um lugar muito específico que não é o social idade, sexo, e 'não sei o quê'... e não adianta isso na linguagem, não é isso o que importa quando você fala em língua. A idéia de fato social, e isso aí é bonito, e porque ela existe para todo mundo e não é produto de nenhum em particular. É só isso que é o social para a gente."

B-Antropologia / Marcio Silva

"(Márcio) Eu não chamo de ciência mas de disciplina.

(Ana) Você não chama de ciência?

(Marcio) Não. Mas não por que acho menos, menos do que outros ramos do conhecimento mas porque têm certas características que distinguem esta atividade de outras que são mais conhecidas como ciências. Então a palavra disciplina é uma palavra que, acredito, me livra de ter por um lado que definir o que é ciência e por outro lado de conferir um atributo que é absolutamente inegável, atributo que não está em risco. Se trata de uma disciplina e uma disciplina que tem no quadro da ciências humanas um conjunto de marcas entre as quais se destacam as seguintes: em tese diz respeito às possibilidades de entender ou do aprimoramento, da fabricação de instrumentos analíticos que permitem entender o diferente, de entender tradicionalmente... a Antropologia voltou os seus esforços para o conhecimento destas sociedades com as quais o Ocidente entrou em contato. Tudo se passa, não estou dizendo o que é, mas tudo se passa como se a Antropologia fosse, correspondesse a um tipo de disciplina que construiu algo como um telescópio, algo como um instrumento que só faz foco a partir de uma certa distancia. Portanto muito adequado para ver certos fenômenos e não muito bom para ver outros. Em tese, como por exemplo o microscópio é um outro instrumento ótico também muito interessante para certas utilida-

des mas não para todas as utilidades. Se o olho humano talvez seja capaz desta elasticidade de ver tão perto e ver tão longe, mas nenhuma disciplina corresponde a este olho. Cada disciplina cria algum instrumento analítico e a especialidade da Antropologia estaria na construção de um instrumento que está em constante elaboração, que permite ver com firmeza coisas que acontecem longe do nosso universo social.

(Ana) A apreensão de outros espaços...

(Márcio) É apreensão de outros lugares, outros espaços, outros tempos, enfim de outras maneiras de ser que estão distantes do nosso dia a dia."

C- Ciência Política / Plínio Dentzien

"(Plínio) Ciência Política não deveria chamar 'Ciência Política' porque ela tem um componente de ciência e um componente normativo, até se tu quiser artístico. Porque ela não é propriamente, não é exclusivamente uma ciência. É provavelmente entre as chamadas ciências sociais, nessa limitação que eu fiz, a mais antiga se tu quiser trabalhar os primórdios do pensamento político mas que é uma coisa que se estabelece como ciência propriamente no nosso século. Ela busca um pouco sistematizar conhecimentos sobre os modos que os homens utilizam para ocupar o poder, para influir sobre o poder na busca de obter determinados resultados, determinadas políticas... com minúsculo. Quer dizer, determinadas decisões a respeito de alocação de recursos, decisões sobre regras para a chegada ao poder, este tipo de coisa. Fazendo uma coisa bem sintética eu diria que isso é o centro do que é hoje a Ciência Política.

(Ana) E o que a fez se tornar ciência? Ela se tornou ciência em um determinado momento histórico...

(Plínio) Aquela parte dela que pretende um estatuto científico e um pouco o resultado da racionalização da sociedade, do movimento que não é exclusivo do

campo da Ciência Política mas que é das ciências sociais em geral."

D- Economia / Wilson Cano

"(Wilson) A Economia como qualquer ciência humana , ela pode ter definições de acordo com as visões de mundo. Por exemplo para os liberais, os neoclássicos, a economia é uma ciência chamada Ciência da Escassez ou seja, a ciência que administra as coisas que não são uma dádiva da natureza e que portanto são objetos de apropriação de custo , de preço. A Economia para mim não é isso. Primeiro ela não é uma ciência exata é uma ciência humana , e em segundo lugar ela trata não apenas das coisas que são raras na natureza , ela trata de tudo . Ela é essencialmente política e esta- de portanto as relações dos homens nos processos de produção e distribuição."

E- Epistemologia / Silvio Gamboa

"(Silvio) É para mais ou menos falar: olhe se atreia ao princípio de desenvolver a habilidade de perceber, de sentir, a sensibilidade e de articulação. A questão de articular depois todos os registros, os dados... o princípio da Epistemologia em geral. Agora já uma Epistemologia regional que cada ciência tem, o que seria Epistemologia específica da Física? E a procura dos fundamentos da Física, procura de suas filosofias, vai falar, e fundamenta seus métodos, seus principais conceitos e que é necessário para uma autocritica da própria ciência. Às vezes a gente entra na rotina, comoalaria Kuhn, que precisa desmontar tudo isso, e onde que desmonta? Procurando seus... por exemplo estamos trabalhando para ter um certo conceito de energia, e energia foi explicada no sentido de melhor fórmula, melhor fórmula e agora qual o princípio, sentido inicial? Ah, está falho. Porque hoje a contribuição de novos instrumentos e

novas observações está mudando esses conceitos segundo o que eu entendi. Precisamos rever o conceito. A partir de que? Com nossos instrumentos, nossos elementos e novos dados desmonta esse paradigma, entendendo de outro jeito, se reelabora a partir de rever seus fundamentos. Onde se alimenta essa dinâmica? No próprio pensar suas fontes que pela tradição estão muito presas a certos princípios filosóficos. O conceito de mundo, o conceito de energia, o princípio de quantidade, o princípio de medida... estão lá numa tradição filosófica. Os próprios métodos, em favor desse raciocínio todas as ciências produzem conhecimento, a produção do conhecimento tem a ver com alguma teoria do conhecimento e aí nos remete exatamente a princípios filosóficos, a gnosiologia para ensinar a teoria do conhecimento lá sobre os gregos. É a relação sujeito-objeto, no final de contas é saber qual o tipo de relação que se estabelece aí. Todo conhecimento tem sempre esse princípio lógico, não foge nunca de uma relação sujeito-objeto, como que eu cheguei nesse objeto, como que eu cheguei nesse sujeito, que tipo de relação se estabelece. "

F- Filosofia / Ildeu Moreira Coelho

"Quer dizer, a Filosofia pretende ser uma elaboração essencialmente teórica numa perspectiva de globalidade sobre a prática pedagógica, sobre as teorias pedagógicas, portanto sobre o pensar e o fazer ... as ideias e a ação , procurando equacionar este ponto de vista teórico de uma forma radical, quer dizer, na raiz dos problemas mas sem jamais perder a perspectiva de totalidade e sem nenhuma preocupação imediatista para a aplicação e solução de um problema. Quer dizer, o filósofo quando resolve não está preocupado, quando resolve não desculpe-me, quando pensa, quando filosofa ele não está preocupado imediatamente em melhorar a qualidade da escola diminuindo por exemplo o índice de evasão e repetência . Isto não é objeto da Filosofia. A Filosofia pode fazer uma reflexão , e eu

acho importante que o faça, até sobre a questão da evasão e repetência , mas não que o resultado da reflexão filosófica seja passível de uma aplicação imediata na escola para resolver o problema A, B ou C da disciplina, da evasão, da repetência, do desinteresse dos alunos , enfim da escola que não ensina ou coisa que o valha. Isso não é campo da Filosofia , e uma outra natureza."

G- História / Paulo Miceli

"Eu acho que a história é uma coisa importante, a história enquanto um espaço de preservação e de constituição de uma identidade, de uma cidadania que se perde cada vez mais em um país como o nosso, ela é importante sim, eu diria até que ela seria fundamental , mas não vou dizer em momento algum que ela seja 'a' disciplina, tá? "

"Eu não entendo a História como lazer, como entretenimento . Acho que a História tem sim um objeto específico, ela tem sim uma finalidade específica, ela não é uma coisa... pelo seu próprio objeto, quer dizer o ser humano, isto pode aproximar um pouco a História da concepção dada na antropologia, isto não me preocupa também, mas o objeto da história é o ser humano. Um ser anárquico por excelência, que não concorda com as situações a não ser dentro de regimes fechados e totalitários, quer dizer, eu não posso dizer 'o homem é' , 'os homens são', eu não posso dizer 'a História é'. A História trata exatamente destas relações, do acaso na sociedade, na vida das pessoas..."

H- Neurologia / Ana Maria S. G. Piovesana

"É, digamos como eu entendo Ciências Médicas. Ciências Médicas para mim é todo tipo de estudo, de projeto , de desenvolvimento que se faz na área da saúde , na área de promover a saúde ou de remediar a lesão, o problema que aconteceu ou de prevenir. Você promove ,

você remedia, você trata ou você previne. Porque tem a profilaxia e tudo isso é saúde, é promover a saúde tanto mental quanto orgânica ou seja tanto física quanto psíquica, concorda? Então isso para mim é Medicina, Ciências da Saúde. A Neurologia dentro desse contexto ... poderíamos pensar a Neurologia estuda o quê? Estuda o sistema nervoso tanto central quanto periférico. Só que o sistema nervoso é justamente o sistema que tem mais implicações, ou seja tem mais correlações com todo o organismo humano, com toda a Medicina ... de certo modo o meu ver talvez seja um tanto unilateral mas é a minha visão. Tanto o sistema nervoso é super importante na determinação do seu bem estar físico quanto mental, você sabe e acho que as pessoas sabem disso. Então hoje em dia por exemplo, para a gente ter uma noção da importância de que tenha a Neurologia nesse bem estar você vai vendo as diversas áreas da Medicina, a Neurologia ou as Neuro-Ciências como a gente pode dizer também, estão implicadas em todas as áreas desde o básico até o mais sofisticado tipo de estudo ou mais super especializado. Aliás quanto mais especializado mais a Neurologia está influenciando e quanto mais básico... Na realidade ela está presente em todas as situações e eu acho que o campo da Neurologia que a gente caminha, que o neurologista tem caminhado não só aqui naturalmente mas no mundo inteiro, é o campo da neuropsiquiatria ou seja entender realmente as profundas relações entre essa mente, esse cérebro e a emoção, a reação, a impulsividade, ora tudo o que se relaciona ao comportamento humano etc. Então hoje por exemplo, a neuropsiquiatria é o grande fulcro de discussões a nível da Neurologia... digamos é o nosso grande salto de entrelaçar os nossos conceitos neurológicos com todas as outras áreas de atividade da Medicina. E vice-versa, eu acho que a Psiquiatria também está entendendo que muitas das patologias que antes eram consideradas eminentemente psiquiátricas, eminentemente da psiquê, etc, estão cada vez mais tendo uma explicação, uma base orgânica que não deixa de ser a parte neuroquímica...que em última instância o digamos, em última instância não mas sim em determinada

instância, é a Neurologia intermediando todas essas reações."

1- Psicologia / Marília Gouveia de Miranda

"(Marília) Quais são os conjuntos de determinações que age sobre o processo educativo? A determinação psicológica é fundamental... quem é o aluno, como este aluno aprende, como este aluno se desenvolve, como este aluno interage, como esse aluno se socializa, como esse aluno... como se dá o processo de transmissão do conhecimento do professor para o aluno, quais as motivações do professor, como se dá o processo de ensino-aprendizagem da perspectiva do professor, como o professor vive, a sua posição psicológica... Então neste conjunto todo a Psicologia é fundamental(...)"

2- Psicologia / Samuel Piromm

"(Samuel) A Psicologia é um desdobramento, como são também aliás as outras ciências, da Filosofia. A própria Pedagogia como a gente comentou antes, é chamada filosofia da educação é ainda esse remanescente da mãe na filha. A Filosofia antes era um nome genérico que incluía o que gradualmente se desgarrou constituindo ciências à parte. Se você pega por exemplo a obra de um Aristóteles entre os gregos antes de Cristo, você vê que Aristóteles fala sobre fenômenos biológicos, fenômenos físicos e sobre assuntos tipicamente filosóficos. Pouco a pouco as ciências foram se separando da Filosofia graças fundamentalmente ao método experimental, graças ao desenvolvimento de equipamentos, recursos e materiais que permitiam chegar a esse conhecimento empírico a que nós nos referimos etc, etc. E a Psicologia é uma das últimas a se desgarrar da mãe Filosofia. A Psicologia tem pouco mais de uma centena de anos, com que propósito? Com o propósito de trabalhar um tipo de problema, um tipo de desafio que nenhuma das outras ciências cuidava, a chamada vida mental, os fenômenos ou processos mentais. Poder-se-ia perguntar, mas

isso não é a Fisiologia que trabalha? A Fisiologia estuda como por exemplo seu sistema nervoso funciona para que esses processos mentais ocorram, mas quando você se refere ao que você está imaginando, a algo que você sonha realizar, a noivinha pensando 'já estou me vendo à frente do altar com o padre' e fecha os olhos ... isso é tudo fenômeno mental. A Psicologia nasceu então e se expandiu com este foco, estudo científico, ênfase no científico não no filosófico dos fenômenos/processos mentais. Na evolução da Psicologia surgiu um momento em que os próprios psicólogos passaram a reconhecer que os fenômenos mentais só podem ser estudados de modo indireto, através das manifestações deles. Por exemplo, seu olhar mostra que você está prestando atenção, os movimentos da sua mão, isso tudo que então passou a ser chamado comportamento. Daí a expressão Psicologia é o estudo do comportamento. Hoje em dia a tendência mental X comportamental está sendo resolvida de modo bem salomônico, diz-se que a Psicologia estuda os processos mentais e comportamentais ... assim temos lugar para uma e outra coisa."

L- Sociologia / Renato Ortiz

"(Renato) Não é muito fácil dar uma resposta rápida e concisa, mas de qualquer maneira podemos compreender a Sociologia como uma disciplina que se ocupa da sociedade, das relações e que se constitui num espaço teórico bem delimitado. Implica em que esse espaço tenha uma materialidade ... no caso se vincula à invenção da moderna universidade no século XIX, ou seja antes da moderna universidade no final do século XIX Não existia. Sociologia é isso. Implica também numa autonomia deste espaço em relação a outras disciplinas, portanto na constituição de uma especificidade e de uma interseção desta especificidade em relação a outras disciplinas tipo, sei lá, Filosofia... a Sociologia vira um território específico. Dentro da perspectiva de epistemologia tem um repertório amplo que não pode estar incluída no no senti-

do estrito... mas de antropologia e de ciências políticas como hoje se coloca.

(Ana) Dentro da Sociologia?

(Renato) Sim, dentro desta idéia de Sociologia. Seria mais a idéia de Ciências Sociais.

(Ana) Este conceito de Ciências Sociais, Como ele é pensado dentro da Sociologia? Ciências Sociais... como são articuladas?

(Renato) Existe um objeto específico, existem regras específicas e estas regras têm sua validade dentro da disciplina, da mesma forma que a Economia também é definida como uma disciplina. Neste quadro que a Sociologia se coloca... portanto não existe uma prática sociológica, mas na verdade uma prática no interior da disciplina. Isso significa que a relação da disciplina com o que está fora é sempre uma relação a ser construída que pode ser harmônica ou pode ser conflituosa. Não é o caso da Educação, ou da Pedagogia, que já se define como uma reflexão sobre uma prática."

4.3 A coexistência Pedagogia/outras áreas de conhecimento: de lugares a espaços

Enquanto os lugares descritos nos dois itens anteriores implicam o próprio e o que define cada campo de saber, a coexistência nos remete à prática destes lugares, nos remete ao cruzamento de móveis, às operações, à temporalidade, à memória. Certeau (1994) nos aponta para a relação entre lugares e espaços nos colocando a seguinte afirmação: o lugar implica no 'estar aí' e o espaço na 'operação'.

Dentro deste modo de conceber a existência da Pedagogia e a de várias áreas de conhecimento como se daria a coexistência delas? Na verdade esta é a questão fundamental que perpassa todas as entrevistas e que viabiliza respostas (o possível) para o pensar o estatuto de cientificidade da Pedagogia. As marcas e tatuagens que as 'duas margens do rio' se promovem pelo binômio ausência presença (retomando os termos trabalhados por Lefebvre) dariam-se de que forma?

Frete a esta pergunta duas linhas de raciocínio se abrem: podemos trilhar o caminho pela categoria aplicação ou o pela relação discursiva no coexistir destas áreas.

Trilhando pelo caminho da aplicação assumimos a postura de caminhar 'a partir' das outras áreas e dos possíveis instrumentos que venham a nos oferecer. Estrutura oficializada pelo Parecer 632/69 como vimos no item sobre o lugar da Pedagogia e estrutura que legitima a ruptura entre produção e consumo (característica da sociedade atual levantada no capítulo 1)

O princípio ativo na aplicação é o da identidade, do que distingue, do que separa, do estável, do imutável. As diversas áreas podem ser usadas como instrumentos sem sofrerem processos de modificação ou re-significação pois a identidade está formada de maneira bem nitida. A opressão das diferenças e do movimento através da equivalência e da identidade transforma o conhecimento em mais uma 'coisa'

a ser consumida . A reificação atinge o processo de elaboração científica.

Em Horkheimer (1937) e Lefebvre(1984) encontramos uma boa análise do princípio da identidade e de sua atuação silenciadora, servindo-nos de esteio para uma melhor compreensão desta categoria no raciocínio que endossa a aplicação de conhecimentos básicos (onde a identidade é imensamente forte, clara, estável) à área educacional .

Horkheimer retoma textos de Descartes onde a identidade seria garantida pela razão em oposição aos sentidos; retoma Kant e a lógica identitária dos objetos e conceitos abstratos relacionados aos juízos da ciência; retoma Hegel e sua crítica dialética à identidade permanente, chegando à Marx e a inversão da dialética idealista de Hegel. Neste percurso nos mostra o quanto o conceito de identidade implica permanência e muitas vezes nega a história e seu caráter processual.

Lefebvre (1984/ citado por Nasser & Fumagalli 1996) analisa a questão da identidade resgatando o conflito marxista entre a tendência identitária (homogeneizante) e o pensamento diferencialista nascente. É bom ressaltar que a diferença aqui não reside nas diferenças individuais mas nos campos diferenciais, os quais devem conter a possibilidade de transfiguração do real e não de mera identificação.

O simples fato de reconhecer a existência de algo não significa dar poder de ação

a ele, como bem atesta Eni Orlandi em sua entrevista ao afirmar que muitas vezes fala-se demais de algo para silenciá-lo, para retirar sua densidade.

Lefebvre considera ainda que o princípio de identidade levado ao extremo no discurso acarreta (o que é o caso da aplicação de modelos conceituais das áreas básicas nas aplicadas) uma redução do símbolo em signo e deste em sinal. Os sinais mandam, ordenam comportamentos e os regularizam.

Nesta trilha da aplicação e da identidade, o conhecimento é abordado (seguindo as categorias teóricas de Schaff, 1974) enquanto correspondente àquele modelo mecanicista onde o objeto atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito contemplativo e receptivo, gerando um conhecimento cópia ou reflexo. O processo cognitivo é neutro e pode ser utilizado como uma ferramenta que gera modificações e não se altera.

Eni Orlandi (1996) também fundamenta conceitualmente esta reflexão ao estabelecer os três tipos de repetição discursiva: a empírica, a formal e a histórica. As duas primeiras que corresponderiam ao caso das 'aplicações', colocam-se em nível de paráfrase ora por colagem (empírica, repetição rígida) ora por mudanças apenas aparentes (formais). A repetição historicizada por sua vez, nos remete a uma transformação a partir da memória implicando novos conhecimentos.

Em sua entrevista Marcio Silva aponta para os riscos da tendência aplicativa de conhecimento , na medida em que proporciona uma flutuação entre a colonização epistemológica e o parasitismo epistemológico. Vejamos:

"(Ana)E como você vê no caso ... a Pedagogia não deveria ser um espaço de articulação das várias ciências?

(Márcio) Não sei, não sei...

(Ana)Um espaço onde se poderia debater educação e se buscar e se contrapor os diversos conceitos? Porque uma das teses destas discussões que estão acontecendo é justamente essa. A Pedagogia no caso seria uma ciência da educação , então ela vai buscar em todas as ciências fundamentos e vai confrontá-las dentro de um mesmo espaço , em cima dos problemas educacionais e não o colonialismo de uma disciplina só, então só o que a Linguística diz isolado do que a Antropologia diz...

(Márcio)É mas de qualquer jeito a colonização é da Educação não é?

(Ana) Um espaço não da Educação dentro da Antropologia mas como uma outra ciência a partir de todas...

(Márcio) Imagine...

(Ana)Colonialismo ao contrário, a conquista. Não tinha pensado nisso.

(Márcio) ... uma comunidade e várias pessoas moram nessa comunidade mas uma delas tem um salão tão grande que pode convidar todo mundo para discutir , só que isso dá um poder a quem convida inacreditável, não é verdade? Se eu convidar... quem convida dá banquete, já no dito popular. Eu não sei , eu acho que a Educação tem uma contribuição muito grande a dar pensando coisas .

(Ana) Como você veria a Educação, mais uma casa e não salão?

(Marcio) O linguista também tem muito a contribuir, os matemáticos, todos. "(Entrevista com Marcio Silva/ Antropologia)

Com este discurso Marcio nos transporta para a outra trilha: a necessidade de ser 'com o outro'. Nem um colonialismo epistemológico de outras áreas de conhecimento sobre a Educação, nem um parasitismo ou 'síndrome de panaceia' por parte desta. O caminho para este entrevistado não é o da aplicação, o da repetição empírica ou formal.

Ao existirmos 'com as outras áreas' no processo de conhecimento a aplicação é substituída pelas interpretações a partir de de nossas memórias e filiações. A relação passa de aplicativa para discursiva. O conhecimento aqui não está no sujeito nem no objeto, está sim na materialidade do gesto simbólico, afinal segundo Orlandi (em sua entrevista) o que nos diferencia dos animais não é só a interação, é a memória também.

Retomando o que Eni Orlandi diz sobre o papel da repetição historicizada no relacionamento da Pedagogia com as outras áreas de conhecimento temos:

"Na historicizada você já saiu porque você já está historicizando de acordo com a sua memória e como você tem ... toda produção de memória tem as diferenças que vai trazendo, aquilo que vai adquirir sentido de outras maneiras para você que não é aquela só que o professor está dizendo. É onde você se apropria, você torna próprio, você pega aquele discurso

e faz significar no seu discurso. Ele passa a significar e você pode ... aí sim ele tem uma mobilidade enorme , isso que é o aprender mesmo do meu ponto de vista . Você entendeu? E aí que eu digo , você não tem jeito de entrar na consciência do sujeito, lá nesse discurso , nessa memória do sujeito para fazer isso fazer sentido aqui ... e aí que eu falo que tem um limite essa coisa da aprendizagem , mas aí eu acho que...o mais importante já que a gente sabe que é assim, é criar condições para que a linguagem faça seus efeitos no sujeito , dentre os quais este efeito aqui que é o da historicização dele. No caso para mim é justamente isso a relação da Educação com essas coisas . Não é só para repetir aquilo que a Linguística diz nem por colagem , nem formalmente, que eu acho que está num ponto que é formal e os professores sentem isso e vêem que tem uma inutilidade enorme. Carregar só uma série de artefatos que dão uma representação dele em termos da disciplina mas que não funcionam em termos da prática dele ... pedagógica. Por que? Porque não chegou a historicizar, isso daqui tem que entrar sim naquilo que é o universo próprio da educação , capaz de re-significar aquelas coisas . Então isto que eu estou dizendo é o seguinte , tem gente que pensa substituir a questão pedagógica e a questão da educação através desta relação entre as outras disciplinas e isso não pode substituir a formulação e a teorização própria neste campo. Aí vira um universo de ninguém ... a Educação fica só um cruzamento de todas estas coisas , não é?"(Entrevista com Zni Orlandi/Análise do Discurso)

Sendo assim existe uma repetição e uma interferência entre as áreas, só que esta repetição não implica manutenção da identidade a ser aplicada , mas sim uma transformação , uma re-significação dentro da história de sentidos dos lugares. O 'a partir do outro' transforma-se em 'com o outro' .

Henry (1990) ao pensar a relação da Análise do Discurso com as Ciências Sociais e com a Linguística, realiza colocações muito pertinentes para uma reflexão da situacionalidade 'aplicativa' da Pedagogia quanto às outras áreas de conhecimento. Retomando Pêcheux (que segue de perto Bachelard e Canguilhem) , Henry afirma que uma teoria nunca pode ocupar o lugar da outra, cada uma tem o que lhe é específico, porém pode intervir em outros campos. Cada vez que um instrumento é transferido de um ramo científico para outro , ele é de alguma forma reinventado transformando-se em um instrumento desta ciência em particular. As ciências vão assim colocando suas questões através da apropriação e interpretação de instrumentos , do ajustamento de discursos a si . Para Pêcheux e Henry seria isto o que definiria a atividade científica como uma prática. Neste sentido os termos 'aplicação' e 'identidade' são questionáveis pois o conhecimento tomado por empréstimo é sempre colocado em situação de instabilidade e de reinvenção.

Em Freitas (1985) encontramos uma reflexão sobre as consequências da reforma universitária (Lei 5540) enquanto fragmentadora da universidade e do curso de Pedagogia, e enquanto instauradora de um espaço marcado por operações de aplicação de conhecimento. Esta situação, segundo o referido autor, teria levado a uma ausência da elaboração de um paradigma próprio, e eu acrescentaria retomando Orlandi (1996), à uma ausência de história de sentidos própria.

O termo paradigma é aqui compreendido enquanto uma lógica reconstituída, uma maneira própria de ver, analisar, interpretar, de/codificar a realidade (Gambôa, 1995). Seguindo o raciocínio desta definição levamos alguns depoimentos obtidos nas entrevistas que endossam a afirmação de Freitas (1985) quanto à questão da pequena existência de paradigmas próprios da Pedagogia.

Em duas das entrevistas Paulo Freire foi apontado como um dos raros profissionais da Pedagogia cuja produção interferiu nas outras áreas, fornecendo fundamentos para o desenvolvimento do conhecimento nestes outros lugares. Vale ressaltar que nestes discursos a ênfase foi dada não para o objeto educação ou para o campo de aplicação da Pedagogia, mas para a densidade teórica da produção ocorrida cujos instrumentos puderam ser reinterpretados e apropriados pelas outras áreas. O 'com o outro' prevalece neste momento em relação ao 'a partir do outro' ou 'para o outro' (sentido de aplicação).

Vejamos alguns trechos das entrevistas que retratam esta situação:

"(Flávio) Interessante, pode ser. Mas isso tem que ser construído. Isso não é porque devia ser, é porque alguém construiu. De certa maneira em alguns momentos diferentes da História do pensamento humano alguns campos adquirem determinada importância estratégica porque tem um grupo de pessoas ali que construiu um lugar de encontro. Quer dizer nada impede que em algum momento ... eu acho que o pré-histórico da Educação isso ali, mas em algum momento houve um interesse centrado em torno da coisa de Paulo Freire. Tinha um

grupo de pessoas como que até fora da universidade, quando começaram isso acho que não tinham nada a ver com a universidade estavam fazendo parte de uma influência de movimentos... eu acho que isso era ligado à Prefeitura do Recife ou ao Governo do Estado de Pernambuco, eu não sei direito, não conheço detalhes disso aí. Mas aí era um ponto de encontro provavelmente provocado pela enorme mobilização política do período em que isso começou a aparecer e isso se espelhou pelas Ciências Sociais em geral. Acho que muita gente inclusive saiu das Ciências Sociais para fazer aquilo. 'É educação isso aí, é Pedagogia?'. Eu dei este exemplo buscando, mais tanto porque eu não conheço muito, mas um momento em que o campo da educação... não é pesquisa propriamente educacional, é muito mais desenvolvimento de metodologia mesmo... ele está exatamente aqui (apontando na folha de papel com registros para o Departamento de Metodologia), está exatamente aí mas ele está fazendo uma coisa tão importante que vira objeto de atenção pelo mundo. Eu não sei se a Ciência Social se dedica a sério a trabalhar sobre . Deve ter teses sobre a metodologia de Paulo Freire que é uma coisa que se transforma num lugar importante porque ele mesmo está, a equipe está lançando mão de uma série de conhecimentos de outros campos. Eu não sei se ele tem sociólogos, psicólogos, que 'ólogos' ele tem lá dentro mas ele está envolvendo de essa coisa toda e desenvolvendo algo que eu acho que é uma exigência que a prática lhe colocou. A função dele não era acadêmica mas de repente ele vai para a Academia, suponho que desapareça um pouco o espaço dele ... ele foi cassado? Passou um tempo pela exterior e isto virou um objeto de interesse em todos os lugares onde aparecia . Eu vi a primeira edição , não sei se é mas eu acho, de 'Pedagogia do Oprimido' primeira edição em inglês no fim dos anos 60 e começo dos 70." (Entrevista com Plínio Dentzien/ Ciência Política)

"E eu vou falar sempre vai haver contribuições é se o jeito de se apropriar daquilo. Acontece, como é acontecido nas propostas de Paulo Freire, em determinado

momento se cria uma massa crítica... a produção em torno do conceito de conscientização, de dialogicidade já foi para a antropologia, já foi para a sociologia, já foi para a comunicação e um pouco a experiência o isso. Não somente dentro dos grupos emergentes, teóricos emergentes que ultrapassaram os limites de sua área muitas vezes sem saber, às vezes surpreendem, às vezes a gente se surpreende." (Entrevista com Silvio Gamboa/ Epistemologia)

Os momentos de coexistência da Pedagogia com outras ciências onde ocorre sua afirmação paradigmática mútua (como no caso da produção de Paulo Freire), devem ser vistos como de imensa importância no processo de superação do conhecimento enquanto objeto de consumo. Estes momentos rompem a estrutura ora fechada , ora aberta demais do lugar da Pedagogia; estrutura esta que impede um diálogo entre as áreas silenciadas pelo não-falar (fechamento) e pelo falar muito e superficialmente (abertura excessiva). Estas duas situações silenciadoras são retratadas nas entrevistas.

Wilson Cano alerta para o fechamento e o divórcio entre a Pedagogia e as outras áreas de conhecimento dentro da universidade:

"O meu contato é este porque lamentavelmente parece que há um divórcio profundo , muito e muito grande , entre a Pedagogia formalizada na Faculdade de Educação e as outras áreas da Universidade. Então esse divórcio é de mão dupla ... eu não estou culpando apenas a Faculdade de Educação. Mas por exemplo eu estava vendo , vai se realizar um Congresso Latino Americano na U.S.P. em maio em Ciências Humanas , e tem uma mesa lá 'o Ensino da História' ... e só existem pedagogos, não tem um historiador convidado. Então você está pecando em um extremo porque você tem que

chamar um historiador de peso para discutir com o pedagogo. Então não, você vai ficar naquela discussão fechada. Ou como a discussão do ensino de matemática, da física, ensino de geografia, se você coloca na mesa exclusivamente pedagogos, um pedagogo aí da área de estudo, não um pedagogo que tem como base uma outra área de formação, mas o próprio matemático que enveredou pela Pedagogia e ficou nisso... normalmente ele terá limitações muito grandes para acompanhar todo o desenvolvimento da Matemática, todo o estado de um matemático propriamente dito... o campo da ciência dele está mais voltado para a Pedagogia." (Entrevista com Wilson Cano / Economia)

"Então, a Educação tem que ser o ponto de partida e de chegada, sempre o referencial. Aí você estava dizendo sobre a mesa redonda onde só há pedagogos. Será que não se cai nisto?"

(Wilson) Você fica num ciclo vicioso não é ?

(Ana Flávia) Você usa as outras ciências mas acaba não integrando isso, você passa por elas mas não se apropria...

(Wilson) Eu acho que o risco é alto...

(Ana Flávia) Aí por exemplo, os partidários das ciências da educação tratam muito das ciências, das várias ciências aplicadas à educação. Só que aí não se corre o risco destas ciências ficarem muito sem integração, soltas? As várias ciências aplicadas soltas... não precisariam de um espaço de interseção ?

(Wilson) É necessária a interseção, aí a dificuldade é que eu não sei como é que você forma um pedagogo... como você forma um jornalista. É claro que precisa a técnica de escrever bem, a arte de ser conciso, ser objetivo, dominar o vernáculo, saber transformar uma notícia, são coisas, as técnicas que ajudam... mas é preciso ter algo mais do que as técnicas, tem que saber como se produz determinada notícia." (Entrevista com Wilson Cano / Economia)

Ana Maria Piovesana também aborda o ostracismo das áreas de saber refletindo sobre a lógica da exclusão enquanto dominante nos processos de elaboração do conhecimento:

"E essas fases são tão interessantes, depende do pesquisador, depende da fase em que ele está . Se ele está num caminho ele nega outros. Eu acho que o pesquisador tem muito essa coisa, ele entra por um caminho e esquece os outros. Então eu acho que o pesquisador tem que entrar por um caminho para se aprofundar no seu caminho e para descobrir respostas no seu caminho, mas ele deve a todo momento ter uma visão holística da realidade porque senão ele se perde." (Entrevista com Ana Maria Piovesana / Neurologia)

Renato Ortiz retrata a questão da abertura/fechamento da Pedagogia através de uma metáfora envolvendo encruzilhadas e esquinas:

"(Renato) O problema da Faculdade de Educação não é o isolamento, é a sua abertura. É aberta demais... Se ela fosse fechada como a Sociologia que delimitou suas fronteiras , os problemas seriam muito menores. A Faculdade de Educação é extremamente aberta porque ela já é formada numa encruzilhada , ela se constitui numa encruzilhada..." (Entrevista com Renato Ortiz/ Sociologia)

"O grande problema é o seguinte , em que medida vocês são só um conjunto de departamentos separados ou se esse conjunto de departamentos se articula de forma mais orgânica na determinação de objetivos mais gerais. É isso que dá a Faculdade de Educação , se você determina dividir aqui em departamentos não tem grande problema porque as disciplinas estão constituídas ... a História está constituída, a Filosofia está constituída, ninguém... ai eles vão ate preferir que fique assim . Mas agora uma Faculdade de Educação, justamente por ser uma encruzilhada, se você a seg-

menta não é mais encruzilhada, vira esquina não é verdade?" (Entrevista com Renato Ortiz / Sociologia)

Neste movimento o ato de nomear a Pedagogia ganha dimensões outras que implicam a vivência de espaços e a coexistência das áreas de conhecimento. Assim o que interessa não é só a identidade estável ou o lugar, o que interessa no repensar o conhecimento pedagógico é a sua história de significados, sua elaboração teórica própria em um processo contínuo de interpretação. A Pedagogia não é só objeto de interpretações, é também um espaço onde estas são elaboradas. E é neste espaço que o específico, a memória de sentidos própria da Pedagogia deve ser estabelecida.

Para finalizar este capítulo retomemos alguns discursos que explicitam esta busca do específico no campo pedagógico e de sua importância e influência em outras áreas.

Plínio Dentzien deixa claro o fato de que a Ciência Política busca fundamentos na Pedagogia para o desenvolvimento de determinadas análises:

"Eu acho que hoje, hoje desde o princípio deste século não dá para pensar a Política sem passar por de alguma maneira definir o lugar da educação. Quer dizer a sociedade de mercado cada vez mais exige uma qualificação e eu diria é um processo de educação formal até certo ponto... formal é o sistema escolar ou então algum outro subsistema, algum outro jeito de passar treinamento para as pessoas, etc. Este é considerado o grande instrumento de ascensão social pelo menos a partir do início deste século. Mas aí o enfoque muda um pouco, não é mais o filósofo-rei, é um

para que quer ter um emprego. "(Entrevista com Plínio Dentzien / Ciência Política)

"(Plínio) Eu acho que qualquer tentativa de análise o objeto , o processo educacional pode ser objeto de uma reflexão e às vezes é da Ciência Política , da Sociologia, da Antropologia ... Quer dizer é impossível fazer esse tipo de análise sem saber o que que 'rola' nesse mundo, quais são as embocaduras das pessoas que estão envolvidas no processo educacional. Eu diria que uma parte obviamente tem a ver com as Faculdades de Educação, com os cursos de Educação para de Pedagogia... e uma parte tem a ver com algo que está fora disto aí. Eu diria bom poder , poder é obviamente o objeto privilegiado da Ciência Política mas não é exclusivo. Eu posso imaginar e alguns trabalhos têm sido feitos nesta direção, a educação para a cidadania em geral tem algo a ver com o poder? Tem... quem é o cidadão? O cidadão é alguém que reconhece uma situação onde há um determinado poder e tem uma certa autonomia para reagir diante disso. E o processo educacional tem a ver com isso , o processo educacional formal talvez principalmente mas não exclusivamente." (Entrevista com Plínio Dentzien/ Ciência Política)

Além desta abordagem da Pedagogia como um ponto de passagem para apreensão de fundamentos, Plínio nos mostra a sua interpretação da atual estrutura da Pedagogia vista "do outro lado do rio", a qual limita-se muitas vezes a uma certificação burocrática.

"E que interferências a Faculdade de Educação ou que complementações ela pode trazer para a sua área , no caso de uma via de mão dupla?

"(Plínio) Desde logo é a qualificação dos alunos . Quer dizer para se qualificarem para dar aula , os alunos precisam daquele certificado fornecido pela Faculdade de Educação basicamente os cursos de Pedagogia quer dizer a Licenciatura , eles precisam além do bacharelado da licenciatura. Alguns não fazem licenciatura

porque não estão interessados nesse mercado que de fato hoje é um mercado complicadíssimo . Com exceção de alguns caras que se qualificam para dar aula em certos lugares que remuneram bem, a maioria se expõe a um salário terrível. Mas de qualquer maneira a função mais visível através dos próprios alunos é essa função certificadora, eu diria que é uma função...

(Análise da ascensão à escola...

(Plínio)... burocrática principalmente. A segunda que eu acho que é uma função que fica às vezes obscurecida embora desta função burocrática é a ideia de que de alguma maneira existe um campo específico de conhecimento sobre técnicas de ensinar que está lá, está um pouco escondido e através dos nossos alunos não aparece muito claramente. Quer dizer, eles querem mesmo é o certificado. Em terceiro lugar me parece , mas eu sei pouco , que tem um específico que eu tenderia a desdobrar em várias sub-áreas que seriam psicologia da educação, sociologia da educação, eventualmente uma reflexão sobre a política da educação e talvez uma última a Educação como política pública." (Entrevista com Plínio Dentzien/ Ciência Política)

Na enunciação de Ana Maria Fiovesana também existe um momento em que a neurologista requisita o saber pedagógico enquanto necessário para as outras áreas de conhecimento:

"(Ana Maria) A Pedagogia tem que fazer parte de um processo de diagnóstico e principalmente de um processo de desenvolvimento global e intelectual tanto da equipe ao ver a criança quanto da própria criança. Então por exemplo eu tenho uma criança com paralisia cerebral sei que ela tem um distúrbio motor , ali é que é que eu peço? do pedagogo para ver qual o potencial intelectual desta criança . Ela deve saber por uma avaliação da maneira como ela quiser , pode ser qualitativa, quantitativa ... não importa o tem que ver principalmente o quê? As capacidades desta criança

ca e a partir daí colocar para a equipe as capacidades desta criança - ela também vai aprender muito com a equipe em gerando também - para poder estar desenvolvendo esse negócio, poder estar desenvolvendo as potencialidades e descobrindo novas potencialidades." (Entrevista com Ana Maria Pavesana/ Neurologia)

Toda esta ênfase na Pedagogia enquanto espaço de conhecimento que interfere nas outras áreas, nos indica caminhos e possibilidades no estudo e recorte de seu objeto. O mais interessante é o fato de que para que este específico (o 'próprio') pedagógico apareça e se explicita, é necessária a ida para longe do seu 'lugar' bem como o resgate do contexto mais amplo da coexistência das ciências. Esta é a grande contribuição que o conjunto de entrevistas desenvolvido nos deixa. O ato de nomear a Pedagogia é um ato que ultrapassa o lugar da Faculdade de Educação, envolve os lugares de outras áreas de saber e cria espaços (lugares praticados) nas ciências humanas.

O capítulo seguinte vem justamente realizar alguns apontamentos nesta direção. Digo apontamentos pois não é o objetivo deste trabalho abordar exaustivamente as ciências humanas, apenas situar a questão neste nível apontando caminhos para outras pesquisas e reflexões.

CAPÍTULO 5

CIÊNCIAS HUMANAS: situando o horizonte de um rio de três margens

"Minhas palavras são a metade de um diálogo obscuro / continuando através de séculos impossíveis./ Agora compreendo o sentido e a ressonância / que também trazem de tão longe em tua voz./ Nossas perguntas e respostas se reconhecem / como os olhos dentro dos espelhos. Olhos que choraram. (...)" (Diálogo/ Cecília Meireles)

Geralmente quando chegamos ao final de uma obra, a tendência é a de imaginarmos um fechamento. Neste caso especificamente o sentido é inverso. Percorrendo um rio de três margens fomos lançados constantemente a realidades mais amplas ou 'abertas'.

Comecei a sistematizar as enunciações dos entrevistados sobre a Pedagogia abordando o ato de nomeá-la. Esta reflexão introdutória desembocou em ambientes maiores implicando um levantamento dos lugares (estáveis) das áreas destacadas nas conversas bem como o espaço de coexistência das mesmas (as formas de operar). Neste momento final somos lançados a questões ainda mais abrangentes. Chegamos a coexistência das áreas fundante no espaço das ciências humanas. Não tenho a pretensão de

abordar este imenso mar de possibilidades neste texto. Cabem aqui apenas apontamentos para a questão que se configura.

A cientificidade da Pedagogia foi resgatada no 'outro' (áreas de conhecimento), nas marcas e tatuagens simbolicamente estabelecidas e na coexistência em dificuldades e em possibilidades.

A dificuldade fundamental que se coloca para a ciência da educação e para as ciências humanas em geral, é a de que sujeito e objeto fundem-se e constituem-se mutuamente. Neste sentido o modelo de ciência aplicável às áreas naturais e exatas torna-se insuficiente.

Segundo Foucault (1966):

"As ciências humanas, com efeito, dirigem-se ao homem na medida em que ele vive, em que ele fala, em que ele produz." (pp 456)

"E que o objeto destas (ciências do homem) nunca se apresentam como um funcionamento biológico (...), ele é antes o reverso, a marca interior; começa lá onde se detém não a ação ou os efeitos, mas o ser próprio deste funcionamento." (pp457)

Sapiassu (1994) nos situa a crise das ciências humanas afirmando que estas historicamente já foram concebidas em um estado problemático. Para o referido autor, nasceram de um obstáculo teórico-prático da sociedade industrial. Era necessária a criação de normas e de uma lógica para serem apresentadas aos indivíduos. Condições econômicas, políticas e teóricas concretas determinaram a configuração das ciências humanas.

Por condições econômicas Japiassu entende a interferência do desenvolvimento industrial na produção de problemas novos, os quais exigiram a criação de áreas teóricas específicas que tivessem o homem como objeto. Retomando o levantamento feito pelo autor dos novos problemas em relação aos novos campos de conhecimento temos:

NOVOS PROBLEMAS	ÁREAS DE SABER CORRESPONDENTES
Organização do trabalho, gerência da produção e da distribuição, previsão da evolução do mercado, etc.	Economia Política
Formação, alojamento, educação, vigilância dos trabalhadores.	Sociologia, Educação
Contar os operários, prever a evolução da mão de obra.	Demografia
Selecionar os trabalhadores e estabelecer técnicas de adaptação às suas novas condições de vida, de aprendizagem e de trabalho.	Psicologia
Desenvolver mercados potenciais para os no-	Geografia, Etnologia

vos produtos das indústrias	
Ensinar-lhes a ler e escrever	Linguística

Em relação às condições políticas, Japiassu destaca a transformação das estruturas nas quais pudesse situar-se a produção da riqueza económica. Com o aparecimento de trabalhadores livres e de leis definindo o mercado, o Estado passou a desempenhar novas tarefas precisando da produção teórica das ciências humanas como aporte.

Finalmente quanto às condições teóricas, o referido autor nos remete ao modelo de ciência decalcado das ciências naturais que passou a ser estabelecido enquanto o local da verdade. A aplicação desta estrutura teórica ao conhecimento do homem, forneceu uma legitimidade social à construção de discursos na área de humanas.

Como já foi tratado no terceiro capítulo, o discurso acerca da ciência nos remete também à relação entre os três elementos básicos da Epistemologia: sujeito, conhecimento e objeto.

As diferentes formas com que abordamos as articulações entre estes termos determinam nossas concepções sobre os vários tipos de conhecimento próprios do ser humano e entre eles o científico.

Schaff (1974) nos mostra com muita clareza três modelos básicos de se abordar a questão do conhecimento: o mecanicista (ênfase dada ao objeto), o idealista-ativista (ênfase dada ao sujeito) e o que propõe a superação das dicotomias impostas pelos modelos anteriores (ênfase no movimento entre os dois pólos citados). Cada um destes modos de se compreender o conhecimento leva a posturas epistemológicas distintas.

Sendo assim podemos levantar três vertentes epistemológicas básicas : a lógica, a genética e a histórico-crítica.⁶

A Epistemologia lógica enfatiza o estudo da linguagem científica e de um método de regras lógicas que manifestam-se pelo empirismo ou racionalismo lógicos, pela ênfase no observável, pelo predomínio do objeto.

A Epistemologia genética elabora suas atividades a partir da psicologia da inteligência e do conceito de construção, enfatizando o sujeito.

A Epistemologia histórico-crítica por sua vez busca uma análise histórica das ciências e de que lhes constitui. Aqui encontramos Bachelard, Foucault e Canguilhem.

As ciências humanas afirmaram-se no século XVIII seguindo os paradigmas então consagrados nas ciências naturais e exatas. A

6. Conferir Japiassu 'Introdução ao Pensamento Epistemológico', 1975.

ênfase no objeto e em sua neutralidade levou a um conhecimento positivo do ser humano e dos fatos sociais através de um processo de reificação destes.

O desenvolvimento das ciências humanas nos séculos XIX e XX levou porém a um questionamento em relação a este referencial epistemológico positivista-empiricista. Ocorreram contradições entre o homem e a própria ciência, o paradigma racionalista pautado na lógica formal não deu conta do objeto humano, um objeto que pensa e que é pensado. Acirrou-se a crise das ciências humanas.

A história da ciência é marcada pelo conflito entre as diversas áreas por um lugar de estudo próprio, por um objeto próprio e por concepções distintas da triade epistemológica objeto-conhecimento-sujeito. Todas as ciências passaram por este processo de diferenciação e estruturação, hoje a Pedagogia encontra-se querendo adquirir uma singularidade e uma superação da condição de 'aplicadora de conhecimentos'. A Pedagogia tendo a educação por objeto exige uma retomada do conceito de ciência para que possa ser pensada em sua singularidade.

É neste sentido que a ciência da educação coexiste com as ciências humanas e sua crise. É neste espaço que Vinicius nos alimenta com o que sempre resta aos seres humanos... o possível.

O HAVER

(Vinícius de Moraes)

Resta acima de tudo
Essa capacidade de ternura
Essa intimidade perfeita com o silêncio
Resta essa voz íntima pedindo perdão por
[tudo.
Perdoai! Eles não têm culpa de ter nascido
Resta esse antigo respeito pela noite
Esse falar baixo
Essa mão que tateia antes de tocar
Esse medo de ferir tocando
Essa forte mão de homem
Cheia de mansidão para com tudo que
[existe.
Resta essa imobilidade
Essa economia de gestos
Essa inércia cada vez maior diante do
[infinito
Essa gaueira infantil de quem quer
[balbuciar o inexprimível
Essa irredutível recusa à poesia não
[vivida
Resta essa comunhão com os sons
Esse sentimento da matéria em repouso
Essa angústia da simultaneidade do tempo
Essa lenta decomposição poética
[em busca de uma só vida, uma só morte.
Um só Vinícius.
Resta esse coração queimando como um
[círio
Numa catedral em ruínas
Essa tristeza diante do cotidiano
Ou essa súbita alegria ao ouvir ra
[madrugada passos que se perdem sem
[memória.
Resta essa vontade de chorar diante da
[beleza
Essa cólera cega diante da injustiça e do
[mal-entendido
Essa imensa piedade de si mesmo
Essa imensa piedade de sua inútil poesia
E sua força inútil.
Resta esse sentimento da infância
[subitamente desentranhando de
[pequenos absurdos
Essa tola capacidade de rir à toa
Esse ridículo desejo de ser útil
E essa coragem de comprometer-se sem

[necessidade.
Resta essa distração, essa disponibilidade
Essa vagueza de quem sabe que tudo já foi
Como será, como vir a ser.
E ao mesmo tempo esse desejo de servir
Essa contemporaneidade com o amanhã dos
[que não têm ontem nem hoje.
Resta essa faculdade incoercível de
[sonhar, de transfigurar a
[realidade
Dentro dessa incapacidade assim tal e tal
[como é
E essa visão ampla dos acontecimentos
E essa impressionante e desnecessária
[paciência
E essa memória de mundos inexistentes
E esse heroísmo estático
E essa pequenina luz indecifrável
A que às vezes os poetas tomam de
[esperança.
Resta essa obstinação em não fugir do
[labirinto
Na busca desesperada de alguma porta quem
[sabe inexistente
E essa coragem indizível diante do grande
[medo
E ao mesmo tempo esse terrível medo de
[renascer dentro da breva.
(...)

PARTE II

Enunciando: as entrevistas

ENTREVISTA COM ENI PUCCINELLI ORLANDI .

Professora da Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Estudos da Linguagem.

Formação básica : licenciada em letras anglo-germânicas.
Campinas, 18 de setembro de 1996.

(Ana) ...pode ser .

(Eni) Que já é conversa?

(Ana) É, depois...

(Eni) ... depois você tem que interpretar não é? Mas eu acho , até falei agora há pouco tempo, que as pessoas às vezes se admiram de posições que eu tomo e tal, dizem que é corajoso . Eu não acho. Eu acho só que é muito coerente com o fato de que eu tive sempre excelentes professores e eram professores que me deram uma segurança . Que nem quando você tem uma boa paternidade eu diria também que a pessoa não é carente e tem mais, não diria coragem, mas se coloca de uma forma mais interessante. Eu acho que a minha paternidade intelectual é muito boa.

(Ana) A questão da aprendizagem levando ao desenvolvimento...

(Eni) É o que me fez tomar posições mais seguras e tal, porque tive uma formação muito boa realmente, enquanto professora eu tenho muita segurança. Eu fiz em Araraquara minha graduação, antes em São Carlos na Escola Normal ...

(Ana) Você fez magistério?

(Eni) Não, não fiz. Eu fiz , chamava-se Escola Normal mas eu fiz, eu fazia o colegial, o clássico. Tinha o científico, clássico e o normal mesmo. Mas eram professores excelentes... ensino público bem sucedido, uma escola de nome, de tradição em que as pessoas tinham programas muito bem definidos e tal... uma beleza! Convicção e sabiam bem aquilo que ensinavam . Também acho uma outra coisa importante: uma relação com o conhecimento muito segura. Depois na universidade eram os Institutos isolados nos anos 60 e foi em Araraquara... e também professores maravilhosos. E realmente, e a sorte é que era uma faculdade , era a 'Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras' que estava se formando , mas não estava ainda tão embrionária que já não tivesse uma estrutura já bem definida, mas era ainda no início da história de trabalho dela. Então, permitiu com que a gente tivesse uma convivência com os professores, com os colegas e também iniciativas que eu achava importantes: formação de centro acadêmico, a gente formou a cinemateca, tinha um núcleo de estudos e debates que a gente trazia professor e tal, uma relação entre as universidades que era muito forte e que hoje não tem,

mesmo com a Medicina de Ribeirão Preto que era forte. A gente tinha na maioria coisas culturais , não só conhecimentos específicos ... e político mesmo também , uma relação política muito clara , muito bem estabelecida , a gente tinha posições políticas muito visíveis e que hoje as pessoas não têm. Chega na hora da eleição você não sabe o que dizem , em quem votam , não existe nem discurso para isso. Eu diria que naquela época nós tínhamos discursos bem estabelecidos para estas coisas , então dava para se relacionar mesmo na diferença. Como eram claras estas posições elas eram mais possíveis . Hoje falam tanto deste negócio de todo mundo reconhecer a diferença ... mas reconhecer e ignorar porque você reconhece, mas o reconhecer às vezes é justamente afastar, rejeitar, colocar em outro lugar. Na época não , era reconhecer as diferenças no próprio debate não no afastamento. Então eu acho que fui privilegiada pela minha formação. Então isso foi para eu dizer que , é lógico, que o trabalho eu faço hoje tem a ver com tudo isso não é? Então é toda uma história de produção e de vida intelectual.

(Ana) Deixe-me então...

(Eni) Tá! Estes são os prolegômenos não é?

(Ana) Eu estava lendo de Certeau e ele fala muito a questão do espaço, estou lendo 'A Invenção do Cotidiano', e achei muito bonito e pensei 'vou conversar com a professora Eni a questão do espaço como um lugar praticado'. Então em um primeiro momento eu vou falar um pouco do meu espaço para que você saiba de onde eu estou falando , para depois entrarmos no seu espaço, na questão da Linguística, da Filosofia da Linguagem não sei como denominar a questão. Então a minha pesquisa professora, ela está justamente dentro de uma discussão que ocorre dentro da Faculdade de Educação sobre o trabalho do conceito de Pedagogia , o que é a Pedagogia? E dentro desta questão existem várias tendências se colocando, vários professores falando e aparece justamente a questão das outras disciplinas-fundamento, os vários modelos conceituais . Então Pérez ,que é um dos autores que eu estou resgatando, ele pega justamente os vários modelos conceituais que vão contribuir para o olhar a educação . Porque o objeto educação é muito complexo, é um objeto que fala, é um objeto vivo, ao mesmo tempo que ele está sendo objeto ele também é produtor, as coisas se dão ao mesmo tempo . Não é uma produção de bens materiais são bens não-materiais , e ainda o processo de produção e o consumo não se dicotimizam. Não é como uma obra de arte que eu terminei e tenho... a questão processual é muito forte . Então estou buscando estas questões e minha pesquisa vai justamente buscar o como as pessoas das outras áreas representam o espaço da Pedagogia. Alguns dizem, por exemplo o Gadotti segue uma linha em dizer ciências da educação, o Saviani

diz que não, diz que é ciência da educação porque tem um objeto específico e todas as outras ciências vão se tecer e formar uma trama diferente da que as ciências-fundamento vão dar. Então outros falam que o termo pedagogia dá conta e não é preciso revê-lo e tal. Mas na verdade, eu estava conversando com o professor Renato Ortiz esta questão, aliás esta é uma questão que eu queria também te ouvir do nome em si, o Renato Ortiz diz que esta busca do nome é uma pseudo-discussão. Se é ciência, ciências ou pedagogia o nome do curso em si, porque ele diz que na verdade o que interessa é o como se organiza a estrutura do curso. Não sei, lá a discussão está se dando como se o nome trouxesse embutida uma concepção.

(Eni) Posso falar alguma coisa já?

(Ana) Pode. Não há..

(Eni) Nomear é uma coisa muito forte e muito importante, não é só um rótulo. Esse pensar às vezes superficialmente o processo de denominação como só um rótulo não é... Eu acho assim, primeiro já o fato de nomear está fazendo com que as pessoas tenham que tomar posições em relação a isso. Então o fato de nomear faz surgirem diferentes discursos disso, e já faz parte ... porque o nome em si não está com o sentido já nele, a ilusão é de que o nome já viria com o sentido, não! Ao nomear há todo um processo que faz com que os sentidos sejam movimentados para que aquilo faça sentido. Então isso aí é fundamental, dar esse nome. A discussão desse nome não é só uma discussão burocrática no caso. Ela é uma discussão de fato e para mim é fundamental sim saber que discursos surgem na hora de nomeá-lo, porque o processo de nomeação é aquela coisa importante porque certamente ao nomear você vai recortar um certo sentido, você vai recortar uma certa região justamente num certo espaço, num sítio significante que tem ali. Quer dizer, o sítio significante é mais amplo, as pessoas intuem que ali há sentidos e ao nomear você recorta estes sentidos para ele significar uma coisa 'x' ou 'y', e aí vem uma coisa importante também, que ao nomear você vai silenciar outros sentidos. Então este é um momento crucial, importante, eu não acho que ...

(Ana)...nomear seja algo burocrático.

(Eni) Não, é muito mais forte que isso não tenha dúvida. É um processo reflexivo como este da educação... e não é à toa também por que é preciso nomear isso, no fundo re-significar? Porque os sentidos disto estão mais ou menos perdidos, quer dizer... está sendo necessário um novo ritual, um novo gesto de interpretação. Em relação você estava falando de espaço, são regiões de conhecimento em relação a este espaço-região ... outra vez lidar com os limites e os não-limites dessa região que é a ciência da

educação, ciências da educação ou pedagogia. E não é só acho... porque aí seria essa idéia de 'vai mudar de nome para continuar tudo a mesma coisa', eu não acredito nisso. E eu não acredito não porque as pessoas, que eu não trabalho muito lá, no discurso a gente não trabalha com as intenções justamente a gente trabalha o discurso enquanto prática, como um trabalho mas um trabalho simbólico como a gente fala. Então neste sentido a prática, ainda em nomear, não é essa coisa simplesmente de rotular e tal... nunca é isso. Agora mais geral é nesta prática saber o que está existindo. Aí que eu volto: não é a intenção das pessoas 'nós vamos dar este rótulo', no sentido da pessoa que está a fim de dar um nome só para aquilo tenha a intenção tal, 'x' ou 'y'. Mesmo que a intenção seja 'x' ou 'y', vai muito mais longe o processo e eu acho que a necessidade desta re-significação deste espaço ela vem justamente de um fato muito mais amplo que é histórico, mais amplo dentro da sociedade. Aí vem esta minha posição que é crítica inclusive em relação à interdisciplinaridade, quando você falou de outras disciplinas que têm... Ao meu ver é o seguinte, a noção de sujeito e a noção de linguagem depois do século XIX justamente, elas sofreram um desenvolvimento. Hoje são tão diferentes do que foram no século XIX que há necessidade de uma reorganização do espaço de conhecimento por causa disso. Então a noção de linguagem que está permeada em todo objeto de conhecimento, você tem a questão da linguagem, só que ela era vista como transparente, como simplesmente 'a gente interpreta, vê o conteúdo disso' e se percebeu que não é o conteúdo, o próprio discurso, a própria linguagem tem em si alguma coisa, ela não é transparente. E o sujeito também, o sujeito no século XIX ou é o sujeito biológico, ou psicológico no sentido de que ele é calculável, ele é visível. Enfim, justamente as disciplinas que se constituem no século XIX tornam esse sujeito visível de uma certa maneira, mas depois as ciências que vão se constituindo, as formas de conhecimento vão se constituindo, que essas mesmas disciplinas, enfim que o campo científico no século XIX vai produzindo e deslocando a noção de linguagem e a noção de sujeito. Então o sujeito já não é mais um sujeito transparente, mas afetado pelo inconsciente, afetado pela ideologia e a linguagem não tem esta transparência, ela tem uma historicidade, ela tem uma espessura semântica que não se pode atravessar de qualquer maneira. Então eu acho que isto traz uma reorganização deste campo de conhecimento e esta reorganização para mim é o sintoma da necessidade de uma reorganização. Mas também a solução fácil que às vezes é dada da interdisciplinaridade, no sentido que você pensa assim 'então eu vou juntar várias disciplinas e aí eu dou conta do meu objeto' não é isso não. É uma outra relação, é a natureza destas relações que está se transformando.

(Ana) Não uma mera superposição...

(Eni) E eu acho importantíssimo que vocês tenham percebido esta coisa do nomear justamente a ciência da educação porque afeta fundamentalmente... qual é um lugar onde todas estas coisas se cruzam? A educação , o projeto pedagógico , é um projeto que não pode desconhecer nem a relação das disciplinas , nem o sujeito, nem a linguagem. Por isso que aparece já no campo de vocês , mais que em qualquer outro a necessidade de re-significar essa região.

(Ana) E retomar o próprio conceito de educação...

(Eni) Vocês têm que retomar o conceito para retomar as relações com tudo isso, com o sujeito, com a linguagem , com a história e tal. E aí vem também um preconceito , no bom sentido de conceito prévio, um princípio de significação para mim importante e que vem do Foucault que às vezes é deixado... a questão para o Foucault do que era a escola na verdade, era um lugar em que você tem acesso aos diferentes discursos , isso eu estou falando uma definição que interessa ao analista de discursos, existem outras maneiras de considerar e de criticar inclusive o pedagogo e tal ... mas sempre me interessou muito essa fala dele que mostra isso , na escola você tem acesso aos diferentes conhecimentos. A universidade justamente tem a importância de refletir o sentido da universalidade , te pôr em contato com diferentes discursos.

(Ana) E é justamente o conceito de educação atual que não permite que se veja isso... a escola como um lugar onde existe um discurso único, a paráfrase.

(Eni) Isso. Então mas veja, como ela é esse lugar , ela pode não ser vista assim , mas sem querer ela faz isso... é o primeiro ponto do aluno quando ele chega 'poxa mas eu estou nisso e não naquilo, eu faço isso e não aquilo' porque ele não consegue dar conta de todas as coisas. Então ele tem um problema já, imediato de como conviver com os diferentes discursos . Uma coisa que eu tenho visto na minha área e que eu acho que deve ser uma questão para a educação é... por isso que eu digo , o discurso é muito astucioso eu diria, a coisa do discurso é astuciosa, e por isso que eu trabalho com o silêncio , justamente porque quando você diz muito uma coisa isso não significa que ela esteja sendo realmente levada em conta ,ou se às vezes é para apagar justamente e para silenciar. Você pode falar muito de uma coisa para silenciá-la. Falar muito do índio para não deixar que a coisa do índio signifique mais fortemente. E eu acho que justamente se fala muito da diferença , se fala muito da convivência , da cidadania e isso vira um estereótipo que esvazia de sentido aquela própria coisa, você entendeu? Você substi-

tui o lugar do sentido para justamente uma estereotipização, vamos dizer, forte para des-historicizar a questão. Ela deixa de ser uma questão que demanda sentido, é como se todo mundo já soubesse o que é que é e bastasse agora falar... é uma das formas de você pensar a paráfrase e de como a paráfrase sofre deslizos. Neste sentido ela pode ser prática importante, mas aí é a paráfrase que estabiliza, que cristaliza o sentido. Então o que acontece para mim é que quanto mais se fala, às vezes menos se está trabalhando. Então eu sempre fico procurando para onde foram os sentidos que deveriam estar ali, migraram para onde? Se foram silenciados ali certamente vão significar... e aí é que eu estou dizendo, é gozado que um aluno, mesmo quando a escola tenta para a paráfrase pela própria natureza da escola, pela própria forma com que ela está institucionalizada numa sociedade como a nossa, ela coloca a questão para o aluno porque mesmo que esteja apagada esta questão de que ele tem que conviver com estas diferenças, que ele tem que estar em relação com diferentes discursos, isto que a escola deveria propiciar, ela apaga isso mas faz isso ao mesmo tempo sem querer, porque são várias as disciplinas, várias as possibilidades de você fazer cursos e tal, pela própria forma da educação, essa fragmentação necessária do conhecimento, pois eu diria que não dá para ser de outro jeito. E isso daí, a relação do aluno com isso já faz aparecer esta questão destes múltiplos discursos, aquilo que a escola tenta apagar aparece na verdade no próprio fato de você estar na escola, da materialidade dela mesmo, a maneira como ela está dentro da nossa sociedade. E aí vem a contradição, esta contradição forte de que em um tempo o aluno sente a necessidade de estar nesta relação, mas ao mesmo tempo há um apagamento desta relação, desta multiplicidade de discursos. E aí vai dar o quê? Isso que eu acho que é o efeito forte e terrível mesmo na minha área, falar mais pensando assim na minha experiência, mas eu vivo falando que não adianta mudar os currículos, ficar fazendo aquelas mudanças e tal. Primeiro falam assim 'é melhor dar a teoria e depois ir para os dados'... e não dá certo. Aí falam 'não aí mas o aluno fica na teoria e não chega nunca... vamos começar pelos dados e depois ir para a teoria' e também não dá certo porque os dados não levam necessariamente à uma compreensão teórica 'x' etc. Então aí o aluno vai ficar só no empírico e não vai para o teórico, não percebe as relações... então não deu certo também. E para mim, eu vivo falando não adianta... tanto faz começar de um lugar ou de outro, o que tem que mostrar é que o percurso que é feito depois é necessário para a compreensão daquilo seja da teoria, seja dos objetos estudados que você comece. Mas e aí, por que para mim isto é posto? Não pensando no sentido da teoria e tudo isso, mas pensando no como a escola lida com essas coisas é que eu acho que você, o aluno faz uma coisa

para se livrar e não porque aquela coisa é importante para compreender melhor uma outra.

(Ana) Para cumprir etapas sem articulação.

(Eni) É, justamente por causa desta má compreensão, desta relação da discursividade com a escola, eu acho, ele começa a agir por...

(Ana) ... excluindo.

(Eni) Exclusão, isso! Ele vai excluindo, excluindo...

(Ana) Cumprindo créditos.

(Eni) Cumprindo créditos e tal, e aí o que acontece? Ele vai criando a ignorância dele. Ao invés de criar as formas de estabelecer uma relação de conhecimento, ele vai criando a ignorância. Quer dizer, ele quer saber tudo aquilo que ele não quer fazer para fazer uma coisa e tal. Então isso para mim é, lógico eu não estou dizendo que o outro lado seria a onipotência do conhecimento 'você conhecer tudo', eu acho que não é isso mas é conhecer uma coisa no meio das outras e como é que você pode fazer isso se você vai por eliminação... não é por formulação, configuração para eles. E eu acho que tem que vir para esta coisa de escola, dos múltiplos discursos que existem na escola necessariamente e do fato que a gente não sabe lidar com isso por mais que fale das diferenças...

(Ana) A gente vai conversando e pensando outras coisas. Pensando no professor eu acho que o pior, a mais sofrida da escola é a figura do professor porque... Eu dou aula para crianças de seis anos e dou aula de Filosofia para o 2º grau e ontem houve uma reunião na escola de 2º grau e a diretora colocou algumas questões na lousa para serem discutidas com um grupo de 1ª série até 1º colegial. Uma delas era assim 'como conseguir qualidade, não reprovação, como combater o fracasso' mas estabelecido como se o conceito de fracasso fosse único, ou não o fracasso em relação a alguma coisa. Qualidade como única... não que existe a 'Qualidade Total' do neoliberalismo, o que é qualidade? O professor se nega Eni, a pensar e a discutir, a tirar os véus das palavras...

(Eni) Insegurança, eu falei.

(Ana) É engraçado dizem 'isso é uma perda de tempo, isso é questão de Filosofia, para que filosofar tanto, vamos para a prática' aquele pragmatismo da escola, do discurso... 'vamos para a ciência', é complicado! Deixe-me te dizer...

(Eni) Mas isso que você falou , é que eu lembrei uma coisa que está anotada... mas depois eu falo dela.

(Ana) Não , pode falar já...

(Eni) É preciso lembrar que... é o seguinte , justamente, na escola , eu tinha acabado de falar e você pensou, justamente nesta linha de reflexão, essa oposição entre ... ou você faz Filosofia ou você vai para a prática, essa coisa neoliberal mesmo e tal, que no fundo é empresarial...

(Ana) Produtividade, mercantilização...

(Eni) Isso, a produtividade imediata e isso tudo está na sociedade em geral e veja aí que eu acho, aí a questão posta forte , eu acho para a escola ou para nós todos enfim quando trabalhamos com a questão do conhecimento , é justamente isso daí... em reconhecendo que é isto que está aí fora , não adianta fechar os olhos gostando ou não gostando do que é esse movimento ideológico amplo da sociedade . Isto está nela mesmo, isto está aí. Ideologia para mim é justamente prática significativa , interpretação , não é simplesmente uma ocultação de alguma coisa... é relação mesmo que você tem com as condições de existência , e ela vem com sentido e o sentido justamente não existe solto mas na História. Ele vem devolver e representar certas posições e estas posições é que dão estas questões ideológicas , então não adianta... E a ideologia dominante sem dúvida é a neoliberal, empresarial, essa coisa toda que a gente bem conhece. Só que quando a gente quer na escola desconhecer isso e fazer outra coisa não adianta , quer dizer, é em relação a isso que você tem que ter um projeto para que a pessoa possa entrar não simplesmente recebendo isso , que ela tenha um dispositivo de interpretação para estas coisas e possa ser sujeito desta relação.

(Ana) Apure o olhar...

(Eni) Possa praticar uma relação reflexiva com isso fundamentalmente a nível de escola, de conhecimento. Então aí eu vejo, outra vez eu falo que a formação da ignorância também é querer ignorar que isso é assim. Eu falar 'não, nós vamos construir uma escola diferente' , é a escola é diferente, mas ela e nós estamos dentro da história e a história tem privilegiado ... e não adianta desconhecer . Então não é desconhecer isso, mas reconhecendo que é assim ... se a gente quer intervir de maneira diferente como é que você se relaciona com isso ? Então não pode desconsiderar isso e aí lembrar isto para a gente. Mas aí tem uma dificuldade Ana Flávia que eu queria colocar já quando fala em educação para a gente em linguagem, porque eu estava vendo quando você falou da interdisci-

plinaridade, ou dos universos conceituais que vão contribuir para a educação e tudo, retomando isso... aí eu pensei justamente a noção de interação. A gente tem criticado bastante na Análise do Discurso, há algum tempo, pela maneira e pelo automatismo que se tomou a noção de interação e tal. E o Pêcheux diz uma coisa aí teoricamente muito relevante quando ele fala que os homens não são apenas animais em interação, porque fica de tal maneira biologizado só em cognitivo e não sei o quê e psicologizado também de certa maneira, que apaga a questão da historicidade como constitutiva da sociedade, da relação dos homens... aí vira só essa ação numa superficialidade muito grande como se só estar em interação fosse suficiente. Essa interação é constituída através de uma memória, e essa memória importa muito tá? E essa memória é sentido. Isto é, é justamente a memória discursiva, a memória de sentidos que vai construindo a sociedade como um todo e que tem cada um dos participantes e tal. Aí veja, aí entra numa coisa que eu acho importante pensando na contribuição para a educação e tal, porque o homem segundo esta perspectiva do discurso não é só animal em interação, porque há história e há sociedade, e a sociedade pega pela história. E porque é possível haver sociedade, sem metaforizar o fato de que os animais têm uma sociedade neste sentido de relações justamente interativas... o homem tem a memória, o saber, o conhecimento, mas fundamentalmente a memória que eu acho que distingue aí, a memória discursiva para a gente. Isso significa que, aí eu acho também muito bonito o discurso, dizer que aí a memória significa que os fatos reclamam sentido. O homem não vive os fatos como tal, os fatos... a sociedade se faz na história, e a história é história porque os fatos reclamam sentido, e é ao dar sentido a esses fatos que o homem se constitui na sociedade... nessa relação.

(Ana) E esse dar sentido implica em outras vozes, em ecos de vozes, em historicidade.

(Eni) ... em uma construção significativa, numa relação com o simbólico fundamentalmente do qual ele não pode escapar, ele tem que interpretar, ele tem que dar sentido, ele não pode simplesmente existir sem dar sentido, a existência dele a condição da existência dele é a significação. Ele tem que dar sentido às coisas. Um homem sem dar sentido não sobrevive seja qual for o sentido. Então veja isso para nós é que é a tal da historicidade, mas vem um problema que, geralmente eu falo, que tem que ser colocado para a educação e que eu acho que é linguístico, que é o limite colocado para a aprendizagem e que é uma questão fundamental para a escola. Como os fatos reclamam sentido e o homem é homem, está na sociedade e estas relações existem na medida em que há sentido, em que dá sentido a esses fatos veja, no entanto o sentido não depende só da aprendizagem. Isto é veja na questão da lin-

guagem, você não precisa que alguém fique o tempo todo te ensinando cada uma das palavras para você falar...

(Ana) Formalmente, dentro da questão da intencionalidade? É isso?

(Eni) Isso. Então veja, não é só produto de intenções este sentido, aí que eu falo que a inscrição do sujeito tanto na questão do inconsciente como na da ideologia... há sentido... Por exemplo, por que eu e minha irmã nos filiamos a sentidos diferentes do ponto de vista político? Nós nascemos na mesma família, nós tivemos as mesmas escolas, nós participamos mais ou menos do mesmo mundo imediatamente, agora a minha relação com os sentidos é diferente da dela. Eu historicizo de maneira diferente, eu interpreto de maneira diferente da dela. Em termos políticos vamos dizer, que é o que é mais visível, eu vou votar em um candidato e ela em outro. Por que isso se dá? Na verdade se a gente for pensar na linguagem, justamente porque o sentido não é só por aprendizagem, é por filiação, filiação a redes de sentidos. Aí intervém o inconsciente e a ideologia... é isso a singularidade do sujeito. Justamente o que eles pensam que é, o inconsciente e a ideologia tiram o controle do sujeito... é verdade eu não tenho controle, não sou a origem dos meus sentidos. Na verdade eu retomo os sentidos existentes e a maneira como eles existem em mim eu não tenho controle, eu significo... Porque o sujeito ao significar ele se significa ao mesmo tempo. Nisso daí eu não tenho controle, eu estou determinada por uma memória que vai funcionar em mim de maneira 'x' ou 'y'. Isso aí eu não tenho controle. No entanto a maneira como os meus sentidos me afetam é totalmente diferente da maneira como os sentidos te afetam, etc. Só que isto depois forma regiões, que a gente chama de formações discursivas, que vão fazer com que às vezes eu e você possamos estar numa mesma região embora haja singularidades na maneira como a gente está ali, que é muito diferente por exemplo daquela que o Maluf está. Enfim estas regiões é que, são as que a gente chama de formação, é que vão dar os diferentes sentidos para as 'mesmas coisas'.

(Ana) E aí voltando na questão da interdisciplinaridade, porque ... as coisas fervilham...

(Eni) Mas pode ir falando!

(Ana) Voltando na questão da interdisciplinaridade, porque têm as várias ciências ... essa é uma das teses levantada pelo Saviani, que seria assim: as várias ciências vão dar o fundamento para a educação, só que a problemática vai sair da educação, vai buscar elementos...

(Eni) Ela que vai formular de acordo com teorias que são teorias pedagógicas.

(Ana) E aí os fundamentos vão ser buscados nas várias áreas e vão ser tecidos de uma maneira própria dentro desse espaço educacional.

(Eni) Re-significadas . Aí é que é nenhuma... na Análise do Discurso quando se trata de linguagem , e aí é linguagem porque é como é que os conhecimentos se formulam em linguagem , não tem outro jeito ...então para nós a linguagem nunca é instrumento porque traz uma espessura que não adianta, você pensa que vai pegar a Biologia como instrumento para a educação, ao fazer este gesto você transforma . A linguagem é sempre transformadora, é uma mediação transformadora . Então você tem que re-significar o objeto a partir do ponto de partida que é isso que o Saviani está dizendo. Ao formular você vai trazer para cá , mas você vai ter que trazer como uma formulação própria , você já está re-significando isto que seria para tirar disso aqui , que eu acho ruim também a idéia de instrumento... as outras áreas agora seriam instrumentos ... as áreas não são instrumentais. É outro vício das pessoas falarem 'vai usar como instrumental', não é. Ele tem que re-significar o instrumento dele , porque a Biologia só adquire sentido na educação quando puder produzir sentido dentro da formulação que é da educação e portanto não é mais a do biólogo mas a do educador. Você entendeu?

(Ana)É aí que eu queria chegar... as várias áreas de conhecimento . Então eu queria que você falasse um pouco da Linguística, que é tida como um dos modelos conceituais para re-significar , ou como a gente diz? Fornecer subsídios?

(Eni) Tá certo, não é instrumento não. Eu acho que é uma relação discursiva mesmo. É botar sentidos em relação com outros sentidos. Nessa relação ,é lógico que pode haver mas é isso que eu quero dizer, o que eu acho é que a maneira como tem sido feito ... às vezes os linguistas que querem justamente fornecer subsídios para cá como se a linguagem fosse transparente, eu volto a dizer isso, como se os conhecimentos da Linguística você pudesse aplicar diretamente na educação , não pode. Não é aplicar , não é aplicar. A Análise do Discurso trabalha contra isso porque a linguagem não é transparente , não é assim, é um sentido... veja o sentido, ele tem relação com a tal da exterioridade dele , quer dizer o sentido. Pensando a palavra 'perda' que eu trabalhei com cientistas de alimento uma vez, a palavra 'perda' para o cientista de alimento em termos de alimentação, produtos e tal, e a palavra 'perda' para o lavrador tem sentidos totalmente diferentes justamente por causa desta relação, desta memória .

Essa memória é vida , é prática, não é memória no sentido fluido, é material. O lavrador tem uma relação com a terra e com aquilo que ele produz de tal maneira que para ele a 'perda' é quando dá uma tempestade , alguma catástrofe natural e aí ele perde tudo. Para o cientista de alimento toda vez que no supermercado não alcança o preço desejado é uma perda . É um outro sentido de perda em relação à mesma coisa que seriam os produtos agrícolas , quando uma vagem nasce tortinha é uma perda , porque ela não vai alcançar o mesmo preço lá no CEASA. Você entendeu? Então as palavras são as mesmas mas os sentidos são diferentes. Então aí a gente já pensa , por aí você percebe que quando eu falo em linguagem eu não falo como você fala em linguagem . É uma ilusão a gente pensar que é a mesma coisa exatamente, porque tem essas memórias que vão fazer com que isso ... haja uma diferença . Agora , nós podemos nos compreender por causa disso, porque há um movimento que a gente chama de re-significação justamente, que continuamente faz com que você possa imaginar aquilo que eu estou pensando a partir daquilo que você tem como história de sentidos que te permite compreender aquilo que eu estou te dizendo e tal . Isso você pode projetar em termos de conhecimento, em termos da metalinguagem ... justamente que se constituem metalinguagens aqui , não há uma passagem direta de uma para outra , mas uma re-significação. Tem um artigo , eu gostaria até que você lesse e tal , é um texto do Paul Henry falando sobre a Análise do Discurso, porque a Análise do Discurso começou e a idéia era fazer a crítica à noção de sujeito psicológico mostrando que é mais complicado que isso porque é um sujeito de linguagem , e um sujeito de linguagem nunca é só psicológico falando justamente. É lógico que você pode pensar o indivíduo , mas em termos de linguagem você tem a interpelação de indivíduo em sujeito, e neste interpelar muitas coisas acontecem que é o sujeito simbólico, o sujeito de linguagem. Então é para questionar isso, mas ao mesmo tempo os cientistas sociais estavam muito na expectativa que a Análise do Discurso fosse servir como instrumental de análise para atingir essa coisa do sujeito, mas usando o instrumental da Análise do Discurso de uma certa maneira. Pêcheux mostrou que não é assim , ao mesmo tempo que introduzia um 'instrumental' , introduzia a necessidade da re-elaboração de todo o conceito de sujeito , de linguagem , etc , que portanto havia uma transformação . Quer dizer, a linguagem nunca se pode usá-la como tal, como se fosse informação , aí é que está. A idéia é que você não vai procurar só informação nestes lugares porque não é isso. Então não é esta relação, não dá para fazer isso. O que vai acontecer , porque a linguagem é mais que informação justamente porque ela é processo de significação, é muito mais que isso.

(Ana)E ela é formadora da consciência...

(Eni) Formadora da consciência, formadora do sujeito , formadora do próprio sentido mesmo não é? Da própria coisas...

(Ana)... do pensamento.

(Eni)É! Essa relação é muito mais complexa . Então não tem um lugar que você possa estar fora da história e fora da linguagem e usar a linguagem só como um instrumento e ponto, você já está dentro . O que eu quero dizer é o seguinte, para significar é preciso que faça sentido para você e ao fazer sentido para você, é porque você já tem discursos que permitem que se apreenda estes sentidos de uma maneira ou de outra . Isso a gente vê na vida da gente que de repente você fala 'poxa, mas é isso então!' , quer dizer você vê um sentido que você nunca tinha percebido . Agora , só que isso que parece tão fácil na hora em que você percebe aquele sentido 'pô, como é que eu não tinha visto isto antes ?' não tinha condições de ver porque tinha que ter uma memória que possibilitasse que aquele sentido fizesse sentido para você . E como você vai estar de fora da história para conseguir isso? Isso é a metáfora, para mim, do Paul Henry que é muito interessante sobre a questão do instrumento, está no livro da Gadet e Hak que é aqui da...

(Ana)Gadet , assim?

(Eni) É assim olhe, F. Gadet e não sei o nome do Hak se é T. nem sei... mas é uma introdução ao pensamento de Pêcheux. Então são vários artigos e tem este do Paul Henry falando sobre a origem da Análise do Discurso que ele diz que no fim ela virou um Cavalo de Tróia entrando nas ciências sociais e humanas , porque eles queriam usar como instrumento , só que dentro do instrumento tinha uma revolução.

(Ana) Boa metáfora!

(Eni) É uma boa metáfora! Mas ele fala sobre essa coisa da re-significação dos instrumentos teoricamente que é muito bonita . Eu acho que isso é muito bom para pensar isto daqui. Como que ao se servir da Linguística ao mesmo tempo você tem que deslocar a Linguística em relação à educação? E o linguista aí tem a mania de pensar , o linguista puro, que ele vai só introduzir 'não só' ... e eles falavam, até na F.D.E. eu fui fazer uma conferência, e eles falavam 'atrás do texto...' eu acho 'a língua!', 'atrás da letra...' você lembra aquela coisa da alfabetização que eles fizeram? Falavam 'atrás da letra , a língua' para mostrar que tem a língua e que então você teria que levar em conta a análise linguística para poder trabalhar com linguagem , não é? E eu fui fazer uma conferência neste mesmo programa falando 'atrás da letra,

a história' e aí eu quero te falar uma coisa , eu tenho isso está num artigo meu em um livrinho chamado 'Interpretação' , mas o que eu acho importante chama 'Autoria e Interpretação', mas eu quero pôr em geral , quando eu falei para você que o problema é... se há coisas que não são sujeitas à aprendizagem aí você tem razão teria que ver então... se na linguagem tem isso, como lidar com isso em termos de educador? Mas não é da maneira que o linguista lida, o educador vai ter que formular isso para ele... tem que re-significar isso, não pode usar o material da Linguística , é isso que tem dado errado. E aí um professor meu vai ter que aprender Linguística? Então se é assim , vai ter que fazer primeiro Linguística, fazer não sei o quê depois ... não é assim! Como é que deste lugar você pode formular e re-formular , no sentido de re-significar estes objetos de conhecimento dentro da sua perspectiva ...

(Ana) Como se esses campos formassem uma memória para a educação?

(Eni) Isso, mas como fazer isso sem ter que entrar naquilo que é específico... como é que você re-significa sem que isso seja... nem que você tenha que conhecer totalmente aquilo , nem que aquilo seja um instrumento que você vai simplesmente usar e jogar fora o resto , é um outro processo mesmo. Mas veja, aí é que eu quero te dizer , é a idéia da repetição , eu acho que é isso para o aluno mas é também numa relação de campos de conhecimento desta maneira. Eu trabalho com a repetição dizendo que existem três tipos de repetição para mim neste texto: é o que eu chamo de repetição empírica, a repetição formal e a repetição histórica. A repetição empírica é o 'efeito papagaio'. Então você pega na Linguística uma coisa e repete simplesmente 'a língua é um sistema de signos', tá? Isso é repetição empírica no sentido de que você ouviu isso e você fala isso. Você vê num aluno isso quando ele repete , você ensina uma fórmula ele repete depois sai da escola e saiu da aula não sabe mais . Por quê? Porque é só um efeito mnemônico , só está numa memória que é a lembrança, não está numa memória historicizada. Ela está só no repetido pelo 'efeito papagaio' mesmo . Eu chamo assim a repetição empírica , aquela que você decora, é o decorar sem nenhuma profundidade. Depois no formal é assim , na repetição formal para mim por exemplo é a pessoa já perceber que quando fala 'a língua é um sistema de signos' ela poderia dizer 'a língua é instrumento de formação'. Ela já percebe que há uma possibilidade formal entre uma coisa e outra mas sem que haja possibilidade dela interpretar isso de acordo com a história de sentidos que ela tem . Ela é capaz... então são os bons alunos às vezes, alunos que fazem, até falam outras coisas sobre aquela porque não é uma repetição estrita , formal, ela já lida com as possibilidades formais de dizer outra coi-

sa mas que não sai daquele mesmo. E isso também já é um passo em relação à empírica porque não é só a mesma coisa, ele é capaz até de dizer outra coisa parecida ou que esteja naquele mesmo modelo, mas que ainda não faz sentido dentro da memória discursiva dele. Eu acho que se chega num ponto bom quando você, ou esta repetição, é uma repetição histórica isto é... de acordo com a sua memória aquilo é formulado, re-formulado e re-significado de tal maneira que você não é só capaz de dizer aquilo, como outras coisas que tenham uma relação com isso mas que já são transformação disso. Então é o aluno que aprende uma coisa e já sabe 'usar' isso para pensar uma outra e que às vezes vem com idéias totalmente novas e tal. Por que isso aqui é evitado? Porque é aqui que tem erro. É aqui que... porque para historicizar na sua memória muitas vezes, muitas vezes não, você produz um não sentido porque aquilo pode não fazer sentido na tua memória, então você produz primeiro alguma coisa para ser trabalhada e que não faz sentido ainda para você. Então nesta busca de fazer sentido com o não sentido você enfia o pé no buraco, você erra. E aí muitas vezes nesse processo é que a pessoa é desestimulada a historicizar a repetição. Fica mais fácil ela repetir a paráfrase mesmo, porque aqui tem paráfrase (repetição empírica) e aqui também (repetição formal), essa é colada, é uma paráfrase no sentido de colagem, e esta já é uma paráfrase que não é colagem, você até diz com outras palavras a mesma coisa, só que você ainda não saiu da mesma coisa. Na historicizada você já saiu porque você já está historicizando de acordo com a sua memória e como você tem... toda produção de memória tem as diferenças que vai trazendo, aquilo que vai adquirir sentido de outras maneiras para você que não é aquela só que o professor está dizendo. É onde você se apropria, você torna próprio, você pega aquele discurso e faz significar no seu discurso. Ele passa a significar e você pode... aí sim ele tem uma mobilidade enorme, isso que é o aprender mesmo do meu ponto de vista. Você entendeu? E aí que eu digo, você não tem jeito de entrar na consciência do sujeito, lá nesse discurso, nessa memória do sujeito para fazer isso fazer sentido aqui... e aí que eu falo que tem um limite essa coisa da aprendizagem, mas aí eu acho que...o mais importante já que a gente sabe que é assim, é criar condições para que a linguagem faça seus efeitos no sujeito, dentre os quais este efeito aqui que é o da historicização dele. No caso para mim é justamente isso a relação da Educação com essas coisas. Não é só para repetir aquilo que a Linguística diz nem por colagem, nem formalmente, que eu acho que está num ponto que é formal e os professores sentem isso e vêem que tem uma inutilidade enorme. Carregar só uma série de artefatos que dão uma representação dele em termos da disciplina mas que não funcionam em termos da prática dele... pedagógica. Por que? Porque não chegou a historicizar, isso daqui tem

que entrar sim naquilo que é o universo próprio da educação , capaz de re-significar aquelas coisas . Então isto que eu estou dizendo é o seguinte , tem gente que pensa substituir a questão pedagógica e a questão da educação através desta relação entre as outras disciplinas e isso não pode substituir a formulação e a teorização própria neste campo. Aí vira um universo de ninguém ... a Educação fica só um cruzamento de todas estas coisas , não é?

(Ana) Que seria no caso as ciências da educação, apenas uma...

(Eni) É eu acho. É isso que eu quero saber, eu não sei o que é vocês é que vão saber. Porque quando se está discutindo isso você não está com o sentido já dado , estão os sentidos aí, por isso eu acho um momento muito bom para fazer pesquisa e tudo. Porque , vamos supor, é ciências da educação ou ciência da educação , então ela digerindo tudo isso ... digerindo historicamente não é? Ou você pode chamar de Pedagogia mesmo porque tem uma história de um conhecimento que já está aí ... o que vai dar aí eu não sei ainda .

(Ana) E a própria questão do que é a educação , porque a educação até hoje sempre tem sido vista , mesmo no curso de Pedagogia , como formação de professores só. Então reduz-se todo o sentido da educação ao espaço escola.

(Eni) E eu volto a dizer, isso é uma necessidade histórica , não está surgindo porque os professores têm boas intenções ou porque ... é uma necessidade histórica . Para mim tem que ver com esta reorganização do desenho do conhecimento com disciplinas e eu acho que... por isso que eu falo que a Análise do Discurso é uma disciplina de entre-meu , inclusive assim ela não está nem de um lado nem do outro e por isso ela é inter, mas não é interdisciplinar. Neste artigo meu para mim a interdisciplinaridade pretende que você tenha objetos de conhecimento já constituídos e você faça ... o inter seria juntar coisas de um e de outro . Ora, para mim a Análise do Discurso é uma interdisciplina , mas eu até falo disciplina de entremeio para não falar interdisciplinar porque não é isso. Ela se faz na contradição da relação das disciplinas que constituíram os objetos . Então nós temos fundamentalmente para a Análise do Discurso a Linguística e as Ciências das Formações Sociais ... Sociologia, mesmo História e tudo, e se pensava que a Análise do Discurso era uma coisa que ia juntar conhecimentos daqui e daqui , mesmo que de uma maneira específica mas, juntaria daqui e daqui. Ora, não é isso. A Análise do Discurso trabalha justamente neste espaço, quando você fala de espaço olhe, neste espaço que se forma e que mostra , este espaço sintomático que mostra que para se constituir a Linguística teve que deixar de fora algumas coisas que as Ciências Sociais pega, mas

que por sua vez para se constituir teve que deixar de fora aquilo que a outra pega. Então , não é juntável isso e é uma contradição. A Análise do Discurso vai trabalhar justamente num objeto específico dela que não é a soma disso, não é juntar isso mas é justamente trabalhar o porquê tem uma especificidade aqui que não permite que isso possa se juntar a isso para dar isso aí. Você entendeu? É uma coisa específica.

(Ana)E aí como fica a questão da prática?

(Eni)Da Análise do Discurso? Ela tem que construir o seu objeto teórico para poder trabalhar isso aqui, porque é isso que dá um objeto específico para ela , não é a junção disso com isso.

(Ana) Porque aí está a questão da educação que como eu falei no começo está diretamente ligada à prática, a Análise do Discurso também.

(Eni)É fundamentalmente. A Análise do Discurso é o seguinte, ela considera que a teoria , a gente fala relação entre teoria e análise. A Análise do Discurso é como a Psicanálise , o Freud não tinha uma teoria e depois ele foi fazer a prática analítica . É na prática analítica que ele foi sendo obrigado a construir um instrumental teórico para compreender aquilo ... e ele não tinha nem discursos anteriores que desembocassem ali, tanto é que ele pegava mitos , pegava literatura enfim, porque ele não tinha um discurso que fosse possível . Ele teve que construir ali este discurso que seria o trabalho da Psicanálise a partir de casos que ele fazia, ele foi construindo um meio... é isso que eu falo , há um empréstimo meio selvagem da Psicologia , da Literatura , disso, daquilo para construir este outro discurso que é fruto de retalhos. E aí que eu digo tem sempre uma repetição porque não tem jeito de fazer sentido se já não há sentido. Você pega retalhos de uma coisa e de outra e isso vai ser re-significado, vai formar um outro universo de sentido , um outro domínio. Então a Análise do Discurso é isso, ela é primeiro análise depois teoria . A Análise do Discurso faz intervir o que justamente... é para você pegar um material de linguagem e tentar concebê-lo como discurso e para concebê-lo como discurso você precisa pensar que ele tem uma relação com a exterioridade. A exterioridade para nós é a questão do sujeito e da história , que estão ali porque para nós os sentidos , a linguagem não significam em si... para o lingüista puro significa, então a linguagem é autônoma , quer dizer é um sistema nela mesma fechado. Para o analista de discurso ela é relativamente autônoma porque para significar ela precisa se inscrever na história , não há sentido dentro da linguagem.

(Ana)A memória...

(Eni)... é a memória, mas é uma memória particular esta daqui, é uma memória constituída inclusive pelo esquecimento porque justamente este sujeito é formado pelo inconsciente e ideologia onde há esquecimento. A gente esquece que os sentidos já estão circulando e que quando ele entra, quando a gente nasce os discursos já estão aí e você para fazer sentido precisa retomar sentidos preexistentes, mas você retoma como se fossem seus, como se a produção fosse sua, como se fosse a origem.

(Ana)A produção individual...

(Eni)Então há esquecimentos constituídos aqui nesta memória, e essa que é a memória discursiva para a gente, que é esta daqui da linguagem. Então para nós não tem jeito de pensar o discurso sem isso. Bom, já que a gente pensa que o discurso é essa relação da língua com algo que é exterior à ela, a gente precisa construir uma teoria que fale disso, então a noção de interdiscurso que é dessa memória, a gente vai fazendo as definições mas numa região teórica em que há esta contribuição que você está falando para a educação, nós já temos para a Análise do Discurso que é a das ideologias...que não existe justamente porque a que é aceita na Sociologia não serve porque eles não pensam a linguagem, é a mesma questão. Então a Teoria da Ideologia que a gente fala que são os campos constitutivos, a linguagem enquanto Teoria da Sintaxe e da enunciação, dos mecanismos da enunciação que é a parte da Linguística que importa na Análise do Discurso mas que também não é retomada como tal é re-significada e a Teoria do Discurso mesmo, o que que é a Teoria do Discurso? É a determinação histórica dos processos de re-significação. Então o campo da Análise do Discurso é constituído por estes três campos teóricos. O trabalho é justamente neste vão, nesta coisa que não é nem a Linguística, nem as Ciências Sociais e nem a junção disso. É justamente a falta, o trabalho com o lugar desta falta. Quer dizer o que falta aqui que aqui diz. Mas você não pode colocar junto porque aí você destrói aqui, não tem jeito, não pode pôr. E houve um momento em que quando a Linguística virou a ciência piloto das ciências humanas e tal, as ciências sociais vinham buscar na Linguística modelos para dar conta dos objetos... não dá porque a Linguística para poder dar conta disto tem que deixar de lado aquilo que a Sociologia pensa como social. Quando a gente fala que a língua é um fato social, quando Saussure fala isso, fala de um lugar muito específico que não é o social idade, sexo, e 'não sei o quê'... e não adianta isso na linguagem, não é isso o que importa quando você fala em língua. A idéia de fato social, e isso aí é bonito, é porque ela existe para todo mundo e não é produto de nenhum em particular. É só isso que é o social para a gente. Então é bem interessante este trabalho meu

, este livrinho que chama 'Interpretação' eu não tenho ele aqui... É um livro da Vozes que eu publiquei agora , é pequenininho chama 'Interpretação' , a Ana Luiza Smolka tem que eu sei porque eu estive em uma banca e ela falou que tinha visto. 'Interpretação' é este livrinho meu da Vozes , mas tem aqui, já tem por aí porque tem aluno meu que já comprou. Tem um primeiro que chama 'Entremeio e Discurso' que eu falo destas coisas , seria interessante depois você dar uma olhada.

(Ana) E como fica Eni esta história de ciência, a Análise do Discurso é ciência ? Porque o que aconteceu ... é assim alguns falam que a educação não pode ser chamada de ciência porque implica numa prática . Aí é interessante porque na entrevista do Renato Ortiz , por isso que é bom fazer oralmente porque dá para ir retomando e tal, ele diz o seguinte que é uma pretensão muito grande do pedagogo querer ser ciência , porque ela não produz nenhum conhecimento novo , ela retomaria o conhecimento das outras áreas ... Aliás tem um professor em Goiânia também o Ildeu Moreira Coelho que ele diz também isso que a educação não pode ... mas o argumento dele é outro, não pode ser tida como ciência porque a ciência particulariza e a educação exige síntese. Então como fica a Análise do Discurso?

(Eni) Esta da síntese é séria . Porque eu acho que tem que ter síntese sim, agora e a particularização... Aí é que está, eu acho que todas estas daí , justamente está num momento em que a própria noção de ciência precisa ser pensada, você está com dois paradigmas aí o positivista e o historicista. No paradigma positivista isto que o Ortiz diz e isso que ele diz têm eficácia mesmo, você não pode neste paradigma afirmar que ela é uma ciência ... e aí a própria noção de prática , como se a prática não fosse transformadora e é a idéia de práxis que tem a relação entre teoria e prática e que está na educação. Você não separa desta maneira.

(Ana) E eu não posso dizer que por ser práxis não é ciência...

(Eni) Não , lógico que não. Do meu ponto de vista não. Você produz conhecimento novo , ou não produz? Produz conhecimento novo sim. Agora é justamente o que fizeram na Linguística . Para a Linguística ser ciência fizeram a Linguística teórica e a Linguística aplicada . Agora o aplicar já virou aplicadas... é a noção de aplicação que você tem que por em questão não a noção se é ciência ou não é ciência, mas o instrumento e a prática disso na aplicação . Tirar esta desqualificação que é feita sobre a prática, porque ela é vista como aplicação e instrumentação. E ela é isso para mim. Ela é teorização...

(Ana) E implica em um conhecimento novo num espaço também.

(Eni) Implica, lógico. Ah, mas vê isso daí, depois a gente pode conversar até de novo para ver o que você conseguiu.

(Ana) Eu posso trazer para você depois ler ...

(Eni) E neste artigo meu que é do 'Imediato e função' ... como chama? Porque eu fui convidada para ir em Santa Maria que foi quando eu fiz isso aí, depois eu pus no livro e esse livro junta justamente várias coisas aí... porque a outra mistificação seria a noção de interpretação dizendo que as ciências como a Física, etc não têm interpretação e as ciências humanas têm interpretação. Então não seria ciência também, é outra forma...

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE LADO DA FITA

(Eni) A relação com a interpretação é sempre necessária, há sempre interpretação. Mas há isso sim nessas ciências positivistas... a interdição de certas formas de interpretação. E aí tem um dos artigos que eu fiz na educação também, uma conferência que é sobre leitura e discurso científico, onde eu falo de interpretação também no discurso científico. Está neste livro também, no 'Interpretação' que eram coisas que eu estava falando aqui e lá e que eu juntei e publiquei pela Vozes. Mas apresentei na educação mesmo esse 'Leitura e discurso científico' quando teve um COLE e eu fui convidada para apresentar na Educação. E aí eu falo como precisa a linguagem sempre, mesmo na metalinguagem é preciso que você tenha linguagem para ir para a metalinguagem. Quer dizer, em última instância o que eu estou dizendo é que a última língua é sempre a língua materna, como você aprende uma metalinguagem? Através da língua materna. Se você não tem a língua você não aprende a metalinguagem. Então ela é sempre interpretável, mesmo a metalinguagem. Então quando você fala assim $2+2$ é 4 é por convenção, é uma metalinguagem e para você aprender isso é preciso que você saiba pelo menos o que é convenção. Quer dizer, como é que funciona esta linguagem então isso é pela sua linguagem. Então há sempre interpretação, mesmo nesta questão. Esse critério não precisa ser o que é ciência e o que não é.

(Ana) Perfeito Eni, nossa deu... está fervilhando, e o bom é que deu para eu discutir com você, retomar a questão do Renato Ortiz... aí ele falou que é uma pretensão, por exemplo engenharia, engenharia não é ciência, é uma aplicação... o conceito de aplicar, uma aplicação dos conceitos de Física...

(Eni) Tecnologia! Aí eles vão falar que são ...

(Ana) Isso! Como estes conceitos são fortes e estão impregnados...

(Eni) Aí eu digo também que não é só o que eu digo que você deve tomar, não só o que o Ortiz diz e esse moço, como ele chama? Importante isso também, porque são questões mesmo para serem colocadas. Mas a partir daí, eu acho justamente neste momento em que vocês estão repensando tudo isso eu acho importante pensar isso que eu acho fundamental e que eu saquei, mas que tem que cada um pensar na sua disciplina como é que é esta coisa, que a noção de linguagem, de sujeito muda no século XX muito e as ciências humanas foram constituídas no século XIX mantendo um pouco certas noções de sujeito e de linguagem que não dá mais para manter. Na medida em que não mantém é que começa a aparecer a necessidade de, para caracterizar como ciência, fazer intervir ou não, formalizar ou não a sua própria linguagem. Quer dizer, são questões que surgem por causa da crise da noção de Sujeito e de Linguagem fundamentalmente falando. E há necessidade histórica, sem dúvida, de se redefinir o campo da ciência. Não dá mais para manter daquele jeito, que a interdisciplinaridade para mim é uma armadilha. É uma armadilha no sentido de que diz 'eu posso juntar isso daqui com isso daqui e eu tenho uma outra disciplina aqui que é feita da relação destas disciplinas'.

(Ana) E o próprio conceito de tese-antítese ele é simplificado...

(Eni) Lógico, porque a noção de prática está simplificada.

(Ana) Eni obrigada viu?

(Eni) Eu acho que é por aí...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM MÁRCIO FERREIRA DA SILVA.

Professor da Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Departamento de Antropologia Social.

Formação básica: Antropologia.

Campinas, 25 de setembro de 1996.

(Ana) Deixe-me te colocar a par então do meu espaço. Estava lendo de Certeau agora e ele fala justamente desta questão dos lugares e dos espaços. Dos lugares como o próprio, o estável e os espaços como lugares praticados, então tem a variável tempo, tem o como ocupar este espaço. Então eu vou te dizer um pouco do meu espaço para depois poder chegar onde eu quero, que na verdade são as tatuagens que a Antropologia deixa no espaço da Educação e o como esse tatuar e o rememorar as tatuagens ficam, como se articulam neste espaço. Então, a Pedagogia está passando por uma crise de especificidade, o que ela é, ela é uma ciência, ela não é uma ciência, ela é um espaço de articulação de ciências? O objeto é muito claro, a educação. Só que a educação por ser uma prática, por ser ao mesmo tempo processo e produto não dá para dicotomizar o ato de produção e o produto, é o ato do homem se humanizar, é a segunda natureza, é a incorporação de uma segunda natureza. Então todo esse objeto e essa complexidade do objeto estão gerando esta polêmica. E os personagens são de uma maneira ou de outra as várias áreas que dão fundamento para a Pedagogia: a Antropologia... os vários modelos conceituais, a História e tal. Então a minha pesquisa vai justamente por aí, resgatar o como cada ciência ou um representante de cada ciência representa... nas categorias de Lefebvre de representação... como ele representa, o que ele intui entre o concebido e o percebido, na verdade é um entremeio aí o como ele vê essa relação. Por exemplo no seu caso como você define a Antropologia, que conceito de Antropologia...

(Márcio) *Você está querendo falar na sua relação com educação ou num inteiro?*

(Ana) Na minha pesquisa vou abordar diretamente a educação, mas no caso eu estou entrevistando as pessoas que não necessariamente trabalham com educação. Então no caso você, o que seria Antropologia, seria uma ciência ou não, qual o objeto dela... porque ela é tida como um dos modelos conceituais para a Educação, e o como você veria a relação. Mas isso depois eu vou tirando com você. Então a primeira coisa eu queria que você falasse agora do seu espaço, a Antropologia o que seria ela?

(Márcio) *Eu não chamo de ciência mas de disciplina.*

(Ana) *Você não chama de ciência?*

(Márcio) Não. Mas não por que acho menos, menos do que outros ramos do conhecimento mas porque têm certas características que distinguem esta atividade de outras que são mais conhecidas como ciências. Então a palavra disciplina é uma palavra que, acredito, me livra de ter por um lado que definir o que é ciência e por outro lado de conferir um atributo que é absolutamente inegável, atributo que não está em risco. Se trata de uma disciplina e uma disciplina que tem no quadro da ciências humanas um conjunto de marcas entre as quais se destacam as seguintes: em tese diz respeito às possibilidades de entender ou do aprimoramento, da fabricação de instrumentos analíticos que permitem entender o diferente, de entender tradicionalmente... a Antropologia voltou os seus esforços para o conhecimento destas sociedades com as quais o Ocidente entrou em contato. Tudo se passa, não estou dizendo o que é, mas tudo se passa como se a Antropologia fosse, correspondesse a um tipo de disciplina que construiu algo como um telescópio, algo como um instrumento que só faz foco a partir de uma certa distância. Portanto muito adequado para ver certos fenômenos e não muito bom para ver outros. Em tese, como por exemplo o microscópio é um outro instrumento ótico também muito interessante para certas utilidades mas não para todas as utilidades. Só o olho humano talvez seja capaz desta elasticidade de ver tão perto e ver tão longe, mas nenhuma disciplina corresponde a este olho. Cada disciplina cria algum instrumento analítico e a especialidade da Antropologia estaria na construção de um instrumento que está em constante elaboração, que permite ver com firmeza coisas que acontecem longe do nosso universo social.

(Ana) A apreensão de outros espaços...

(Márcio) É apreensão de outros lugares, outros espaços, outros tempos, enfim de outras maneiras de ser que estão distantes do nosso dia a dia.

(Ana) E como você veria uma contribuição da Antropologia para a Educação?

(Márcio) Eu trabalho numa... quer dizer eu nunca pensei numa relação entre estes dois termos grandes, entre duas disciplinas como a Antropologia e a Educação. Em alguns momentos quando tenho entrado em contato com especialistas em educação tenho me dado conta de uma coisa que eu nunca consegui elaborar mais do que o que eu vou te falar. É o fato de que em alguns casos noções centrais nas duas disciplinas parecem se confundir. Eu me refiro a duas praticamente: a noção de cultura em Antropologia e a noção de educação em Pedagogia. É como se em certos debates tudo se passasse como se estas duas categorias, cada uma na sua disciplina fossem categorias que pretendessem abranger tudo. É como se num certo plano de discussão

tudo fosse cultura, todos os fenômenos que nos interessam como a Antropologia correspondessem ou fossem encobertos ou fossem cobertos... encobertos não, cobertos... por uma noção de cultura. E me parece que a noção de educação sofre do mesmo mal. Quer dizer educação é tudo em certos contextos. Em sentido amplo tudo tem a ver com educação, assim como tudo tem a ver com cultura. É como se a presença destes dois, esse é o lado ruim da interface entre a Antropologia e Educação, é como se bastasse um dos dois conceitos. Eu posso chamar por exemplo as invenções, as criações, as práticas de uma sociedade como algo que tem a ver com uma educação, com a educação em sentido amplo, mas também posso falar isso como se tivesse a ver com a noção de cultura. E em certos momentos não me parece nítida até a diferença destes dois termos. Eu acho que deveriam ser diferentes, a língua nos oferece essas duas alternativas e é uma boa oportunidade acho que de... bom pensando no geral eu não tenho muito a dizer sobre isso a não ser isso que eu já disse. Em termos mais específicos eu trabalho há alguns anos em parceria com o movimento dos professores indígenas. Eu tenho estabelecido durante um bom tempo um contato com eles. Quer dizer embora nunca tenha refletido, em termos assim estudado educação, fui obrigado em função desta parceria a me debruçar sobre temas associados à educação. E o panorama atual é mais ou menos esse que eu lhe dei. É como se você estivesse digamos aqui e ali uma reação muito grande e muito positiva em relação a modelos de escolas que foram impostos pelas agências do Ocidente às sociedades indígenas, ao povos... às sociedades em geral. E essas escolas de uma certa forma apresentam a despeito de suas diferenças, um conjunto de procedimentos que me parece que são muito semelhante. É como se houvesse um modelo de escola feito para os povos indígenas que tivesse como efeito final o que a gente pudesse chamar de negação da diferença. A implantação dos diversos projetos escolares ao longo dos quatro séculos teve como efeito e eu não chamaria de efeito colateral e sim efeito de negar. A escola passa em muitos momentos, em grande totalidade dos casos que estão sendo no passado a momentos em que seria dela justamente negar as possibilidades de diferença entre as sociedades.

(Ana) E mesmo como instituição a-histórica, sempre fosse necessária...

(Márcio) Agora há outros modelos que me parecem que são variações sobre o mesmo tipo. Se os primeiros correspondem a um modelo de inovação grosseira e autoritária, há um outro que me parece mais ou menos do mesmo tipo que eu chamaria de modelos não de negação da diferença mas de sua domesticação. Eu me refiro a certos modelos de educação para os outros, especialmente para os povos indígenas apoiados em noções como tem fato que você não vai obrigar ninguém mais abandonar a sua língua, fazer a escola nas

línguas nativas. Procurar de alguma forma pelo menos do ponto de vista plástico, de alguma forma contornar esta questão. Não se trata mais de fazer uma sala de aula, um professor autoritário, num horário das 8:00 às 12:00. A gente pode fazer uma escola de palha...

(Ana) Mas sempre uma escola...

(Márcio) Exatamente. Eles podem vir à vontade, não precisa ter uma lousa ou um quadro negro. Abre-se mão de uma série de coisas...

(Ana) O material muda mas...

(Márcio) Muda tudo mas o conteúdo pelo menos num ponto específico, que diz respeito à fabricação de indivíduos para o Ocidente parece continuar do mesmo tipo.

(Ana) Só abrir um parêntese, porque o fato de eu fazer uma entrevista não escrita e sim oral é bem da questão buscando em Bakhtin a questão do enunciado, do bate bola. Eu fiz uma disciplina com a Olga von Simson de Educação Não-Formal e a questão do índio, eu estava lendo 'Fuero' não sei se você já leu fala sobre a questão indígena e da Catalunha ao mesmo tempo, e eu falei 'não, vou adentrar a educação indígena' e fui buscar coisas na biblioteca. Fiquei frustradíssima porque só apareciam escolas para índios sob essa forma ou a outra mas sempre uma escola para o índio, sempre de mão única. Quando eu fui buscar a educação indígena eu queria justamente buscar, tanto é que falei com a Eni Orlandi, um diálogo com um índio, como eles trabalham com a questão do processo educacional. Eu sei que não existe a institucionalização que existe na nossa sociedade, mas como se dá no cotidiano deles, como... isso não aparece, não existe o lugar da polêmica é sempre da paráfrase.

(Márcio) E não, depois acho que tem uma questão que se fala muito hoje em moderna coisa contra um modelo de negação da diferença, de uma escola indígena adequada, de uma escola indígena específica, de uma escola indígena diferenciada mas pouco se fala ainda sobre as possibilidades de uma escola indígena autônoma. Em outras palavras, quem manda na escola? Se fala muito, há um investimento muito grande em repensar currículo.

(Ana) E os objetivos da escola de quem são?

(Márcio) É e de currículos. Por exemplo ninguém fala em regimentos, é curioso uma discussão, é como se o primeiro regimento não tivesse importância nenhuma numa escola. É como se o currículo não dissesse respeito a tudo que fosse fato importante de se prestar atenção. E o que se observa é que há um hiato enorme, eu não conheço ninguém ou

muito pouca gente que esteja trabalhando por exemplo numa remodelação de regimentos, que tocam num ponto que é absolutamente essencial. Em tese o que eu quero dizer mais ou menos é o seguinte em qualquer lugar onde ela exista a escola está sempre ligada a um projeto que a transcende. Só para dar um exemplo dentro do mundo ainda assim isso não vale só para o Ocidente. Eu já li, mas eu não tenho muita informação, de que por exemplo em certas sociedades tradicionais como a asteca de que se criou em algum momento da história, e isso não tem nada a ver com o contato com os europeus, algo que poderíamos chamar de escola. Locais socialmente definidos onde as pessoas iam aprender algumas coisas e sair com alguma qualificação para alguma coisa. Estas escolas astecas, escolas em sentido amplo, formavam basicamente dois tipos de pessoas: formava sacerdotes e formava guerreiros em função de enfim galgar tais necessidades que a sociedade asteca tinha daquelas pessoas. É preciso ter guerreiros e é preciso ter sacerdotes. E isso correspondia a uma formação específica, algo que não podia ser feito a partir do cotidiano doméstico, então eles iam para estes espaços. Mas veja que em qualquer situação temos a escola sempre associada a um projeto de sociedade, a um projeto que a transcende. A questão que se coloca em relação à educação na minha opinião pensando como antropólogo é essa. Tendo em vista que não está claro que as outras sociedades que existem no planeta tenham exatamente os mesmos projetos do Ocidente, e tendo em vista de que se pretende em alguns casos levar uma reflexão sobre a escola para outra sociedade a pergunta é: a que projeto de sociedade as assim chamadas escolas indígenas se associam? Trocando em miúdos sem querer simplificar a questão mas sim colocá-la nos termos em que estou pensando que dizer o seguinte, imagine uma situação hipotética de um povo qualquer, uma sociedade indígena no Amazonas por exemplo que decide por séries de razões estabelecer uma escola. Quando eu estou falando em escola estou falando em um tipo de educação que começou a ser importante, um espaço socialmente definido e que tem uma certa importância com a intensificação do contato entre essas sociedades e a nossa. Por uma razão muito simples dita por eles 'estamos sendo enganados no troco' ... as sociedades indígenas observam muito rapidamente uma coisa fundamental que é o lugar da escrita na nossa. E a escrita na nossa sociedade gerou um poder absolutamente enorme. A escrita permite...

(Ana) Mesmo a questão das terras, às vezes uma assinatura... a questão da legislação...

(Márcio) Exato! Então o nosso mundo gira sobre esse eixo. Toda sociedade que tem escrita, toda sociedade como a nossa a religião é escrita, o direito é escrito, isso é muito claro e é muito fácil eles perceberem que por exemplo isso é importante e daí uma vez que este tipo de co-

nhecimento é transmitido no espaço escolar é muito comum...

(Ana) Será que eles não teriam um modo para nos ensinar como aprender a escrita num espaço não escolar?

(Márcio) Não porque eles não têm escrita, como eles vão ensinar uma coisa que eles não têm?

(Ana) Não, mas eles não têm o conteúdo...

(Márcio) Não, eles não têm a forma.

(Ana) Então! Eles não têm o conteúdo no sentido de a escrita. Mas a partir do momento em que entraram em contato com a gente, com a nossa sociedade será que eles não conseguiriam por exemplo algum deles ter acesso a essa escrita e voltando para lá tentar incorporar isso no cotidiano deles? Porque eles têm acesso por exemplo aos objetos que a gente usa. Então eles têm acesso à escrita desta forma. Será que eles não conseguiriam uma outra forma? Questão de metodologia mesmo.

(Márcio) É, mas eu não sei se isso de fato acontece deste jeito porque é possível perfeitamente um índio por exemplo de determinada sociedade sair de lá e ir aprender a escrever em algum lugar, depois voltar e até ensinar outros a escrever. Quer dizer isto pode acontecer.

(Ana) É, mas ensinar os outros dentro da mesma forma que ele aprendeu. Porque eu penso assim, às vezes a gente não dá a voz para o índio para que o índio nos mostre o como. Porque a gente vê em educação as crianças muitas vezes nos mostram o como...

(Márcio) Eu não sei se isso acontece porque criança é diferente, criança é do nosso grupo.

(Ana) Ela é da nossa mentalidade...

(Márcio) Eu não concordo com esta tese de voz. Eu acho que na verdade por mais que você tenha... não basta aprender a escrever, como te disse não existe nenhum lugar do planeta com uma tradição em escrita onde a religião não seja escrita, onde por exemplo o direito não é escrito. E isso não quer dizer que as religiões dos povos sem escrita sejam mais fracas ou menos interessantes, ou menos estruturadas... Porque eu vejo uma positividade em não ter escrita. Por exemplo no caso da religião existe o dogma, o dogma é um produto da língua escrita. O que é exatamente um dogma? Corresponde a uma proposição verbal imutável e você só tem isso na escrita, você não tem isso no oral... teoricamente. O que é uma lei no sentido nosso do termo? Corresponde a um texto, um texto escrito, texto

sujeito a uma exegese, sujeito a uma interpretação mas que para ser entendido como tal precisa ser um texto imutável. É preciso que a lei seja formulada de uma maneira e não mude para que você possa interpretá-la de um jeito ou de outro, possa haver polêmica mas é preciso que ela tenha substrato escrito e eu não conheço nenhuma sociedade indígena que tenha incorporado a escrita e que isso tenha tido como consequência... não existe na minha opinião língua oral ou língua escrita. O que existe é sociedade oral e sociedade escrita. A escrita não é um atributo da língua e nisso eu estou me colocando contra o pensamento dos linguistas. A escrita é um atributo da sociedade, não tem nada a ver com língua.

(Ana) ... do como ela (sociedade) se organiza.

(Márcio) Exato, não tem nada a ver com língua neste sentido. A língua é uma instituição, quer dizer a escrita constitui uma instituição. A língua eu não diria que seja uma instituição mas a escrita corresponde sem dúvida alguma. Então o ponto é... voltando à questão da escrita acho que o que me interessa mais é discutir numa interface entre a Antropologia e Educação, pensando do ponto de vista da Antropologia é ver se é possível, isso que eu queria saber, se é possível escolas indígenas não no sentido de que elas tenham métodos indígenas ou se ensine a língua indígena onde enfim tudo seja indígena, mas se é possível uma escola em que os índios mandem, uma escola onde...

(Ana) Primeiro eles teriam que conhecer o que é uma escola porque também não está incorporada no cotidiano deles...

(Márcio) Exato! O problema é esse, a escola não se dá... pelo seguinte só faz sentido escola, quando falamos em escola falamos de duas coisas diferentes que não precisam ser confundidas: numa escola reconhecida por nós ou numa escola não reconhecida por nós.

(Ana) Como na questão dos astecas um espaço...

(Márcio) Exato, que é reconhecida por eles, pelos astecas. Que nós não reconhecemos como tal mas que eles reconhecem, na lei asteca era reconhecida. Então a questão é saber se existe esse negócio na escola indígena. Porque na minha opinião escola indígena é escola onde índio manda, até agora não vi nenhuma neste sentido. A questão não é o que ensina...

(Ana) Então quando eu lhe digo, é bem isso o que eu penso. Talvez não tenha conseguido explicar direito. Quando eu digo o índio dizer o como, é bem esta questão, é ele estruturar.

(Márcio) Isso implica até em ele dizer não quero.

(Ana) Exatamente. Não é assim...

(Márcio) Ou não é de nenhum jeito. Não quero, não quero saber, mande isso embora. A noção para mim que é cara não é a de educação é de autonomia. Eu não tenho muito amor, não tenho muita... não estou me importando muito com a questão educacional propriamente mas com a questão de se isso, se ele tem condições de ter como dele. O ponto é o seguinte, eu acho que uma escola é indígena se é uma escola... uma escola pode ser uma escola indígena mesmo que no currículo dela não tenha língua indígena, não tenha nada... que tenha por exemplo eletricidade, motor de caminhão, mecânica, inglês e ser uma escola indígena no sentido de que foi aquela sociedade que planejou que aquilo é importante para ela e formulou por causa disso um instrumento para produzir pessoas que saibam aqueles diversos assuntos ou conteúdo. E isso é que é o ponto. O ponto é esse portanto na relação de Antropologia com Educação. O que parece importar para mim, posso estar tendo uma visão parcial, mas do meu ponto de vista é uma visão de decorre de um contato com professores indígenas...

(Ana) Como são? São índios...

(Márcio) Que sofreram o processo escolar. E eu posso dizer que deste ponto de vista não tem uma escola indígena no Brasil, neste sentido não tem.

(Ana) E não basta colocar um professor que seja da raça indígena.

(Márcio) Não, eu acho que não é necessário. Uma escola indígena pode me contratar para ser professor, por que não? ...ou você. O problema é quem manda não é o que... as nossas escolas são todas elas diferentes você vai na escola A, na escola B, na escola C são muito diferentes. Uma é construtivista e a outra é não sei o quê, uma é... Há uma série de diferenças importantes entre elas no que concerne às concepções de educação, etc, agora todas elas são iguais em um ponto, são todas elas regidas por um Conselho Federal de Educação, por um Ministério da Educação e uma Lei de Diretrizes e Bases e todas elas se subordinam a uma noção de proximidade escolar. Em outras palavras tanto faz você estudar na escola A ou B ou C no sentido de que se você estiver na oitava série da escola A e eu na oitava série da escola B, ambos temos acesso 1º ano do 2º Grau. Desse ponto de vista todas elas estão associadas a um projeto que por sua vez é um projeto que é importante para a nossa sociedade. Eu não estou falando mal da escola, estou falando que ela é fundamental, trabalho em uma... numa Universidade. Mas o ponto é que é

absolutamente nítido que a gente forma. O que é uma escola deste ponto de vista que eu estou falando? Estou reduzindo a questão, estou destituindo qualquer ponto de vista pedagógico da escola. Estou dizendo o seguinte, escola corresponde a um sistema de classificação, uma máquina classificatória onde tem como entrada um monte de gente que é igual, analfabeto que não sabe nada, enfim que entra aos sete, seis anos um monte de gente que não sabe, iletrada. No final do túnel sai um pedagogo, sai um antropólogo, sai um engenheiro mecânico, sai um advogado. O que ela faz? Fabrica estas pessoas que encontram lugares na sociedade. É claro que existem menos lugares para antropólogos do que por exemplo têm para engenheiros. Mas precisamente por isso existem menos lugares para formar antropólogos que para formar engenheiros. Mas o ponto principal é que as escolas estão associadas a este projeto. Há cinquenta anos atrás não existia ciência da computação porque não tinha computador. Quando a computação passou a ser uma coisa importante nas nossas vidas, criaram o Instituto de Computação e isso vai continuar acontecendo.

(Ana) Interessante... e qual seria a necessidade de uma escola numa sociedade indígena?

(Márcio) Pois é, de verdade eu acho que ela deveria responder e é isso que não acontece, por isso eu acho que a questão não é de dar voz, não é precisamente, não é de dar voz. Até porque nós não temos o poder de dar voz, quem dá voz é quem tem poder e eles não estão precisando disso.

(Ana) O ato de dar a voz... ou seja me pertence.

(Márcio) É um ato de poder, por isso eu discordo radicalmente da Análise do Discurso. Mas a questão crucial, a questão que importa e é a única que de fato eu acho que como antropólogo tenho algum interesse em discutir diz respeito à possibilidade de associação do projeto escolar com o projeto mais amplo de um determinado povo, que pode ter como projeto por exemplo a relação com os outros. Quer dizer, não só um projeto voltado para si mesmo. Um dos projetos da nossa sociedade, uma das especialidades que a gente forma é um diplomata que é precisamente alguém que a gente forma para ter relações com outros, com outros países. É evidente que uma escola indígena poderia ter este perfil, sobre o que uma escola vai falar isso não me diz respeito. O que eu acho que é paralisante numa reflexão desse tipo é estar a todo custo numa discussão que a mim parece absolutamente elementar que é essa de dissociar completamente uma discussão sobre escola de uma discussão sobre a organização social do trabalho em uma determinada sociedade. As escolas astecas faziam sentido porque formavam sacerdotes e guerreiros numa sociedade

onde havia esses lugares definidos e evidentemente só precisa ter escola porque as pessoas morrem, porque é preciso repor o tempo todo. Então veja bem, não existe escola em várias sociedades indígenas antes do contato porque não era preciso que elas acontecessem no sentido que a gente está trabalhando. Ora as escolas formais, as escolas reconhecidas, as escolas que existem em diversos lugares, na minha opinião sob pena delas não se tornarem porta de saída dos povos indígenas para a nossa sociedade, elas deveriam ser sensíveis para o projeto da sociedade. E evidentemente que isso passa necessariamente, isso não esgota a questão, mas passa necessariamente pela seguinte pergunta absolutamente idiota por um lado mais pro lado questionado que é quem manda na escola. Quem manda? E quem manda não quer dizer que manda no currículo, como é que se escreve a palavrinha 'a' e a questão não é dar voz, quem manda é saber até...

(Ana) Quem determina as necessidades.

(Márcio) Exato! Inclusive por exemplo quando se fala na escola imagine uma escola reconhecida como uma qualquer que seja, uma escola onde os profissionais que trabalham ali, em inúmeras maneiras enfim, são funcionários ou da Prefeitura, ou do Estado, ou da União, ou de qualquer outro lugar e evidentemente sua relação de lealdade é com o empregador neste caso. Era preciso pensar uma escola indígena que fosse independente desse ponto de vista.

(Ana) Existe um texto de um autor chamado... de sobrenome Janela que distingue a educação em três pontos: seria a educação formal que seria do espaço escolar mas escolar como nós a conhecemos com grade curricular, com regimento; uma educação não formal que seria tão intencional quanto a escolar ou seja você tem um objetivos, você tem uma organização mas ela não estaria no espaço escola ou seja não estaria sob leis e regimentos e a educação informal que seria esta do cotidiano e que não... cotidiano, que imagem simplista de cotidiano, que seria esta de convivência das pessoas em qualquer espaço e que elas vão se formando. Será que o ideal não seria buscar o caminho da não formal para a questão indígena?

(Márcio) Eu não sei! Pode ser que não, pode ser que eles tenham interesse na escola formal, o problema é que eles é que devem decidir, não sou eu não é você, nem a Antropologia, nem a Economia, nem a Análise do Discurso não é nada disso. Eles é que têm que dizer se querem ou não e de que maneira e decidirem seus conteúdos. Aí você pode dizer 'ah, mas eles podem muitas vezes não estar em condições de decidir', então não decidam e não tem escola. Quer dizer vamos esperar.

(Ana) A necessidade...

(Márcio) E o ponto central é, eu escrevi sobre isso se você tiver interesse deve ter na Faculdade... com certeza tem na Faculdade de Educação aquela publicação do INEP chamada *Em Aberto*. Me pediram um artigo sobre isso num volume dedicado especialmente à educação indígena.

(Ana) Marrom a capa?

(Márcio) Não me lembro se é marrom, acho que é...

(Ana) Negros e índios?

(Márcio) Não, era só sobre os índios. Então acho que era azul a capa, foi editado acho em 94.

(Ana) Vou dar uma olhada!

(Márcio) Ali eu fiz um texto chamado 'A Conquista da Escola' em que eu falo exatamente o que eu estou dizendo a você. Usando essa ambigüidade que tem na língua portuguesa, você fala a 'conquista da escola' tem o sentido de você poder conquistar a escola, quando falo 'conquista da escola' é eu poder conquistar a escola... mas também da escola como conquistadora. São estas duas noções.

(Ana) É, na ativa e na passiva.

(Márcio) Uma seria um adjunto adnominal, outra seria um complemento nominal. Quer dizer quando se fala 'conquista da escola' não sei se é conquistar a escola...

(Ana) Ou ser conquistado por ela...

(Márcio) Então o texto tem esse título e fala exatamente sobre isso. Esse é o ponto que na minha opinião importa numa discussão. Não é que seja este o ponto para os educadores, os educadores têm lá os problemas deles. Do ponto de vista do antropólogo eu acho que é por aí.

(Ana) E como você vê a passagem dos pedagogos pela antropologia?

(Márcio) Eu não conheço assim pessoalmente e acho que é um diálogo de surdos. Acho que por exemplo numa área como educação indígena é uma área da qual participam linguistas, antropólogos, pedagogos e acho que ninguém se entende na verdade. É um diálogo de surdos na medida em que é difícil esse diálogo acontecerem porque as pessoas têm ponto de vista... Vamos dar um exemplo, se você chegar numa reunião sobre educação indígena da qual participam pedagogos linguistas, antropólogos, você pode falar uma frase tipo 'é preciso respeitar as culturas' aí todo mundo concorda 'é preciso valorizar as culturas, é preciso

valorizar as diferentes culturas' você deve ter ouvido isso mil vezes. O problema é não haver consenso sobre o que é cultura, portanto não pode haver consenso sobre o que valorizar. Só para dar outro exemplo há pouco tempo atrás, há duas semanas atrás num seminário aqui de uma moça que acabou de estudar num Instituto, uma linguísta falando sobre esta questão da escola indígena justamente, trabalho interessante etc. Trabalho de uma linguísta. Em muitos momentos ela usa algo do tipo 'é preciso valorizar a cultura, é preciso valorizar a cultura', mas se você passa a observar bem, a concepção de cultura que ela tem não é propriamente a nossa, ou não há um consenso.

(Ana) E o que faz com que não seja?

(Márcio) Não sei, eu acho que é porque um não conhece a disciplina do outro. É porque os antropólogos não conhecem educação, é porque os pedagogos não conhecem antropologia, é porque nem pedagogos e nem antropólogos conhecem Linguística e assim por diante. Porque se fala que é preciso valorizar cultura tá certo, agora por exemplo eu trabalhei numa sociedade no meu doutorado onde havia por exemplo um hábito...

(Ana) Que sociedade?

(Márcio) Waimiri Atroari, uma sociedade do norte da Amazônia brasileira, no norte do estado do Amazonas. Um irmão casado e um irmão solteiro podem trabalhar em parceria. Então por exemplo um irmão casado está fazendo uma roça ele pode eventualmente pedir para um irmão solteiro, um irmão dele para ajudar nessa roça, ele pode enfim agenciar, chamar esse menino para isso. Por sua vez embora exista adultério, uma noção nativa de adultério, não é considerado adultério um irmão, um indivíduo ter relação com a esposa do irmão. Um solteiro tem relação com a esposa de seu irmão. Adultério existe se alguém de fora, mas isso não é precisamente. Da mesma maneira uma mulher não é considerada adúltera se ela transa com os irmãos do marido. Então ninguém fez nada demais, e o marido não se sente chateado se o irmão transa com a mulher. Este fato aponta para uma questão que é extremamente interessante, é que ao contrário do que acontece na sociedade onde cada um de nós é um e onde seria inadmissível isso acontecer.

(Ana) É a questão da propriedade...

(Márcio) Exatamente se você transa com o marido da sua irmã isso vai chocar sua irmã e criar problemas nessa relação porque você é uma e ela é outra, a despeito de vocês serem pessoas consanguíneas.

(Ana) Assim como a minha cama é uma e a dela é a outra... propriedades.

(Márcio) Exatamente o que você está falando. Então qualquer escola parece não abrir mão de uma coisa idiota, quer dizer idiota é simples, chamada avaliação. E até agora eu nunca vi nenhum, formulada por nenhum pedagogo uma discussão de avaliação que não passasse por uma noção de indivíduo. Quer dizer mesmo quando um professor diz - eu escrevi isso lá - mesmo quando um professor diz que está fazendo uma avaliação coletiva na verdade ele não está, ele está atribuindo a um mesmo grupo diversas avaliações individuais. 'Eu vou dar uma nota para todo mundo' mas não quer dizer uma avaliação coletiva... quer dizer que ele vai dar para A,B,C,D, e E a mesma nota. Ora, como entrar na cabeça de um garoto desses por exemplo, de uma sociedade Waimiri Atroari, que por um lado ele pode transar com a mulher do irmão, se o irmão pede ajuda para terminar a roça ele vai fazer mas não pode por exemplo fazer a prova do irmão porque ele precisa ser avaliado sozinho.

(Ana) Individualmente.

(Márcio) E este aspecto do indivíduo é, do meu ponto de vista, um aspecto extremamente importante. Quando se fala em valorizar a cultura eu penso que no cômputo geral está esta questão que é muito mais importante do que, por exemplo, usar um mito na sala de aula, usar a língua nativa... isso para mim tem menos importância. Então como não há um consenso entre educadores, lingüistas e antropólogos do que é importante valorizar, então como é que a gente pode tentar pensar juntas essas coisas? Se para um o que precisa valorizar numa cultura é um mito, uma manifestação artística por exemplo mas não é algo que para mim é absolutamente fundamental que é uma concepção de pessoa. Então não estamos falando a mesma língua, há um desentendimento enorme neste campo, enorme.

(Ana) E como você vê no caso... a Pedagogia não deveria ser um espaço de articulação das várias ciências?

(Márcio) Não sei, não sei...

(Ana) Um espaço onde se poderia debater educação e se buscar e se confrontar os diversos conceitos? Porque uma das teses destas discussões que estão acontecendo é justamente essa. A Pedagogia no caso seria uma ciência da educação, então ela vai buscar em todas as ciências fundamentos e vai confrontá-las dentro de um mesmo espaço, em cima dos problemas educacionais e não o colonialismo de uma disciplina só, então só o que a Lingüística diz isolado do que a Antropologia diz...

(Márcio) É mas de qualquer jeito a colonização é da Educação não é?

(Ana) Um espaço não da Educação dentro da Antropologia mas como uma outra ciência a partir de todas...

(Márcio) Imagine...

(Ana) Colonialismo ao contrário, a conquista. Não tinha pensado nisso.

(Márcio) ... uma comunidade e várias pessoas moram nessa comunidade mas uma delas tem um salão tão grande que pode convidar todo mundo para discutir , só que isso dá um poder a quem convida inacreditável, não é verdade? Se eu convidado... quem convida dá banquete, já no dito popular. Eu não sei , eu acho que a Educação tem uma contribuição muito grande a dar pensando coisas .

(Ana) Como você veria a Educação, mais uma casa e não salão?

(Márcio) O linguista também tem muito a contribuir, os matemáticos, todos .

(Ana) E qual seria o conhecimento do pedagogo em si?

(Márcio) Isso você tinha que perguntar para os pedagogos, eu não sei. Eu nunca estudei , eu até perdi a oportunidade porque quando fiz a graduação tinha aquela opção de licenciatura ou bacharelado... a diferença é que a licenciatura estudava pedagogia no final. Eu fiz só bacharelado, depois fiz mestrado onde não tinha nenhuma matéria de Educação e fiz doutorado onde também não tinha . Então eu estou longe . Eu não sei, não estou me furtando da resposta , é por que eu não conheço e eu tenho uma certa dificuldade de falar sobre o que eu não conheço e a rigor eu nunca pensei muito nisso. Eu acabei de falar um monte de coisas sobre a escola que não têm a ver com educação no sentido direto. Quando eu falei na escola como sistema de classificação , da escola diretamente associada a uma visão social do trabalho eu estava tentando fazer uma ascese da escola de tal maneira de tirar de uma dimensão da escola que , digamos, está mais perto da minha seara. Eu tenho certeza que os especialistas em educação podem olhar para o mesmo objeto , enfim para a mesma coisa chamada escola só que vão olhar de outra maneira, vão ver outras coisas que eu não consigo ver . Eu não tenho o que dizer sobre isso, não é por nada , é só por que...

(Ana) E como você vê a Pedagogia quando você a imagina? A Pedagogia mais voltada para a escola em si ou à educação na questão do valor da educação como um conceito...

(Márcio) Para a gente a Pedagogia tem interesse na questão educacional mesmo, da escola ... é uma coisa importante.

A educação num sentido amplo, aí é como eu digo , é um conceito que se confunde com outros. Por exemplo na Antropologia você diz , eu nunca estudei muito isso não só li algumas coisas, autores que estão preocupados por exemplo com a criação e difusão da cultura , a transmissão da cultura. Quer dizer as pessoas morrem não é? Isso é um problema em toda parte , as pessoas morrem o tempo todo , morrem , morrem e nascem. E por causa disso quer dizer, nós temos um problema que é... as sociedades são sempre feitas de coisas em princípio 'imortais'. Uma instituição não morre , é exatamente esta a noção de uma instituição , uma pessoa jurídica. Uma pessoa monta um negócio , uma firma e ela pode morrer mas no dia seguinte a firma continua igual , não houve nenhuma diferença . Enfim , o dono do Bradesco morreu e no dia seguinte o Bradesco está fazendo tudo igual , a tua conta bancária não foi alterada. As instituições sociais funcionam e são criadas justamente como jeito de negar nossa condição de mortalidade.

(Ana) Daí a questão da escrita como instituição? Só que precisa da educação para interpretar...

(Márcio)... e principalmente para formar. É preciso porque são mecanismos extremamente complexos na nossa sociedade que dependem de pessoas muito bem treinadas para continuar tocando isso.

(Ana) Mesmo do re-significar .

(Márcio) Pode ser tudo isso mas enfim... é por aí que eu vejo esta questão.

(Ana) Está jóia Márcio...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM PLÍNIO DENTZIEN.

Professor da Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento de Sociologia .

Campinas, 30 de setembro de 1996.

(Ana) Entrevista com o professor Plínio no dia 30 de setembro de 1996 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Professor nesta entrevista, mas na verdade como eu te expliquei é mais um bate papo não tendo um programa rígido nem roteiro fixo, é realmente na enunciação que a gente vai elaborando as questões. O tema da minha pesquisa, como eu disse para você, é relacionado ao espaço da Pedagogia , o que seria a Pedagogia, o como as várias ciências-fundamento se articulam na elaboração de um conhecimento sobre educação , que seria o nosso objeto. Esse espaço é muito confuso e estão ocorrendo muitos debates e discussões neste sentido. Seria uma ciência da educação ou seja várias ciências, entre elas a Ciência Política , fornecendo conhecimentos e fundamentos e dentro do espaço da Educação existiria uma outra ciência a partir destas ciências-fundamento? Uma outra corrente diz que não, que são ciências da educação . Então aqui as várias ciências aplicadas à educação e na Pedagogia seria a aplicação só . E tem ainda a corrente da Pedagogia como um espaço de interdisciplinaridade , o nome teria que ser Pedagogia mesmo e tal. Isso em síntese eu estou dizendo um pouco do meu espaço porque é importante na hora da troca. E agora eu gostaria professor que você falasse um pouco do seu espaço, da política. Porque na verdade o que me interessa é a representação dos vários cientistas das várias ciências-fundamento a respeito do como elas poderiam ajudar ou contribuir , se elas dariam conta sozinhas da educação... Porque algumas ciências acabam querendo dar conta da educação como a Psicologia, não é o caso da Ciência Política , mas no caso da Psicologia, da Sociologia... o Saviani chama de colonialismo epistemológico . Então em um determinado momento histórico a Psicologia toma a frente da questão educacional como se fosse a única ciência que desse fundamento para. Então eu queria que você dissesse um pouco primeiro a respeito do que é a Ciência Política, do que seria a Ciência Política.

(Plínio) Ciência Política não deveria chamar 'Ciência Política' porque ela tem um componente de ciência e um componente normativo , até se tu quiser artístico. Porque ela não é propriamente , não é exclusivamente uma ciência. É provavelmente entre as chamadas ciências sociais, nessa limitação que eu fiz, a mais antiga se tu quiser trabalhar os primórdios do pensamento político mas que é uma coisa que se estabelece como ciência propriamente no nosso século. Ela busca um pouco sistematizar conhecimentos sobre os modos que os homens utilizam para ocupar o poder , para influir sobre o poder na busca de obter de-

terminados resultados , determinadas políticas... com minúsculo. Quer dizer, determinadas decisões a respeito de alocação de recursos , decisões sobre regras para a chegada ao poder, este tipo de coisa. Fazendo uma coisa bem sintética eu diria que isso é o centro do que é hoje a Ciência Política.

(Ana) E o que a fez se tornar ciência ? Ela se tornou ciência em um determinado momento histórico...

(Plínio) Aquela parte dela que pretende um estatuto científico é um pouco o resultado da racionalização da sociedade , do movimento que não é exclusivo do campo da Ciência Política mas que é das ciências sociais em geral.

(Ana) Precisar do título de ciência?

(Plínio) Não necessariamente , acho que não. Quer dizer tu tem a ciência social, sociais em geral vão se organizando por mais ou menos entre o fim do século passado e o princípio deste. Quer dizer tu tem de uma certa maneira um paradigma que vai se espalhando da direção das ciências exatas e naturais e que atinge os que pensam sobre o social . Antes disso, talvez os precursores de uma tentativa de fazer uma ciência social sejam os dois frequentemente apontados ... são Comte de um lado e Marx de outro. Quer dizer o Marx já está convencido de que quando está escrevendo a sua obra , ele está fazendo algo equivalente ao que Darwin fez para as ciências naturais . Então é um pouco o espírito da época, acho que não é uma idéia de legitimar não. Não é isso que está atrás. Quer dizer é um movimento da época , um movimento da época.

(Ana) E como você definiria então a ciência e a política se nós fossemos decompor , analisar os termos ciência e política?

(Plínio) São duas coisas bem marcadamente distintas . A Política é uma atividade que independe da ciência. Política existe desde que o homem existe em maior ou menor grau e tal , o que a ciência tenta fazer é sistematizar um pouco este tipo de conhecimento . Não creio que a Ciência Política seja um bom instrumento para a Política. Quer dizer, a Ciência Política não ensina a fazer Política, A Ciência Política ensina a pensar a dimensão do poder, da influência das políticas mas não ensina a fazer Política. Fazer Política é outro campo.

(Ana) E quais seriam as contribuições da Ciência Política no caso, levando em consideração as ressalvas , para o objeto educacional? Pensando a educação em sentido amplo, não a educação formal só, institucional, definida só no espaço escolar , mas enquanto processo intencional através do qual o homem vai se formando.

(Plínio) Intencional ou não...

(Ana)... ou não. É que o que interessa mais para o pedagogo é o intencional, o formal ou não-formal.

(Plínio) É. Vamos fazer uma distinção... quer dizer educação está no centro das preocupações da Filosofia Política desde sempre. Veja que eu estou introduzindo um outro bicho aí que é a Filosofia Política. Tu tem teorias da educação pelo menos desde Platão provavelmente, eu não sou especialista nessa coisa de Filosofia Política, mas provavelmente antes se tu quiser, tu acha. Tu tem uma teoria da educação e da política no Platão, tu tem toda a filosofia grega, tu tem uma retomada forte disso com Rousseau. Provavelmente um Rousseau tem um lugar na coisa educacional, ele é também reivindicado como um teórico da Pedagogia e tal, não é? E isto para mencionar os mais óbvios não é? Tu tem o Platão que está pensando a coisa da política lá a sua maneira mas que acha, que imagina o lugar que ele dá para a educação. Quer dizer o verdadeiro, o bom ditador é o filósofo, é o cara que sabe, é o sujeito, é o homem do conhecimento... toda a idéia do filósofo-rei. O Aristóteles é muito mais pé no chão e o Rousseau também tem toda uma discussão a respeito do papel da educação. Eu acho que hoje, hoje desde o princípio deste século não dá para pensar a Política sem passar por de alguma maneira definir o lugar da educação. Quer dizer a sociedade de mercado cada vez mais exige uma qualificação e eu diria é um processo de educação formal até certo ponto... formal é o sistema escolar ou então algum outro subsistema, algum outro jeito de passar treinamento para as pessoas, etc. Este é considerado o grande instrumento de ascensão social pelo menos a partir do início deste século. Mas aí o enfoque muda um pouco, não é mais o filósofo-rei, é um cara que quer ter um emprego.

(Ana) E o que seria a Filosofia Política, você a distingue da Ciência...

(Plínio) É mais um pensar que não busca sistematização nem comprovação. É uma coisa mais normativa. Quer dizer o Platão não está dizendo que é assim, o Platão está dizendo que é assim que deve ser, não é? Da mesma forma que o Rousseau, da mesma forma que todos os filósofos pensam a questão da educação... diferentemente da Ciência Política deste século que é uma coisa que tenta botar um certo lugar para a educação, uma agência de socialização... de socialização inclusive para a política.

(Ana) A questão do poder é muito forte quando se fala em educação. Então talvez esteja justamente aí a contribuição da Ciência política, o desvelar a questão...

(Plínio) Eu não sei se é só isso não. Eu diria que é mais que isso. Quer dizer, eu acho que esta problemática entra um pouco na Ciência Política moderna, ela entra um pouco eu diria são... as agências de socialização da sociedade, família, escola, trabalho, grupos de amigos, coisas deste tipo, ou então com uma outra linguagem mas apontando para mesma coisa os Aparelhos Ideológicos do Estado. É uma formulação funcionalista dos anos 50, principalmente norte-americana a idéia de socialização e a outra é a formulação marxista do Althusser, os Aparelhos Ideológicos do Estado, mas no fundo apontando para as mesmas agências e apontando para a mesma função digamos integradora na sociedade das pessoas que passam seja por estas agências como quer o Parsons e os seus seguidores funcionalistas, seja pelos Aparelhos Ideológicos do Estado como quer o Althusser.

(Ana) E professor vindo de fora, uma questão mais de representação mesmo, não é algo estruturado que você já tenha pensado antes ou tenha refletido profundamente esta questão da conversa. Havendo uma Faculdade de Educação na universidade, quando alguém diz e remete à Pedagogia ou Faculdade de Educação que representações te vêm à mente ou qual o papel desta? E que interferências a Faculdade de Educação ou que complementações ela pode trazer para a sua área, no caso de uma via de mão dupla?

(Plínio) Desde logo é a qualificação dos alunos. Quer dizer para se qualificarem para dar aula, os alunos precisam daquele certificado fornecido pela Faculdade de Educação basicamente os cursos de Pedagogia quer dizer a Licenciatura, eles precisam além do bacharelado da licenciatura. Alguns não fazem licenciatura porque não estão interessados nesse mercado que de fato hoje é um mercado complicadíssimo. Com exceção de alguns caras que se qualificam para dar aula em certos lugares que remuneram bem, a maioria se expõe a um salário terrível. Mas de qualquer maneira a função mais visível através dos próprios alunos é essa função certificadora, eu diria que é uma função...

(Ana) Que dá acesso à escola...

(Plínio)... burocrática principalmente. A segunda que eu acho que é uma função que fica às vezes obscurecida embaixo desta função burocrática é a idéia de que de alguma maneira existe um campo específico de conhecimento sobre técnicas de ensinar que está lá, está um pouco escondido e através dos nossos alunos não aparece muito claramente. Quer dizer, eles querem mesmo é o certificado. Em terceiro lugar me parece, mas aí eu conheço muito pouco, que tem um específico que eu tenderia a desdobrar em várias sub-áreas que seriam psicologia da educação, sociologia da educação, eventualmente uma reflexão sobre a política

da educação e talvez uma última a Educação como política pública. Estas , todas estas coisas em que eu estou subdividindo este campo obviamente deve ter muito mais coisas para mencionar, eu estou mencionando os que são mais perto da minha área de trabalho, podem ser objeto de reflexão fora do campo da educação . Isto é, nada impede que eu faça análise e vários cientistas sociais o fazem , das políticas educacionais. Eu posso analisar isso como sociólogo, cientista político, como antropólogo ... nada impede que os psicólogos trabalhem com a psicologia da educação dentro do seu campo. Eu suponho que as maiores contribuições nestas áreas não estão no campo da educação, estão nos outros campos de formação das pessoas . Um exemplo seria o Piaget o objeto dele, tantos objetos principais de ocupação dele, é a educação. Mas a educação não é nunca o objeto final , a coisa dele é mais a Psicologia e a educação é o lugar onde ele foi examinar isso aí.

(Ana) No caso esses conhecimentos viriam para a Educação e os vários olhares se confrontariam ou se complementariam?

(Plínio) Poderiam se complementar , não sei se se complementariam. Aí eu não conheço o suficiente.

(Ana) Porque existem realmente as referências que você apontou, acontecem realmente. Se nós formos retomar a questão da legislação sobre o curso de Pedagogia , existe uma tendência muito forte em que a Pedagogia se transformasse num lugar onde se formariam só professores , o acesso à docência e as reflexões sobre Educação se dariam a nível de pós. Aí entra a questão do que privilegiar ... um olhar generalista , um olhar de uma pessoa que vai ter que ter conhecimentos sobre a educação pegando os fundamentos das várias áreas ou primeiro ele só vai aprender a dar aula e depois vai refletir sobre o que é educação . Então na verdade estas são as grandes discussões porque hoje o que a Pedagogia está se transformando , como você mesmo mostrou , é a questão burocrática mesmo é o acesso ao mercado de trabalho que existe na escola. Quando o que a gente vê hoje é uma ausência total de fundamentos da educação , se faz muito pouco a respeito do que tem a oferecer...

(Plínio) Mas os vários departamentos 'Psicologia da Educação', 'Ciências Sociais' e tal não participam da graduação?

(Ana) Participam da graduação . A estrutura da Faculdade de Educação é a seguinte, ela tem cinco departamentos : o de Filosofia e História da Educação, o de Ciências Sociais , o de Psicologia , o de Administração e Supervisão e o de Metodologia. Então a Faculdade de Educação na verdade ela tem um pouco a filosofia de quebrar com esta ques-

tão da formação única e exclusiva técnica do professor que vai atuar só na educação, ele tem que tecer um conhecimento extra. Então o que acontece é o seguinte, essas quatro áreas seriam as áreas de fundamento dos vários campos e na Metodologia esses fundamentos se tecem formando um conhecimento novo sobre a Educação. Só que esse movimento vai muito contra o que se faz no curso de Pedagogia hoje, que é realmente o se formar técnicos que vão aplicar os conhecimentos só das outras ciências mas sem conhecer muito e refletir sobre esses fundamentos.

(Plínio) Tem uma divisão lá na Educação entre os alunos do curso de Educação e os de Licenciatura das várias unidades. Quer dizer eu imagino que para os alunos da Licenciatura o forte é ensinar metodologia e para os alunos de graduação é essa mistura toda que provavelmente não dá um resultado extremamente satisfatório, nenhuma graduação dá mais um resultado satisfatório. Mas de qualquer maneira não entendi o ponto da questão aí...

(Ana) Não, porque nós estávamos dizendo justamente das contribuições da Ciência Política...

(Plínio) Sim! Ah, sim! De certo!

(Ana)...aí eu localizei o como a Ciência Política poderia estar na área fundamento para dar um conhecimento para se tecer. Então a questão na verdade, o que me chama a atenção na Ciência Política é realmente a questão do poder. Eu vejo aí um campo muito importante para buscar o fundamento, o como o poder... porque na verdade a Educação trabalha muito com a questão do poder, existe alguém que tem a intenção, que tem clara a questão da finalidade da atuação educacional. E por aí existem vários teóricos que tratam da questão... o Foucault trabalha pela questão do poder 'Vigiar e Punir', então tem bem forte eu vejo aí a questão da Ciência Política como um campo... E eu gostaria de saber o como a educação poderia interferir na Ciência Política, que contribuições a Educação poderia dar para a Ciência Política? Se existe esta possibilidade de vocês também buscarem conhecimentos a respeito da educação em determinado momento...

(Plínio) Eu acho que qualquer tentativa de análise o objeto, o processo educacional pode ser objeto de uma reflexão e às vezes é da Ciência Política, da Sociologia, da Antropologia... Quer dizer é impossível fazer esse tipo de análise sem saber o que que 'rola' nesse mundo, quais são as embocaduras das pessoas que estão envolvidas no processo educacional. Eu diria que uma parte obviamente tem a ver com as Escolas de Educação, com os cursos de Educação seja de Pedagogia... e uma parte tem a ver com algo que está fora disto aí. Eu diria bom poder, poder é obviamente o objeto privilegiado da Ciência Política mas

não é exclusivo. Eu posso imaginar e alguns trabalhos têm sido feitos nesta direção, a educação para a cidadania em geral tem algo a ver com o poder? Tem... quem é o cidadão? O cidadão é alguém que reconhece uma situação onde há um determinado poder e tem uma certa autonomia para reagir diante disso. E o processo educacional tem a ver com isso, o processo educacional formal talvez principalmente mas não exclusivamente.

(Ana) Na verdade aí está a questão da Educação, ela exige o confronto dos vários pontos. Porque aí a gente é remetido para a questão da História... cidadão em que época? Tem o cidadão burguês dos 'Direitos do Cidadão'...

(Plínio) É, eu acho que nós estamos falando é de um processo educacional institucional. Não creio que esta reflexão sobre educação e cidadania seja geral na História, eu acho que esta relação é muito típica deste século. Eu tenho a impressão ... bom, que não tenha educação institucional de massas antes deste século ou talvez de meados do século passado. No Brasil é uma coisa muito recente tu tinha uma universidade, tu ainda tem uma universidade razoavelmente elitizada, mas tinha uma universidade muito mais elitizada nos anos 60, início dos anos 60. Quer dizer tu tem uma abertura muito grande em todo sistema educacional principalmente o universitário a partir de fins dos anos 60. Tu pode chegar e dizer 'não de fato já tinha um sistema educacional de massa em todos os níveis a partir do fim dos anos 60'. Então é uma coisa recentíssima, não tem 40 anos. Tem o quê? Trinta anos?

(Ana) Outro dia eu estava conversando com o Marcio da Antropologia aqui, o Marcio Silva, e ele estava dizendo e que eu acho muito complicado ... nós estávamos conversando sobre educação indígena que é uma das áreas em que ele trabalha, e ele estava dizendo que foi a um simpósio sobre a educação indígena e lá havia pedagogos, lingüistas, antropólogos e ele disse que o incomoda muito o fato de que as áreas não se entendem. Em que sentido? Por exemplo quando eu falo 'cultura' eu estou me remetendo a uma cultura, quando o lingüista está falando em cultura ele está se remetendo a uma outra... Então embora estejamos usando as mesmas palavras cada um está dizendo uma coisa e fica uma conversa de surdos. E aí eu entro na questão, a Pedagogia não poderia ser um espaço onde, já que o objeto é um objeto vivo e que acontece e implica uma atuação porque a educação não tem como, implica no ato de educar também o pedagogo também tem essa função de educar... não seria um espaço onde esse confronto deveria acontecer? O desvelar o que a Antropologia diz sobre cultura na medida em que fala do objeto educacional? Por exemplo quando você fala em poder o cientista político... o antropólogo quando diga em poder ele estará dizendo com outra abordagem de poder. Já que a Pedagogia precisa de todos estes

fundamentos não seria interessante ser um espaço de confronto e de debates?

(Plínio) Interessante, pode ser. Mas isso tem que ser construído. Isso não é porque devia ser, é porque alguém construiu. De certa maneira em alguns momentos diferentes da História do pensamento humano alguns campos adquirem determinada importância estratégica porque tem um grupo de pessoas ali que construiu um lugar de encontro. Quer dizer nada impede que em algum momento ... eu acho que é pré-história da Educação isso aí, mas em algum momento houve um interesse centrado em torno da coisa de Paulo Freire. Tinha um grupo de pessoas acho que até fora da universidade, quando começaram isso acho que não tinham nada a ver com a universidade estavam fazendo parte de uma confluência de movimentos... eu acho que isso era ligado à Prefeitura do Recife ou ao Governo do Estado de Pernambuco, eu não sei direito, não conheço detalhes disso aí. Mas aí era um ponto de encontro provavelmente provocado pela enorme mobilização política do período em que isso começou a aparecer e isso se espalhou pelas Ciências Sociais em geral. Acho que muita gente inclusive saiu das Ciências Sociais para fazer aquilo. 'É educação isso aí, é Pedagogia?'. Eu dei este exemplo buscando, meio torto porque eu não conheço muito, mas um momento em que o campo da educação... não é pesquisa propriamente educacional, é muito mais desenvolvimento de metodologia mesmo... ele está exatamente aqui (apontando na folha de papel com registros para o Departamento de Metodologia), está exatamente aí mas ele está fazendo uma coisa tão importante que vira objeto de atenção pelo menos. Eu não sei se a Ciência Social se dedicou a sério a trabalhar sobre. Deve ter teses sobre a metodologia do Paulo Freire que é uma coisa que se transforma num lugar importante porque ele mesmo está, a equipe está lançando mão de uma série de conhecimentos de outros campos. Eu não sei se ele tem sociólogos, psicólogos, que 'ólogos' ele tem lá dentro mas ele está envolvendo essa coisa toda e desenvolvendo algo que eu acho que é uma exigência que a prática lhe colocou. A função dele não era acadêmica mas de repente ele vai para a Academia, suponho que desapareça um pouco o espaço dele ... ele foi cassado? Passou um tempo pelo exterior e isto virou um objeto de interesse em todos os lugares onde aparecia. Eu vi a primeira edição, não sei se é mas eu acho, de 'Pedagogia do Oprimido' primeira edição em inglês no fim dos anos 60 e começo dos 70.

(Ana) Nos Estados Unidos ele é muito conhecido, até mais... tem um espaço de divulgação muito grande.

(Plínio) Então quer dizer, no fundo eu acho que este exemplo talvez seja... isto porque eu não conheço muitos detalhes, mas é feliz porque é o momento em que alguém

construiu este espaço de lá. De cá tu não pode esperar que se construa o espaço da educação como centro deste debate. Mas quando tu... eu não entendo muito bem o debate que está atrás desta idéia que tu contrapõe aí ciências da educação à Pedagogia eu, intuo um pouco... mas quando tu está falando essa coisa é um pouco a idéia de unificar dentro da Escola de Educação , ou pelo menos ter 'uma perna' lá dentro de todas as disciplinas que trabalham com isso. Quer dizer de alguma maneira tudo o que as outras disciplinas disserem onde entra a idéia educação deve estar representado lá dentro. É um pouco o modelo das antigas Faculdades de Filosofia que não existem mais. Quer dizer existem ainda os Institutos de Filosofia e Ciências Humanas, as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras e esse tipo de coisa.

(Ana) É bem esta a questão professor, então eu me dou por satisfeita...

(Plínio) Deve ter outras pessoas...

(Ana) Tem o Libâneo em Goiânia...

(Plínio) Não sei quem é. Teve um momento que tinha um pessoal aqui do Rio. Aquela mulher que era muito influente a nível de governo que eu acho que era do P.C. ...

(Ana) Em que época?

(Plínio) Há 10 , acho que ainda é capaz de estar aí, 12, 15 anos atrás... por aí.

(Ana) Da Faculdade de Educação?

(Plínio) Da Faculdade de Educação. Uma mulher conhecidíssima... Vanilda...

(Ana) Paiva!

(Plínio) Vanilda Paiva ! E tinha um par, na minha cabeça era um par . É um cara que trabalhou com ela no Rio e que depois veio para cá também ... Cunha?

(Ana) Luiz Antonio Cunha?

(Plínio) É isso?

(Ana) É. Também trabalha com estas questões.

(Plínio) Que era uma coisa importante , tinha um trabalho importante que tinha uma embocadura larga , assim grande. Eles pretendem... Eu acho que eles fundaram o departamento de Ciências Sociais Aplicadas, não é esse grupo?

UNICAMP

UFPA

(Ana) Não conheço. Essa parte da história da Faculdade eu não conheço. Conheço os dois , o trabalho dos dois sobre a questão educacional. Eu preciso resgatar essa questão de como os departamentos foram formados , porque esses departamentos... essa questão de retomar a metodologia como espaço interdisciplinar que vai criar um novo conhecimento é muito recente também. Foi o currículo de 93 que instalou isso.

(Plínio) Tu tem os currículos dos vários cursos de educação , pelo menos os mais importantes do país? São muito diferentes dos daqui?

(Ana) Por exemplo em Brasília , o da UnB¹ é extremamente voltado para a questão tecnológica . Os departamentos são diferentes , a área de fundamentos tem um departamento só, que trabalha com fundamentos.

(Plínio) Um departamento geral, 'Fundamentos' ? O resto é tecnologia?

(Ana) O resto é tecnologia ... aplicadas . É também uma linha forte que está vindo agora a questão da Qualidade Total , Psicopedagogia, existem discussões muito fortes, ISO 9000... o pedagogo está sendo requisitado para trabalhar em empresas e com formação fora da escola muitas vezes para trabalhar com treinamento de pessoal. A Manager e outras empresas de Recursos Humanos ... mas não é por aí meu projeto histórico.

(Plínio) Mas é que cada vez mais eu acho... bom eu não sei , eu acho que tem uma revolução na frente de todo mundo que mexe com educação terrível... terrível, terrível, terrível quer dizer terrível não necessariamente por que eu acho que isso vai para o mal, mas é uma coisa que ninguém sabe para que lado vai. Toda esta tecnologia de ensino à distância que é nesse momento trivial, é uma questão de ter equipamento , meia dúzia de pessoas treinadas e acabou o assunto. Se tu fica imaginando que, vou te colocar uma coisa bem simples, aqui na UNICAMP tem condições de fazer essa coisa de ensino à distância e tem um gargalo específico , uma área específica de educação ... o ensino de línguas . Bom, o Centro de Ensino de Línguas não tem capacidade de expansão na sua forma atual, os laboratórios com gravador e com fone de ouvido e tal, não dá para expandir porque não tem dinheiro . Teria que construir laboratórios gigantescos e contratar um monte de professores de línguas. Língua é obviamente um instrumento de formação impressionante, um instrumento de alar-

1. A Universidade de Brasília possui em sua Faculdade de Educação três núcleos departamentais: a. Teorias e Fundamentos, b. Metodologia e Técnicas, c. Planejamento e Administração.

gamento de horizontes , um instrumento de qualificação para o mercado de trabalho fundamental. Como é que tu resolve? O ensino à distância resolve . Cada professor daqueles que trabalha durante duas horas com uma turma de vinte , ele pode trabalhar durante duas horas com uma turma de duzentos. Decuplicou sem um custo muito grande. Um custo é o que? Equipamentos , uma sala com uma tela de preferência grande , e mesmo que isso seja caríssimo é de graça porque tu decuplicou o número de pessoas que tu forma , e um equipamentozinho multimídia na sala onde está o professor ... acabou o assunto. E tem uma revolução aí pela frente que te obriga a conhecer estas tecnologias todas.

(Ana) É, mas o para quê aqui tem um significado social. Mas existem alguns casos em que a questão do poder... aqui você não está numa situação dentro de uma empresa onde o conteúdo vai ser moldado ou o para quê é muito mais amplo e tácito que aqui. No caso das línguas você tem um para quê com intuito social, com um papel e determinada função, você está investindo para conseguir passar conhecimento.

(Plínio) Quem é uma referência internacional de educação hoje, assim fundamental, algum centro, alguma pessoa, algum lugar...

(Ana) Daqui da UNICAMP mesmo, o Saviani é uma referência muito forte em função de todo esse trabalho com a questão do para quê, da função social das escolas, dos tipos de educação... tem o Janela que trabalha com estes conceitos. Porque agora essa questão da educação não formal está começando a aparecer no currículo. Sempre a Pedagogia foi voltada para a escola. Eu fui uma das primeiras alunas na disciplina Educação Não-Formal, que seria diferente da informal pois a informal é a que não tem intencionalidade como você colocou no começo. A não-formal não, ela tem intencionalidade mas acontece fora do ambiente propriamente escolar. Então tem a educação indígena por exemplo, não a educação escolar para eles, educação dentro da Organizações Não Governamentais, na empresa, outros espaços que não a escola, isto está começando a ser discutido agora. Essa revisão da Pedagogia como o 'formar professores' que têm algumas pessoas na sociedade que ainda lutam para isso, o professor primário portanto poderia ser formado a nível de terceiro grau. Mas aí a Pedagogia não pode se resumir à formação de professores, o próprio conceito 'professor' tem que ser revisto não como simplesmente aquele que vai e passa a matéria na lousa como fez há muito tempo e acaba por aí. Ele tem que voltar para a questão que é mais a sistematização do conhecimento acerca da educação. Mas tá bom professor...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM WILSON CANO .

Professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

Formação básica: Economia.

Campinas , 15 de março de 1996.

(Ana Flávia) Entrevista com o professor Wilson Cano no dia 15 de março de 1996 aqui no Instituto de Economia. Bom professor deixe-me te colocar a par da minha pesquisa , porque como eu disse para você eu uso como referencial Bakhtin... tanto é que eu não optei pelo questionário escrito, porque não tem a enunciação, eu não posso ir colocando as minhas questões , explicitando-as. Então esta pesquisa começou , eu estou no final do curso, a partir de uma preocupação com a especificidade da Pedagogia. Esta é uma discussão dentro da Faculdade de Educação ... qual é o objeto da Pedagogia, a Pedagogia é uma ciência da educação, a Pedagogia são ciências aplicadas à educação, o nome Pedagogia é válido ou não é válido? Dentro de uma Jornada de neurologia numa mesa redonda sobre educação não havia um pedagogo... isto num congresso de neurologia aqui da UNICAMP. Então havia o psicólogo, o neurologista falando sobre questões de Ciclo Básico, querendo dar conta do objeto educação. Então aí começou a me suscitar... Ah! E o psicólogo chegou mesmo a dizer que nas escolas deveria haver um psicólogo e não um pedagogo para orientar o professor. Então a questão da especificidade da Pedagogia... o curso de Pedagogia daqui foi reformulado , eu participei da reformulação na congregação ... então esta preocupação esteve muito presente durante meu curso e eu gosto da área de Epistemologia , Filosofia. Eu estava lendo de Certeau e ele fala sobre lugares e espaços e eu pensei 'vou começar a entrevista falando do meu lugar um pouco' para depois ouvir o teu lugar e fazermos destes dois lugares espaços, movimentos, lugares praticados... O objeto educação é muito peculiar porque na verdade ele é um objeto-ação. Ele é um bem não material e onde o ato de produção e o produto não se separam. Então é muito complicada a abordagem do processo educacional. Dentro desta discussão eu vou entrevistar um economista, um epistemólogo, um sociólogo , um psicólogo para ver cada ciência , o objeto de cada uma e o como podem contribuir para a Educação. Agora professor eu gostaria que você falasse um pouco do seu espaço, do seu lugar na Economia.

(Wilson) Na Economia?

(Ana Flávia) É! O que é a Economia , qual o objeto, daí a gente vai chegando na educação.

(Wilson) A Economia como qualquer ciência humana , ela pode ter definições de acordo com as visões de mundo. Por exemplo para os liberais, os neoclássicos, a Economia é

uma ciência chamada Ciência da Escassez ou seja, a ciência que administra as coisas que não são uma dádiva da natureza e que portanto são objetos de apropriação de custo , de preço. A Economia para mim não é isso. Primeiro ela não é uma ciência exata é uma ciência humana , e em segundo lugar ela trata não apenas das coisas que são raras na natureza , ela trata de tudo . Ela é essencialmente política e estuda portanto as relações dos homens nos processos de produção e distribuição.

(Ana Flávia) E aí estaria juatamente a afinidade , porque a educação é o processo em que o Homem se faz Homem, a 2ª natureza.

(Wilson) Claro!

(Ana Flávia) E dentro da sua concepção a Economia daria conta da educação, do processo educacional? Ela pode olhar para o objeto educacional, quais os limites...

(Wilson) Bom a Economia , é evidente, não é uma coisa tão abrangente que poderia dar conta da educação. Eu acho que a educação é um meio e que deve lastrear não apenas a Economia mas deve lastrear a forma da transmissão e do aprendizado do conhecimento em geral da humanidade. Tanto é assim que tem educação artística, educação profissionalizante, educação intelectual, educação física, educação fundamental...

(Ana Flávia) Educação formal, não-formal... fora da escola.

(Wilson) Exatamente. Então educação é algo muito geral.

(Ana Flávia) E por exemplo a Economia não dá conta da educação que é muito ampla... ela traz contribuições para o olhar a educação...

(Wilson) Ela traz contribuições e ela tem uma forma de ver a educação.

(Ana Flávia) E como seria?

(Wilson) Bom, principalmente a educação fundamental, a educação básica para que a comunidade possa usufruir , se possível, daquilo que ela produz. É uma coisa que a economia política vê como algo absolutamente necessário, fundamental e que deveria ser estendido a todos.

(Ana Flávia) A educação escolar no caso?

(Wilson) A educação fundamental. Eu chamo de educação fundamental o conjunto de conhecimentos que você precisa ter para poder usufruir num determinado momento históri-

co, um nível médio de conhecimento técnico e social... daquela sociedade por exemplo. Com todo o desenvolvimento da micro-eletrônica, da informática etc e tal, aquele que não dominar minimamente um cartão eletrônico de banco, ou aquele que não souber...

(Ana Flávia) É um marginal, está à margem da sociedade...

(Wilson) Ele é o analfabeto que não conhece a letra no ônibus, o identifica pela cor e pelo número, são o mesmo problema.

(Ana Flávia) Os dois estão à margem. Professor, em que espaço aconteceria ou iriam ser tecidas as várias ciências? Por exemplo, seria uma mera superposição... eu vou pegar o que a Economia me traz de bom, o que a Psicologia me traz de bom, o que a Sociologia me traz de bom, só que como o senhor vê a necessidade de um profissional para integrar esses conhecimentos? Seria necessário ou... Essa é uma questão que na legislação do Brasil aparece tacitamente. O Valnir Chagas fala em 62 que deveria haver uma formação de professores a nível de 3º grau e a formação do pedagogo, essa formação da educação não-formal também, o processo mais amplo da educação deveria acontecer a nível de pós. Só que por exemplo, na minha concepção é complicado você formar um professor... então você estará dicotomizando ensino e educação. Ele não vai ter a noção da educação como um todo. Então em que espaço iria acontecer este entrelaçamento dos conhecimentos? Seria necessário um espaço, no caso a Pedagogia, ou a ciência, ou ciências da educação?

(Wilson) Eu acho que a Pedagogia é algo que se reveste intrinsecamente da seguinte complexidade: você pode dar a técnica e formar um pedagogo, que são as técnicas pelas quais ele pode falar, se fazer ouvir, gesticular...

(Ana Flávia) A didática...

(Wilson)... etc e tal para poder tornar a transmissão algo mais fácil. Mas eu acho que ser pedagogo é mais que isso, eu acho que é muito mais que isso. Eu acho que para ser pedagogo você tem que ter a vontade política de ser pedagogo, e evidentemente o teu nível de conhecimento do mundo não pode ser reduzido às chamadas 'técnicas de Pedagogia'. É como hoje por exemplo, esta coisa de profissão de jornalista, eu não acredito nisto, eu acho que não há profissão 'jornalista'... isto é uma mentira. Jornalista é uma pessoa que pode até se especializar numa determinada área mas tem uma visão muito mais ampla e sabe escrever. E você pega esta dicotomia hoje, você pega os velhos jornalistas, velhos e bons jornalistas, não passaram por uma escola de jornalismo mas são excelentes jornalistas. E você pega os jornalistas jovens, não sei se

vou fazer uma maldade... mas os jornalistas jovens hoje em dia que estão passando e saindo dos bancos escolares, eles têm uma formação precária, eles são muito irresponsáveis na transmissão das informações, não cuidam disso. Eles escrevem uma coisa e a manchete é outra. Enfim, fica uma coisa que ao velho jornalista ninguém precisou ensinar, digamos assim. Então é um conjunto de coisas, responsabilidade, ética, saber o que você está fazendo, qual é o significado do que escreveu... qual é o significado que tem ensinar?

(Ana Flávia) As visões de mundo...

(Wilson) Claro, a visão do mundo. É isto, a visão do mundo.

(Ana Flávia) Gostei da história do jornalista. Trazendo para o cotidiano o pedagogo então, no seu cotidiano como o pedagogo aparece? Em que situações você tem contato com o pedagogo?

(Wilson) Eu tenho escasso contato com ... a despeito que a minha mulher é formada em ... tem licenciatura em Ciências Sociais, passou portanto pela Pedagogia, e ela como você também trabalhou, não trabalha hoje em dia mas trabalhou muito, em pré-escola. Ela gosta muito disso, enfim, se dava muito bem nisso e depois no entanto ela acabou indo fazer outra coisa. Então o meu contato é este. Por que o meu contato é este? O meu contato é este porque lamentavelmente parece que há um divórcio profundo, muito e muito grande, entre a Pedagogia formalizada na Faculdade de Educação e as outras áreas da Universidade. Então esse divórcio é de mão dupla ... eu não estou culpando apenas a Faculdade de Educação. Mas por exemplo eu estava vendo, vai se realizar um Congresso Latino Americano na U.S.P. em maio em Ciências Humanas, e tem uma mesa lá 'o Ensino da História' ... e só Existem pedagogos, não tem um historiador convidado. Então você está pecando em um extremo porque você tem que chamar um historiador de peso para discutir com o pedagogo. Então não, você vai ficar naquela discussão fechada. Ou como a discussão do ensino de matemática, da física, ensino de geografia, se você coloca na mesa exclusivamente pedagogos, um pedagogo aí da área de estudo, não um pedagogo que tem como base uma outra área de formação, mas o próprio matemático que enveredou pela Pedagogia e ficou nisso... normalmente ele terá limitações muito grandes para acompanhar todo o desenvolvimento da Matemática, todo o estudo de um matemático propriamente dito...o campo da ciência dele está mais voltado para a Pedagogia. Você tem que trazer profissionais gabaritados que estão no 'up to date' da literatura, da ciência, etc, para sentar à mesa para discutir, para conversar.

(Ana Flávia) Temas mais recentes não só...

(Wilson) Exatamente! Não faz isso!

(Ana Flávia) É preciso unir o 'como' ao próprio conteúdo...

(Wilson) Claro! É independente do objeto que você está discutindo, por exemplo quais são 'os problemas principais do ensino básico no Brasil hoje, complexo desenvolvido...' você tem que trazer outros cientistas sociais para discutir.

(Ana Flávia) O pedagogo não dá conta...

(Wilson) Não, em hipótese alguma. Ele mesmo foi enfiado num 'currículo' extremamente complicado que é o baixíssimo salário dele, ele também não tem acesso à informação porque ele não tem renda. Então, como é que você pode ensinar alguém se você não tem dinheiro para comprar um jornal diário do seu país. Porque quem ganha trezentos reais por mês, como é que vai gastar quarenta reais em um mês para ler um jornal? Já sem falar mais uns vinte reais, que já somou 20% do salário dele, para ler uma revista semanal. Então, que diabos de pedagogo é você? Se você não sabe o que está acontecendo?

(Ana Flávia) Está alheio à realidade.

(Wilson) Você não sabe o que está acontecendo, e dependendo das circunstâncias, da tua formação e das tuas preocupações, pode ser que chegue à noite e você vá ver o pior da televisão, ou não vá ver o jornal da televisão porque é chato.

(Ana Flávia) Vai assistir à novela das oito.

(Wilson) Claro, depende de como você... você vai no 'Aqui Agora', você vai na novela não é? Então como é que você transmite conhecimentos?

(Ana Flávia) Se está alheio à produção ...

(Wilson) É, você está alheio, está alheio completamente... está divorciado, e você é incapaz inclusive de fazer a crítica do porquê você está encerrado naquele político e portanto você é incapaz na verdade, de transmitir uma Pedagogia letrada.

(Ana Flávia) É, no fim o que acontece é que o pedagogo se contenta com o 'homo faber', ele executa, ele fica um mero executor.

(Wilson) Ele é um repetidor e ele passa a ser um mal repetidor de coisas porque pensa que é a questão do currículo... ele também não consegue tratar isso lá.

(Ana Flávia) E quais as áreas de atuação de um pedagogo? Na sociedade, em que áreas o pedagogo seria necessário, levando-se em conta que a educação não existe só do ponto de vista formal, existe o não-formal? Se a gente fosse repensar, se tivesse a sociedade aqui e falasse assim 'eu vou distribuir o pedagogo... suponhamos uma boa formação, em tais áreas em que seria necessário'.

(Wilson) Veja bem Ana eu acho que, eu não sou dessa área da Pedagogia, estou muito longe disso apesar de ser professor, mas eu acho que na melhor das hipóteses para o conjunto daquelas pessoas que trabalham na área da educação formal e da Pedagogia, elas não conseguem passar à sociedade, não conseguem implementar na sociedade pelo menos a nível maior do que tem sido feito, processos de aperfeiçoamento e de melhorias sensíveis no ensino de determinadas coisas. Você pegue 'matemática', aí você tem Centro Brasileiro de Pedagogia, vou dar um nome suposto, para o ensino da Matemática... Instituto 'não sei o que lá' que tenta formar pedagogos para a Matemática. Você tem várias instituições, você tem grupos, você tem teses, você tem... só que é o seguinte, a nível de América Latina nós já caímos 10 a 0 para qualquer argentino, chileno ou uruguaio médio em matéria de matemática. Nós somos ignorantes completos em matemática. Nós, aquele garoto que sai do clássico, do colegial... todos ignorantes, e o argentino, o chileno, o uruguaio não, eles têm uma base sólida em matemática, eu não sei o porquê... É claro que eles têm renda per capita maior que a nossa, e têm uma tradição cultural um pouco diferente, são mais europeus que nós. Mas eu não sei, será que é alguma coisa a ver com a Pedagogia, eu não sei? Eu sei que já se fez tanta coisa em termos de grupos de trabalho para a melhoria do ensino da matemática que eu acho que alguma coisa já deveria ter sido posta em prática, em uso para se melhorar o maldito ensino da matemática que não melhora. Português é uma indecência. Se ampliou e se criou uma quantidade incrível de Faculdades de Educação, Faculdades de Letras, mas se você mandar fazer uma prova escrita... estas provas de redação da UNICAMP deveriam ser um manancial para se fazer uma análise do nível das várias áreas... a molecada não sabe mais escrever.

(Ana Flávia) Nem falar.

(Wilson) Falar ainda você entende de alguma forma, mas o escrever deles é uma coisa sofrível. Uma pequena elite que vem aqui, estudou na Escola Comunitária de Campinas... uma escola de gente que paga caro para o filho aprender, então meu filho sabe escrever mais ou menos. E

eu acho que não é por falta de teses , de grupos de estudo para o ensino da Língua Portuguesa, 'Sociedade Brasileira para o ensino da Língua Portuguesa'... eu não sei o que é que há. Então você tem um poço aí e eu não sei , porque se existe conhecimento melhorado, e eu sei que existe, se ele é capaz de resolver isso na UNICAMP... por que isso não passa para o lado do real?

(Ana Flávia) E existe uma ênfase muito grande em deixar a criança fazer sozinha... na história da educação brasileira tem uma fase muito complicada . Recentemente os liberais deram uma ênfase muito grande no deixar a criança fazer, ela vai construir... o famoso construtivismo.

(Wilson) É, mas isso tá um pouco abalado já', não é? Foi moda no final dos anos 60 , parte dos anos 70, mas muita gente...

(Ana Flávia) Na Academia sim, mas na prática professor Wilson, na sala de aula...

(Wilson) Na prática continua isso?

(Ana Flávia) Lá onde eu dou aula por exemplo, é educação infantil e é incrível como...

(Wilson) Meus filhos estudaram numa escolinha aqui em Campinas que era muito boa, era uma das melhores de pré-escola... aí meu filho meio era muito sapeca e a professora o botava para fora de sala 'vai para fora , como castigo para você refletir aquilo que você fez', e ele adorava ir, a escola tinha galinha, tinha cavalo, tinha coisas que ele adorava brincar. Então cometer o desatino para ele era uma maravilha... era um pouco da liberdade que se dava.

(Ana Flávia) É, a ausência de disciplina chegou... não no nível do castigo ou punição mas como concentração...

(Wilson) Claro! Você não precisa chegar a ser a escola japonesa, que é terrível... Mas eu fiz o velho grupo escolar , que era o antigo curso primário público quando era garoto , bom eu tinha disciplina, hora de entrada, de a saída, uso do uniforme, etc...

(Ana Flávia) As pessoas dicotomizam...

(Wilson) E ali ensinava a escrever . Toda semana invariavelmente, o ano tinha 52 semanas, toda semana invariavelmente tinha um rolo com um monte de gravuras que a professora virava uma e éramos obrigados a escrever o que entendíamos daquilo lá .

(Ana Flávia) Interpretação...

(Wilson) Era assim, e eu tinha que escrever e aí ela corrigia a interpretação, corrigia ortografia, corrigia erros de português.

(Ana Flávia) Hoje já não se pode corrigir a criança, o professor não pode corrigir ... e é engraçado, eu fiz um trabalho sobre isso, a dicotomia em educação entre, como se fossem coisas antagônicas, entre disciplina e liberdade. Na verdade as duas são complementares, porque sem a disciplina você não adquire o grau de liberdade.

(Wilson) Claro! Inclusive a noção do direito do cidadão e a cidadania ... quer dizer você ensinar que o cara tem obrigações.

(Ana Flávia) Exatamente, são dois lados de uma mesma moeda não é? Para você chegar... E professor, o pedagogo na empresa, como o senhor vê isso? O papel de atuação... São três os níveis da educação: formal, não-formal e informal. A educação informal seria aquela totalmente não tética, que não é sistematizada, é aquela que a gente passa no cotidiano o tempo todo e vai se transformando e se fazendo Homem por aí também. A não-formal seria uma educação sistemática, tética, intencional, só que fora do espaço escolar...

(Wilson) Você está levantando uma questão muito interessante. Engraçado, nunca me ocorreu isso. É claro que nós economistas falamos muito de treinamento, participação de mão-de-obra, limitação etc... Mas quem sabe sairia muito mais barato para as empresas ter lá um pedagogo, digamos assim, que ensinasse os empregados daquela empresa a ler, escrever, saber como atender aos telefonemas, como dar recados etc e tal. Por que não? Seria uma coisa muito importante.

(Ana Flávia) Fora do espaço escolar.

(Wilson) Fora do espaço escolar!

(Ana Flávia) A questão do treinamento não é? Eu vejo como um dos espaços de atuação do pedagogo porque é educação. Dentro da empresa ocorre uma educação no nível informal, por que não trazer isso para o não-formal?

(Wilson) Isso talvez não ocorra por quê? Porque as empresas querem praticar na verdade um (inaudível) muito alto da sua mão de obra. Então isso seria uma contradição se um pedagogo dá treinamento ensinando alguém que 40 dias depois vai para a rua, e que depois vem outro que pode ser pior que esse aí...

(Ana Flávia) Aí teria que mudar o olhar para o empregado, teria que ter...

(Wilson) Sim, fazer uma mudança especial em que o nível de emprego não se transformasse de modo tão alto.

(Ana Flávia) E é muito alta no Brasil esta questão?

(Wilson) Muito... a rotatividade da mão de obra no Brasil é uma das mais altas...

(Ana Flávia) No fim sai mais caro para a empresa isso, não sai?

(Wilson) Não, não sai mais caro porque ele se livra de pressões altistas, ele toca na rua, se ele sofrer pressões salariais ele joga fora tudo aquilo e troca. No caminho de rebaixar custos...

(Ana Flávia) Mas ainda tem essa mentalidade no Brasil, de baixar os custos?

(Wilson) O que você está lendo em termos de propostas e reformas de previdência e das relações de trabalho? Vamos deixar de pagar a previdência, vamos deixar o Fundo de Garantia, vamos reduzir salários... é isso que eles querem não é?

(Ana Flávia) É um raciocínio muito imediatista não é?

(Wilson) É um raciocínio imediatista claro...

(Ana Flávia) Porque se você for pensar no mediato você pode conseguir muito mais...

(Wilson) Claro!

(Ana Flávia) Bom professor agora, não é a sua área mas eu gostaria que o senhor dissesse um pouco a nível... eu sei que não vai estar sistematizado isso, vai ser mais uma opinião numa conversa passível de mudança. Como eu disse para o senhor, a Pedagogia está passando por uma discussão se é ciência da educação, ciências da educação ou Pedagogia mesmo. Os partidários que falam que é uma ciência da educação dizem o seguinte: a educação deve ser o ponto de partida e de chegada. Então, por exemplo, o problema deve surgir na Educação, vir para as outras ciências buscar fundamentos e voltar para a Educação. Então, a Educação tem que ser o ponto de partida e de chegada, sempre o referencial. Aí você estava dizendo sobre a mesa redonda onde só há pedagogos. Será que não se cai nisto?

(Wilson) Você fica num ciclo vicioso não é?

(Ana Flávia) Você usa as outras ciências mas acaba não integrando isso, você passa por elas mas não se apropria...

(Wilson) Eu acho que o risco é alto...

(Ana Flávia) Aí por exemplo, os partidários das ciências da educação tratam muito das ciências, das várias ciências aplicadas à educação. Só que aí não se corre o risco destas ciências ficarem muito sem integração, soltas? As várias ciências aplicadas sozinhas... não precisariam de um espaço de interseção?

(Wilson) É necessária a interseção, aí a dificuldade é que eu não sei como é que você forma um pedagogo... como você forma um jornalista. É claro que precisa a técnica de escrever bem, a arte de ser conciso, ser objetivo, dominar o vernáculo, saber transformar uma notícia, são coisas, as técnicas que ajudam... mas é preciso ter algo mais do que as técnicas, tem que saber como se produz determinada notícia.

(Ana Flávia) Porque na verdade, para alguns, a educação não é objeto de nenhuma ciência. Ela não é objeto, tirando a Pedagogia que estuda o processo educacional, ela não é objeto de nenhuma, ela é aplicada a ciência se aplica...

(Wilson) Sabe, todos aplicam a educação, utilizam a educação mal ou bem, correta ou incorretamente, todos...

(Ana Flávia) Aparecem as ciências humanas de forma aplicada à educação. E aí como você veria a Pedagogia, seria um espaço... como seria a formação de um pedagogo, ele tem que dar conta de todas estas ciências e superá-las?

(Wilson) Ele tem que ter uma formação humanística considerável eu acho, entender muito bem o que é sociedade, de que se compõe a sociedade, em que meio está vivendo, quais são os grandes interesses e membros constrictos daquela sociedade, que papel é reservado àqueles aos quais o esforço do trabalho dele está dirigido. Ele tem que entender.

(Ana Flávia) O espírito, o modo de organização do curso de Pedagogia/UNICAMP é mais ou menos este: no currículo temos as várias ciências... Neurologia, Epistemologia, História,

(Wilson) Psicologia, perfeito!

(Ana Flávia)... e dentro, como uma coluna vertebral do curso, a didática. Então todas estas ciências na didática se entrelaçam, fornecem fundamento e dentro deste espaço

da , visto não só como forma mas como visão de mundo que permeia...

(Wilson) Mas a didática , eu a entendo como filtro através do qual você passa , transmite o conhecimento. Didática me lembra isso... um filtro na esperança de que há um receptor embaixo do filtro, assim vejo a didática, mas tem muita coisa que o pedagogo precisa saber que não entra por este filtro . Se ele não souber o que é a distribuição de rendas no país, como ela tem se manifestado , por que as pessoas são pobres assim, por que são ignorantes, por que são agressivas, por que depredam o carro do professor que o reprovou, por que têm estas coisas? Algumas coisas vão ser jogadas no filtro outras são para ele saber.

(Ana Flávia) Tá certo professor, era isso que eu queria, o senhor já tocou nos pontos que me interessavam...

(Wilson) Já?

(Ana Flávia) Quer falar mais alguma coisa?

(Wilson) Não, o que eu disse... e por você?

(Ana Flávia) Você já tocou nos pontos que eu queria...

FIM DA GRAVAÇÃO

ENTREVISTA COM SILVIO SÁNCHEZ GAMBOA .

Professor da Universidade Estadual de Campinas / Faculdade de Educação - Departamento de Filosofia e História da Educação.

Formação básica em Filosofia.

Campinas, 09 de outubro de 1996.

(Ana) Primeiro, o que é a Epistemologia ? Quais as principais linhas da Epistemologia ? A questão do conhecimento, o que é o conhecimento ... Primeiro o que é Epistemologia ? Seria assim demarcar o seu espaço, de onde você está falando. Já está gravando. Depois eu vou transcrever.

(Silvio) Mais do que definir o que seria Epistemologia, quando a gente cai na definição fica muito recortada a questão. Eu retomo o conceito de Epistemologia a partir da 'episteme' dos gregos. Os gregos, é isso mesmo os pré-socráticos anunciam o nascimento de outra maneira de explicar a natureza, o mundo diferente ao mito. O mito, a razão mítica explica tudo, os mistérios do amor, os mistérios da fecundidade, todos os mistérios tem um deus que explica, que dá uma razão. Agora a alternativa da Filosofia e da 'episteme' junto, levanta e desmotiva a explicação mítica. Eu entendo o seguinte, têm alguns princípios desse 'desmotiva' primeiro, de tentar explicar os fenômenos pelos próprios fenômenos e não por forças além do fenômeno ou eternas, ou além ... forças poderosas que seriam a explicação mítica para o fenômeno. Então por que fenômeno? De uma maneira de ver o mundo e classificação do próprio fenômeno. Olhe aí uma característica. A segunda característica é, isso por parte do objeto, agora por parte do sujeito é a confiança na sensibilidade, a percepção, o olhar, o escutar, o sentir ... a confiança. Então é o que a minha sensibilidade permite, a inter-relação do objeto com o observar, com o olhar. E ao longo da história a tecnologia tem aperfeiçoado o olhar, o escutar, eu tenho escrito isto depois eu daria para você. O que seria um microscópio? O que seria uma ressonância magnética? É o pesquisar, o que é conhecer, explicar, compreender? Se apropria de um instrumento que alarga sua capacidade de escutar. Então para mim é por aí, mas o princípio é a confiança na capacidade, na sensibilidade do sujeito perceber, olhar, ver o mundo e a natureza.

(Ana) Então uma contribuição para a análise do objeto educativo estaria por aí...

(Silvio) É, eu entendo o seguinte já dando... umas certas características... o chamado método geométrico é o princípio do método dialético, do método da lógica, do procedimento, vale aquela observação minha do microscópio ser uma maneira de organizar e concretamente o método geométrico é definido por um ponto de partida, um ponto de

chegada e a articulação dos dois. É um processo metodológico, histórico, aí da 'episteme' dos gregos. O método geométrico trabalha com a análise e síntese articulando uma a outra mas no final de contas colocou um ponto de partida... de onde eu parto, para onde que eu chego? Como juntos.

(Ana) Eu estava lendo Foucault e ele fala bem isso a relação da geometria. Será que eu encontro agora? Da geometria e da aritmética, ele diz que a geometria ela dá toda a questão... aqui! '... a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas somente a geometria deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade.'

(Silvio) É a questão da projeção também. Projeção do homem chegar à Lua antes de chegar realmente à Lua, através de projeções. E assim a dimensão da Terra, extensão, as medidas antes de pegar um metro e... com o método geométrico, com as projeções, define e fecha, faz um fechamento do ponto de chegada para o ponto de partida. Então para mim Epistemologia seria esses grandes princípios do conhecimento científico, que é também do conhecimento filosófico, tem uma proximidade muito grande destes princípios... qual é a diferença? É procurar outra maneira de explicar o mundo além da 'doxa', do senso comum e além do mito. Porque no senso comum e no mito você tem resposta para tudo; aqui é procurar respostas para os próprios fenômenos em si mesmos. Se você quer saber alguma questão sobre a Terra, a Terra tem sua própria memória... aí, é o jeito como você vai decifrar esse registro. É isso aí, você quer saber qual é a composição da atmosfera terrestre no final do século passado, você vai nos pólos e têm as camadas, de uma estação para outra forma-se uma camada e você pega um fragmento disso e analisa a composição. Os arqueólogos o que fazem é isso aí. No próprio fenômeno suas próprias memórias, seus próprios registros, sua própria explicação.

(Ana) E Silvio, há três coisas que eu queria conversar com você: conhecimento o que seria, ciência e se a educação poderia ser um fenômeno.

(Silvio) Isso, tudo bem! Então esses seriam termos da Epistemologia Geral que junto com a filosofia não é? Têm a mesma origem que procurar. Outra característica além da confiança dos sentidos é a confiança na articulação, chamada por eles a razão... a razão articula a sensibilidade e Bachelard vai falar 'não adianta ter um monte de dados se os dados não são articulados e organizados'.

(Ana) É a questão da memória também não é?

(Silvio) Isso. Agora é interessante ver como a partir desta concepção os instrumentos da ciência, para a evolução da ciência se atrelam à alargar as habilidades do sujeito. Olhe, o sujeito para o conhecimento precisa de memória, agora você tem um alargamento de sua memória com um microcomputador que acumula dados, organiza dados, o que inicialmente você faz. Agora isso não substitui outras habilidades, eu vou colocar um exemplo. Eu participei de uma defesa recente de uma orientanda minha que é uma artista, muito sensível, uma sensibilidade extraordinária. Então ela poderia ter levado uma filmadora na escola, observar a escola, filmar a escola, poderia usar todos os aparelhos de registro de observação e talvez os registros dos detalhes, da criança reprimida, da criança afetada por um gesto da professora, você capte tudo isso aí; mas ela não precisou disso. Porque mesmo que você registre no registro, alguém substitui sua sensibilidade por uma filmadora para não perder o momento; mas ela é tão sensível que registrou os mínimos detalhes....

(Ana) Que às vezes a própria filmadora não pega.

(Silvio) A não ser detendo, com muito cuidado aprofundando uma imagem... já ela pega tudo isso aí. É tão maravilhoso o registro, as observações que fiquei espantado. Só uma pessoa com sensibilidade tão apurada conseguiria fazer isso aí. Agora outros que não teriam desenvolvido isso aí utilizam filmadoras...

(Ana) E às vezes na hora de interpretar não têm tanta...

(Silvio) É para mais ou menos falar: olhe se atrela ao princípio de desenvolver a habilidade de perceber, de sentir, a sensibilidade e de articulação. A questão de articular depois todos os registros, os dados... o princípio da Epistemologia em geral. Agora já uma Epistemologia regional que cada ciência tem, o que seria Epistemologia específica da Física? É a procura dos fundamentos da Física, procura de suas filosofias, vai falar, e fundamenta seus métodos, seus principais conceitos e que é necessário para uma autocritica da própria ciência. Às vezes a gente entra na rotina, como falaria Kuhn, que precisa desmontar tudo isso, e onde que desmonta? Procurando seus... por exemplo estamos trabalhando para ter um certo conceito de energia, e energia foi explicada no sentido de melhor fórmula, melhor fórmula e agora qual o princípio, sentido inicial? Ah, está falho. Porque hoje a contribuição de novos instrumentos e novas observações está mudando esses conceitos segundo o que eu entendi. Precisamos rever o conceito. A partir de que? Com nossos instrumentos, nossos elementos e novos dados desmonta esse paradigma, entendendo de outro jeito, se reelabora a partir de rever seus fundamentos. Onde se alimenta essa

dinâmica? No próprio pensar suas fontes que pela tradição estão muito presas a certos princípios filosóficos. O conceito de mundo, o conceito de energia, o princípio de quantidade, o princípio de medida... estão lá numa tradição filosófica. Os próprios métodos, eu faço esse raciocínio todas as ciências produzem conhecimento, a produção do conhecimento tem a ver com alguma teoria do conhecimento e aí nos remete exatamente a princípios filosóficos, a gnosiologia para ensinar a teoria do conhecimento lá sobre os gregos. É a relação sujeito-objeto, no final de contas é saber qual o tipo de relação que se estabelece aí. Todo conhecimento tem sempre esse princípio lógico, não foge nunca de uma relação sujeito-objeto, como que eu cheguei nesse objeto, como que eu cheguei nesse sujeito, que tipo de relação se estabelece.

(Ana) O Schaff faz uma análise boa disso.

(Silvio) Isso. Isso! Então toda ciência tem a ver com esse princípio que é epistemológico, é gnosiológico e se atrela com uma tradição gnosiológica, com uma teoria do conhecimento... é mais chique falar Epistemologia que Teoria do Conhecimento, no fundo é igual, no fundo trabalha-se sobre a mesma problemática. Falamos de Teoria do Conhecimento ou de Epistemologia? Falamos de Epistemologia é mais chique.

(Ana) O 'logia', o 'logus'...

(Silvio) Mas no fundo, agora uma questão é como essa teoria do conhecimento se aplica à Física, à Matemática...

(Ana) E no caso à Educação.

(Silvio) Aí chegamos especificamente à questão da Educação, para entender uma epistemologia das ciências da educação, se é possível falar disso, acho que tem que passar por uma interpretação histórica e nos localizar na história da ciência. No século passado não existiam as ciências que existem hoje, tem uma história onde começou. Agora por exemplo a Sociologia é ciência? A Psicologia é ciência? Todas se originaram de um grande campo que é a Filosofia, porque a Filosofia na sua especificidade na procura de respostas diferentes à razão mítica tem um certo rigor, e se diferenciando do senso comum tem também outro rigor, aí esse rigor pretendido é onde tira a ciência seus princípios, o que ela vai falar a Filosofia já falou tudo isso só que de forma geral. A história da ciência vai adquirindo uma certa especificidade nesse campo, pelo menos os princípios... os princípios da explicação dos fenômenos em si mesmo, o próprio fenômeno tem a sua própria explicação, a confiança na capacidade do sujeito organizar a percepção, aprimorar a percepção, a possibilidade de reorganizar essa percepção. E tem outro uma tese,

um cara escreveu sobre um debate sobre Epistemologia e licenciaturas sobre esses princípios, pelo menos seis elementos diferenciados do mito, da razão mítica e estas ciências vão criando um estatuto particular, como se elabora esse estatuto particular? Se elabora produzindo conhecimento, define-se um tipo de problemática para trabalhar e uma metodologia específica. E aí em um determinado momento tem um 'grito de independência', alguém falou 'a gente trabalha com uma problemática diferente de vocês por enquanto trabalhamos juntos mas estamos nos diferenciando nisso aqui'... uma certa independência. E as próprias grandes matrizes como a Biologia se desdobra em outras mas esse é um grave, para mim, um problema que se produz na ciência, entrou por uma concepção analítica, e essa concepção analítica divide o todo em partes e estas partes formam um todo isolado, e por sua vez esse todo isolado se subdivide, cada um se especializa e aí começa a grande divisão do saber, ramificação, e com a pretensão de autonomia tanto da problemática que estuda como dos métodos e de suas próprias teorias. E aí começa a crescer isso, mas tem uma crise geral que vai à Filosofia. Agora algumas ciências, como a Política nos anos quarenta que surge com a autonomia a partir da análise do comportamento de eleitores, eleitores estão em parte do saber que é Política, mas se acena como ciência. Ética por exemplo, Ética é outra tentativa agora no final deste século de pensar uma ciência... sempre foi um capítulo da Filosofia. Da mesma maneira a política, filosofia política. A chamada filosofia natural que é o princípio das ciências naturais de hoje Física, Química, Biologia antes era a filosofia natural. E aí Psicologia, Sociologia, a chamada filosofia da alma, do espírito, ou chamada também Psicologia racional por estar presa na Filosofia. Neste final de século têm algumas questões... eu gosto dessa discussão sobre uma possível epistemologia da ciência da educação a partir de reformular as concepções do que seria ciência, que seria uma nova classificação da ciência porque nós ficamos presos a essa concepção analítica classificadas as ciências por desmembramento progressivo... por partes. Você subdivide uma árvore de (inaudível) em que você vá dividindo as ciências. Estou colocando como ciências básicas aquelas que têm uma pesquisa básica e ciências aplicadas geralmente quando a ciência tem uma função de resolver problemas práticos, ciências aplicadas. E a estrutura, por exemplo, de uma universidade é essa, institutos são de ciências básicas, faculdades de ciências aplicadas. Não pode ter um Instituto de Educação ou um Instituto de Engenharia... falam 'não mas é aplicado', Instituto de Biologia sim, Instituto da Física sim, então é esta a questão. Agora aí se consideramos ciências humanas, ciências naturais, etc,etc,etc, têm várias classificações das ciências, mas se pegarmos as ciências lógicas e aplicadas aí lógico onde fica a educação? Na Faculdade de Educação, ciência aplicada, mas é muito problemática.

Quer dizer ou falar onde localizamos a política? É ciência política? Ah não, é estudo! É um processo de amadurecimento, de pesquisas, de método, de campo, de problemática que são trabalhadas. A ética por exemplo também. Schmied-Kowarzik que é o autor que eu citaria para esta discussão ele fala que se esgotou já o modelo de dividir as ciências em ciências auxiliares e aplicadas, precisamos de uma terceira categoria para ciências novas. Ele fala que têm ciências em que nosso próximo conhecimento pode ser aplicado e a ciência aplica por que foi desenvolvido até articulando... por exemplo a Engenharia articula a matemática, a física, a química. Então é uma aplicação de várias ciências básicas, um pouco mais interdisciplinar nas ciências aplicadas. Agora a Educação caminha por aí, acho que os últimos cinquenta anos foi entendida a Educação como ciências aplicadas. Qualquer um aplica na Educação ou na Pedagogia o que desenvolveu na Sociologia, desenvolveu até na Economia, na Administração que também são ciências aplicadas... outras ciências aplicadas para aplicar na educação, a Biologia, Psicologia, História, Filosofia, e aí qual é o currículo básico da Pedagogia ou da Educação? Filosofia da Educação, História da Educação, Biologia da Educação, Economia da Educação... o que é denunciado por várias pessoas, por Orlandi, não Eni mas outro Orlandi, o Saviani e outros que vão discutir o colonialismo epistemológico em que o fenômeno educativo, a problemática educativa é ponto de passagem. Então você pega uma teoria na Sociologia, aplica no campo e volta confirmando as hipóteses da teoria, é um circuito em que o ponto de chegada é a teoria sociológica a passagem pelo fenômeno educativo para confirmar a hipótese, ou tese, ou teoria lá. O que cria esse fenômeno chama colonialismo epistemológico. Aí parece um tanto mecânico e nossos colegas, especialmente o Saviani fala a partir de Orlandi, acho que ele foi um pouco o pai desta idéia, ele vai falar 'olha vamos ter que reverter o circuito', parece um tanto mecanicista mas vai além disso. Por que em vez de partir daqui não partimos do fenômeno educativo, da problemática educativa? E a gente busca categorias educativas compreensivas no mundo da ciência de outras... no mundo interdisciplinar e outra para explicar... Então com certeza você tem que determinar a problemática, você tem que necessariamente da contribuição da Sociologia, da Psicologia mas já não tanto como ponto de partida e sim como referências necessárias como contribuições e que são depuradas, são selecionadas categorias que são reelaboradas embora tenham sua origem em um campo da ciência, em função de uma questão concreta, de um problema do campo educativo que está sendo analisado. A questão da mecânica de reverter...

(Ana) É, foi o que a Eni... porque eu coloquei esta questão para a Eni Orlandi, para todos eles, e interessante o Renato Ortiz foi bem pela questão da Engenharia, ele fala

que a Pedagogia não é ciência, para ele, não pode ter a pretensão de ser porque ela é simplesmente como a tecnologia uma aplicação das ciências. Já a Eni Orlandi não, ela coloca outra questão, ela questiona já os conceitos de ciência, qual o conceito de ciência, qual o conceito de conhecimento que se aplica para você dizer que a educação é essencialmente uma aplicação. Outras pessoas como Plínio e tal, passaram assim a requisitar um conhecimento próprio da Educação como se a Educação fizesse parte destas ciências e fosse fazer esse processo também com as outras ciências. Então por exemplo, no caso aqui na Sociologia também aconteceria isso, a Educação apareceria como uma ciência que também vai fornecer subsídios para questões sociais junto com a História... e isso aconteceria com todas as ciências humanas, o exigir da Pedagogia algo além da aplicação em função da própria... Isso eu não tinha pensado, sabe Silvio? É o que eu acho mais interessante nas entrevistas. E aí, eu retomando Libâneo ele fala da questão da diferença entre pedagogo e o docente. Porque na verdade agente tem limitado a questão do pedagogo à escola, e ele naquele livrinho rosa sobre Ciência e Pedagogia, Ciência e Educação, ele coloca essa questão de rever a Pedagogia como um lugar onde vai se pensar todas as formas de educação, e aí a importância da Pedagogia dentro das outras ciências humanas.

(Silvio) Ora como se constrói o conhecimento? Se constrói pesquisando. Olhe eu sou da idéia seguinte, para ganhar um peso maior nas suas afirmações, nas suas teorias, nos seus procedimentos, no trabalho das problemáticas entra em jogo um princípio importante que é quantidade/qualidade. Se você não tem quantidade de pesquisa que se depure, uma qualidade, você não cria um campo de conhecimento sólido ou mais ou menos confiante de que tenha recursos explicativos em si mesmo. Aí qual a pesquisa pedagógica que está sendo feita para construir um campo epistemológico ou um novo campo epistemológico como chamo em meus artigos? Por um acúmulo de quantidade de pesquisa. Agora analisando a pesquisa educacional, foi sempre presa no conceito de ciências aplicadas, então aí compromete, compromete um pouco a construção deste campo. Porque se pensamos que a pesquisa educacional produzida, não somente no mundo todo mas no Brasil especificamente, eu também escrevi esse mapeamento que a partir de um mapeamento que Gouveia faz e fala que a primeira pesquisa educacional no Brasil ficou presa à Psicologia, à Psicopedagogia, é uma ciência que toma sua matriz na Psicologia e aplica à Educação. Mas aí se tira uma experiência de como foi trabalhado isso aí. Depois vem o chamado paradigma da Sociologia por conta dos sociólogos que têm como objeto a Educação, há uma produção grande. Mas não vamos depreciar isso só para falar que foi uma ciência colonizadora, ou paradigma colonizador etc, mas vai criando o surgimento de pesquisas já vinculadas à área de

Educação. O surgimento de mestrado e de doutorado é recente há levado uns dez anos nisso aí aqui no Brasil. Então eu acredito que fazendo balanço dos periódicos dessa profissão, estamos criando esse novo campo epistemológico um tanto autônomo porque a partir das experiências no próprio campo e alertar também o que eu chamo de a vigilância epistemológica de como está sendo produzido esse conhecimento. Aí onde vem a Epistemologia da Educação. A Epistemologia tem como objeto, um objeto de segunda ordem, a produção feita. É mais ou menos o que eu faço nas minhas pesquisas pela produção de pesquisas com esse novo espírito científico de Bachelard, de vigilância epistemológica aí você vai falar 'como você está trabalhando a problemática, que metodologia está construindo...' e está muito presa às ciências aplicadas. Se é por exemplo pesquisa etnográfica falar 'ah, espera aí nasce na própria experiência'... implante da Antropologia. A questão da análise do discurso pedagógico, aí a Linguística está contribuindo muito para isso aqui mas como que a gente, ou melhor a área se apropria das contribuições. E eu vou falar sempre vai haver contribuições é só o jeito de se apropriar daquilo. Acontece, como é acontecido nas propostas de Paulo Freire, em determinado momento se cria uma massa crítica... a produção em torno do conceito de conscientização, de dialogicidade já foi para a antropologia, já foi para a sociologia, já foi para a comunicação e um pouco a experiência é isso. Não somente dentro dos grupos emergentes, teóricos emergentes que ultrapassaram os limites de sua área muitas vezes sem saber, às vezes surpreendem, às vezes a gente se surpreende. Um balanço por exemplo vendo outra área que não Educação, uma pessoa lá fazendo uma tese e eu estive em um monte de situações que eu não sonhava que eu fosse citado numa área que não tinha nada a ver comigo. Se isso acontece com um autor simples, que escrevi pouca coisa, imagine outros... Por quê? O trabalho da epistemologia é ver a produção do conhecimento pretendido na área e ir alertando para estas questões e ir contribuindo na formação do pesquisador.

(Ana) Em que área você foi citado?

(Silvio) Em várias na Educação Física por exemplo, embora tenha a educação próxima e nas áreas da comunicação.

(Ana) Você veja como eles requisitam, engraçado não é Silvio? Requisitam uma interferência de um conhecimento científico da pedagogia nas ciências deles.

(Silvio) Neste caso não seria por conta da questão educativa mas por conta da Epistemologia. Estou sendo citado por conta que é ampla a produção numa área... a Epistemologia tem em comum isso aí facilmente você é citado na Física e... então é isso. Agora deixe-me... como seria a Epistemologia na Educação. Seria uma vigilância sobre a

produção. Então temos setecentas teses de doutorado aqui no país na área de educação, por que não analisar isso aí? É o que eu estou fazendo, analisando como constróem o objeto, que problemática abordam, como elaboram roteiros de pesquisa, elaboram o conhecimento, que metodologia utilizam, que concepções de objeto, qual a relação com o sujeito, que tipo de tratamento dá, se trabalham com textos ou trabalham com textos a parte, que partes são trabalhadas, se é totalidade... categorias da Teoria do Conhecimento, concepções de mundo, que referencias de concepção de mundo. A gente coloca aí 'estão sendo produzidas estas concepções de educação', que é muito mais próximo da área que estão sendo trabalhadas. Acho que vai se criando um acúmulo quantitativo de produção, e no mundo todo acho que está se chegando a isso. Eu falava com Augustín Escolano, um epistemólogo da Espanha, e ele falava 'isso é novo totalmente novo, a Educação é nova no currículo da universidade espanhola pela primeira vez criaram um departamento de Educação, faz quinze anos'. Fale lá com os portugueses, eles criaram já como área recentemente e está se produzindo isso. Neste final de século e começo do próximo século talvez já tenha um certo acúmulo quantitativo, e aí elemento qualitativo/quantitativo seria a análise da produção, uma sistematização mais dessa quantidade para perceber talvez o que Kowarzik está falando, precisamos de uma nova categoria para substituir as ciências que dão subsídios que aparecem aí e que não é ciência aplicada apenas. Que a grandeza afirma é a ciência aplicada? Vamos manter as Faculdades de Educação como faculdades de ciência aplicada? Aí pelo menos está apondo que não.

(Ana) É, e o próprio Schaff caminha pela questão do conhecimento como prática também de um objeto, ele vai praticar e transformar este objeto. Então aí é até redundante falar de ciência aplicada...

(Silvio) Agora o que Kowarzik fala e que eu tento desenvolver em algumas publicações que eu tenho por aí, ela é uma ciência que ele chama práticas ou da ação, e nós temos subsídio já por exemplo o Saviani aqui, deve estar escutando aí, ele tem alguns ensaios muito interessantes por exemplo a partir do conceito de trabalho. O que é o trabalho pedagógico? Ele fala 'é uma categoria não material', ele fala 'porque a produção não se separa do processo, então é um processo, educação é um processo, uma ação, uma prática. Esse é o objeto.

(Ana) Isso não a impede de ser um fenômeno a se...

(Silvio) É, mas tem a característica, o objeto é uma ação. Então aí a categoria ciência da ação, não é aplicada. Temos que partir da própria ação. De igual maneira a ética, você tem um produto da ética, ah sim todos os có-

digos de direito estão aí que é o crime feito ato moral puro e a intencionalidade dele, mas é o ato moral, é o ato no ato que é o objeto da ética, é a ação mesmo com toda a sua complexidade da questão material do ato como da intencionalidade que é o grande mistério, por que fez isso? Aí onde vem o grande mistério da ética, você vê o ato mas não vê a intencionalidade ou talvez desvende a intencionalidade, que articule com roteiro de vida com a conduta de quando criança para entender qual é a intencionalidade de alguém e do ato de uma pessoa. Então onde está a essência, o objeto? Na própria ação. Política eu entendo assim, é o discurso político, é a lei... política é um ato, é um ato que é um ato moral também, é um ato ético.

(Ana) E aí exigiria um outro método no caso?

(Silvio) Pelo menos um ponto de definição do objeto, qual é o objeto dessas ciências? São os atos políticos, educativos, morais e não é... por isso uma nova concepção de ciência da ação ou ciência da prática, lá onde acontece. Agora é de onde vem a articulação entre teoria e prática, você pega um ato que ao mesmo tempo é aplicação de uma concepção, de uma visão, de uma projeção de uma concepção de homem no ato pedagógico, mas também tem um ritual, um cenário específico é o caso da educação escolar e institucional, ou seja você tem a escola como um cenário da complexidade deste ato. Paulo Freire vai falar do ato político, é complexo além do pedagógico é político, é ético também, é complexo. Então as ciências, então a idéia de ciências aplicadas.

(Ana) O próprio conceito de aplicada dá um sentido parasitário parece que você vai e pega, põe daqui para cá...

(Silvio) Agora como se constrói isso? Se constrói sem muita pressa, é a produção, a partir da produção. E a Epistemologia que é a sua pergunta inicial é a vigilância sobre tudo isso. Temos que ver que a diferença dos objetos das ciências em geral, as ciências trabalham fatos mais ou menos diretos, a Epistemologia trabalha a produção do conhecimento sobre isso então é de segundo nível aí. Então, ela se debruça sobre a obra científica e curiosamente é um campo novo até instigante porque nos cursos de pós graduação no país que eu acompanho de perto estão criando linhas de pesquisa nessa área e com muito sucesso. A História da Educação abriu uma área de pesquisa chamada Historiografia, o que é Historiografia? É uma reflexão sobre História da Educação, é uma Epistemologia da História da Educação que está com sucesso. Aqui abriu uma agora, um grupo de história e eu estou participando porque é de interesse na U.S.P., na P.U.C.C. pegue aí os docentes catalogados, faz três ou quatro anos que não aparecia essa linha de pesquisa. Eu caminho por aí uma vigi-

lância sobre a produção, no sentido de ver como é a área da produção que categorias utilizam, que problemática, que metodologia, que concepções trabalham. Vamos fazer uma espécie de balanço progressivo, aí o novo pesquisador ele já tem um referente, pode estar atento, pode procurar um elemento mais próximo da área e não esperar algo que venha de fora, produzir o próprio campo epistemológico. Ora vai valer um bom tempo quando se fala daqui, assim como a Linguística no começo do século não se falava 'é ciência' e hoje se fala 'é ciência' e que ganha um espaço na comunidade acadêmica que fala 'olhe, aí tem uma nova ciência que apareceu'. Agora você vê o historiador da ciência, como começou isso aí? Lá pelos anos quarenta através da ciência colonizada, de uma metodologia colonizada por aí foi depurando e aí apareceu... o que aconteceu com as outras ciências no percurso deste século?

(Ana) E Silvio, como você vê a possibilidade de um discurso pedagógico? Porque isso foi algo que também foi colocado pelas pessoas, tanto neurologista e tal a questão de que na verdade, a pedagogia se apropria dos outros discursos. É como se ela estivesse aqui no meio e tivesse uma ação parasitária. Ela se apropria do discurso de História, ela se apropria do discurso da Sociologia e tal, mas existe uma ausência de um discurso essencialmente pedagógico, como você vê esta possibilidade?

(Silvio) Eu acho que a questão do discurso é que tem discurso de discursos, e tem o discurso sobre o discurso, ela é um tanto complexa. Eu entendo o seguinte, a Eni Orlandi... eu tenho também um artigo escrito sobre isso analisando a contribuição de Comenius, Comenius tem algumas contribuições com relação ao que ele chama verbalismo, verbalismo, ele ataca diretamente o verbalismo. Para atacar o verbalismo pedagógico ele se afirma em Bacon, é interessante, a Eni Orlandi também denuncia o discurso pedagógico como pseudo-científico, e o Comenius de quatrocentos anos atrás já falava que o que o professor está falando na sua sala de aula com seus alunos, ele está falando vamos supor um exemplo da geografia brasileira, é um discurso que o referente está distante, o referente está distante, não está presente e a versão dele segundo a Eni Orlandi é autoritária porque é a única opção de interpretação que têm, o único sentido é o que o professor dá...

(Ana) É a questão da paráfrase.

(Silvio) Isso. O Comenius está falando, há um cara verbalista aí, um cara dono do que está falando, que fica na própria fala dele, na versão e no sentido que ele dá. Qual é a proposta dele? Ele fala 'olha, se não consegue outro jeito pelo menos a imagem, a imagem ele trabalha a picture a questão da... tem no livrinho sobre o livro di-

dático seria, mas que as figuras se você vai falar do campo da geografia, qualquer campo traga pelo menos a imagem disto aí. É o recurso didático, é falar utilize filmes, utilize qualquer... alguma coisa que não seja só a palavra, só sua versão, permita que outros percebam pelo menos a imagem, o ideal seria que fosse o próprio objeto. Que o que já é falado do discurso público o que seria para nós pesquisa, a docência vinculada à pesquisa, que o aluno manipule o objeto, o problema que está sendo colocado, que dê trabalhos e que não escute só a versão sobre isso que o professor está dando no verbalismo, pelo menos a imagem para que ele ter outro referente, se permitir outro sentido, ou uma polissemia, ou uma polêmica, que esta fale sobre isso não por minha fala, por fala dele. Agora, e por que não pesquisar? É a proposta da Escola Nova, você se cala e coloca o aluno perante o fenômeno ele elabora um discurso, manipula e elabora um discurso sobre isso e depois discute comigo. É polêmico, é lúdico no sentido de que o sentido é dado pela polissemia e que você tem que aceitar que é um a mais neste processo. É lógico que a escola não está feita para isso, o Saviani já diferencia uma coisa é a pesquisa, outra coisa é o ensino. Você não pode transformar, não tem condições de tomar isso aí e transformar as escolas em laboratórios.

(Ana) E mesmo por que tem a questão da memória, para você falar sobre alguma coisa você tem que ter tido algum... você vai evocar outras falas, não existe a fala puramente individual.

(Silvio) Então aí iremos pensar de que maneira esta produção do conhecimento mais direta que é através da pesquisa ou do discurso lúdico, do discurso manipular ou seja vamos trabalhar com o fenômeno e não se isolar tanto da transmissão do conhecimento disso. Aí vem de pedagogia, olhe pelo menos recupere o conhecimento que temos aí no que se refere a respostas, a teorias, a resultados de pesquisas, e isso está carregado de livros didáticos para melhorar o ensino... uma fórmula matemática é resultado de uma pesquisa sobre uma problemática, sobre um problema, o aluno recebe e nós trabalhamos, daí o caráter pseudo-científico, trabalhamos as respostas recortadas de seu contexto de produção da resposta, recortadas, separadas da pergunta que gerou esta resposta ou da problematização que gerou esta resposta, essa fórmula, essa teoria e aí é pseudo-científico, você pega não faz conexão com o discurso da produção do conhecimento, você faz um discurso pseudo-científico, longe disto aí, distante disto aí. Então o professor ensina coisas que ele nem sabe de onde surgiram, em resposta a que problema ou situação. Aí por que isso? Isso é pseudo-científico. Este é o grande problema da Pedagogia em que facilmente aparece 'é, em vez de dar aula sobre isto aqui, eu falo qualquer bobagem, enrolo tempo, faço atividades extra-curriculares'. É um

pouco o que outros colegas como Saviani apontam para isso aí, porque o ensino está muito próximo à produção do conhecimento, de como se constrói a 'episteme', a formação científica do professor... que pelo menos saiba qual a metodologia e estou colocando uma fórmula recuperando a pergunta. Aí a necessidade que você falava de termos uma visão histórica desta ciência hoje ou desse conhecimento. Para dizer 'caminho por aqui, agora chego aqui', aproximo do processo da produção a socialização deste conhecimento. O grande problema é este distanciamento porque na mediação deste tempo já mudaram todas as respostas. Ensino é aquela questão fora, desatualizada, superada, este é o grande perigo da... Agora a questão da Filosofia da Educação tem que trabalhar com isso aí, que tipo de conhecimento está sendo transmitido? Eu chutaria, um conhecimento mais geral, um conhecimento distante, um conhecimento pseudo-científico que perdeu todo o processo e ficou como resultado, resultado totalmente desatualizado eu falaria. Enquanto você elabora aquele livro didático, enquanto você prepara o professor... ele aprendeu lá enquanto fazia faculdade e não se atualizou, puxa vida!

(Ana) O Eduardo Chaves fala disso...

(Silvio) Aí é referência da confiabilidade científica da educação, todo mundo vai questionar 'olhe o que estão ensinando lá, que porcaria!'

(Ana) E Silvio, agora o discurso pedagógico enquanto sobre a educação. Teve uma mesa redonda sobre educação para os neurologistas só que não tinha nem um pedagogo à mesa, só neurologistas e psicólogos. E é interessante que neste seminário foi defendida a idéia de que na escola não seria necessário um pedagogo mas um psicólogo porque o pedagogo não tem conhecimento sobre neurologia, fases do desenvolvimento da criança e que o currículo do pedagogo é falho. E além deste encontro apareceu um projeto em Paulínia na Câmara dos vereadores, na mesma época, para a prefeitura pagar um psicólogo para cada escola estadual, e o engraçado é que as escolas estaduais não têm nem um orientador pedagógico exclusivo para cada uma delas. E a prefeitura deveria pagar um psicólogo como se ele fosse o profissional adequado.

(Silvio) Que iria salvar a pátria...

(Ana) Exatamente. Então a questão do discurso pedagógico vem por aí. Será que a educação é um objeto do qual o neurologista pode falar, o psicólogo pode falar, como se o pedagogo fosse só repetir os discursos, a presença do pedagogo fosse o evocar discursos da História, evocar da Sociologia, da Psicologia, mas que o pedagogo não fosse ter um discurso próprio para ser usado e contribuir para essas áreas de maneira diferente? Então, a educação con-

tribuinando para você refletir a questão da neurologia infantil , não só como pegando instrumentos da neurologia infantil e voltando, mas interferindo na própria produção deles a respeito do que é por exemplo aprendizagem...Então a gente trabalharia com a questão do que seria a aprendizagem e interferiria na análise do neurologista a respeito de alguma coisa... mas como ponto de referência para consultas, como ponto de passagem também para receber problemas de outras áreas. Então como você vê o discurso pedagógico, é possível a educação ser um fenômeno que fosse gerador de um discurso específico?

(Silvio) A minha questão é anterior a isso aí. Todo discurso tem um referente , do que você está falando. Agora este referente do discurso pode ser outro discurso . Então eu faço um discurso por exemplo das classes pobres ou da miséria da população brasileira. A miséria é um discurso amplo e nós sociólogos vamos fazer um discurso sobre a miséria , sobre o discurso da miséria sem nunca entrar em um bairro de periferia, por exemplo. E as tendências filosóficas vão falar dos discursos que os sociólogos fazem do discurso da miséria... esse é o grande problema que eu vejo nestas chamadas teorias do discurso que vão até a realidade por muitas mediações.

(Ana)A palavra abstrata...

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE LADO DA FITA

(Silvio) Os referentes reais , a realidade ... se esvazia da realidade . Este é o grande problema que eu queria apontar. Onde o pedagogo deve elaborar seu discurso? Pelo discurso do sociólogo, da Sociologia ou deve falar da sua prática que já é muito mais próxima? Você lembra aí que eu trabalho com isso , contei com sua experiência ... porque a gente pega a matéria prima, em que é mais ou menos o 1º discurso que eu vou fazer e não o 3º ou 4º discurso mediado por interpretações outras que depois vai falar 'é uma questão vazia'. Têm tantos discursos no campo da educação, que são um tanto vazios. Acompanhe aqui as aulas do curso de Pedagogia e pergunte só uma questão 'onde está a realidade da qual estão elaborando os discursos?' ou 'por onde passou a realidade , distante quanto disto está a realidade , onde está a matéria-prima disto aí?'. Deveria ser um pouco mais original o discurso pedagógico aí é muito importante porque o neurologista vai falar 'olhe, o objeto é a criança em tal faixa etária' e a prática, o relato, o próprio relato do concreto que o pedagogo está próximo . Isto aí que é importante para eles. A questão da criança diagnosticada como deficiente , olhe se eles querem realmente ter um discurso mais próximo é ir atrás desta mediação pedagógica , o cara que está ali no cotidiano. Aí pergunta 'qual o tipo de elaboração que ele faz desta experiência?' , aí vem a

falha no processo . Quem está no contexto, quem é o pedagogo? Ele nem sequer registra o que vê , ele não relata , ele não elabora um discurso sobre a sua prática. Agora se um especialista em neurologia de crianças em faixa etária escolar tivesse em mãos alguns relatos ele teria uma fonte muito rica de elementos para conhecer esta realidade, o comportamento cotidiano. O pedagogo não escreve isso, não registra isso , não sistematiza isso , não faz um discurso sobre a sua prática . Ele não tem tempo , está lendo o livro de Sociologia , estudando...

(Ana) Está retomando outros discursos...

(Sílvio) Não tem a confiança de fazer isso aí porque não é científico, vamos supor.

(Ana) E aí cai no pragmatismo...

(Sílvio) E aí também o que é científico? É o conhecimento da realidade. Agora ele passa uma concepção de ciência de que só são ciências tais... e não o conhecimento desta realidade.

(Ana) Ele não considera a educação um fenômeno nas categorias que você usou.

(Sílvio) Ou da simples descrição ou da simples taxonomia que você poderia fazer aí. Agora é lógico , eu pelo menos me identifico com certas tendências que ... qual é a matéria prima da minha disciplina, a Filosofia da educação? É o pensamento dos meus alunos 'por favor façam seus discursos sobre isso ...'

(Ana) O resgate das histórias de vida.

(Sílvio) E sobre isso a gente trabalha e o tempo todo as pessoas estão interessadas porque está falando do que pensam , estão trabalhando...

(Ana) E a própria história de vida está servindo de elemento para...

(Sílvio) Até estou modificando meu pensamento a partir disso daí, então o elemento teoria-prática fica convalidado. Eu posso navegar e trazer à tona Platão, Aristóteles , todos os filósofos mas o ponto de partida e a matéria prima sobre a qual estou falando é essa, é o pensamento que eles têm aqui, hoje, agora. Então é um pouco o jeito de trabalhar . E fazem discursos e fazem relatos interessantes , eu posso até publicar tudo isso ... de uma simples aula.

(Ana) Seria um material interessantíssimo para esse discurso pedagógico.

(Silvio) Então aí vem o neurologista e fala 'puxa olhe este livro sobre as crianças feito por pedagogos que estão e articulam muita coisa lá, é a base para a minha pesquisa'.

(Ana) É, eu ficaria extremamente realizada, e eles colocaram esta necessidade de, em alguns contextos, a necessidade de se buscar um pedagogo para tirar dúvidas mesmo, como a gente faz com o historiador, com...

(Silvio) O pedagogo, sua prática não é essa não, primeiro porque não tem condições nem sequer econômicas para depois de sua aula magistrar cursos por aí. Não registra sequer os casos anuais. Então não tem a prática do registro e muito menos da elaboração do discurso desta prática. As condições não dão isso aí, tem que sair correndo para dar aula em outro lugar, não faz uma reflexão sobre a sua prática, não faz um discurso sobre sua prática, não tem tempo, não tem condições... não tem esse jeito de fazer. Talvez o professor universitário em algumas universidades como aqui por exemplo que é exigido falar 'escreva alguma coisa sobre o que você faz', então aí 'escreva pelo menos um relatório ou seu memorial'... alguma coisa mais dentro dos rituais administrativos de controle. Agora vamos pensar no resto, essas são as condições da universidade, e o resto dos professores de 1º e 2º Graus? Acabou! Salário pequeno, não têm tempo para isso, nem sequer para a serenidade da vida para sentar e escrever, aí ninguém dá... tem que mudar. É lógico que este quadro não é em todo lugar, existem outras realidades em que você tem tempo para isso e até interesse em fazer isso.

(Ana) Eu vejo o seguinte, é um espaço que o pedagogo não está ocupando e existe uma demanda...

(Silvio) Aí então todos os outros que têm a ver com a criança na faixa etária escolar, ou com o conhecimento, com toda problemática é que ganham respeitabilidade.

(Ana) É e eles sentem falta, nas entrevistas, da Pedagogia como um ponto de referência. Se eu tenho uma dúvida sobre o processo educacional ou o que é educação... tanto é que aquele livro 'O que é educação' o Brandão que é da Antropologia que escreveu e se você for ver é o objeto daqui. seria um ponto de referência o pedagogo porque sempre tem algum processo educacional acontecendo, essas Organizações Não Governamentais, o projeto Axé, ou..

(Silvio) Registrar, elaborar uma reflexão e um discurso sobre isso.

(Ana) Elaborar categorias.

(Silvio) Agora qual é a fonte disso? A prática. Daí porque eu defenderia a Pedagogia como uma ciência da prática. Agora esse discurso seria muito mais costurado, muito mais elaborado quando quem faz isso tem uma bagagem interpretativa maior, o cara que tem conhecimentos de Filosofia, Sociologia, dinâmicas sociais, de... o cara faz um discurso muito mais completo.

(Ana) O conhecimento dos outros discursos é necessário.

(Silvio) Mais completo... ou também conhecer muito bem a realidade. Um cara que com experiência lá que conhece as famílias, a comunidade, aí tem um monte de costuras. Ele elabora melhor qualitativamente este discurso. Talvez meia página, mas toda a densidade que tem esta meia página... quem faz isso aí? Alguém que domina, que articula, que é a própria formulação dele. Aí você cai necessariamente na formação desse pedagogo. Qual é a formação que tem esse cara?

(Ana) Exatamente... o currículo, a própria organização das Faculdades de Educação. Eu estava conversando com o Plínio e ele disse 'Ana Flávia seria interessante que você resgatasse todos os currículos das várias universidades, das Faculdades de Educação', porque em Brasília é outro sistema. Por exemplo aqui nós temos quatro departamentos de áreas de fundamento, Filosofia, Ciências Sociais e tal, um de Metodologia. Em Brasília é o contrário, na UnB tem um departamento de fundamentos em geral e os outros são tecnologia da educação, são acho quatro departamentos eu tenho anotado...

(Silvio) Administração e Planejamento.

(Ana) Isso! Voltados para a questão da educação.

(Silvio) Currículos. Acho que isso não diz muito. Se você pega os currículos, o currículo mínimo exigido mais outras coisinhas que colocaram aí para... ao que estamos presos é a esse maldito currículo mínimo.

(Ana) É engraçado a questão sobre a formação. Quando falam sobre trabalhar na graduação a formação do professor só e depois a nível de pós as reflexões sobre educação de uma forma geral me arrepiava Silvio. Porque eu penso assim você vai primeiro falar da educação escolar só para depois entender o que é educação? Você descontextualiza se colocar os fundamentos depois.

(Silvio) Sim, é complicado. Então no final eu falaria que o professor tem uma formação do espírito científico. Agora a pergunta sobre que disciplina forma este espírito científico? Pegue aí por sua própria experiência...

"onde pelo menos desvendei que a característica da ciência é esta aqui e que eu devo trabalhar a 'episteme' na sala de aula , este conceito de 'episteme'?" . Aí há os que vão apontar 'ah isto é um ritual, é uma maneira, a questão da forma, do método didático, é a Didática'. Todo mundo fala 'é a Didática' mas a didática a gente até inventa. É o caso do médico que não precisa fazer curso nenhum de Didática ou Pedagogia para dar aula na Faculdade e tem o desafio. Aí tem esta pesquisa que uma professora... 'A Construção do Professor' da Glorinha Pimentel que é a construção da UNICAMP. Chegou aos coordenadores de grupo e falou 'indique um professor que você saiba que o pessoal fala que é bom', chegou no caso da Faculdade de Educação que eu estava aí falei 'olha , dos professores que tem aí , tem uma no grupo que pesquisa, que é boa, que gosta , que é a Corinta... pode entrevistar a Corinta que eu acho que é uma pessoa que eu escuto que os alunos e os colegas falam que é dedicada, gosta' . Aí ela foi entrevistar a Corinta aqui na Educação e aí foi pela Didática , e curiosamente outros bons professores nunca tiveram nenhum curso de especialização em Didática ou Pedagogia ... eles se fizeram professores e estão lá feitos . O caso mais curioso que ela tem é de um professor de matemática que , bem simpático ele é um grande professor , o admiram muito. E a matemática para solucionar seu grande problema de mortalidade acadêmica , porque mata mesmo não só na nota mas fisicamente , eles ensaiaram já todo tipo de possibilidade... então 'vamos definir um currículo mínimo, conteúdo mínimo para todas as 20 turmas que vão trabalhar este conteúdo, no final se dá uma prova geral para que não seja uma prova onde o professor queira acabar com o aluno mas tenha o departamento controlando'. O professor que justamente teve que sair a dois encontros internacionais , perde quinze dias de aula para o mesmo conteúdo da prova final, o professor que chega no primeiro dia de aula e ... temos um negociante de camisetas aqui que vende uma camiseta 'odeio matemática'... e todo mundo colocou 'odeio matemática' e 'vai lá que eu não vou dar aula para vocês!', mas no final todo mundo passou com a nota máxima. E aí pergunta-se qual o segredo deste cara? Teve que se ausentar, teve propriamente meio semestre só . Ele fala 'Vocês vão e percorram todas as lojas do cotidiano e tragam problemas . todos vamos resolver com cálculo 1'. Pegou o cotidiano e todo mundo aprendeu matemática, o resto... Bom professor!

(Ana) E ele não tem nenhuma formação em Didática .

(Sílvio) Mas trabalha o que aprendeu com muita ...

(Ana) ... com muita reprovação . (risos)

(Sílvio) É outro jeito de aprender isso que é a prática . Aí voltamos à prática.

(Ana) É uma reflexão sobre ela.

(Silvio) É uma reflexão coerente e muito bem elaborada sobre isso por sua conta. Agora ainda que tenha pesquisador que descobriu isso agora é social... que se coloca como uma contribuição. Mas só que pegou da prática e ensaiou e bateu e errou, o que podia ser mais ou menos Pedagogia, aí a importância. Então 'olhe tem esta experiência aqui, Comenius já falava isto que você está falando', já se sente mais tranquilo e caminha com menos erros, com mais segurança.

(Ana) É aí entra uma outra questão, a questão da Didática. Alguns falam da Didática como o que seria específico do pedagogo...

(Silvio) É uma partezinha. Aí está o debate dos especialistas do currículo em confronto com os didáticos, é a briga nos ENDIPES que é enorme. 'Não tem Didática sem currículo', 'há didática sim, ela é autônoma, é um campo novo'... não, a Didática Magna é um tratado político.

(Ana) É na verdade é. Então está bom Silvio, obrigada...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM ILDEU MOREIRA COELHO

Professor titular da Universidade Federal de Goiás/ F.E.
Formação básica em Filosofia.
Goiânia , 10 de maio de 1996.

(Ana Flávia)Entrevista com professor Ildeu na Federal de Goiás no dia 10 de maio de 1996. Então professor, a questão da Pedagogia como ciência, ciências... qual é o espaço dela, como você vê as questões das várias ciências-fundamento. Enfim , o que a Pedagogia tem de específico?

(Ildeu)Esta é uma questão solene . Inclusive aqui na Faculdade de Educação a gente tem professores , o que é muito normal, com posições bastante divergentes. Especificamente por exemplo Libâneo e eu defendemos posições diversas, opostas até, não é? No meu caso por exemplo, eu acho que se a gente pega o que tem sido a ciência no mundo moderno, sem discutir se a gente concorda com isso, é a realidade que está se construindo desde o século XVII para cá, a Pedagogia não é uma ciência . Não tem como se tornar uma ciência porque o que ela se propõe a fazer , e eu acho que está correta, é justamente trabalhar a educação da perspectiva da globalidade, de uma certa totalidade , alguns usarão a expressão integração não sei. As palavras podem aliás cada uma delas com a sua conotação teórica, ideológica , não é? Mas de uma forma ou de outra existe sempre uma perspectiva de uma certa globalidade ou seja , a Pedagogia tem uma proposta de pensando a questão da educação no caso específico da escola, ir além dos recortes que as várias ciências vêm fazendo , inclusive as ciências da educação e outras. Portanto neste sentido a Pedagogia tem algo além para colocar , para apresentar na área da educação na medida em que ela se propõe a partir da educação, da contribuição da Filosofia, que não é uma ciência mas um outro tipo de saber, e de outros setores do conhecimento humano e das práticas , ela se propõe a equacionar a questão da educação mais ampla e da escola numa perspectiva de globalidade no sentido de reconstruí-la dentro de uma certa racionalidade , é claro, não é? Por que eu digo que ela não é ciência? Por vários motivos. Primeiro é preciso dizer o seguinte, a ciência sempre trabalha... é um saber regionalizado. Você vai dizer 'bem, isto é um absurdo' e eu poderia até dizer também, porque eu acho a fragmentação que se produziu no saber nos séculos modernos uma coisa terrível. Chega em alguns casos a ser patológico mesmo. Mas, daí dizer que a ciência vai fazer o caminho inverso também seria uma ingenuidade total. A ciência tem por natureza desde o seu início a especialização, ela é um saber regionalizado, recortado em termos de objeto. Ela constrói , ela produz, ela cria o seu objeto e o cria muito recortado e cada vez mais recortado não é? Em termos teóricos, conceituais ... melhor ainda, o que uma ciência entende por uma determinada palavra , uma coisa, um conceito por exemplo, na Sociolo-

gia é um, na Psicologia é outro e assim por diante. Cada uma delas produz seus conceitos e seus métodos. O que significa que não sejam completamente diferentes ou opostos ... sei lá. Algumas vezes sim, outras não, às vezes há adaptações , há transposições ... melhor ainda, muitas delas vindas, no caso aí que nós estamos apresentando especificamente que são as ciências humanas, vindas das ciências da natureza, vindas da Biologia, da Fisiologia, às vezes até da Matemática, da Física ... toda a história que a gente conhece bem do final do século XIX para cá. Então a Pedagogia não sendo um saber regionalizado não se propõe , pelo contrário, a ser um saber regionalizado. Ela não se encaixa dentro daquilo que tem sido a ciência desde o seu início até hoje , portanto ela não é ciência. Ela tem uma outra proposta , ela tem um outro objetivo, ela trabalha com outras categorias que procuram romper com a questão da regionalização, com esse saber que é limitado no sentido verdadeiro do termo, que tem limites e que tem recortes específicos.

(Ana Flávia) E o objeto da Pedagogia não permite isso.

(Ildeu) Quando você pega a Psicologia da educação, ela faz o recorte do ponto de vista que interessa para trabalhar a educação dentro da Psicologia.

(Ana Flávia) Só que o enfoque da psicologia da educação em relação à Pedagogia é outro, não é o do recorte, é o da síntese. O caminho é...

(Ildeu) E aí você não tem uma perspectiva de globalidade na ciência , o que já você pretende na Pedagogia. Isso não significa de modo algum que a Pedagogia seja inferior ou superior . Não é uma questão de hierarquia , não é. Eu acho que a gente pensar isso em termos de hierarquia e ficar assim com quase um certo complexo de inferioridade, é uma visão cientificista. Se você achar que só a ciência tem nobreza, tem valor , tem importância... Por exemplo nós da área de Filosofia temos muito claro isso, a Filosofia não é ciência, não pretende se tornar uma ciência , nem por isso ela tem sua dignidade , sua importância...

(Ana Flávia)...ferida.

(Ildeu) Não é por aí.

(Ana Flávia) Quem chegou neste ponto também foi o Renato Ortiz. Ele até deu o exemplo da Física. Por exemplo, a Física é uma ciência só que a engenharia não. Nem por isso a gente a encara dentro da universidade com menos nobreza que a Física. São especificidades diferentes.

(Ildeu) Exato.

(Ana Flávia) Ele até afirmou com veemência que a Pedagogia deveria se assumir enquanto não ciência. Enquanto ela ficar neste dilema se é ou não...ela tem que assumir a sua especificidade.

(Ildeu) Eu por exemplo, uso em um trabalho meu rascunhado a comparação com a Medicina. É praticamente a mesma coisa com a Engenharia. Quer dizer, a Medicina não é uma ciência ela utiliza os conhecimentos das várias ciências na área biológica para interferir na realidade e produzir determinados resultados, articular determinadas questões de uma perspectiva de globalidade. Quando o médico está diante de um paciente, seja na clínica, seja na cirurgia, ele não está diante apenas de um amontoado de células, quer dizer, então ele não pode pensar com a contribuição da citologia apenas, nem de um conjunto de membros, de nervos, de ossos, como o anatomista faria e assim as várias ciências da área biológica. Mas ele tem que usar todos estes conhecimentos na perspectiva de síntese e enfrentar a questão que se coloca para ele... a questão da saúde e da doença e do como que a partir destes conhecimentos ele equaciona isso a partir de uma perspectiva de globalidade. Você vai dizer que a Medicina não é importante? É da maior importância, não é? Ela tem seus equívocos mil que nós sabemos em termos de Brasil, de assistência médica...é outra questão. Mas pensando a Medicina em si mesma é da maior importância. É um saber mais ligado à prática, de cunho mais sintético que parte das ciências que são regionalizadas e algumas delas aí na área biológica você vê a patologia é terrível mesmo, quer dizer a fragmentação do saber tem se tornado extremamente patológica não é? E apesar disso a Medicina pretende articular tudo isso e enfrentar a questão da saúde e da doença.

(Ana Flávia) É bem aquela coisa, o produto e o ato de produção não se separam.

(Ildeu) Porque quando você pensa por exemplo a Pedagogia, tudo o que eu já tenho visto, não é a minha área, eu não tenho estudado não, mas por estes embates de quando em quando eu leio algumas coisas escritas por pessoas que defendem a questão da Pedagogia como ciência, ou eles caem numa visão completamente ingênua do que tem sido a ciência moderna, que é uma perspectiva de síntese, de superar toda a fragmentação e tal, e eu acho que isso é completamente fora da realidade, ou então eles caem numa perspectiva que não foge muito desta mas ela tem uma especificidade que no fundo coloca a Pedagogia quase como se fosse, como se devesse a Pedagogia fazer aquilo que compete à Filosofia fazer. Quer dizer por exemplo que é um conhecimento de cunho reflexivo, globalizante, coisas nesta direção... ora, este já é o campo da Filosofia da Educação que eu acho que não é o campo da Pedagogia.

(Ana Flávia) É um dos fundamentos...

(Ildeu) É, ela entra como fundamento. Mas a perspectiva da Pedagogia ela é completamente diferente, para mim, da perspectiva da Filosofia. Quer dizer, a Filosofia pretende ser uma elaboração essencialmente teórica numa perspectiva de globalidade sobre a prática pedagógica, sobre as teorias pedagógicas, portanto sobre o pensar e o fazer ... as idéias e a ação , procurando equacionar este ponto de vista teórico de uma forma radical, quer dizer, na raiz dos problemas mas sem jamais perder a perspectiva de totalidade e sem nenhuma preocupação imediatista para a aplicação e solução de um problema. Quer dizer o filósofo quando resolve não está preocupado, quando resolve não desculpe-me... quando pensa, quando filosofa ele não está preocupado imediatamente em melhorar a qualidade da escola diminuindo por exemplo o índice de evasão e repetência . Isto não é objeto da Filosofia. A Filosofia pode fazer uma reflexão , e eu acho importante que o faça, até sobre a questão da evasão e repetência , mas não que o resultado da reflexão filosófica seja passível de uma aplicação imediata na escola para resolver o problema A, B ou C da disciplina, da evasão, da repetência, do desinteresse dos alunos , enfim da escola que não ensina ou coisa que o valha. Isso não é campo da Filosofia , é uma outra natureza. Agora o pedagogo sim, eu acho que quando ele pegando a contribuição quem sabe da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, da Didática, de todas as ciências ele tem como objetivo articular ... me parece não é? Eu não sou da área... articular o processo ensino-aprendizagem e dar uma resposta positiva resolvendo os problemas que tem aí. Isto é da maior importância em termos de educação mais ampla , escolar ou não, e especificamente dentro da escola. Só que a isso não dá para você pensar em conferir um estatuto de ciência ou de cientificidade a este tipo de saber. É um saber que foge , que escapa aos limites estreitos da ciência, porque os limites da ciência queiramos ou não são estreitos, são limitados . Eu estou usando o estreito aqui não no sentido pejorativo.

(Ana Flávia) Mas como uma característica...

(Ildeu) É extremamente elementar. Quer dizer, o caminho que a ciência optou por seguir e justamente porque optou por seguir isso a partir do século XVII, é que ela se separa da Filosofia. Aliás as ciências se constituem rompendo com a Filosofia , dizendo 'eu não sou Filosofia, de certo modo eu não pretendo a globalidade , eu pretendo o controle experimental, a matematização do saber'. Veja o caso do Galileu , de Newton , de Bacon... no campo da Física eles estão rompendo com a visão qualitativa do mundo , do universo e procurando estabelecer uma linguagem essencialmente matemática, quantitativa do mundo. Então há

uma ruptura , uma outra compreensão quando um filósofo pensa a questão do mundo o próprio conceito de mundo é um, para a Física e é outro completamente diferente. Cada um tem a sua abordagem diferente. Agora, a ciência surgiu justamente rompendo com esta perspectiva da globalidade que é a perspectiva da Filosofia , e aí voltando então, a Pedagogia não tem nada a ver com isso . Quer dizer a Pedagogia não é um saber regionalizado , ela não tem como ser... até porque se ela caminhar pela perspectiva da regionalização ela se auto destrói , assim como a Medicina se pretendesse caminhar para a perspectiva de uma regionalização na área médica ou na área biológica talvez até. Daí ou ela vai se confundir ou vai repetir o que faz a citologia , a biologia, a físico-química, a bio-química ou coisa que o valha , mas ela não vai ser medicina.

(Ana Flávia) Interessante professor Ildeu. Seu argumento é muito forte . Ninguém o tinha usado , eu pelo menos não tinha visto assim tão bem explicitado este argumento a respeito da ciência . Geralmente , por exemplo o Saviani e o Gadotti ficam muito na discussão ciência ou ciências mas não abordam a questão 'o que é a ciência'. Até que ponto a ciência não é ... e o a gente desejar que a Pedagogia seja ciência, não é próprio da mentalidade da nossa sociedade em que se valoriza tanto o científico e que acaba separando o ato do pensamento regionalizado.

(Ildeu) É , eu volto a insistir naquilo que eu falei . Eu acho que é uma mentalidade cientificista achar que para ela ter valor tem que ser ciência. Gente, tanta coisa no mundo que não é ciência e é muito mais importante que a própria ciência... a começar pelo amor, a arte, a amizade e outras coisas mais no campo até do saber como a Filosofia.

(Ana Flávia) Não ser científico não significa uma exclusão no campo acadêmico de outros tipos de pensamento. Porque este tipo de pensamento, a ênfase na ciência, acaba sendo exclusivo, no sentido de exclusão. Ele exclui outras formas de pensamento , de elaboração e de sistematização. Como você disse , embora não seja ciência , isto não implica em uma atuação intuitiva ou menos elaborada, pelo contrário, é uma outra forma.

(Ildeu) Neste sentido eu acho que ela é mais uma prática , mas não no sentido pragmatista do termo, de um imediatismo . Não, porque a Medicina também é uma prática não é? Aliás esta posição da Medicina é muito discutida por algumas pessoas , é até muito antiga . Se não me engano , acho até década de 48... o autor de 'Normal e Patológico' Canguilhem . Na tese de doutorado do Canguilhem ele defende exatamente isso, que a Medicina não é uma ciência. E fez o doutorado em Medicina que não é uma ciência , é uma técnica ... e aí vai explicar o que é uma técnica,

quer dizer , é um fazer que não é imediatista, que articula saberes teóricos com vistas a um determinado objetivo, equacionar praticamente determinadas questões . Mas só que para fazer isso ela tem que ter uma sustentação teórica de pesquisa, de investigação que não é feita por ela , é feita por outros saberes que ela se apropria e utiliza na questão . Eu comparo a Pedagogia mais ou menos à mesma coisa , eu acho que vai um pouco na direção do que o Renato talvez tenha dito para você a respeito da engenharia . Praticamente a mesma coisa.

(Ana Flávia)E a técnica. Ele usou também esta questão da técnica , ele falou que a Pedagogia para ele é uma técnica , até resgatou o termo etimologicamente, não no sentido técnico que a gente usa no senso comum ... o sentido é maior. Interessante. E professor, como você vê a integração das ciências na formação do pedagogo. Porque a UNICAMP agora em 93 está com um projeto novo. A partir de 93 mudou-se o ... ah! Antes disso eu queria que você fizesse a ponte com o Libâneo que você estava dizendo que as posições são diferentes . Aí eu entro com isso aqui.

(Ildeu)É porque o Libâneo defende muito a posição de que a Pedagogia é uma ciência . Ele inclusive trabalha para constitui-la como ciência. Só que aí é um negócio complicado da gente discutir isso, inclusive sem a presença dele, para a gente discutir um pouco mais pegando os textos dele que eu não estou com eles aqui, e há um certo tempo que não os vejo... Mas um pouco esta questão é a seguinte...

(Ana Flávia)Tipo a linha do Saviani?

(Ildeu) É um pouco, mas eu acho que ele vai além do Saviani, bem mais além. Ele pretende que a Pedagogia seja uma ciência , uma ciência da perspectiva globalizante e portanto ela não trabalha como as outras ciências. Só que quando você pega por exemplo na tese de doutorado dele , eu acho que há momentos em que no fundo a Pedagogia se confunde com a Filosofia. E aí eu acho que é complicado... quer dizer, qual seria a identidade da Pedagogia? Eu acho que não é um negócio muito claro, eu acho extremamente problemático...

(Ana Flávia)E é interessante porque talvez esteja aí um dos motivos da crise da Pedagogia, porque se não é claro para o próprio pedagogo, quanto mais para quem é de fora.

(Ildeu)Claro. Depois eu vou até ver se eu tenho um texto do Libâneo, que talvez eu tenha, um texto rascunhado e um meu que eu contrapuso com ele. Os dois são rascunhos . Se eu tiver uma cópia aqui eu te dou uma cópia.

(Ana Flávia) Os dois da mesma universidade , vocês trocaram...

(Ildeu) Numa discussão a respeito do curso de Pedagogia Libâneo e eu divergimos aqui desde a década de 80, e muito, sobre essa questão.

(Ana Flávia) E isso é muito bom!

(Ildeu) É , é extremamente interessante. E a gente fez a uns 3 anos atrás uns debates aqui e cada um de nós apresentou um rascunho . Até hoje eu não tive tempo de terminar meu texto . Está aí mimeografado, mas ele circulou aqui na faculdade entre os alunos, professores. A gente fez umas 3 mesas redondas em cima desta questão.

(Ana Flávia) Tem gravação , alguma coisa destas mesas?

(Ildeu) Eu acho que não. Têm os dois textos escritos que cada um de nós apresentou como 'boneco', diríamos assim. Mas escrito assim de versão preliminar, tanto que só foram mimeografados ... não sei se o Libâneo chegou a publicar o dele , que eu saiba não , mas pode ser que sim. E eu também não publiquei o meu até porque não o terminei , está do mesmo jeito. Tenho que retomá-lo.

(Ana Flávia) E não há gravação nem registro em ata, alguma coisa...

(Ildeu) Não, acho que não. Tenho a impressão que não. Isto é tão antigo. Neste caso o registro maior seriam os textos mesmo.

(Ana Flávia) Se eu soubesse , foi na década de 80? Quando foi?

(Ildeu) Deve ter sido 92 ou 3 acho que 2.

(Ana Flávia) Ah tá! Faz pouco tempo . É, pouco tempo! O tempo é relativo depende de onde a gente está falando . Em relação à Pedagogia agora, voltando à questão da UNICAMP... A UNICAMP reestruturou o curso de Pedagogia a partir de 93 para cá. Então o professor Luiz Carlos de Freitas elaborou , eu participei na congregação como representante dos alunos , o Saviani, o Pedro estavam na congregação também na época. E ficou da seguinte forma estruturado o curso para achar um espaço em que acontecesse esta integração e esta ... este ir além dos conhecimentos das várias áreas, então ficou estruturado assim: são cinco dias na semana de aula, isto falando no currículo durante o semestre tá? Como se organizam as disciplinas dentro do semestre. Então segunda , terça, quarta, quinta e sexta (escrevendo em um papel) . Nestes dias (apontando para os registros no papel) os dois primeiros

e os dois últimos da semana ficaram voltados para as disciplinas-fundamento, a Filosofia aplicada à educação, a Psicologia aplicada à educação, História aplicada à educação. Aqui na quarta-feira, a quarta ficou aberta para uma disciplina do departamento de Metodologia que iria tentar justamente tecer estes quatro dias em que eram abordados outros olhares para o fenômeno educativo, fragmentados nas várias ciências e articular isso através de um olhar pedagógico tá? Isto desde o primeiro semestre até o último. As disciplinas mudam semestralmente, mas a estrutura do curso ia ser, o objetivo do curso ia ser mais ou menos este. Então o próprio Luiz Carlos tem vários textos a respeito da especificidade do curso de Pedagogia enfatizando a didática.

(Ildeu) É!

(Ana Flávia) Tanto é que a didática aparece aqui (quarta-feira), a Pesquisa e Prática Pedagógica, estágios, aparecem as várias... desde o primeiro até o último semestre. Então eu gostaria de saber como você vê, eu sei que não está elaborado ainda porque estamos conversando agora, mas como você vê um espaço para estas disciplinas se ligarem e se integrarem? Por exemplo, esse espaço próprio da Pedagogia seria necessário, não? Porque os vários...o Renato Ortiz, o Wilson Cano, eles falam assim 'olhe eu contribuo com isso, mas como vocês vão amarrar isso... eu contribuo com este olhar da economia mas o como o pedagogo vai utilizar este olhar da economia e elaborar isso no cotidiano educativo e na prática cotidiana...' cotidiano não como algo rotineiro, sim na categoria de Lefebvre, Henri Lefebvre. Então 'em que espaço vocês vão arrumar isso é uma discussão que vocês têm que ter importantíssima' e talvez esta seja uma das grandes falhas da Pedagogia, porque a gente acaba não discutindo em que espaço a gente vai tecer isso, em que momento? Será que não é esse espaço que vai dar a própria identidade para a Pedagogia?

(Ildeu) É, essa é uma questão complicada porque ela é complexa por natureza e ela não tem uma solução única. Acho que você pode fazer isso de várias maneiras, todas elas relativamente bem sucedidas. E aí é difícil a gente num papo tão rápido dar uma opinião a respeito do que você falou assim tão resumidamente.

(Ana Flávia) É, não necessariamente a respeito da UNICAMP, mas aqui como é?

(Ildeu) Eu acho que é importante que na medida do possível, o interessante seria, nem sempre é viável que as pessoas que trabalham nestas áreas já fizessem essa costura em grande parte, não por inteiro, lógico, você tem limites.

(Ana Flávia) Ah, a Marília falou...

(Ildeu) Mas aqui por exemplo, a gente tenta fazer na Filosofia ... como a gente tem uma vivência grande, toda a minha formação é em Filosofia mas tenho uma vivência de vinte e tantos anos e de conhecimento da escola, desta realidade, as minhas aulas de Filosofia são essencialmente teóricas mas procurando pensar a prática pedagógica. Levar os alunos a pensar, levar inclusive ao dia a dia da sala de aula, a questão da alfabetização, a questão da relação com o aluno, não a nível de fórmulas ou de soluções isto não é objeto da Filosofia, mas a cada momento fazendo a ponte entra a reflexão teórica que se faz e que implicações se tem na prática pedagógica lá. O que levaria por exemplo a rever na prática pedagógica a questão da avaliação, a questão dos currículos, a questão da postura do professor, a questão da forma como a aula acontece, se faz não é? Então esta seria uma perspectiva interessante. Agora isso não exclui a necessidade de um além, agora se este além vai se dar deste modo ou de muitos outros, isso é difícil porque eu acho que toda perspectiva, toda proposta que você faz, ela tem um problema fundamental que às vezes a gente se esquece na área de educação, é que ela é feita de pessoas e depende muito do como as pessoas as costumam, às vezes é um pouco aquela questão ... eu por exemplo na década de 80 já fui um pouco mais animado, entusiasmado com reformas de currículo, hoje não é que eu não seja, mas eu vejo mais o limite disto porque você faz uma proposta aparentemente ótima e na hora de executar as pessoas executam do mesmo jeito que sempre fizeram Então não houve uma mudança de idéias, de posturas, ou seja nem a teoria nem a prática mudou. Ou só mudou a roupagem, só a formalidade. E aí com isso a coisa não vai...

(Ana Flávia) Caráter oficial...oficialmente o currículo mudou.

(Ildeu) E aí às vezes você não muda aquilo que normalmente se chama de currículo, que no fundo acaba se confundindo com grade... Todo mundo fala que não, mas na hora do 'vamos ver' acaba sendo. Você fala, fala, fala, na hora de reformar o currículo você muda a grade e se você não muda, você acha que não reformou. Se você mudar, você fica na certeza que reformulou o currículo, que agora é melhor ... o curso vai ser melhor porque a grade foi mudada, mas teoricamente todo mundo está criticando que currículo não é grade não é?

(Ana Flávia) O Tomaz Tadeu da Silva tem vários textos...

(Ildeu) É! Então este negócio é interessante. Quer dizer, as as pessoas não mudam por dentro, não mudam sua cabe-

ça, não mudam sua postura ... então não vai resolver. Aí você pode propor isto, você pode propor uma coisa até quem sabe que alguém , que eu poderia achar melhor , que você sei lá descubra daqui uns anos algo que seja melhor, depende como as pessoas vão fazer.

(Ana Flávia) É é complexo porque o próprio olhar para a Pedagogia exatamente muda a formalidade, o oficial, mas a problemática , o conflito talvez esteja dentro , seja interno na Pedagogia . Qual a identidade da Pedagogia? A gente não tem nem isso estruturado , como a gente quer vesti-la de alguma forma?

(Ildeu) É , e para fazer isso eu acho que você supõe da parte do corpo de professores uma competência muito grande nas suas respectivas áreas de atuação por um lado, quer dizer se forem pessoas que estão cada um em uma área feito borboletas , que não descem à raiz das questões, não aprofundam as leituras, não têm uma densidade teórica, isso aqui vira um o quê , vira um senso comum , vira uma perspectiva essencialmente empirista . Eu vejo muito, ocorre inclusive aqui com um certa frequência , a questão do contato dos alunos com a escola. Se bate muito , às vezes alguns em alguns momentos, desde o início do curso, desde o primeiro ano para levar os alunos à escola para, conhecer a realidade da escola para que o curso não seja um curso apenas teórico mas esteja mais escolar, na realidade da escola...este tipo de discurso que a gente conhece bem não é? Só que você vai lá e chega aqui você relata o que viu. Você ainda não saiu do empírico, você não produziu teoria , não é? Ora isso qualquer um de nós sabe, que lá tem evasão, tem repetência, que o aluno não tem leite, tá passando fome, que o pai não tem como acompanhar o estudo, mais isso, mais aquilo, que a escola está arrebitada, não tem laboratório, não tem biblioteca, que o professor ganha pouco, está mal preparado. Você ir lá observar isso e trazer aqui , e dizer que a merenda , o recreio come boa parte da aula, que a aula de quatro horas vira duas, vira uma e meia... eu não preciso ir lá, eu já sei. Se você chegar aqui e relatar isto nós não saímos de onde já estivemos. Então perdemos tempo em ir lá. Agora o problema é você enfrentar do ponto de vista teórico da Filosofia, da Sociologia, da História e das várias áreas questões deste tipo: por que isto ocorre? qual o sentido e a gênese desta produção histórica que é escola deste jeito? Quer dizer, a escola está sendo produzida deste jeito e não é por acaso . Mas também não é por safadeza ou por malandragem , e não é por demônios.

(Ana Flávia) Nem é por falta de... Porque às vezes coloca-se muito a culpa em professores como se ninguém nunca tivesse feito nada para tentar mudar.

(Ildeu) Ou no governo, ou na falta de verbas... quer dizer, também não resolve. O problema não se resolve a nível de governo apenas, apesar de que o governo seja importante, lógico não é? Não se resolve nem em termos de salário. Hoje se você der, eu uma vez disse aqui exageradamente, muito exageradamente, se você der 10.000% de aumento para os professores a escola não melhora a qualidade. Por que? Porque esta não é a questão. Se você der, as pessoas vão ganhar muito mais, vão viver muito bem e vão continuar do mesmo jeito. Você tem que dar o aumento, ele é fundamental, mas você tem... é muito mais importante trabalhar outras questões também junto com o aumento, se não eles ficam satisfeitos e não terão condição de mudar sua prática pedagógica. Essa é que é a fundamental. Agora se você tiver um salário baixíssimo, você tem que prometer adiantamento, você não segura o pessoal, você não tem motivação, você não tem como trabalhar... enfim há mil coisas, sem falar na injustiça, que ocorre. Mas a questão é muito mais complexa, não dá para a gente simplificar a um problema de mudar a lei, mudar o currículo, trocar o governo 'com este governo é ruim, agora vem um governo novo, aí vai ser diferente'. A questão é mais complexa. Não depende só do professor, mas em grande parte depende dele. Há um conjunto de determinações que constituem a escola como tal deste jeito e que está na base da sociedade também. Porque esta é uma grande verdade para mim que é a seguinte, nós do movimento docente, dos alunos, dos funcionários, nas universidades, no 1º e 2º graus, na escola fundamental e média, a cada momento criticamos muito os sucessivos governos federal, estadual e municipais na questão de que não valorizam a educação, a educação não é prioridade, só ficam no discurso e por aí vai. Eu acho que isso tem sido verdadeiro, é claro de maneiras diferentes de governo para governo não vou dizer que todos são iguais, seria também um absurdo...

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE LADO DA FITA

(Ildeu) Eu acho que há outros fatores determinantes que entram e que não dependem apenas do governo. Há uma construção da escola, há uma não valorização da educação e que passa pela sociedade mais ampla que não valoriza cultura e educação, por mais que a gente diga, e que passa ainda e até principalmente e em grande parte pelos próprios professores. Nós não valorizamos a cultura. Por mais que me digam o contrário, façam profissão de fé, em grande parte se você for olhar a prática de professores universitários inclusive, para eles a cultura em grande parte, não são todos é claro, mas você encontra um contingente expressivo, mais expressivo aqui menos ali estou pensando a nível nacional não estou pensando nesta ou naquela universidade apenas, você vai ver que boa parte dos professores universitários não dá valor à

cultura, aos livros, à biblioteca, ao saber. Não respeita o trabalho intelectual até porque em grande parte nunca fez. Então é um negócio complicado. Se você não mudar isso não adianta você mudar governo, mudar verba.

(Ana Flávia) Voltando na questão do estágio, o senhor estava dizendo sobre o porquê. Não adianta ir, ver uma realidade que você já conhece ... a simples presença do concreto não vai garantir uma elaboração de um saber a respeito daquilo.

(Ildeu)É, até porque ele não se põe como concreto, ele se põe como empírico. E aí o pessoal confunde concreto com empírico, o que é coisa muito comum na área de humanas, na área de Pedagogia. Daí dizem assim 'o currículo é muito teórico' e eu costumo dizer 'nossos currículos não são teóricos, o que eles têm é uma teoria que não vale nada ou seja, uma teoria que não tem densidade teórica'. Porque se eles fossem extremamente teóricos, o que a teoria tem que fazer é teorizar, é pensar a prática. Quer coisa mais importante que isso? Você está pensando a prática, você vai ter uma lucidez, uma profundidade, um rigor maior, você vai ter a possibilidade de inventá-la diferente do que ela é. Agora, porque você a conhece nas suas raízes, lá na profundidade, quer dizer você está buscando uma explicação. É aquela questão de que Hegel e o Marx colocam, você tem de passar do aparecer ao ser. Você estaria no ser e não no aparecer. Agora nós ficamos em grande parte na aparência, na imediateza da realidade e aí você não sai do empírico.

(Ana Flávia)E muitas vezes o ir para a escola acaba até acalmando a pessoa numa pseudo-concretude.

(Ildeu)É, você acha que agora você está no concreto e você não está no concreto.

(Ana Flávia)Então na verdade seria interessante que a Pedagogia além do 'porquê' fosse para o 'como' depois.

(Ildeu)É. É você vai buscar esse 'porquê', ele só tem um sentido: para você entender o que está ocorrendo hoje. É a questão de entender o que está ocorrendo hoje, por que ocorre, até que ponto ocorre, quais são os limites e as possibilidades, os pressupostos e as implicações das nossas teorias e das nossas práticas e do nosso fazer, do que acontece lá na escola, do que acontece aqui nesta escola, universidade, Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, disciplina A, B, ou C, sala tal com professor e aluno, quer dizer você pode desde as questões mais amplas às questões menores ... todas elas não podem ser vistas como fragmentos. Têm que ser vistas na perspectiva da globalidade. Você só tem sentido, como dizia pensar e perguntar isso, se você tiver a preocupação fundamental

de reinventar isso . Eu costumo dizer usando a expressão da gíria 'você não faz isso para esquentar a cabeça apenas, a moringa', como se diz na gíria. Não , você faz isso para entendendo melhor , recriar isso como diferente ou seja como completamente diferente do que está aí . Portanto a criação de uma nova prática é inerente à posição teórica ... a posição teórica não tem sentido como , diria assim, como mera masturbação intelectual. Ela é um mordeiro real para captar o que ele de fato é na sua complexidade ,na sua contraditoriedade, na sua historicidade, portanto no seu caráter de processualidade , de algo que se constrói e se destrói , se recompõe a cada momento de maneiras diferentes . Portanto a história está se fazendo , a ruptura com o passado está se processando , mas o presente é o passado retomado e negado , e assim o futuro. Então ao fazer isso nós estamos criando o novo . Quer dizer , a construção teórica tem este sentido , esse morder a realidade , conquistar, compreendê-la e recriá-la como completamente diferente. Portanto esta dimensão não pode estar separada.

(Ana Flávia)O 'como', o 'para quê' também .

(Ildeu)A teoria verdadeira , aquilo que às vezes você chamaria ...muito entre aspas hein? porque não tem sentido a expressão... "a boa teoria" porque não existe teoria boa ou má. Existe teoria, o que tem densidade teórica ou não. Você não pode julgá-la moralmente. Mas a teoria com profundidade mesmo , ela tem que necessariamente estar ligada a isso porque acima de tudo ela é uma teoria da prática, ou melhor , ela é um pensar a própria prática.

(Ana Flávia)Os problemas e as problemáticas vão surgindo...

(Ildeu) Isto em todas as matérias , inclusive na Filosofia. Eu diria mais ainda na Filosofia.

(Ana Flávia) E campos de atuação do pedagogo? Muitas vezes a Pedagogia fica sinônimo de escola, principalmente no dia a dia . 'Você está fazendo Pedagogia? Nossa , mas menina você vai trabalhar em escola a vida inteira?' aquela coisa assim. Ou então outras pessoas dão ênfase ao Recursos Humanos... a Bosch anda pela UNICAMP pedindo, requisitando estagiários, Bosch, G.M., Gessy Lever. Então esta seria outra tendência. Estava conversando ontem com a Marília sobre a Pedagogia clínica, ela disse-me que aqui é uma coisa muito forte não é? Então a Educação às vezes não é abordada na Pedagogia de uma forma muito limitada em relação por exemplo ao espaço escolar? Ou isso é uma necessidade da sociedade, ter algo que pense e se dedique exclusivamente à escola. Será que o conhecimento só acontece ali?

(Ildeu) Eu vejo, esta é uma questão complicada e novamente a gente diverge muito aqui dentro não é? O que eu penso sobre isso? Eu penso o seguinte, a questão de ser limitado ou não ser limitado não é definida pela temática sobre a qual você se volta, mas pelo tipo de reflexão e de produção teórica nas ciências que você faz sobre esta realidade. Trocando em miúdos... eu quero dizer o seguinte, você pode fazer uma reflexão ou um curso de Pedagogia que privilegia a questão da escola e a reflexão não ser limitada. Depende de qual é a reflexão que se faz sobre a escola, como que a Psicologia, a Sociologia, a História da educação falam sobre a questão da escola. A primeira questão a colocar é que a escola não pode ser pensada fora da sociedade, lógico, mas também não é pensada dentro. Aí já é uma outra questão de como a gente articula isso e entender que a escola é uma questão cultural, ora, cultural é a sociedade como um todo. Agora por outro lado, eu vou fazer o contraponto, então vamos abrir a questão da Pedagogia, aí você vê a questão da empresa, você vê a questão da clínica, você vê a questão da educação indígena, você vê a questão da educação de adultos, você vê a questão por exemplo dos meios de comunicação de massa. Você poderia pensar o pedagogo atuando na televisão, no jornal, no rádio e por aí...

(Ana Flávia) Como no caso do 'Rá-Tim-Bum' ...

(Ildeu) É tudo isso. E aí o curso vendo tudo isso aí, ele se abriu? Pode ser que sim, pode ser que não. E um grande risco ao se fazer isso é você fazer do curso de Pedagogia um grande caleidoscópio. Quer dizer, o que é um caleidoscópio? É você passar uma visão por alto de tudo e achar que o real é isso. Porque você viu um pouquinho disto, falou daquilo... eu costumo dizer que esse é o vôo de borboleta. A borboleta sai, ou o beija-flor sai bicando várias flores por aí mas não mergulha na realidade. Eu acho que isto é que é o fundamental.

(Ana Flávia) Por outro lado em uma das entrevistas surgiu esta questão e eu até retomei a questão dos departamentos. Eu não me lembro se foi com o Renato Ortiz ou se foi com o Paulo Miceli que eu discuti esta questão. Eu acho que foi com o Renato Ortiz mesmo. Por exemplo, quando a gente diz 'qual é o objeto da pedagogia?', o objeto da Pedagogia é a educação, durante o curso o que é passado de educação para a gente? A única educação que a gente estuda é a educação escolar. Eu entendo que possam existir olhares mais apurados para a escola, olhares menos apurados tal, mas dizendo do espaço... a educação stricto sensu / lato sensu, até que ponto nós da Pedagogia enquanto aqueles responsáveis por pensar a educação, a gente às vezes não se acomoda e fala assim 'Tá, o espaço da educação é a escola'. Por exemplo a questão da educação indígena, esta é uma questão que me interessou a um tem-

po atrás e eu fiz uma pesquisa sobre o assunto e o que eu constatei foi o seguinte, só se fala de educação indígena pelo viés da Instituição escolar. Então é assim, o currículo da escola indígena, vamos ensinar matemática para o índio ou não... e não o apurar a educação com olhos mais filosóficos mesmo, a produção da segunda natureza como se dá? Se dá só na instituição escolar... é uma forma institucional oficial de nossa sociedade? Mas e as formas muitas vezes estruturadas e que são um tanto obscuras... a gente acaba não colocando holofotes sobre aquela discussão também. Então na UNICAMP este ano pedimos para a Olga von Simson colocar em eletiva para a turma uma disciplina chamada 'educação não formal'. E aí a gente retomou um texto do Janela, não sei se você já leu Afonso Janela, em que ele fala dos três tipos de educação. Fala da educação formal enquanto educação escolar que tem toda a grade curricular que oficializa a atuação, tem também a educação não formal e a educação informal. Então no caso a educação formal é a escolar, a educação não formal implica em um trabalho na área educacional intencionalmente e com rigor resgatando a problemática, estruturando conceitos, pensamentos e a atuação, e a informal seria a do cotidiano, não pensada, não sistematizada, que você faz intuitivamente e, muitas vezes não conscientemente. Então esta questão fica muito obscura dentro da Pedagogia, a educação não formal. Em que espaço discutimos por exemplo a questão da educação pelos meios de comunicação, que é muito forte? Se o pedagogo não tomar... o que eu vejo é o seguinte, o pedagogo às vezes não toma partido nestas discussões e outras pessoas tomam. Porque tem o caso do pessoal de Marketing que está atrás, ele tem todo um projeto, ele tem toda uma sistemática, está trabalhando diretamente com educação e o pedagogo não se manifesta. Então o olhar da educação escolar... aí retomamos, eu e o Renato Ortiz na entrevista a questão dos departamentos na Faculdade de Educação da UNICAMP. Os departamentos que nós temos lá são cinco: Filosofia e História, temos o de ciências sociais aplicadas, temos o de metodologia, temos o de administração e supervisão e temos o de Psicologia. São cinco departamentos. Se nós abordarmos a Pedagogia como uma não ciência, como uma técnica onde o ato de produção e o produto não se separam, então a produção do conhecimento caminha junto com a atuação do profissional... É engraçado que só exista um departamento voltado para questões pedagógicas. Porque aqui (aponto para registros em uma folha de papel) é aplicada, é aplicada, é aplicada e é aplicada... então a gente retomou a Universidade Federal de Brasília, no ano passado estive lá, ela possui outros departamentos. Tem o de fundamentos e depois tem vários departamentos voltados para a questão do pedagógico mesmo, que não existe em outro lugar. Por exemplo dentro da UNICAMP se eu quero saber alguma coisa sobre Filosofia aplicada eu tenho o Instituto de Filosofia e Ciências Hu-

manas onde tem a diretoria de Filosofia , e lá existe alguém estudando Filosofia aplicada à educação. Aí eu repito este profissional , eu o retomo e coloco um departamento só para ele aqui (Faculdade de Educação). O sociólogo tem a direção de Sociologia com todos os professores e tal, então eu tenho alguém aqui (Sociologia) e alguém aqui (F.E.) ... e o de pedagógico mesmo, voltado para a identidade da Pedagogia? Por exemplo a Filosofia tem um grupo grande de pessoas só para as questões filosóficas , a Filosofia Pura. Aí é que é, nós só temos a metodologia . Se você for olhar na universidade toda o aplicado se repete e o específico da educação a gente tem um departamento só. Então até que ponto não seria necessário se voltar mais para o que é a Pedagogia? Fundamento é importantíssimo , ninguém ... não descarto isso, mas até que ponto não ficamos perdidos nas ciências e não amarramos isso.

(Ildeu)Esta é uma questão extremamente complicada . Teria que ter muito tempo para a gente conversar. Porque veja o seguinte, aí é todo um fato histórico não é? Porque a gente poderia levantar como hipótese para se pensar se a própria criação do curso de Pedagogia em 39 não caminhou nesta direção , inviabilizando o que você está pretendendo. Quem uma vez levantou isso eu acho que muito apropriadamente foi a Mirian Warde numa discussão que a gente teve.

(Ana Flávia)Da U.S.P.?

(Ildeu)Ela está na U.S.P. atualmente não é?

(Ana Flávia)Não, não ... na P.U.C. - S.P. .

(Ildeu)É, ela sempre foi da P.U.C. agora se ela está na P.U.C. ainda não é? ... se ela não está na U.S.P. ... Tanta gente andou passando para a U.S.P. que agora fico confundindo. É que ele assumiu um modelo a respeito de pensar a questão da educação, o curso de Pedagogia, que inviabilizou toda uma discussão que era extremamente interessante, uma delas conduzida por Anísio Teixeira e que deu o projeto da Universidade Federal , que foi abortado com a reforma de 39 na qual vem o curso de Pedagogia , debate este que vai ser retomado... vai eternamente latente, mais ou menos latente nestas décadas todas posteriores e que no final dos anos 60 e início dos anos 70 reaparece muito na discussão com Valnir Chagas ... a proposta de Valnir Chagas. Só que aí num contexto tão complicado , em que havia uma resistência muito grande à proposta do Valnir que eu acho que ela era uma proposta extremamente interessante e acabou sendo bombardeada pelo, por uma posição em grande parte corporativa da área pedagógica principalmente, porque ele pensava em equacionar toda uma área de educação na universidade, bem mais

ampla , trazendo toda a formação de docentes para o terceiro grau... inclusive professor primário, da pré-escola, tudo. Só que a questão central seria pensar a formação do educador , tanto que o Saviani andou escrevendo sobre isso na época , formar o especialista no professor não é? Era um pouco isso , você tem que ter a formação básica do professor. E aí a gente retoma aquela questão que nos levou a isso aqui que você colocava: será que não é muito limitado você ficar só na escola e tal? Eu acho o seguinte, num curso de graduação na realidade que nós temos eu não vejo muita viabilidade de você fazer com um mínimo de profundidade uma virada nas várias áreas. Esta é uma dificuldade . Agora eu não estou querendo dizer que coisas assim tipo uma disciplina eletiva ... e isso é da maior importância por um lado. Por outro lado, muito mais importante que isso eu acho que é o seguinte, cada professor em cada disciplina específica da escola pensar a escola em uma outra perspectiva, mostrar as interfaces da escola com os meios de comunicação , com a questão indígena, não trabalhando em si porque aí entraria outra ... mas chamando a atenção , mostrando alguns ângulos de contato , de diferenças 'isso por exemplo se dá de maneira diferente lá na sociedade tal'... sinalizando. Porque aí vem um outro problema que é terrível no Brasil, contra o qual tenho me batido muito , e eu acho que a área da Pedagogia e aí está novamente uma discórdância com Libâneo, o Brasil talvez seja o país do mundo que mais regulamente campos profissionais . Eu acho esta posição extremamente equivocada porque você vai fazendo reservas no mercado de trabalho. Então por exemplo eu sou completamente contra você pensar em criar habilitações no campo de Pedagogia para esta área ... na área da comunicação , da psicopedagogia... E cada habilitação destas evidentemente só pode ser criada na medida em que estão pensando em reservar o mercado de trabalho para eles , só poderem eles exercerem aquela função. Ora, eu acho que estas áreas como boa parte da área de humanas , e esta é uma polêmica grande que vai e vem , da desregulamentação das profissões. Eu acho que a gente ganharia muito se desregulamentasse muita coisa , não tudo evidentemente . É claro que você não pode dizer que qualquer um pode fazer uma cirurgia, construir um edifício, uma ponte... você tem um problema muito sério. Mas veja as chamadas profissões na área de humanas principalmente, não é que elas exijam uma competência menor, e por isso serem inferiores e não precisarem ser regulamentadas... mas atuar na escola, na assistência social, em grande parte na área da saúde, não seria extremamente importante que que você tivesse o sociólogo, o antropólogo, o pedagogo, quem sabe o filósofo, o pessoal da área de comunicação, o jornalista, o relações públicas ? Um punhado de gente que poderia estar trabalhando em equipe , juntos numa televisão , num projeto de programa infantil, em educação indígena e na própria escola. Quer dizer, você

pensar as questões da educação mais ampla, no movimento sindical... então vou criar uma habilitação por exemplo em movimento sindical , aí chego lá você está atuando e eu digo 'espere lá , você vai sair porque sou formado e você está fora da área'. Não é por aí. Agora as áreas... você teria sociólogo, teria este pessoal todo cada um trazendo o seu olhar, confrontando, entrando em choque e trazendo a riqueza da contribuição e não cada um reservando seu espaço. Não, a questão não deveria ser por aí, porque aí você cai no corporativismo. E a Pedagogia está cheia disso não é?

(Ana Flávia) É, eu acho um absurdo dentro da própria Pedagogia ficar se dividindo mercado, não é? Então por exemplo...

(Ildeu) Eu acho que você deveria ter uma formação básica de professor , docente. Mas veja, eu não confundo docência com dar aula . Docência é muito mais amplo que dar aula não é? Esta é uma outra polêmica. Para mim a docência é muito mais ampla. Toda a atuação de ensino , na sala de aula ou fora dela, é uma relação de docência. Então você tem que pensar...

(Ana Flávia) Certo, então a docência é a atuação educativa intencional...

(Ildeu) Você pegue por exemplo a própria legislação federal, quando ela entende o magistério superior ela entende que você está exercendo uma função docente, e há atividades específicas inclusive que só o docente pode exercer... chefiar um departamento, ser diretor da faculdade, fazer trabalhos de extensão, fazer pesquisa, prestar assessoria ao governo, a qualquer outro setor ou empresa e estar na sala de aula na graduação ou na pós graduação. Tudo isso faz parte da docência, quer dizer, escrever um livro, produzir um artigo científico, você está num trabalho do docente , só o docente faz... na universidade é um trabalho essencialmente docente, por isso que um funcionário não pode fazer isso, porque não é específico. Agora quando se fala 'vamos formar o docente, a docência é a base', o pessoal pensa em sala de aula , aí é a visão de docência que está equivocada. Você quer reduzir a docência , o professor , o magistério a ser 'dador' de aula, diríamos assim.

(Ana Flávia) Porque na verdade é esta a condição da escola hoje não é? O que é o docente na escola de 1º grau?

(Ildeu) É você tem que mudar isso lá.

(Ana Flávia) Tem que mudar isso lá.

(Ildeu) Você tem que formar um docente que vá para lá lutar por condições de trabalho e salário inclusive, e é claro que tem que ter uma formação para isso, para que ele possa ser alguém que esteja continuamente pensando na sua prática, para que ele possa ser eventualmente o diretor daquela escola escolhido pelo grupo quem sabe, ou por qualquer outro processo... esta é outra questão a ser discutida, mas que você não tenha o cargo de diretor a vida inteira. Eu acho que é complicado. Já pensou na universidade você dizer o seguinte 'olhe, só pode ser reitor da universidade quem tiver habilitação em administração escolar de nível superior, para 3º grau'?

(Ana Flávia) (Risos) Para a Faculdade de Educação estaria 'ótimo'.

(Ildeu) Vocês concordariam? É claro que nós não concordaríamos, nem os alunos, nem os professores, nem os funcionários. E eu costumo dizer 'por que o que nós não concordamos para nós, queremos impor aos outros dos graus inferiores?'. Quer dizer, você vai ser supervisor a vida inteira... por exemplo quem coordena o curso de Pedagogia da UNICAMP, é a Corinta ainda?

(Ana Flávia) Não mais. A Corinta saiu e entrou a Helena, mulher do Luiz Carlos.

(Ildeu) É, então veja... Helena, conheço... veja se você, se a gente concordaria que os coordenadores de curso fossem só quem tivesse educação em supervisão. Quer dizer, não dá! Ora, mas por que lá na escola fundamental e média tem que ser assim, que a gente acha que tem que ser? Você tem que ter uma habilitação que prepare para isso... reservou o mercado, ao passo que aqui você não tem habilitação. Nós estamos falando de educação legal, formal, agora a competência é outra coisa. Só que a competência não se cria apenas em uma habilitação.

(Ana Flávia) É, não garante.

(Ildeu) Você tem muitas pessoas que podem tirar 10 nisso aí e ser um péssimo diretor de escola... não tem nenhuma expressividade, nenhuma liderança, enfim não tem mil outras qualidades, não tem vivência da escola. Eu acho que para você dirigir uma instituição, para você coordenar um processo pedagógico, você tem que ter uma compreensão mais ampla do processo, você tem que ter vivência na área da educação, naquela escola específica se for uma escola, ou se for um setor, um setor mais amplo a nível de secretarias por exemplo ou universidades, reitorias, e você tem que ter respeitabilidade no conjunto dos seus pares. Se você, como dizem os adolescentes, não tiver 'moral' nenhuma diante de seus colegas não vai ser o seu

cargo legal , portaria que vai fazer com que você lidere os professores que trabalham com Pedagogia da UNICAMP, por exemplo. Se a Helena não tiver liderança lá na Pedagogia ela não vai fazer nada , porque a simples portaria baixada por não sei quem lá que tenha competência legal para isso , que lhe coloca na posição de coordenador e nada é a mesma coisa. Quer dizer, ela tem que ter demonstrado uma certa competência acadêmica maior que os colegas acham, os alunos acham que ela além disso tem competência para dirigir o curso... portanto ela vai coordenar o curso, ou vai ser diretora da F.E. , do departamento, em outro cargo vai ser a reitora da universidade. Então , acho que estas questões não devem passar por habilitações específicas. Aí se diz 'quer dizer que não tem um saber?'. Claro que tem ,mas este saber não está reservado em uma , duas, ou três, ou cinco, ou dez matérias. É um saber que está presente num conjunto de disciplinas e saberes da área de humanas ligado à administração , à Psicologia, à Sociologia, que todas elas devem contribuir para que a pessoa seja capaz de...

(Ana Flávia) E ela vai contra o próprio conceito de Pedagogia enquanto síntese e integração, ela acaba esvaziando o próprio...

(Ildeu) É, mas essa é uma briga por mercado não é? E aí vem uma ótica que tem sido muito presente aqui por exemplo. Os alunos ,eu acho que até conduzidos por alguns professores insatisfeitos com a coisa que ocorre aqui, dizem muito isso que 'a gente tem que ampliar o mercado de trabalho da Pedagogia criando habilitações nestas várias áreas'. Só que o grande mercado é o mercado da docência , não é? O que a gente tem que ver é uma perspectiva ampla de não reserva de outros setores, em que você possa ir para a televisão, você possa ir para o movimento sindical, você possa trabalhar nas igrejas... se o indivíduo está ligado a uma igreja qualquer ele trabalha lá com educação, ele pode ir para a periferia da cidade, para o campo trabalhar com trabalhadores rurais, ele pode estar trabalhando em uma empresa dos vários tipos, ele pode estar trabalhando na própria universidade, ele pode estar em num ministério , por exemplo, da saúde, na secretaria da saúde como um indivíduo que está trabalhando a questão da medicina preventiva 'a educação para a saúde' . Mas veja não é privilégio do pedagogo envolvendo o indivíduo que veio da Pedagogia, quem sabe um sociólogo, quem sabe um antropólogo, um médico, um veterinário. Enfim, não dá para a gente dizer assim 'tem que ter todo mundo de todas as áreas' , não! Não é por aí. Você vai falar 'se faltar um pedagogo é um absurdo, se faltar o sociólogo...' não , não é. A equipe vai se formando dentro das necessidades , das possibilidades de contratação... Agora eu acho que a equipe em qualquer destes setores , na empresa, nos meios de comunicação, no setor de

saúde ou em qualquer outro, ela tem a perspectiva nossa de Brasil, de sociedade e de equipe de profissionais. Ela tem que ser tão aberta que agasalhe qualquer um que possa vir contribuir para... sem ficar pedindo carteirinha ou diploma aqui ou ali, não. O indivíduo ele vem ele tem uma contribuição, tem! Aí de repente você tem um engenheiro que está preocupado com a questão da saúde... bem-vindo aqui. Quanta coisa ele não pode pensar em termos de questão sanitária, de base e até de construção de equipamentos na área da saúde mais simplificados? Tudo bem, nós não vamos criar aqui uma indústria de produção ou a produção artesanal, mas este indivíduo será capaz de fazer a crítica dos equipamentos que tem aí e discutir esta questão teoricamente, nem que a gente não... pelo menos começa a desmistificar esta tecnificação que só está servindo ao grande capital na área da saúde. E então você não define que são 10 áreas só que podem atuar. Podem ser 50, podem ser 200, podem ser 5, depende das necessidades de pessoas interessadas, de pessoas que estejam estudando não é? Quer dizer, quantas coisas interessantes você pode, só que a gente tem que romper com os guetos não é? Eu me lembro há uns 5 anos atrás um professor da UNICAMP esteve aqui, agora não me lembro o nome porque eu só conheci neste dia e não guardei, um físico que está trabalhando na área da Antropologia... talvez você o conheça. Você pode dizer 'poxa, não tem nada a ver', mas só que ele está pensando as questões por exemplo de como os índios pensam o mundo, a astronomia, e por aí trabalhando isso com a escola. A universidade tem que ter esta abertura, a educação tem que ter esta abertura não é? E aí eu acho que a reserva de mercado é terrível. Por exemplo, eu vou pegar o caso da Filosofia da educação... ora eu acho que em princípio para ser Filosofia da educação assim como a sociologia, a formação básica deveria vir da Filosofia, da Sociologia, da História mais do que da Pedagogia, porque é muito pouco você ter um semestre, dois, três, quatro ou cinco de uma disciplina, outra coisa é você fazer um curso de Filosofia inteiro, um curso de Ciências Sociais inteiro, um curso de Economia inteiro, um curso de História inteiro. E com a visão do historiador ele vem para a área educação e vai, com as categorias e com a metodologia de investigação da História, vai pensar a educação. Aí é diferente. Agora quer dizer que nós vamos dizer 'só pode dar aula de Filosofia da Educação, de Sociologia, de História quem for formado em Filosofia...' não. Aqui mesmo nós temos colegas pedagogos. Tem uma colega que está fazendo doutorado na UNICAMP, uma colega nossa, eu me lembro que quando ela não era da área trabalhava com Psicologia e era formada em Pedagogia aqui, começou a se interessar por Filosofia. Mas ela ficou tão 'com dedos', com medo da gente não recebê-la bem na área que queria mudar de área para tratar... aí veio conversar comigo, 'ótimo, vou lhe orientar, vou te dar leituras', fizemos programas de estudo

juntos. Ela entrou . Quer dizer, eu acho que não deve ter reserva de mercado. As pessoas têm que mostrar sua competência , e competência não se adquire apenas , aí vem uma outra questão ... aí eu acho que é uma crítica da escola, sentado num banco escolar ouvindo o professor de filosofia, de sociologia, de história. É claro que aí deve ser o 'locus' primeiro, mas não quer dizer apenas aí. Você não tem por exemplo o Mário que não era físico, ou é Mário ou aquele outro famosíssimo aí o ... César Leite, lá da UNICAMP... é um deles ... agora eu posso estar trocando ... um dos maiores físicos brasileiros que não tem formação em Física, não fez o curso de Física. Mas por que não se o indivíduo entrou, estudou e vai procurando fazer seus estudos , se aprofundando? Por que não? Por que querer dizer que... com isso eu não estou querendo dizer que daqui um pouquinho porque eu estou lendo um livro de medicina, eu possa fazer uma cirurgia, lógico! Você tem determinados limites aí, não tão rígidos ... principalmente na área de humanas, eu acho que você traz uma riqueza muito grande. Por que você tem que dizer que para trabalhar na área de Assistência Social com menores de rua na Secretaria de Serviço Social, a pessoa tenha que ser formada em Serviço Social? Eu acho um absurdo você ter uma reserva de mercado da profissão de assistente social. É um campo educacional do pedagogo, do psicólogo, do assistente também... não estou querendo acabar com o curso não ! Mas você tem ser aberto. Por que o indivíduo que vai trabalhar na área de pesquisa social tem que ser apenas um sociólogo? Eu vou fazer uma pesquisa para o Instituto de pesquisa da empresa, posso apelar para outros profissionais ... o sociólogo, o economista, o assistente , quem sabe o pedagogo e outros formados em várias áreas , desde que tenham um conhecimento em pesquisa , estejam interessados nesta pesquisa e estejam estudando pesquisas por conta própria até.

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE FITA

(Ana Flávia) O próprio Wilson Cano tratou desta questão , ele disse que o grande problema da Pedagogia é que ela é muito fechada...

(Ildeu)É extremamente fechada!

(Ana Flávia)E deu o exemplo de um congresso que aconteceria na U.S.P. nesta semana ... uma das mesas sobre o ensino de história só possuía pedagogos. E o historiador onde fica? E o economista onde fica? Então acaba sendo realmente...

(Ildeu)É, eu acho que aí é uma questão que a área , quanto mais ela se fecha é sinal de medo. Acho que o fechamento da pessoa e dos grupos é um medo da concorrência...

(Ana Flávia) É do próprio confronto de idéias também, porque se vem alguém de fora te mostra o contraponto...

(Ildeu)... do confronto de idéias. É quase dizer assim 'eu sou incompetente , não dou conta'. Eu me lembro uma vez numa discussão aqui há uns anos atrás, talvez quase dez anos atrás não sei, no confrontar posições uma professora colega nossa , já até aposentada, teve uma crise verdadeiramente histérica por quando se mencionou a possibilidade dela ser deslocada para a área dela lá num outro instituto. Ora se eu sou, por exemplo, formado em Filosofia, eu tenho que ter segurança... estou aqui na educação por 20 e tantos anos , desde que me formei, mas eu tenho que ter segurança de ir lá para o departamento de Filosofia e discutir em pé de igualdade com eles qualquer questão de Filosofia. Eu posso não ter a atualização das leituras que eles estão fazendo, porque tem uns vinte anos que eu não estou me dedicando ... um pouco menos porque meu doutorado eu fiz isso também, a essas questões. Lógico , eu não vou querer ter a erudição , a atualização bibliográfica que eles tem. Agora , em termos de discutir as questões básicas , os autores básicos, não me sinto em complexo de inferioridade. E eu acho que a mesma coisa não pode sentir o historiador da educação, o psicólogo da educação, o sociólogo da educação, e assim por diante. E mais ainda, aquele pedagogo que não está dedicando-se à essas áreas , está se dedicando ao campo da Didática ou da estrutura, ou de uma outra área em princípio considerada mais pedagógica, é claro que isso não tem sentido. Ele tem que sentar com qualquer pessoa de qualquer área em pé de igualdade. Mas este pé de igualdade não é a questão da presunção descabida não! É a competência efetiva , ele tem que ser competente , tem que ter segurança nisso e portanto não tem que ter medo da concorrência , não tem que ter medo do debate , não tem que ter medo do confronto das idéias , não precisa lutar para reservar mercado. O mercado vai se definindo pelas competências das pessoas e pela luta . E ninguém sabe como vai ser o mercado daqui cinco , dez anos. Então com este final de século, com a questão da informática , da robótica , as coisas estão mudando com uma velocidade tão grande que eu preciso dizer que nós não sabemos qual é o suposto mercado que os nossos alunos terão, os alunos que estão entrando hoje, daqui a quatro , cinco anos quando saírem. Então é uma loucura você ficar pensando em termos de mercado . Eu tenho criticado isso , por exemplo, quando se pensa na graduação preparando para o mercado. Em geral toda discussão que se faz em termos de ensino de graduação no Brasil sempre tem a seguinte preocupação 'nós estamos formando mal os profissionais, temos que formar bons profissionais' e aí alguns dirão 'é, o professor crítico', outros dirão 'professor isso, professor aquilo', mas sempre bons professores. Quer dizer, a gente reduz o ensino de graduação à formação do professor... e

formação do professor significa formação para um mercado já previamente recortado, legislado e que vai ser garantido para essas pessoas... e por aí vai. E cada vez mais a gente quer recortar. Veja a área ,por exemplo como é que isso vai ocorrendo, veja a área das engenharias... está cada vez mais tentando jogar os técnicos de 2º grau para fora , porque acha que eles estão fazendo funções que são só do engenheiro. Quer que só o engenheiro faça aquilo que até hoje muitos técnicos fazem.

(Ana Flávia) A reserva de mercado...

(Ildeu)A reserva de mercado é briga por um emprego. Mas isso chega a ser mesquinho e completamente descabido em um mundo que se abre, que se mundializa. Quer dizer, hoje com a questão da mundialização da economia, não é só a mundialização da economia... é da cultura. Veja a Internet o que está fazendo em termos de idéias, de valores , de comunicação. Quer dizer, superou de muito a televisão, telefone, tudo mais. E nós não sabemos que bicho esse trem vai dar, é um negócio incontrollável. Agora diante de um mundo desses você está preocupado em cada vez mais amarrar algumas coisinhas para garantir ... Eu acho que você tem que dar uma outra visão , as graduações caminham por aí mas o ensino de graduação como um todo em todas as áreas, você vai encontrar mais exacerbada aqui e menos ali, mas a ótica da profissionalização é a ótica que permeia toda a discussão. Isso eu estou acompanhando a muito tempo a nível nacional, inclusive eu tenho participado muito de debates , de encontros de pessoal de áreas variadas e de mais globalizadas como pró-reitores de graduação das universidades brasileiras.

(Ana Flávia) Mas o conceito de docência é fundamental, porque se a gente encarar o pedagogo neste conceito amplo de docência , eu acho que clareia bastante a identidade do curso. Não a coisa de dar aula só ... o docente como um conceito mais amplo naquele conceito de educação como segunda natureza... os espaços em que isso acontece , a intencionalidade que permeia . Esta é uma grande sacada.

(Ildeu)É, eu acho que ainda poderia levar uma outra coisa mas, aí não pode nem falar porque isso é uma briga dos dibos... mas que é a seguinte... Eu penso isso, e uma vez eu acho que foi até aqui a Mirian levantou isto também... a mesma Mirian Warde de passagem numa conversa, que o Brasil parece que é o único , ou um dos únicos, países do mundo que tem esse formato de curso de Pedagogia. Nenhum país tem. Então se poderia pensar , é claro que isso é impensável historicamente porque as forças sociais dos grupos... mas se poderia pensar que futuramente até o curso de Pedagogia desaparecesse e fosse criado um outro formato para pensar a questão da educação em que o curso de Pedagogia não seria mais necessário. Ou, não é que não

seria necessário porque ele não teria sentido, mas porque a área educação seria muito mais ampla do que o curso de Pedagogia... e muito mais forte. Marginalmente a gente poderia dizer uma outra coisa, que eu levanto aqui um pouco e às vezes o pessoal estranha um pouco ... é a gente pensar o que significou no Brasil a criação das Faculdades de Educação na reforma de 68. Eu ainda quero um dia trabalhar com isso um pouco mais. Eu fiz isso num texto sem maiores pretensões , até publicado aqui pela faculdade no caderno de pesquisa... caderno de pesquisa não(!), caderno de divulgação... mas é um texto muito embrionário ainda , eu ainda quero um dia trabalhá-lo melhor. Para mim, estou cada vez mais convencido, que a política educacional pós-64 especificamente é que está ditando a lógica da reforma universitária. Ela traz uma certa concepção de educação que exige este formato de Faculdade de Educação. É a perspectiva economicista, tecnicista que leva a isso necessariamente. E é interessante a gente ver além disso , que a faculdade que mais "sofreu" com a reforma universitária , ou seja que foi mais fragmentada e desfigurada por completo, foi a de Filosofia, Ciências Humanas e Letras que existia antes da reforma. Hoje a U.S.P. tem um pouco disto , a U.S.P. foi justamente a universidade que mais resistiu à estrutura da reforma por questões que até historicamente se explicam. E não foi por acaso, por que? Porque a faculdade de Filosofia me parece, eu defendo esta tese, é onde estava a maior resistência ao Regime Militar, onde a questão da formação do que na época se chamava 'espírito crítico, questionamento da ditadura' lá estava reunida e não separada. A reforma veio para botar este povo cada um num canto para não se juntarem... estava o sociólogo, o antropólogo, o filósofo, o pedagogo, o biólogo, o psicólogo, sem falar no pessoal da área de jornalismo. Pelo menos em Belo Horizonte eu me lembro que era assim... não sei a U.S.P. nesta época , talvez já estivesse dividida eu não me lembro bem. Mas lá na U.F.M.G. quando me formei em 68 eu me lembro que da Faculdade de Filosofia o departamento de jornalismo fazia parte. Então você tinha todo mundo junto ... a gente se encontrava , a gente debatia , o D.A. (diretório acadêmico) era um só, o movimento estudantil estava num só D.A. congregando mais de uma dezena de cursos e profissionais da gente... professores se encontravam e alunos se acotovelavam nos corredores e nos elevadores de um prédio de oito andares. Você tinha ali uma convivência , um conflito de idéias , posições teóricas e epistemológicas , mas estava ali aquele burburinho, aquele negócio fervilhando, não é? E a área educação estava lá. Quer dizer, ali a área educação estava sendo fertilizada por estas questões todas . De repente você pega a área educação e separa, separa da área de conteúdos. Começa por aí então... o pessoal das áreas de conteúdo : História, Geografia, Física, Química, Biologia, Filosofia, vai lá para outro canto. Isso significou em termos

de Brasil muitas vezes em muitas universidades , precisaria fazer um mapeamento caso a caso... mas em muitos que eu conheço empiricamente, significou separação brutal do espaço físico, diferenças de quilômetros . Aqui , por exemplo, significou em pouco tempo a separação de 12 Kms. Ora a separação espacial, isso valeria envolver arquitetos e alguns estudos nesta direção, ela não ocorreu por acaso. Ela não só tem uma perspectiva política e ideológica , mas mais que isso tem uma concepção teórica também a respeito da questão do saber, da universidade, das práticas sociais que estão permeando esta questão . E aí a área da educação ficou fragilizada porque aparentemente a gente diz assim 'não, a faculdade tem uma área de educação', mas no momento em que você cria uma faculdade de educação que não existia antes, você diz o seguinte 'olhe a educação está aqui, então a área de Letras é não-educação, a área de História é não-educação, a área de Filosofia é não-educação' aparentemente você teria valorizado mas não ... você desvalorizou , ao excluir você fragilizou a área e você , acima de tudo, disse para os físicos, biólogos, antropólogos, filósofos e o pessoal da área de Letras 'vocês não tem que pensar a educação, vocês não São da área de educação, a área de educação é lá'... é ali naquele setor físico, burocrático inclusive, formal. Aqui é que se pensa educação. Isso acabou sendo introjetado por nós . Tanto, que toda vez que a gente se relaciona a algum embate a gente morre de medo de perder alguma coisa , porque só nós podemos falar na área de educação. Quer dizer, nós introjetamos aquilo que a reforma nos colocou e achamos que educação é aqui.

(Ana Flávia)Professor eu quero este texto... a biblioteca está aberta?

(Ildeu)Não, não está não! Mas este texto não entra por isso tudo que eu falei não. É um texto muito , escrito muito rápido, numa primeiríssima versão. Eu posso mandar ... você me deixe seu endereço que eu lhe mando depois pelo correio, porque eu não tenho aqui...

(Ana Flávia)E aqueles mimeografados?

(Ildeu)É, eu vou ver . É capaz que eu não tenha aqui também não...

(Ana Flávia)Posso desligar?

FIM DA GRAVAÇÃO

ENTREVISTA COM PAULO MICELI.

Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/ Departamento de História.

Formação básica: História.

Campinas, 11 de abril de 1996

(Ana) Entrevista com o professor Miceli , no dia 11 de abril de 96 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Professor , eu já te coloquei a par da minha pesquisa, mais ou menos do que se trata não é? Sobre a especificidade da Pedagogia. Está havendo na Faculdade de Educação uma discussão muito grande sobre a especificidade da Pedagogia, o objeto "educação" é muito complexo , ele é um objeto não-material e o ato de produção e o consumo não se dicotomizam, na verdade ele envolve uma práxis, como estava conversando com o Renato Ortiz. Então , uma das grandes questões que eu estou procurando abordar é o como cada ciência-fundamento observa a educação, que suportes ela pode dar e o como estas ciências se articulam depois. É aí que eu quero chegar, na questão do espaço da Pedagogia como um espaço que vai reunir todas as várias disciplinas. Por exemplo , a história dá conta sozinha da educação, a sociologia dá conta sozinha? É aí que eu quero chegar. Então para chegar aí, no meu espaço que é o da educação, eu queria começar pelo teu espaço, pelo movimento da tua área, então eu gostaria que você falasse sobre o conceito de história, o como a história aborda a realidade, qual o objeto da história e como ela poderia contribuir com a educação, para o olhar educativo.

(Miceli) Bom Ana Flávia, a questão que você coloca como você sabe bem é uma questão muito complexa, extremamente ampla , não é? Então eu vou te dizer algumas coisas que eu penso a respeito, quer dizer, eu não falo em nome da História e não falo em nome dos historiadores, a minha posição é muito mais modesta , e eu vou te falar em função de uma experiência que eu tenho que como professor , como pesquisador , e uma experiência que como professor já vem de alguns anos, desde o ensino secundário onde eu fiquei perto de dez anos, até o ensino universitário onde eu estou já há mais de dez anos. Então, o que eu vou colocar a você são resultados de experiências como professor, como educador. Na realidade, eu acho que não só a História como qualquer outra área de conhecimento, disciplina, o nome que se der a isto... sozinha não tem a possibilidade nem a capacidade de dar conta de um processo amplo e complexo como o processo educacional. Existe uma certa vaidade dos representantes de cada uma destas corporações , vamos chamar assim, de dizer 'bom, minha área é fundamental'. Porque excluída a História eu considero para mim uma coisa fundamental, eu não posso imaginar que todo o processo educacional esteja alicerçado no ensino

de História. Eu acho que a História é uma coisa importante, a História enquanto um espaço de preservação e de constituição de uma identidade, de uma cidadania que se perde cada vez mais em um país como o nosso, ela é importante sim, eu diria até que ela seria fundamental, mas não vou dizer em momento algum que ela seja 'a' disciplina, tá? Eu penso a questão da História como, vamos pensar assim, eu não entro nunca numa sala de aula com um conceito de História pronto na cabeça, quer dizer quando vou discutir um tema ou um livro sobre história da formação na sociedade industrial, um livro sobre história do Renascimento ... um grande tema destes de História, o meu próprio conceito, do meu ponto de vista, ele tem de estar sempre em elaboração e reelaboração.

(Ana) Aí entra o Adam Schaff também, não é? A verdade como processo ...

(Miceli) Sim, quer dizer, cada indagação de um aluno, cada leitura ou principalmente cada releitura de um texto muitas vezes revisitado anos, anos e anos e anos, acaba desvendando para você uma nova dimensão que seja histórica, quer dizer, eu preciso me ater a um plágio, não é, quando você perguntou ... se eu não estou enganado, talvez esteja, Santo Agostinho o que era memória, ele dizia 'se você não me perguntar até sei, se você me perguntar não sei'. Eu acho que História é uma coisa assim, quer dizer, se você não me perguntar o que eu entendo por História eu sei o que eu entendo por História, se eu tivesse que responder 'História é' ...

(Ana) Um conceito fechado...

(Miceli) ... eu não responderia. Eu teria uma certa facilidade em dizer o que é uma cadeira, o que é uma escada, o que é um telefone, mas a História não. Esse conceito de História, inclusive em função da formação, da experiência que você acumula, das expectativas, das frustrações, você passa por um entendimento de que a História seja uma ferramenta para você construir um novo mundo. A História que leva à consciência e que leva à conscientização das pessoas, das classes, principalmente de uma classe, como é que se diz... a famosa distinção e impertinente distinção entre as classes sociais. De repente a História talvez não possa fazer isso, talvez tenha uma finalidade outra que não seja esta. Eu não entendo a História como lazer, como entretenimento. Acho que a História tem sim um objeto específico, ela tem sim uma finalidade específica, ela não é uma coisa... pelo seu próprio objeto, quer dizer o ser humano, isto pode aproximar um pouco a História da concepção dada na antropologia, isto não me preocupa também, mas o objeto da história é o ser humano. Um ser anárquico por excelência, que não concorda com as situações a não ser dentro de regimes fechados e totali-

tários, quer dizer, eu não posso dizer 'o homem é' , 'os homens são', eu não posso dizer 'a História é'. A História trata exatamente destas relações, do acaso na sociedade, na vida das pessoas... a nossa vida é submetida à acasos, quer dizer eu estou conversando aqui cai um avião em cima deste prédio, nós morremos no meio da conversa , nem eu tenho possibilidade de dizer o que eu penso da História e nem você de até pensar o que eu estivesse pensando sobre História.

(Ana) É a previsão...

(Miceli) A História não é um... Eu posso falar sobre insetos , que passam por determinadas fases , que chegam a uma determinada fase... a borboleta , a gente sabe... O ser humano não, o ser humano de repente tem acessos de loucura, o ser humano de repente se suicida, o ser humano de repente mata alguém , o ser humano de repente é movido por instintos e paixões. Embora a História não cuide disto, eu acredito que muitos resultados da Grande História vêm justamente destas modificações. Como lidar com as influências educacionais é que é um problema. A História fica ao sabor dos donos do poder político de plantão, então quando você tem uma grande ditadura longa e dura, como no Brasil durante 21 anos, a História é sempre uma área visada pelos órgãos de repressão políticos. Na universidade onde eu estudei, lá na U.S.P. em São Paulo, as salas de aula eram frequentadas por alunos que não passaram pelo vestibular, eram os delatores, os 'dedo-duros' esta figura asquerosa, na falta de uma palavra mais... que se aplique ao caso. Ai você tem um certo alívio , então a História vai para um outro caminho, os livros podem incluir determinados temas que outrora não podiam durante a ditadura. Então a história sempre foi uma coisa visada . Se a gente for observar a mídia , por exemplo, você vai encontrar muito mais historiadores do que geógrafos ou filósofos até, você vai encontrar sociólogos numa outra dimensão da história política. Os economistas , por exemplo, estão nos partidos políticos, nos ministérios, estão decidindo a vida da gente; os sociólogos trabalham com uma história... o tempo do sociólogo para mim é uma questão fundamental para explicar a diferença entre a Sociologia e a História, o tempo para o historiador é uma questão mais complexa. O historiador remete um presente a um passado, remete... não que esta relação seja só em função do passado-presente-futuro , que isto para mim também é uma divisão das coisas. O tempo do sociólogo é um tempo diferente. O tempo do historiador na linha do Fernand Braudel talvez seja sempre o tempo da, talvez seja não, talvez possa ser melhor compreendido no tempo da longa duração, das grandes consequências, dos grandes e largos processos. Pois é nesta vida onde está o processo educacional: professor-aluno, alunos entre si, professores entre si, estarão em um período de tempo mais cur-

to, na verdade quase que numa encruzilhada. Do meu tempo de vida como professor por exemplo, que eu sou já há alguns anos e a minha consciência histórica de finalidade das coisas, se eu pudesse diferenciar para precisar um pouco mais, por exemplo, existe uma história que é esta história que nós vivemos, a história dos acontecimentos, das coisas acontecendo... ministro que cai, uma guerra que acontece e a História que é narrada. A narrativa ou a narração destes acontecimentos.

(Ana) Benjamin trabalha com narrativa também, não é? ... a experiência.

(Miceli) É, o Benjamin trabalha o narrador e a questão fundamental é a experiência.

(Ana) Não só a experiência empírica...

(Miceli) Eu posso passar, eu posso dizer para você, no meu tempo de magistério aconteceu isto e isto, mas eu não posso te passar a minha experiência. Posso te passar talvez os meus palpites ou, a exemplo do que o Walter Benjamin se preocupa, o conselho, não no sentido moral, mas a idéia de uma vivência que se pratica. O processo educacional também é isto, uma relação humana fundamental que não está só na escola, ela está numa oficina de artesãos, numa oficina de ensino profissional, entre mestre que está ensinando aluno de um curso técnico, por exemplo, está no instrutor de circo ensinando o menino a não cair do trapézio.

(Ana) Está no nosso cotidiano e nas relações informais.

(Miceli) Sim, está nas nossas relações, em uma conversa que a gente tem com pessoas velhas, uma tia que nos ensina a fazer um torresmo... Tudo isso faz parte da vida.

(Ana) Interessante professor, porque é o primeiro professor que dá esta abordagem para mim. Até agora começaram com uma questão muito escolar. Eu tive que puxar a questão do informal. Então talvez esteja aí uma das diferenças da História. A História dá esta noção, da educação como um processo onde o homem se faz homem, um processo mais amplo, talvez este seja um diferencial.

(Miceli) É, eu não sei se é um diferencial da própria História ou de determinadas pessoas. Isto não impede que um antropólogo, um sociólogo, um filósofo, um pedagogo tenham esta preocupação. Eu não sei, eu acho que se o meu problema com os alunos de determinado curso for tirar estes alunos da sua vivência diária, das suas questões diárias, do seu problema pessoal, às vezes de ordem afetiva, financeira, etc., eu prefiro retirar minha questão do conhecimento histórico e lidar um pouco com estas

questões . Eu acho isto fundamental, que os alunos não se esqueçam da sua inserção num espaço maior.

(Ana) O cotidiano.

(Miceli) Não adianta eu ficar dizendo ... eu costumo brincar às vezes com eles, eu digo no que eu escrevo , eu posso libertar os escravos , emancipar os condenados , igualar os desiguais. Meu texto aceita qualquer condição. Eu posso pegar um texto 'os escravos não foram torturados, não sofreram violência física nem moral, etc. 'Eu posso tudo isso na verdade, mas eu prefiro que eles ao discutirem estas questões vão para fora , para a janela e vejam o mundo acontecendo.

(Ana) A articulação entre os tempos.

(Miceli) Porque ali eles têm a possibilidade e o poder de interferir em alguma coisa e de mudar-se a si. Eu posso escrever de várias formas: há pessoas que simpatizam com sei lá, os donos do poder, com os reis, com os imperadores, há pessoas que simpatizam com os oprimidos da história. Tudo bem, é uma questão de partido na verdade que se toma. Mas o estudante não tem estes problemas do grande historiador, estas grandes crises existenciais que muitas vezes os professores têm. O adolescente ou alguém que esteja saindo da adolescência tem problemas outros, que não saber porque Napoleão, ou quais as motivações de Napoleão ao estabelecer a sua grande ditadura, que foram o topo de guerra da Revolução Francesa , por exemplo. Estes alunos estão preocupados com o dia a dia, não é? Então é preciso considerar este dia a dia de fato vivo e trabalhar sim a História em função disto também. Eu não posso dizer para o aluno 'não, você não está com fome ,pense nisso, na Revolução Francesa...'. É mais ou menos isso.

(Ana) Sublime esta situação.

(Miceli) 'Não , não você não está com fome. Fome passavam os revolucionários russos em 17.' Tudo bem, mas eu não posso me esquecer do processo educacional como um espaço de aprendizagem não só do aluno na verdade. Eu acredito que o professor que não se transforme no processo , o professor que tem , por exemplo , seus fichamentos plastificados, sua bibliografia cristalizada, suas réguas de avaliação permanecem no correr dos anos, o professor que não se submete a uma ginástica mental para compreender o que que... Tudo bem que a minha geração se preocupasse muitas vezes em arrumar o mundo perfeito, isso não significa que um estudante hoje que não pense isso seja alguém para ser descartado da minha importância . Não, ele sofreu um processo educacional que é extremamente vasto, quando você pensa que não está contido só no espaço da sala de aula, muito menos da aula de história, mas que

passa pelas relações familiares, passa pelo que ele viveu, pelo que ele ouviu no rádio, na televisão, pelos filmes a que ele assiste. Quer dizer, pelo teatro que ele frequenta, ou não frequenta, pelas conversas na praia, na discoteca, enfim, eu acho que é uma coisa um pouco maior. Eu vejo a gente sempre nessa fase da vida, da formação dos valores, como um gravador ligado, sempre ligado, aceitando. Por isso a importância do meio social, por isso a importância da melhoria dos ambientes escolares, de todos os níveis. Eu não vejo a escola como um prédio bonito, sabe? Eu não vejo a escola como espaço da disciplina, quer dizer, e que normalmente a gente vê isso, o aluno melhor é o subalterno, é o disciplinado, é aquele obediente, é aquele que não olha do lado. Desde o primeiro grau, desde a pré-escola, o aluno melhor é aquele que a instituição escolar vai matando, vai homogeneizando, vai transformando em um boneco em série. Este é o melhor aluno. Eu vejo o processo educacional como possibilidade de reformulação, de transformação, de rebeldia sim, não de rebeldia sem causa, mas de rebeldia na verdade porque não se deve nada às pessoas acomodadas. Nós nunca devemos nada aos chamados 'normais' aos acomodados, nós não devemos nada. Se fosse todo mundo assim, a roda não teria sido inventada, não teriam inventado o barco, o avião, porque as pessoas se moveriam no seu estrito espaço.

(Ana) E professor, dentro da Faculdade de Educação existem vários departamentos. São cinco: o de Filosofia e História, o de Ciências Sociais aplicadas, o de Administração e Supervisão, o de Metodologia e o de Psicologia. O Saviani trabalha muito com a questão do colonialismo epistemológico na formação do pedagogo. Existem várias disciplinas de suporte, porque na verdade o objeto do pedagogo qual é? É a educação. Só que não existe uma ciência que estude a educação sozinha. Tenho que pegar fundamentos na História, na Filosofia, na Psicologia, na Sociologia e no caso é dentro do departamento de Metodologia que estas várias ciências se articulam para abordar os problemas vindos da prática da educação. Vamos para as ciências-fundamento e voltamos para a educação. O Dermeval fala muito da questão do colonialismo epistemológico que algumas vezes... o que acontece é o predomínio de uma das ciências, o historicismo, o economicismo, na formação do pedagogo. Às vezes o olhar da História para a educação predomina em relação ao próprio objeto, o da economia predomina e não o do pedagogo, o pedagógico. Então professor, como você vê o espaço de articulação da História com as outras ciências. É necessário um espaço no caso da Pedagogia como ciência da educação, ciências da educação, ou a História simplesmente vem dar fundamento e não precisa se articular com as outras ciências?

(Miceli) Bom, eu acho que representando a história, eu não acredito na possibilidade de trabalhar com a História sem uma articulação com as outras ciências do conhecimento. Eu não vejo coisas do tipo 'ciências auxiliares', como se dizia antigamente, não tão início do século, mas nós aprendemos na faculdade que a história tinha ciências auxiliares dentre as quais a geografia. Essa é uma hierarquia muito perigosa e prepotente, muito pretensiosa. Eu trabalho muito com uma coisa chamada multidisciplinaridade, ou interdisciplinaridade. Eu penso desta forma, não sei o que pensam todos os historiadores, estou te dizendo mais uma vez que falo isso pelo meu próprio viés. Então eu jamais poderia descartar a cartografia, por exemplo, dependendo do tema, eu me dedico agora ao estudo da cartografia, estudo a história da expansão européia do ponto de vista da cartografia. Então a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade para mim são fundamentais. Na verdade, eu acho que até intuitivamente as coisas precisariam se encaixar. Eu não saberia quantificar o quanto a História poderia contribuir para o avanço da educação em termos de porcentagem, ou em termos de horas-aula, ou em termos de disciplina, ou em termos de páginas de programas didáticos. Eu não penso desta forma, eu acho simplesmente indispensável para se pensar o processo educacional porque os educadores não descem de uma nave espacial e falam 'a partir de agora as coisas acontecem desta forma'. O próprio predomínio de um viés historicista, economicista, é resultado de um processo histórico. Quer dizer, não o que a História tem a dizer sobre isto, mas do que a história como acontecimento acaba levando. Então, a história é fundamental neste sentido. Se você pensar que para as pessoas individualmente perder a memória significa uma coisa complicada, quer dizer, existe um processo de amnésia, toda terapia busca justamente o que, trabalhar com a lembrança das pessoas, com a memória das pessoas. No espaço coletivo das relações sociais, a produção do esquecimento pelas instâncias de poder político, é um objetivo fundamental, a produção de lembranças desta ou daquela forma. Então a memória para mim... memória e História não são coisas idênticas, a questão da memória, da identidade que você recupera, ou preserva, ou constitui a partir de todo este processo de releitura, de reconsideração, de escolhas da documentação, dos movimentos, da tradição também na verdade, porque a tradição não é em si uma coisa ruim. Muita coisa se produziu em termos de novidade a partir da tradição, é impossível zerrar o conhecimento. Você deve ter visto àquele filme 'Blade Runner', onde o que diferenciava o ser humano do andróide era o fato de possuir lembrança, memórias. Enquanto a gente não recupera nossa identidade familiar, por exemplo, como a fotografia que a gente vê dos avós, dos bisavós, etc. Eu sei que na sociedade a coisa é complicada demais, não é? A coisa não é mais no nível individual, mas coletivo. Mas eu acho que esta predominância

de determinadas áreas de conhecimento , de saber, em determinados momentos da história , quando a gente vai dizer a gente usa normalmente , no dia a dia a nossa história de vida , a história de uma situação, a história de uma relação , quer dizer , nós usamos esta palavra de uma forma muito... cada vez que a gente diz isso ninguém está preocupado com o meu conceito de História. Então, historicamente a gente compreende as razões deste predomínio , não é? Mas nunca é um predomínio pacífico, nunca é. Há sempre um litígio nesta disputa pelo espaço, porque os intelectuais na verdade se tornam o espaço. São pessoas que na verdade além de vaidade, além de ciúme, disputam o espaço. Então, cada vez que o historiador é convidado para discutir uma política educacional, é evidente que vai querer carregar toda a importância que ele atribui a sua corporação para dentro daquilo. Por sua vez , o pedagogo diz 'não, mas a educação é problema nosso' , a História tem de contribuir mas com uma pequena parcela, como a Filosofia, a Economia, a Sociologia, a Antropologia e tal. Na verdade eu acho que isso faz parte , as coisas se explicam justamente por este desequilíbrio, não é? Por esta disputa. Do meu ponto de vista a gente ganha muito mais quando o professor de História entra em acordo com o professor de literatura , e vice-versa. Ele dá o "ciclo" do cacau na economia e o professor de literatura está dando 'São Jorge dos Ilhéus' de Jorge Amado para eles lerem. Um está falando do final do Império e o outro vai trabalhar Canudos, vai trabalhar com Euclides da Cunha. Do meu ponto de vista a coisa vai por aí. Eu vejo como uma infantilidade acho que do espírito, se eu pudesse utilizar esta expressão, esta disputa porque no interior da própria disciplina existe isso. Mesmo no interior da História existe isso . O professor de história contemporânea é politicamente correto, o professor de história antiga é um alienado... só está preocupado com âncoras , com pirâmides, e o professor de história contemporânea não, ele está preocupado com a globalização, com a luta de classes, com uma série de coisas. Então a História também se fragmenta em função disto. Eu não consigo enxergar a história antiga sem os meus padrões de análise da sociedade contemporânea. É evidente que eu não vou aplicar isso a um escravo da Grécia Antiga, por exemplo. Mas a minha formação é do mundo que me cerca, eu não estou cercado por escravos , gregos, romanos, troianos. Estou cercado por pessoas , trabalhadores, professores etc. Então a minha questão com a História é um pouco esta. Quer dizer, o fato de alguém trabalhar com este ou aquele tema não lhe dá , não lhe outorga uma importância maior ou menor. Portanto, quem trabalha com história, economia, antropologia, sociologia, é uma opção , escolha. Eu me sinto vocacionado para a História, então eu trabalho minha vida dedicada à História, ao ensino, como eu ensino História, qual a didática. Questão muito pessoal, não acho que o que faz o professor de história antiga , ou o

professor de história do Oriente, por exemplo... não acho.

(Ana) A grande questão da Pedagogia é que é uma terra de todos e de ninguém. De repente o pedagogo na nossa sociedade foi e está sendo muito desvalorizado . quando eu digo que estou fazendo Pedagogia eu ouço 'Mas como? Você é tão inteligente, fazendo Pedagogia?' , como se a Pedagogia não servisse para nada. Tem a História que estuda a educação, a Sociologia que fala de educação, porque Pedagogia? Houve um Seminário de Neurologia Infantil organizado pela nossa universidade¹ e em uma mesa redonda sobre educação não havia o enfoque pedagógico. O tema era educação escolar e o enfoque predominante era neurológico e psicológico. E aí entra-se na instituição Escola, no Ciclo - Básico, em questões extremamente pedagógicas com um olhar fragmentado. Um dizia o olhar neurológico, o outro o psicológico , só que sozinhos não dão conta . É justamente o tecer todas as informações que vêm das várias áreas , o tecer um novo conhecimento é que é a especificidade do pedagogo. Para eu olhar a educação , eu tenho que me remeter para a História da educação, Psicologia da educação, Sociologia da educação ...eu tenho que me aprofundar nestas áreas para depois obter respostas para a educação. Aí está a questão da multidisciplinaridade ... eu preciso de todos estes profissionais para me dar suporte, só que nenhum deles sozinho consegue dar conta, A realidade é muito complexa, não dá para falar 'só me aprofundo na História aqui, aqui já é a Psicologia'. É uma questão delicada, não é um predomínio pacífico.

(P.M.) É uma questão de formação mesmo. É um problema que não atinge apenas a Pedagogia. A desvalorização do profissional da educação passa por todas as áreas. Você talvez saiba aqui o curso de Matemática, por exemplo, encontra problemas de preenchimento de vagas, porque é um curso que destina os alunos ao magistério basicamente, e o magistério hoje no Brasil é uma indigência. O orgulho de ser professor se transformou na vergonha de ser professor. Então, os profissionais da educação no sentido mais geral, das áreas chamadas humanidades, e mesmo na matemática, está acontecendo isso já faz alguns anos. Há um problema de desvalorização , de falta de reconhecimento na verdade, da importância do processo de educação em um sentido mais amplo, social, político. Não é só o pedagogo que é desvalorizado. O historiador é desvalorizado, o geógrafo é desvalorizado, o filósofo sabe? Muito recentemente só é que a Filosofia passou a ser novamente uma disciplina a ser ensinada nas escolas , e com uma série de problemas. Veja a distância que a universidade mantém em relação a isso, o aluno que passou em primeiro lugar no exame do concurso é aluno do departamento de Filosofia de nosso instituo, e ele não pôde assumir as aulas porque o curso não era reconhecido, não por falta de capacidade.

Nós da universidade muitas vezes estamos esquecidos de para quê estamos formando estes profissionais . O curso é excelente , só que não pôde assumir. Olhe o distanciamento que existe entre os grandes centros de geração e pro-

1. "Jornada de Neurologia Infantil" Faculdade de Ciências Médicas/ UNICAMP . Realizada no Hotel Vila Rica Campinas , 05 e 06 de maio de 1995.

dução do saber, e aquilo que de repente a sociedade estivesse precisando naquele momento. Eu acho as pessoas precisam de filosofia sim, uma pessoa na periferia de Campinas ou em São Paulo, não importa onde, ou mesmo numa grande escola particular, precisa de filosofia, de história. Um engenheiro precisa de política, ele não precisa saber só quantos milhões de quilowatts uma usina vai gerar. Ele precisa saber das consequências sobre o meio ambiente , das questões de emprego e desemprego. Precisa saber de tudo isso. Um engenheiro precisa da História, da Sociologia, da Política, precisa sim. Portanto quem lida com educação precisa sim de todas estas áreas, não como auxiliares mas como no sentido de uma lente de óculos que você utiliza . Se você olhar só com o estreito objetivo de uma disciplina que você considera a melhor de todas, a mais importante, você vai estar deixando de ver outras coisas. Você incluir na sua preocupação, não que você vá ser ao mesmo tempo historiador geral e pedagogo, você não pode ser isso ... você tem a especificidade da sua formação , do seu objetivo , da sua profissão . Daí portanto a sua atuação na sociedade, na vida prática. Mas você não pode , eu não entendo que um professor de História , por exemplo, não considere a Literatura, não considere coisas tão próximas, eu não entendo.

(A.F.) Você tocou em um ponto fundamental : campo de atuação. Para que estamos formando, o curso é excelente e tal, mas para quê? Na educação o campo de atuação do pedagogo tem tido como única direção a escola. Parece que você entra no curso de Pedagogia para ir para uma escola. Na verdade é só esse o campo de atuação do pedagogo. Como estávamos conversando que a educação pode ser formal, que seria a escola; pode ser não-formal, que abrangeria outras instituições como empresa, os vários processos educacionais sistemáticos e intencionais fora da escola; e informal. O pedagogo deveria ter como opção não só o escolar mas também a área não-formal. Retomando seu cotidiano , em que espaço você vê o pedagogo atuando, é basicamente no formal?

(P.M.) Se eu dissesse que vejo o pedagogo nestes outros espaços eu estaria mentindo para você, porque embora estejamos próximos da faculdade , há pessoas cujo trabalho acompanho de muito perto , eu nunca me preocupei com isso. Você veja, eu tenho um conceito de educação extremamente amplo e tal , reconheço , admito, não poderia fa-

zer diferente, a importância da Pedagogia nesse universo evidente, mas eu não saberia dizer a você 'olhe eu acho que o pedagogo poderia atuar aqui, aqui, aqui deveria atuar'. Eu só não entendo um processo educacional onde o profissional do ensino não esteja sempre presente. Na elaboração de uma política de ensino, na elaboração de uma grade curricular, de um projeto educacional. Você estranhou uma mesa redonda sobre educação onde não havia pedagogos, eu estranharia também. Mas eu estranho muito mais uma universidade como a nossa onde você não tem na elaboração de propostas, de vestibular, pessoas da área de educação. Eu estranho sim, quer dizer, eu sou mais movido pelo bom senso que por uma informação adquirida nos livros, neste aspecto principalmente. Eu vejo com certo espanto que nas grandes discussões sobre problemas educacionais, pedagogos não estejam nesta história como se diz... central nestas discussões, não só presente porque é o profissional. Eu não entendo um congresso médico que as pessoas que estivessem discutindo não fossem, pelo menos as principais, não fossem médicos. Sabe, eu acho que existe uma coisa específica. Eu não entenderia um congresso sobre, sei lá, o centenário de Canudos em que não houvesse um historiador para discutir isso, sabe? Eu não entenderia desta forma. Ficaria espantado como você se espanta. O pedagogo tem uma importância fundamental e a desvalorização do pedagogo, não de Pedagogia, faz parte de um processo histórico de desvalorização e esvaziamento da própria atenção e missão, talvez missão seja a palavra mais correta, de ensinar ou de discutir as questões de ensino, porque isso é uma responsabilidade muito grande. No processo educacional o educador funciona como elo fundamental entre as experiências, história, tradição, uma série de coisas, e a renovação que é indispensável. Isso é uma coisa fundamental. Se o profissional da educação é desvalorizado no processo educacional, vão se afastando os profissionais mais capacitados, habilitados. Você tem a questão da remuneração do professor de 1º e 2º graus, por exemplo, que faz com que o professor ou seja alguém que esteja a espera de uma melhor oportunidade, ou alguém que não tem capacidade para fazer outra coisa. Não desvalorizo um pedreiro, por exemplo, mas um pedreiro razoável hoje ganha 3 a 4 vezes o que ganha um professor de 1º e 2º graus. Ele merece ganhar mais, mas o professor também mereceria ganhar mais, porque o profissional da educação não tem como investir na sua formação. Aí você tem um projeto de ensino dizendo 'o professor deve frequentar o teatro, deve ler', deve sim, mas ele não tem dinheiro para abastecer a 'brasil' dele que o leva de uma escola para outra, que é roubada, desmantelada, vendidas as partes, etc. Eu vejo a coisa neste sentido, o processo educacional é uma questão política fundamental e eu acho que é do ponto de vista político que estas questões têm que ser pensadas. O pessoal diz 'no Brasil a tradição cultural é esta'. Não! É uma questão política.

Não interessa a quem organiza estas políticas educacionais no espaço do governo, por exemplo, que o ensino seja melhor eticamente. Nós quando discutimos educação sabemos o que queremos, lá não se discute. Você tem um educador escolar que é um senador, o Darcy Ribeiro, que apresenta um projeto que equipara a pós graduação lato sensu à pós graduação stricto sensu. Isso significa não romper um privilégio, significa avacalhar com o esforço de produção do conhecimento, só isso. É um processo vergonhoso. Eu entendo que seja necessário você promover uma, tanto quanto possível, uma certa igualdade, uma certa harmonia, mas não você reduzindo e nivelando por baixo. Então veja, são estas pessoas que pensam a educação em função de um interesse partidário, eleitoral, alguma coisa de eleitoreiro.

(Ana) Professor, agora não se preocupe em formalizar a resposta, não é da sua área, eu gostaria de uma opinião sobre a Pedagogia. Pensando na discussão em que alguns a definem como ciências da educação, outros como ciência da educação, não ciências no plural porque no caso seria uma ciência específica que iria utilizar os fundamentos de outras ciências e iria a partir daí elaborar um conhecimento próprio, e outros que têm na Pedagogia o termo ideal e ponto. Então, ciências da educação seriam as várias ciências aplicadas... História aplicada, Economia aplicada. Aqui (estou apontando para registros em uma folha de papel) também há várias ciências só que contribuindo para a formação de uma nova ciência, no caso a metodologia, a didática, o 'como'. A didática transformaria esses conhecimentos, se utilizaria deles e os superaria no nível. E Pedagogia seria o como está estruturado agora. Em que lugar você se encaixaria melhor como historiador, em que a sua contribuição, por exemplo, seria melhor. Tem teóricos para todos os...

(P.M.) Mais uma questão também que nunca me ocorreu na verdade. Eu acho que a própria palavra 'ciência' ou 'ciências' no plural, ela parte de um conceito de educação, de um sentido que se tem a respeito disso. Na História existe a discussão sobre a História, ciência, ciências ou disciplina... Fico pensando se o nome que a gente dá para a coisa é tão importante. Mas aqui não é só uma questão de nome, aqui você tem uma ciência da educação e as pessoas quando dizem, dizem 'ciência da educação', 'ciência da história', se você disser 'ciências' já dá um sentido quase coletivo. Ciências da educação e Pedagogia carregam, eu acredito, você que é da área sabe bem melhor que eu isso, carregam uma coisa quase estigmatizada, não é? Pedagogo, como as pessoas te perguntam 'porque não foi estudar Medicina, Pedagogia?'. O próprio sentido de cada uma destas expressões está carregado de historicidade. Pedagogia, seria necessário recuperar o 'status', talvez seja necessário imaginar que se eu cha-

mar ou não chamar de ciência o que eu faço , desde que eu faça com princípios, com critérios, com seriedade, com dedicação, com competência, com disciplina, com tudo que talvez caracterize o procedimento científico do trabalho de alguém, vai me dar o 'status' de Pedagogia. Você pode dizer 'eu sou uma cientista da educação' e a turma dizer 'não, mas o que é que você faz?' . O nome , do meu ponto de vista, o nome não importaria muito. Se inventou há algum tempo atrás uma questão de história e estória sem 'h', história inventada e tal. E a História toda é uma grande invenção na verdade. Não que eu minta o que o documento traz, mas é uma tentativa de recuperação de uma vivência , de experiências. Não é desmerecer a questão não Ana Flávia, mas eu acho que é um falso problema sabe? Eu acho que se eu chamar de ciência da educação, ciências da educação ou pedagogia, ou poderia chamar de qualquer outra coisa, o nome não vai explicar a coisa. Os educadores em geral, professores , pedagogos, professores de História, Sociologia, Antropologia, isso sim, se você definir um objetivo, há uma zona de intersecção sim.

(Ana) E quem atuaria para integrar estes conhecimentos? O pedagogo é necessário?

(Miceli) O pedagogo é necessário sim. Seria mais fácil justificar a importância de um pedagogo no processo educacional que a de um professor de história . Mesmo eu trabalhando na área da História, eu teria talvez até uma certa dificuldade , se não passasse por uma questão até de vaidade profissional , de dizer que história seria uma coisa indispensável. Eu acho que é , mas eu não posso enfiar isso na cabeça de um menino de 10 anos, ou uma menina de 9 anos querer que seja fundamental para ela saber como tomaram a Bastilha. Ela nunca foi à França, não vai à França, provavelmente não tem a menor noção do que era o Antigo Regime. Ela lida com um tempo que quando muito está ali com o Natal que passou a 3 meses quando ganhou sua bicicleta. E eu falo sobre séculos, falo sobre milênios em alguns casos. E século é uma coisa que a gente só começa a saber o que é quando vai avançando na vida. A própria concepção de tempo de História que se ensina está muito distante. Então , o nome da coisa não importa o que importa , do meu ponto de vista, sim é o reconhecimento . Não é humildade no mau sentido, mas uma certa humildade de cada um dos profissionais ligados ao ensino de se reconhecerem como parte de um processo maior , de um todo maior. Se faltar História no ensino eu tenho a impressão que o ensino cai de nível, se faltar Geografia o ensino cai de nível, se faltar o pedagogo como profissional da educação cai de nível. Numa casa você precisa do encanador, do azulejista, do pedreiro, do servente, você precisa de tudo para construir um edifício.

(Ana) Alguém fez a planta. Quem faria a planta?

(Miceli) Alguém faz a planta. Você encomenda uma planta a um arquiteto, por exemplo, e você pode perfeitamente, um usuário da casa, dizer 'esta casa não serve, eu não quero um banheiro de 80 m², eu quero um banheiro de 12 m² e uma sala de 150 m²'. Na verdade a casa se define para o usuário. Então, quando eu penso no processo educacional, tenho que pensar em quem é o usuário, tenho que pensar isto. Eu posso preparar uma aula excelente sobre a constituição do Estado absolutista e posso transformar esta aula num fracasso total se não souber comunicar àquele consumidor do meu conhecimento, que é o aluno, alguma coisa a respeito disto. Eu não posso simplesmente transmitir para ele um grande debate historiográfico, eu tenho que colocá-lo este debate na vivência do sujeito. Então o processo educacional para mim não se define na cabeça de um ministro, normalmente o que se define na cabeça do ministro é problemático, não se define num gabinete do Planalto Central. Eu acho até absurdo que num país como o nosso você tenha programas educacionais quase idênticos para o país todo. Pega-se desde Pelotas no extremo sul até Belém do Pará, e aí vai para Alagoas, Roraima... é complicado isso. Quem é que vai usar? Qual a finalidade? Quando trabalho com história sempre me preocupo com a finalidade daquilo. Por que eu vou discutir este livro da Eclea Bosi com meus alunos? Não é a Eclea Bosi que precisa disto. Talvez seja eu que seguramente tenha que levar alguma intenção para os alunos. Processo educacional para mim se define como sendo um livro que eu escrevo que se define em função da leitura, ali se contrapõe. Eu vou escrever para guardar na gaveta ou para encher estantes de bibliotecas e ninguém ler? Não tem sentido.

(Ana) Professor este ponto é fundamental, vou pensar sobre o exemplo da casa...

(Miceli) Pense mesmo, se não é. Acho que a gente pode encontrar exemplos corriqueiros que explicam muito mais que muita teoria. Ela é indispensável, a gente precisa saber o que as pessoas pensaram a respeito do que a gente faz. Eu preciso saber, sei lá, se eu fosse um filósofo da educação preciso saber o que Dewey pensava a respeito disto, preciso conhecer uma série de pessoas, Piaget, etc. mas eu não posso simplesmente transferir Piaget para Paulínia, por exemplo, ele é importante mas não é um modelo a-histórico. O processo educacional para mim é um processo histórico por excelência. A História, mesmo que não esteja presente com um tijolinho neste edifício que você está preocupada em construir, ela é fundamental e vai fazer falta. Agora você vai encomendar uma casa para Niemeyer, você pode ter sua vaidade satisfeita, seu ego massageado, mas de repente se você comprar uma casinha pré-fabricada, um chalezinho, colocar num jardimzinho fantástico com a pessoa que você quer na vida, você vai

ser muito mais feliz. É o uso que você vai dar àquilo. E você como educadora tem que consumir inclusive seu próprio ensino. Pense assim eu sou um professor de História de 1º e 2º graus, vamos supor, e vem um programa do Ministério da Educação e da Secretaria da Educação, vamos imaginar que uma pessoa no Brasil consiga todo saber da área de Pedagogia, de repente eu não consigo transformar aquilo numa prática de ensino. Mas por que não perguntaram para mim? Quando uma vez eu discuti o projeto da CENP, embora ele seja extremamente adequado, ele enfatiza o cotidiano do aluno... ele esquece de um dado fundamental: o cotidiano do professor. É um projeto importante mas não leva em conta o professor. O professor é um dos agentes fundamentais seja qual for a área.

(Ana) Muitas vezes ele não é visto como um ser histórico e social...

(Miceli) Ele não é visto. Em épocas de ditadura ele tem que elogiar o ser nacional que o oprime, tortura, faz desaparecer e mata, não é? Então veja, ele é um mentiroso profissional, porque se ele for dizer o que pensa a respeito das coisas... não a verdade da História, eu não acredito na verdade da História, se ele for dizer o que pensa que seja a verdade da História está sujeito a ser exterminado fisicamente. Se ele for levar para os alunos seu ressentimento de profissional mal reconhecido... é comum você ouvir professores dizerem 'ah! Eu mato aula, eu não preparo... também pelo que eu ganho estou fazendo demais!'. Sabe, este ressentimento é muito prejudicial para a escola.

(Ana) É prejudicial e é muito cômodo porque aí a culpa é toda jogada em cima do professor 'a escola está ruim porque o professor é ruim' e não em função de toda aquela estrutura que você disse, maior.

(Miceli) Você diz 'o aluno é burro, estão famintos, não tomam nem banho... eu vou me preocupar com essa gente?'. Então escolhesse outra coisa. Ser professor não está escrito em nenhuma constituição que você vai ter iate, palácio, cobertura na Vieira Souto no Rio de Janeiro. Professor significa isto: uma escolha. A única coisa que eu recomendo aos alunos, quase como um receituário, é que eles ao se transformarem em professores sempre pensem, procurem pensar, carreguem esta preocupação se possível diariamente quando entram na sala de aula: o que significa estar ali como professor, qual o sentido disto. Quer dizer, é um grande problema não é? Não que a gente encontre resposta. O professor, ele é visível, transparente, muito importante na formação das pessoas, dos alunos, dos estudantes... não só para estudar História. Quantos professores às vezes não te ajudaram a definir a sua vocação para uma área, quantos professores não resolveram

através de uma conversa amiga uma questão familiar sua, um problema. É comum os alunos te procurarem depois da aula para conversar, eles vêm às vezes com esta idéia 'escute eu não entendi bem o texto' mas você percebe que a pessoa está precisando de uma conversa, está precisando de um ombro, de uma compreensão, de uma coisa que o educador tem que se preocupar também. A gente não vai montar numa sala de aula um divã para atender a todo mundo, mas você encontra um aluno que te procura porque você fez um comentário sobre o trabalho dele em aula e ele nunca recebeu na casa dele um reconhecimento pelo que ele fez-se. Quer dizer, ir para uma escola e estar resolvendo uma missão... está cumprida, vai para a faculdade, te dei tudo o que você precisa na vida e acabou-se. Não deu nada do que a pessoa precisa. Eu não vejo nunca o professor só, o profissional de ensino como aquele que lê, digere a informação e passa. Eu vejo sempre o educador no sentido, não importa a área, o educador é um sujeito que está ali inserido neste processo. Quantas vezes você não se flagra tendo uma atitude egoísta, mesquinha na sala de aula por exemplo. Quantas vezes você não se nota como um sujeito ressentido por uma questão pessoal. Então você transforma aquele assunto, aquela aula, aquele curso, às vezes aquele semestre numa coisa horrorosa, e há pessoas que não têm nada a ver com aquilo. É sempre um palpite que eu dou a eles, sempre pensem 'o que estou fazendo?'. Você é um piloto de 747, um comandante, e você tem que saber que está levantando um avião que pesa não sei quantas toneladas e que você tem 400 e tantas pessoas e que cada uma destas tem não sei quantas pessoas que gostam delas etc, etc, ou que não gostam. Você não está simplesmente levantando, você é piloto, você é o que você faz. Professora. Você não é professora, você é como você atua. Isso não resolve nada, pelo contrário, isso complica sim. Eu sou um profissional da educação, não importa se cientista da educação ou se um átomo dos cientistas da educação ou se um pedagogo, o nome não interessa. Para mim o processo educacional existe muito antes da invenção da escola, da invenção das palavras. A educação deve ter começado com mímicas, deve ter começado em torno de fogueiras muito antigas. A coisa para mim é assim, quer dizer, nós temos esta função. A gente é uma espécie de herdeiro desta longa marcha. Eu como professor me sinto uma pessoa importante no mundo, não na sociedade. Um professor não é reconhecido por um gerente de banco. Se você for empresário ele te dá presentes, se você é professor você passa humilhações, você sabe disto. Mas em termos de importância no mundo eu acho que é importante sim.

(Ana) O objetivo de vida (do professor) não é ser paparicado por banqueiros...

(Miceli) Não, não. É você se sentir parte do processo educativo muito longo no tempo, uma espécie, não do ponto

de vista religioso, uma espécie de sacerdócio, uma coisa que pode levar o aluno a se transformar num guerrilheiro, que pode levar o aluno a se transformar num acomodado até, não é? Isso é vergonhoso mas pode levar. Pode ajudar o aluno a se transformar num grande profissional, num grande engenheiro. Ajudar... não dizer 'eu fiz esse cara'. Você não faz nada. Nem um filho que você tem, você produz naturalmente mas você não pode dizer 'eu fiz esta pessoa'. Nem o Gepeto conseguiu fazer o Pinóquio como ele queria, que ele fez de madeira, não é?. E as pessoas são de outras matérias, são de sentimentos que a gente não pode moldar.

(Ana) Professor eu me dou por mais que satisfeita...

(FIM DA GRAVAÇÃO)

ENTREVISTA COM ANA MARIA SEDREZ GONZAGA PIOVESANA .

Professora da Universidade Estadual de Campinas / Faculdade de Ciências Médicas / Departamento de Neurologia.

Formação básica: Medicina

Campinas, 26 de setembro de 1996.

(Ana Flávia) Meu nome é Ana Flávia Cantarelli, eu sou aluna da Faculdade de Educação e estou fazendo meu trabalho de conclusão de curso com o Pedro Goergen . Justamente foi num encontro de Neurologia que aconteceu no Vila Rica no ano passado organizado pela...

(Ana Maria)... pela Dr^a. Valeriana e Dr^a. Sylvia Ciasca.

(Ana Flávia) Isso, Dr^a. Valeriana e Dr^a. Sylvia só que fiquei sabendo pela Marilisa. Então lá eu levantei alguns pontos que me levaram a esse trabalho de conclusão e o tema principal é o como as várias ciências dão fundamento e dão aportes para a Pedagogia hoje . Um dos modelos conceituais segundo Pérez, que é um escritor que fala sobre a Pedagogia, seria a Neurologia justamente. Então eu estou pegando um representante de cada ciência para conversar sobre e delimitar um pouco qual seria , explicitar um pouco qual seria o campo de atuação deste cientista e como esta ciência iria perpassar a questão da educação iria se integrar com outras. Então eu entrevistei o Wilson Cano na Economia , a Eni Orlandi na Linguística , o Márcio na Antropologia , então quer dizer estou pegando as várias ciências e estou tendo um bate-papo com uma pessoa. No caso da Neurologia Ana, eu gostaria de saber primeiro seu nome completo, sua formação e depois gostaria que você falasse um pouco do seu espaço, espaço enquanto lugar praticado... o que seria a Medicina ou Ciências Médicas e o que seria a Neurologia dentro desta ciência...

(Ana Maria) A Neurologia dentro da ciência?

(Ana Flávia) Médica. Você define a Medicina como Medicina ou como Ciências Médicas? E a Neurologia dentro deste espaço?

(Ana Maria) Bom, meu nome é Ana Maria Sedrez Gonzaga Piovesana . É, digamos como eu entendo Ciências Médicas. Ciências Médicas para mim é todo tipo de estudo, de projeto , de desenvolvimento que se faz na área da saúde , na área de promover a saúde ou de remediar a lesão, o problema que aconteceu ou de prevenir. Você promove , você remedia, você trata ou você previne. Porque tem a profilaxia e tudo isso é saúde, é promover a saúde tanto mental quanto orgânica ou seja tanto física quanto psíquica , concorda? Então isso para mim é Medicina , Ciências da Saúde. A Neurologia dentro desse contexto ... poderíamos pensar a Neurologia estuda o quê? Estuda o sistema nervo-

so tanto central quanto periférico. Só que o sistema nervoso é justamente o sistema que tem mais implicações, ou seja tem mais correlações com todo o organismo humano, com toda a Medicina ... de certo modo o meu ver talvez seja um tanto unilateral mas é a minha visão. Tanto o sistema nervoso é super importante na determinação do seu bem estar físico quanto mental, você sabe e acho que as pessoas sabem disso. Então hoje em dia por exemplo, para a gente ter uma noção da importância de que tenha a Neurologia nesse bem estar você vai vendo as diversas áreas da Medicina, a Neurologia ou as Neuro-Ciências como a gente pode dizer também, estão implicadas em todas as áreas desde o básico até o mais sofisticado tipo de estudo ou mais super especializado. Aliás quanto mais especializado mais a Neurologia está influenciando e quanto mais básico... Na realidade ela está presente em todas as situações e eu acho que o campo da Neurologia que a gente caminha, que o neurologista tem caminhado não só aqui naturalmente mas no mundo inteiro, é o campo da neuropsiquiatria ou seja entender realmente as profundas relações entre essa mente, esse cérebro e a emoção, a reação, a impulsividade, ora tudo o que se relaciona ao comportamento humano etc. Então hoje por exemplo, a neuropsiquiatria é o grande fulcro de discussões a nível da Neurologia... digamos é o nosso grande salto de entrelaçar os nossos conceitos neurológicos com todas as outras áreas de atividade da Medicina. E vice-versa, eu acho que a Psiquiatria também está entendendo que muitas das patologias que antes eram consideradas eminentemente psiquiátricas, eminentemente da psiquê, etc, estão cada vez mais tendo uma explicação, uma base orgânica que não deixa de ser a parte neuroquímica...que em última instância é digamos, em última instância não mas sim em determinada instância, é a Neurologia intermediando todas essas reações.

(Ana Flávia)É. E caminhando por esse raciocínio, por essa definição de Neurologia é que eu percebo na Faculdade de Educação a importância desta ciência...

(Ana Maria)Hoje nós temos até Neurologia da aprendizagem por exemplo, viu que interessante que é? Houve fases na história do professor e têm fases em que eles negaram que o problema, a aprendizagem ou os problemas de aprendizagem tivessem alguma coisa neurológica interferindo. Mas é óbvio que tem. E teve uma fase em que passaram por um organicismo puro, era tudo orgânico. Então nem tanto lá, nem tanto cá. Nós vamos descobrir realmente as bases neurológicas, ou seja as bases orgânicas da aprendizagem. Eu não posso dizer que é a desnutrição que não deixa ela aprender ... uma das últimas coisas que interferem é a desnutrição, na realidade têm tantas outras coisas que interferem.

(Ana Flávia) Num momento foi mal utilizada a relação com a Medicina e no outro ...

(Ana Maria)... foi extremamente valorizada. E essas fases são tão interessantes, depende do pesquisador, depende da fase em que ele está . Se ele está num caminho ele nega outros. Eu acho que o pesquisador tem muito essa coisa, ele entra por um caminho e esquece os outros. Então eu acho que o pesquisador tem que entrar por um caminho para se aprofundar no seu caminho e para descobrir respostas no seu caminho, mas ele deve a todo momento ter uma visão holística da realidade porque senão ele se perde.

(Ana Flávia) E a Pedagogia é justamente este espaço por tratar a educação e a educação não só escolar , educação enquanto todo o processo em que o homem se faz homem.

(Ana Maria)A educação é todo processo do se desenvolver, do aprender, ela tem que ser extremamente holística mas às vezes ela nega muito outras vertentes ... eu noto isso tá? Que eu também sou uma educadora , a gente nega um monte de coisas para poder acreditar nas nossas verdades. Daí a Educação está errando. Cada vez que você negar totalmente uma verdade porque a sua é que tem que predominar, você está errando realmente.

(Ana Flávia) E mesmo dentro da universidade às vezes essa integração da Pedagogia tendo como objeto a educação, ela poderia entrelaçar muito mais as várias ciências . Porque de repente no nosso currículo nós só recorremos à Neurologia no caso da Deficiência Mental.

(Ana Maria) É. Eu acho que cada vez mais se deve buscar o conhecimento do desenvolvimento mesmo. Eu me lembro que quando eu fiz magistério... eu fiz magistério e uma das coisas mais interessantes que eu tive foi o desenvolvimento, a Psicologia do Desenvolvimento. Foi daí que eu passei a entender alguma coisa e acho que me defini até pela área em que estou, porque eu achei que isso era muito importante e deveria ter sido dado maior importância na minha formação para eu compreender aquela criança que aprende diferente. Porque eu não entendo que uma criança não aprende, isso não existe! Se a criança está na sala de aula , se ela foi andando , se ela está falando é por que ela tem uma capacidade muito boa de aprendizagem . Mas tem aquela que não consegue aprender no ritmo das outras , como eu disse aprende diferente.

(Ana Flávia)A própria idiossincrasia do ser humano ...

(Ana Maria)Exatamente! Ela tem outras vias de acesso ao seu mental, ao seu desenvolvimento e estas outras vias de acesso têm que ser colocadas para os professores para que

eles descubram saídas. Porque tem lá 30 alunos na sala , dois aprendem diferente ... mas ele só está preparado para ensinar os 28. Os outros dois vão ficando, vão ficando, vão ficando. Quer dizer eu acho que teríamos que ter professores cada vez mais especializados e não dá para especializar todos os professores porque nosso país realmente é um país que não investe tanto em educação quanto deveria investir , eu acho, mas preparar professores que pudessem estar observando salas de aula , que pudessem estar dando apoio aos professores, um psicólogo ou até ... hoje se fala em Psicopedagogia e parece que é na linha da Psicopedagogia mesmo, não importa se é o pedagogo que entende, sei lá não importa, só sei que teria que ter que entender bem das duas linhas do psicológico, do neurológico aliás e da própria Pedagogia.

(Ana Flávia)A própria Pedagogia seria a atuação , o momento de...

(Ana Maria) Mas o embasamento deveria ser psicológico e neurológico...

(Ana Flávia)Mais fortemente no currículo?

(Ana Maria)Ah, sem dúvida! Eu estou defendendo o meu lado, agora não sei se a gente vai ter neurologistas para ensinar tudo o que tem para ser ensinado , parece que está faltando tanta gente na realidade...

(Ana Flávia)Ir em busca do sonho, o sonho antecipando a ciência. E Ana como você vê , que conteúdos da Neurologia seriam importantes para o pedagogo ter acesso?

(Ana Maria)Eu acho assim, principalmente entender as funções mentais , as funções corticais ... eu acho fundamental isso, o desenvolvimento normal como acontece , o desenvolvimento do cérebro, a capacidade de plasticidade deste cérebro é muito importante também e os distúrbios principais são fundamentais para o pedagogo ter conhecimento , para poder encontrar saídas , encontrar novas perspectivas. Até uma criança epilética , ele pode imaginar se ele não sabe exatamente o que é uma epilepsia que ela está bloqueada para determinadas coisas . Na realidade ele precisa saber o que é uma epilepsia , que tipo de bloqueio pode estar interferindo e até para estar elucidando 'mãe, esta criança está muito sonolenta... será que esta medicação não está atrapalhando a aprendizagem dele?', porque você sabe que existem alternativas para dar uma outra medicação que talvez pudesse ajudar até na aprendizagem e não interferir na aprendizagem .

(Ana Flávia)E a questão das equipes multidisciplinares , existe alguma no Hospital das Clínicas?

(Ana Maria) Nós temos aqui uma fonoaudióloga, uma fisioterapeuta, uma psicóloga... no meu trabalho que é trabalho com crianças realmente com distúrbios neurológicos elas são fundamentais. Elas tanto colaboram no diagnóstico quanto principalmente são o tratamento do paciente. Trabalhando com deficientes mentais de Paralisia Cerebral elas representam o quê? O tratamento. Nossas crianças são diagnosticadas por mim e pela equipe e são encaminhadas para o tratamento que justamente é a própria fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga, terapeuta educacional, assistente social. Faz parte, o contexto tem que... o ideal para uma criança sair daqui e já fosse recebida por uma equipe, fosse totalmente - não temos esta condição ainda - orientada desde o levantar até o deitar para que o desenvolvimento dela fosse extremamente estimulado. Com isso eu vejo na educação a mesma coisa. Eu acho que o fisioterapeuta que pudesse aprender mais de Pedagogia poderia estar não dentro da sala de aula, não é isso, mas poderia estar orientando o professor sobre os distúrbios motores e como fazer para superá-los. A Educação Física está neste caminho através da educação física adaptada. Eles estão descobrindo este caminho sem dúvida nenhuma e estão evoluindo e muito neste caminho. A fonoaudióloga nem se fala, cada vez mais está descobrindo a neurolingüística, a neuropsicologia para estar evoluindo nos processos mentais de aprendizagem. Porque nós temos mais dificuldade de fala e de linguagem que de qualquer outra coisa.

(Ana Flávia) A linguagem é constitutiva do ser humano.

(Ana Maria) A Terapia Ocupacional é a motricidade fina que tem que ser extremamente trabalhada, não tem nem muito o que dizer. Acho que todas...

(Ana Flávia) E como você veria um espaço para o pedagogo numa equipe multidisciplinar, ele seria relevante?

(Ana Maria) Depende do ambiente. Depende do ambiente e da mete. Por exemplo num hospital universitário como o nosso que aqui não é o tratamento de situações crônicas mas sim um diagnóstico e um encaminhamento, eu vejo que o espaço do pedagogo é limitado dentro da nossa estrutura hospitalar. Mas a nível de reabilitação ou de habilitação o espaço do pedagogo tem que ser galgado, ganho, estabelecido, desde os primeiros meses de vida porque o pedagogo vai ver esta criança de modo mais holístico como eu digo, mais global e vai estar orientando desde os terapeutas, a família, etc... o que fazer estimular o desenvolvimento intelectual desta criança. Então aí eu acho perfeito. Dentro da nossa estrutura hospitalar eu acho realmente limitado no momento porque a nossa estrutura hospitalar tem este objetivo principal, que é o diagnóstico e a terapia aplicada. A gente até faz algumas

terapias crônicas de alguns casos para a aprendizagem ... e como eu acho, o pedagogo tem que ter o acompanhamento a longo prazo certo? Não pode ser esporádico também . É no dia a dia que ele tem que trabalhar , então aqui dentro do Hospital acho extremamente limitada . Para diagnóstico eu acho que o pedagogo não foi, não é por aí que ele vai , não adianta só fazer diagnóstico e não trabalhar depois porque fica extremamente frustrado.

(Ana Flávia) E como é que você representa a Pedagogia, o que seria a Pedagogia?

(Ana Maria) A Pedagogia tem que fazer parte de um processo de diagnóstico e principalmente de um processo de desenvolvimento global e intelectual tanto da equipe ao ver a criança quanto da própria criança. Então por exemplo eu tenho uma criança com paralisia cerebral sei que ela tem um distúrbio motor , aí o que é que eu peço? Ao pedagogo para ver qual o potencial intelectual desta criança . Ela deve saber por uma avaliação da maneira como ela quiser , pode ser qualitativa, quantitativa ... não importa e tem que ver principalmente o quê? As capacidades desta criança e a partir daí colocar para a equipe as capacidades desta criança - ela também vai aprender muito com a equipe eu garanto também - para poder estar desenvolvendo esse negócio , poder estar desenvolvendo as potencialidades e descobrindo novas potencialidades. Porque às vezes a fisioterapeuta está preocupada demais com a parte motora , a fono demais com a parte lingüística , a T.O. ... mas eles hoje têm uma visão muito aberta aqui no nosso meio e nós temos uma visão muito aberta para estarmos preocupados com todas as áreas inclusive a área de aprendizagem . A mãe é orientada de mil maneiras para estar estimulando a aprendizagem , tudo. Precisaria acompanhar um caso para ver como é que é .

(Ana Flávia) Seria interessante! E Ana, como você vê a diferença entre a Pedagogia e a Psicologia? São papéis muito distintos por exemplo numa equipe multidisciplinar ou se superpõem?

(Ana Maria) Em alguma coisa se superpõem , depende não é? Como eu trabalho mais com psicopedagogos ou seja psicólogos que estão atentos só ao problema da aprendizagem e não ao emocional, aí se superpõem. Se eu trabalhasse com o pessoal da Psiquiatria que vê só a parte emocional, aí não haveria nenhuma superposição. A Psiquiatria trabalha com crianças mas só dentro do emocional... aí a Pedagogia teria seu espaço completamente separado. Agora aqui nós não trabalhamos a parte emocional, nós trabalhamos realmente a parte da aprendizagem.

(Ana Flávia) E por exemplo, você não acha que o pedagogo pode trazer algumas... a questão da Psicopedagogia no

caso não ficaria a Educação restrita à ciência da Psicologia por exemplo? Porque o pedagogo no caso ele teria... a Psicologia seria uma das ciências que daria fundamento só, então se a gente coloca Psicopedagogia não fica muito enfatizada a questão psicológica e aí a questão sociológica, antropológica, filosófica, histórica ficaria...

(Ana Maria) Não vejo assim, honestamente não tenho sentido na prática, mas não parei conscientemente para pensar se o psicopedagogo é só uma vertente da parte da educação. Eu acho que depende do psicopedagogo, se ele tem uma visão abrangente e se preocupa desde a área neurológica, a área emocional, a área de aprendizagem, ele é psicopedagogo no nome mas na realidade é um agente de desenvolvimento. E é o que a gente tenta ver aqui, como a fonoaudióloga é um agente de todo desenvolvimento que age a nível de desenvolvimento... e ela está se preocupando porque trabalha com o psicólogo, trabalha com a fisioterapeuta. Quando ela está fazendo a sua atuação em fono ela já está se preocupando com a parte motora e com a parte emocional da criança, reforçando, procurando entender, trazendo fundamentos com verdadeiras explicações para aquela negativa, para aquela dificuldade, para aquele... Então eu não vejo assim 'ah por que'... não vejo. Eu acho que o pedagogo é mais uma faceta se ele não for só pelo lado da aprendizagem, mas ele é só mais uma faceta. Como acho que o neurologista é só mais uma faceta, o psicólogo é também uma faceta. Mas são todas fundamentais para ver a criança como um todo e para ser agente do desenvolvimento. O neurologista eu vejo limitado como agente de desenvolvimento, ele é mais um agente de diagnóstico, determina onde está a lesão e também determina as potencialidades. Esse papel é fundamental até para dar segurança para a equipe de que a coisa é por ali ou não é por ali. Digamos, eu acho que dali ele consegue ter uma visão global porque o papel dele é diagnosticar, é ver o problema e com isso ele acaba orientando.

(Ana Flávia) Está certo Ana...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM MARÍLIA GOUVEA DE MIRANDA .

Professora da Universidade Federal de Goiás/ F.E.

Formação básica : Psicologia.

Goiânia , 09 de maio de 1996.

(Ana) Entrevista com Marília Gouvea de Miranda na Universidade Federal de Goiás no dia 09 de maio de 1996. Então Marília sobre a tua formação...

(Marília) Minha graduação é em psicologia , me formei em 75. Depois fiz mestrado em educação e doutorado em educação. Então, na verdade a área em que eu atuo já há muitos anos , em torno de 20 anos, eu atuo em educação mas a minha área tem sido a psicologia da educação. No mestrado eu tenho trabalhado já há uns quatro anos com teorias da educação e assim na graduação em psicologia da educação . Minhas pesquisas , grande parte das coisas que eu tenho publicado, são sobre a temática da relação entre psicologia e educação...

(Ana) E você sabe que eu fiquei em dúvida no início do projeto se eu iria seguir pela questão da Psicologia. Tanto é que a Roseli , uma professora orientanda da Ana Smolka, disse que eu deveria caminhar por aí através da psicologia ... vai ser super importante para mim porque é a visão que eu queria.

(Marília) Então tenho trabalhado um pouco... bastante, com esta questão . Como fica esta relação , por a gente achar que entre as teorias que fundamentam a educação eu acho que a Psicologia é a mais determinante. Não é porque eu ... eu até não acho isso muito interessante não é? Mas acho que tem sido. Quem estuda historicamente, a ciência da educação que mais calça , que mais fundamenta a educação é a Psicologia.

(Ana) E por que você acha isso? Por que isso começou a acontecer? Será... vou levantar uma hipótese tá? Será que o currículo delas não é muito próximo? Por exemplo , será que a Psicologia ao abordar o Homem , não sei se é bem esse o objeto da Psicologia ... não sou da área, mas será que ela não precisa muito da educação , já que o homem não nasce Homem mas se constitui a partir da 2ª natureza? Então , quando aborda a 2ª natureza entra automaticamente a educação, não tem como...

(Marília) Poderia ser a Sociologia também... Eu acho que a questão do currículo é consequência. Deixe colocar primeiro para você como é que eu vejo a questão da relação entre a Pedagogia e as outras ciências. Eu acho que a Pedagogia , e aí tem uma discussão 'o que é Pedagogia, o que é educação', o Libâneo que é professor nosso aqui trabalha muito com isso , mas eu queria dizer o seguinte, a educação... falando da educação eu acho que ela é res-

paldada , é formada por uma série de áreas... pela Psicologia, pela História, pela Filosofia que não vai entrar ou se constituir como ciência mas ser entendida como campo de conhecimento, pela Biologia, pelas outras ciências. Esse conjunto de ciências sustenta a educação enquanto prática e aí eu faço referência ao Saviani que num dos textos dele , não me lembro qual, se não me engano...

(Ana) 'Do Senso Comum...

(Marília) Não, não . Parece-me que é aquele da curvatura da vara... Num daqueles textos ele vai estar dizendo isto, quer dizer ele tem educação como prática social, e esta também é a compreensão que eu tenho tá? E aí nesta perspectiva de que a Pedagogia seria uma sistematização dos conhecimentos na área de educação, eu acho que esta sistematização não tem o estatuto de ciência.

(Ana) Quem falou isto também foi o Renato Ortiz. Ele até falou que os pedagogos têm mania de achar que por não ser ciência não é nobre... uma visão até preconceituosa em relação ao que é...

(Marília) Claro! Para ser uma tend... Por exemplo, se você entrevistar o Libâneo, que eu acho muito interessante, o Libâneo defende esta idéia da Pedagogia enquanto ciência. A gente acha que não, a gente acha, eu entendo que a Pedagogia é uma sistematização mas de uma prática social, eu acho que ela não tem o estatuto , ela não cria conhecimento , ou...

(Ana) Como o próprio Renato Ortiz estava dando o seguinte exemplo, 'a Física eu considero como ciência , a engenharia não é' , nem por isso as pessoas que se formam em engenharia ficam com aquela coisa 'não , eu sou ciência' ou querendo justificar a valorização do próprio curso.

(Marília) Também não significa que a prática do engenheiro não possa ser científica, que a prática do médico não seja científica ... e que a prática do pedagogo não seja científica. Eu digo para os meus alunos que quando ele pedagogo vai para a escola e tem um problema para resolver , ele não vai encaminhar o problema dele da seguinte forma 'eu vou tomar esta decisão porque eu acho que' ele vai tomar uma decisão que é pensada , refletida, sustentada por fundamentos e que vai ser orientada por isso. Neste sentido a decisão dele é orientada por um pensamento científico, tem que ser. Você não vai ao médico para ele dizer 'eu acho que você deveria tomar esse tal remédio'. Então o engenheiro não vai falar que eu acho que esta parede sustenta, ele tem que afirmar isso. Agora eu não acho que a Pedagogia tenha um estatuto epistemológico de ciência. Essa é a minha posição. E eu acho que isso não é bom nem ruim para a Pedagogia, eu acho isso uma ca-

racterística . E eu acho que na verdade é nesta compreensão enquanto prática social. Feito isto a gente pode pensar o seguinte, historicamente como tem sido , como essas ciências então a Biologia, a Sociologia, a História, à parte a Filosofia , como essas ciências e áreas de conhecimento têm fundamentado a educação. Eu acho que do final do século para cá, prioritariamente tem sido a Psicologia. Como eu sou uma pessoa que vem da área de Psicologia, e eu vim da área de Psicologia para a Educação porque eu comecei a perceber na minha prática enquanto psicóloga interessada na questão da educação ... eu tenho uma história que é interessante. Eu trabalhava na época , isso lá em 76, eu fiz um trabalho que era ao mesmo tempo num orfanato para crianças muito pobres , e orfanato geralmente sempre o é... num orfanato que atendia à crianças muito pobres e numa instituição que atendia crianças de classe média-alta numa cidade de Minas Gerais . E aí a gente aplicou um teste em crianças da mesma idade nas duas instituições e o que a gente percebeu é que enquanto na escola de classe média-alta todas as crianças , todas sem exceção estouraram a prova , ou seja fizeram tudo, na instituição de crianças pobres praticamente nenhuma conseguiu chegar num nível médio. O que eu pensei? Qual é o problema? O que está acontecendo? A explicação não podia ser psicológica . Para entender este fenômeno eu tive que buscar uma explicação que era sociológica, que era da natureza destas crianças.

(Ana) E o quando você fala sobre psicológica e sociológica ...

(Marília) Não era uma habilidade psicológica que estava em questão.

(Ana) Em termos de habilidades mais voltadas para o indivíduo?

(Marília) Era um teste de inteligência , quer dizer, não era uma habilidade psicológica que estava em questão... estava em questão o conceito sociológico que definia o rendimento da criança naquele teste . Era uma área social a que pertencia.

(Ana) Não havia uma diferença, digamos , idiossincrática ... de criança para criança só, a regularidade estava não em função da idiossincrasia mas em função do ambiente...

(Marília) Exato. Tinha uma variável que atravessava isso aí e que era apresentada de uma forma dramática... 100% em um e nada no outro. Então comecei a pensar nisso , foi quando parti para o mestrado em educação e nunca mais me afastei da educação. E sempre tentei pensar na Psicologia nesta perspectiva.

(Ana) Então voltando, o que te levou para a educação foi a busca de algumas respostas ...

(Marília) É que eu achava que para compreender o processo educativo a psicologia não era suficiente , eu achava que tinha que ser buscado na Educação... e buscando a Educação eu percebi, aí eu encontrei o fato de que era no conjunto das ciências que formavam a Educação que eu tinha que ter formação. Aí eu tive que estudar história da educação, sociologia da educação, economia da educação, aí a gente cercou um pouco esta área. Aí da mesma forma o doutorado. Fiz na área de educação e aí eu até fiz uma tese sobre Piaget, orientada pelo Saviani, mas aí meu olhar com relação à Piaget já era de quem queria pensar não necessariamente a educação ,mas de quem pensava a Psicologia dentro de uma universalidade maior . O que orientava minha leitura de Piaget não era apenas uma leitura psicológica , era pensar Piaget no tempo dele, na perspectiva das influências que ele teve que vinham da Filosofia, da Sociologia, da Biologia fortemente. E cada vez eu fico convencida disto Ana Flávia, fico convencida de que é nesta ... Para você pensar a educação você tem que pensar nesta universalidade de enfoque, o que é muito penoso para a gente que é professor , porque você tem que dar conta de sua especificidade, você não pode ficar o tempo todo na discussão mais universalizante do processo, você tem que chegar na especificidade do fenômeno , mas você também tem que pensar da perspectiva da universalidade. E então é por aí que eu acho que nenhuma área dá conta , por exemplo a Psicologia é essencial...

(Ana) Nenhuma delas pode faltar, mas também nenhuma delas pode colonizar... aquela questão do colonialismo epistemológico.

(Marília) Atualmente eu ando muito preocupada com isso porque eu acho que a Psicologia está de volta na Educação com toda a força. A exemplo da Psicopedagogia, a questão psicopedagógica...

(Ana) E o próprio nome já é redundante porque se a Psicologia fornece fundamentos para a Pedagogia como as outras, 'Psicopedagogia' fica redundante no sentido de enfatizar...

(Marília) É, e é esta idéia de que a psicologia é o enfoque.

(Ana) E quando você disse que a Psicologia... , você sentiu que a Psicologia dava conta? Do que não dava conta? O que faltava para ela e o que escapava a ela?

(Marília) Quais são os conjuntos de determinações que age sobre o processo educativo? A determinação psicológica é

fundamental... quem é o aluno, como este aluno aprende, como este aluno se desenvolve, como este aluno interage, como esse aluno se socializa, como esse aluno... como se dá o processo de transmissão do conhecimento do professor para o aluno, quais as motivações do professor, como se dá o processo de ensino-aprendizagem da perspectiva do professor, como o professor vive, a sua posição psicológica... Então neste conjunto todo a Psicologia é fundamental, só que esse aluno que tem todas estas características psicológicas tem uma história, esta história é influenciada pelo processo de sociabilidade dele... onde nasceu, como vive, com que tipos de pessoas convive, quais são as condições culturais que recebe, qual a classe social em que está... Então aí a variável Sociologia é fundamental, a variável cultura é fundamental. Como você vai educar um menino que vive numa casa que tem livros? E um menino que vive numa casa que não tem um livro? Uma casa que tem livros que são lidos diariamente e uma casa que tem livros que não são nunca lidos? Quer dizer, a condição da cultura, das condições sociais, das condições econômicas que afetam essa criança... e aí outras coisas, a questão racial...

(Ana) É o que eu estava escrevendo aqui, chega até a ser difícil quando a gente aborda a educação separar o que é de cada ciência...

(Marília) Claro!

(Ana) Porque na verdade a gente produz uma outra forma de conhecimento...

(Marília) É, e hoje em dia a questão que está em moda, este discurso da interdisciplinaridade... eu acho que você faz isso, você tem que fazer isso.

(Ana) E qual seria o espaço? Por exemplo no currículo de vocês aqui, como vocês pensam esta questão? Porque lá na UNICAMP teve uma revisão de currículo que ficou mais ou menos assim, eu participei da congregação em que houve a aprovação, então...ficou assim: cinco dias na semana... então nestes dias (apontando para registros no papel) Segunda, terça, quinta e sexta são trabalhadas as disciplinas específicas de determinada área ou ciência, e a quarta ficou no currículo como espaço de integração destas disciplinas... dos dois dias antes e dos dois posteriores. Então neste espaço ficariam Pesquisa e Prática Pedagógica, Didática, metodologia... esta parte do Departamento de metodologia ficou integrando as outras áreas. Porque na verdade era o que a gente estava conversando... existe uma necessidade de se integrar estes conhecimentos, um psicólogo com a visão de que a Psicologia não dê conta, que é a minha, um sociólogo com a visão de que a Sociologia não dê conta... E o que eles

afirmam é o seguinte , que tem que existir um espaço , é isso que dá a especificidade para a Pedagogia , um espaço em que estes conhecimentos são tecidos . E aí é que eu encontro certa dificuldade , como isto é trabalhado? Será que realmente existe isso ou será que... Os alunos dizem 'eu vejo um pouquinho de cada coisa e não consigo amarrar nada'. Então em que espaço aconteceria isso, o que teria de específico no curso de Pedagogia ? Aí não sei, se você quiser retomar o caso daqui...

(Marília) Olhe, essa preocupação com o como traduzir esta interdisciplinaridade no curso, esta interdisciplinaridade que é essencial no curso de Pedagogia...

(Ana) Na verdade seria uma interdisciplinaridade que geraria um conhecimento específico não é? Que iria além da interdisciplinaridade... é isso o que eu senti nas entrevistas que eu fiz , que só a interdisciplinaridade como uma ligação entre as disciplinas no objeto educação não é suficiente, precisaria de um espaço além onde estas coisas fossem urdidas... então é isso que eu não sei se acontece ou não. Aí eu queria retomar com você o caso daqui para eu poder analisar, levar idéias...

(Marília) A gente sente necessidade de criar esta situação específica da interdisciplinaridade , os professores essencialmente dos primeiros anos que aqui... e curso de Pedagogia não consegue fugir muito daquela situação de disciplinas básicas e depois disciplinas mais instrumentais, mais metodológicas. Eu acho que é difícil fugir disso porque é essa a função do nosso curso. Você tem que primeiro calçar ... quer dizer como é que você faz a metodologia antes de... se você considera a psicologia , a sociologia, a história e biologia importantes para o desenvolvimento da compreensão que o aluno vai ter do processo educativo , como é que você começa esse processo sem dar estas disciplinas ... Por outro lado se você der estas disciplinas primeiro ele vai dizer 'não consigo te compreender porque não tem metodologia'.

(Ana) Na UNICAMP alguns alunos reclamem muito 'não vejo prática' sabe aquele jargão? Aquela dicotomia entre teoria e prática.

(Marília) Aqui as pessoas tentam um pouco e eu fico até atenta para esta experiência da UNICAMP e torço para que se consiga , que de fato tenha uma discussão em todos os semestres , que se proponha a fazer a integração E o professor estaria trabalhando com o próximo? Uma tarefa difícil e a idéia é muito boa.

(Ana) E o que aconteceu foi o seguinte, não sei se aqui funciona através de créditos...

(Marília) Não, aqui trabalhamos o curso seriado.

(Ana) Porque esta foi uma das consequências deste trabalho na UNICAMP. Os alunos começam e não há mais aquela flexibilidade no currículo ... tem esta questão dos fundamentos. Aliás o Saviani estava nesta proposta também.

(Marília) Eu acho a idéia interessante , agora eu acho também que esta é uma coisa difícil de ser feita . Eu acho que o professor que pensa a discussão dele no contexto da formação do educador, ele tem que ter a compreensão teórica do objetivo específico da sua disciplina com o conjunto da formação , se ele faz isso eu acho que ele é um poderoso integrador do meio acadêmico. Alguém da área de psicologia vai introduzir uma discussão sobre Piaget, ele não pode deixar de ter uma compreensão das influências que atuaram sobre Piaget, das decorrências deste trabalho , discutir por exemplo a questão do construtivismo... Eu acho que o professor faz a interdisciplinaridade na própria disciplina.

(Ana) Realmente , concordo que a visão da disciplina dentro do todo , a relação fragmento-universo.

(Marília) Eu acho também que a educação tem muito de cumulativo, quer dizer o aluno hoje está dizendo que não consegue fazer a relação mas daqui , é tudo muito residual, daqui 2 anos ele é capaz de fazer uma vinculação que antes não percebia.

(Ana) E pode até ter , hipótese para ser pensada depois, uma própria influência do psicologismo porque ...

(Marília) Ou de um certo pragmatismo onde as coisas têm que ser muito urgentes...

(Ana) Isso! Porque por exemplo , muitas pessoas lá que eu ouço, conversas de corredor e tal, as aulas de psicologia dão as diretrizes de maneira mais exata. Por exemplo, as fases do Piaget, sensório-motor, pré-operatório... 'Ah! Então é assim?' e acaba-se caindo num pragmatismo e até numa má interpretação da própria Psicologia...

(Marília) No geral esta queixa dos alunos ... os alunos são muito sensíveis ao pragmatismo do senso comum e à idéia de que o conhecimento é bom, é válido e seria imediatamente aplicado, e isso não é...

(Ana) ... acabado. E o conhecimento, eu sigo o referencial de Adam Schaff, o conhecimento é processual , é ação que não descarta a teoria...

(Marília) Eu acho a teoria poderosa. Eu tenho muito esta convicção de que a teoria é poderosa nesta possibilidade

que tem de ir solidificando a ação ainda que na imediatividade o aluno consiga perceber a vinculação , mas isso aparece lá na frente percebe? E também como o professor tem que , é claro que o professor para o aluno às vezes não tem a paciência e a tranquilidade, de esperar que isso venha. Então eu acho que o professor tem que suprir um pouco e considerar esta ansiedade do aluno e já fazer algum tipo de vinculação para ele. Mas eu não acho que você tenha que ter esta urgência de resolver as questões práticas . Eu tenho arrepio quando vejo propostas para o curso de Pedagogia que tentam colocar o aluno no estágio no 1º ou 2º ano . Eu acho que é uma falta de responsabilidade com a escola na qual ele vai estar estagiando. Ele não está pronto, não tem atividade ... isso porque está chegando com 17 anos... nem maturidade emocional ele tem.

(Ana) Às vezes fez um colegial básico, nunca discutiu questões ... porque quem fez magistério até consegue acompanhar alguma coisa , nem que seja para criticar o curso que fez...

(Marília) Agora deixe-me te responder uma pergunta que você fez antes , do porquê eu acho que historicamente a Psicologia tem exercido tão grande influência ... É eu acho Ana Flávia, que na forma como a Educação vai se estruturando neste século há uma grande ênfase na educação do indivíduo , na formação do indivíduo para uma sociedade e com a possibilidade, com a universalização do processo educativo na configuração das nações do século passado para cá e que foram instituídos os sistemas nacionais da educação , por exemplo o que do ponto de vista ideológico , não estou criticando isso, o que deveria ser uma educação para todos... a possibilidade da educação se constituir para todos efetivamente é reduzida especialmente nos países em que estas oportunidades não estão postas para todos. Então o que aconteceu? A educação para todos se revelou , a educação para todos continuou privilegiando crianças de classe média para cima ... a educação para as crianças pobres continuou sendo um problema a ser resolvido. Como explicar o fracasso escolar? Como explicar que a educação é prometida para todos e não se realiza para todos? Esta explicação , ela tem sido buscada não numa compreensão econômica, sociológica, histórica da sociedade e das forças que a governam , mas uma tendência de buscar uma explicação deste processo no indivíduo. Então o 'fulaninho' não aprende não porque ele não tenha as condições culturais, sociais, econômicas , biológicas e nutricionais para que ele aprenda, não é por causa disto... ele não aprende porque ele não é capaz.

(Ana) E a única ciência que fala do "ele"...

(Marília) Exatamente. E a ciência que vai explicar fundamentalmente , ou que é chamada a explicar o fracasso e

que é aceita como tal... Então você percebe ? No início do século a grande influência da psicometria, então nós vamos medir , vamos mensurar a capacidade ou incapacidade da criança aprender ... nós vamos discutir os processos de aprendizagem. Então a Psicologia é chamada a explicar o fracasso escolar na perspectiva do indivíduo , que é uma função importantíssima , imprescindível. Mas a Psicologia por si só não dá conta de explicar o fracasso escolar enquanto um fenômeno social. Voltando àquele meu exemplo, se o fracasso se dá majoritariamente nas escolas públicas e dificilmente você vai encontrar uma taxa, mínima que seja , de reprovação nas escolas particulares porque as escolas particulares escamoteiam esses dados , dificilmente você vê reprovação nas escolas particulares , então esse fato não vai ser explicado pela competência ou incompetência do aluno, esse fato tem que ser explicado não pela Psicologia só. Eu acho que esta é uma coisa importante no sentido de porque a Psicologia é chamada a explicar? A Escola Nova, que é uma tendência fundamentalmente deste século , a Escola Nova se mantém. Nas discussões que a gente tem feito aqui , na pesquisa que a gente tem feito sobre construtivismo a gente tem pensado o construtivismo como uma retomada forte do escolanovismo ...

(Ana) O próprio conceito 'construção' ... como se o conhecimento fosse objeto.

(Marília) É, você ouve o discurso do construtivismo e toda ênfase na questão psicológica ... O que está sendo dito para os professores desesperançados? O construtivismo é a saída para a questão psicológica ... quer dizer, de novo a perspectiva psicológica como solução para um problema que não é um problema psicológico , ou se é ... digamos por exemplo, que 5% da população em fase de escolarização possa ter seus problemas de fracasso escolar explicados pela Psicologia, olhe que é uma estimativa alta pois eu acho que até menos, mas digamos que 5%... a Psicologia ajuda a pensar . Então você vai ver que tem menino que de fato tem uma deficiência de aprendizagem, tem problemas de desenvolvimento, teve um problema neurológico. Agora isso aí numa estimativa muito alta , seria 5% da população...

(Ana) Casos isolados e que não apareceriam todos numa mesma instituição , em detrimento de outras...

(Marília) Então, quando você leva esperança para o professor em cima de um método que é fortemente calcado na Psicologia, eu acho que você estará dando esperança falsa para o professor .

(Ana) E aí chega numa , como a gente estava falando , numa má interpretação da Psicologia, como se a Psicologia fosse dar receitas , como no caso da psicometria.

(Marília) E aí você tem coisas complicadas por exemplo, você usa um critério de avaliação em nome de uma metodologia fortemente calcada na Psicologia, você muda o critério de avaliação. A grande pergunta é se essa ... Então você diz 'olhe as crianças que tinham um alto índice de reprovação, este nível de reprovação diminuiu hoje, mais crianças são aprovadas', resta saber se nesse novo critério estabelecido , se de fato estas crianças , o processo ensino-aprendizagem está acontecendo. Você pode ter simplesmente uma mudança de critérios de avaliação. É de novo uma modificação no critério de aferição do fracasso escolar e não realmente uma garantia de que as crianças pobres estão tendo garantido o acesso ao conhecimento .

(Ana) E novamente o aluno fica alheio ao processo...

(Marília) Então é essa a problemática, porque a problemática da relação Psicologia-Educação é muito séria e há esta tendência hoje de uma clinificação da psicopedagogia, não sei como está isso na UNICAMP...

(Ana) Ah... é isto o que eu ia perguntar!

(Marília) Os alunos de Pedagogia têm uma expectativa de que vão se formar e abrir consultório, que vão atuar mais uma vez na solução de problemas de ensino-aprendizagem dentro de um enfoque clínico e psicológico, quando o problema ... É a mesma coisa dita de outra forma , se você na sua sala de aula tem 5 alunos com problemas de aprendizagem, você pode pensar que os problemas estão nos alunos, agora você tem 20% , 30% ou mais , você tem que rever seus métodos , você tem que ver a adequação do conteúdo , você tem que ver as condições sociais que estão presentes naquilo ali. Então na verdade , é mais ou menos óbvio...

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE LADO DA FITA

(Marília) Então se você pega uma criança com uma série de problemas ela não consegue aprender, e às vezes com problemas de ordem grande... um amplo leque de determinações , e você cria uma situação em que você atende a essa criança três vezes por semana por uma hora, o efeito não pode ser muito positivo. Eu acho que o compromisso da Faculdade de Educação fica limitado . Como você vai pensar numa Pedagogia calcada no atendimento individual, quando você tem que pensar em contingentes de crianças que entram e saem da escola ? Até mesmo o enfoque que a Psicologia utiliza é um enfoque muito restritivo, uma metodologia... E sob esse ponto de vista eu acho que a clínica é importante , que é campo do psicólogo, acho que a cli-

nica é importante para atender lá os 5,3,4% os casos que de fato , mas no contexto escolar não no contexto clínico. Continua um pouco esta problemática da relação Psicologia...

(Ana) E mesmo o enfoque da clínica queira ou não, pode ser que hoje mesmo os médicos estejam abordando a clínica de uma maneira mais preventiva , mas geralmente é curativa... a questão do remediar, do tratar alguma coisa. A própria palavra 'clínica' está no dia a dia carregada deste significado. Então parece que a pessoa vai para lá para tratar de algo...

(Marília) Você deixa o problema acontecer...

(Ana)... para depois tratar. Enquanto este mesmo profissional poderia estar em sala de aula.

(Marília) Percebe que é um mercado de trabalho forte?

(Ana) E em Campinas um mercado de trabalho que está despontando nos alunos da Faculdade de Educação / UNICAMP é trabalhar na área de Recursos Humanos em empresas. A Gessy Lever tem contratado, a Bosch , estagiários ... que também tem o viés da Psicologia . Porque até então quem selecionava eram psicólogos e não pedagogos...

(Marília) Eles vão trabalhar em seleção ou capacitação?

(Ana) Em seleção e treinamento.

(Marília) Porque uma coisa interessante é que, aí já é uma outra discussão, mas neste contexto agora das novas formas de gerenciamento na indústria , a questão da educação permanente tal... é um mercado que se abre para o pedagogo não é? De agora para frente... o que está posto aí? As pessoas não vão poder sair da universidade e entenderem que estão formadas, a educação vai ser permanente e aí vai ser um campo aberto para o pedagogo .

(Ana) E ao mesmo tempo é muito legal para as empresas a nível de interesses , manter a educação dos funcionários dela sob o controle da própria empresa a nível ideológico. Porque você pode acabar dando um olhar para o conteúdo de acordo com os seus interesses dentro da empresa.

(Marília) As empresas estão investindo muito nisso aí. Agora sobre necessariamente que essa iniciativa das empresas contratarem pedagogos tenha determinação psicológica eu não sei, eu não saberia dizer para você. Quer dizer, claro que pode ser que sejam chamados para fazerem seleção mas o que eu sei , é que os psicólogos cada vez estão fazendo menos seleção... Aí nesta faixa o que eu falar é especulação , não é a área que eu trabalho não...

(Ana) Tá certo Marília. Olhe , era mais ou menos isso que eu queria . Está bom demais! Você quer acrescentar algum ponto na discussão? Os pontos que eu queria, eu consegui tocar... especificidade, campo de atuação , relação Psicologia e Pedagogia enquanto uma das ciência...

(Marília)E eu acho que a História, eu acho que o pedagogo tem que ter uma formação . Eu acho que a Filosofia é uma contribuição fundamental, a História é uma contribuição fundamental , a Sociologia... Eu acho que essencialmente a Filosofia e a História exatamente porque têm essa possibilidade de indicar para a universalidade , eu acho que são disciplinas fundamentais , são disciplinas que te obrigam a pensar sobre as condições lógicas , históricas que fundamentam o fenômeno educativo. Isso é muito importante.

(Ana) E deixe-me te perguntar uma coisa, quais são os departamentos aqui? Vocês trabalham no sistema departamental?

(Marília)Nós temos o curso de Pedagogia aqui na faculdade, e lecionamos nas licenciaturas da Universidade Federal , que são mais de dez. Nós vamos até os cursos por exemplo Matemática, Enfermagem, a gente vai até lá com as disciplinas pedagógicas . A gente tem cursos de especialização e mestrado. São dois departamentos que atendem a todo esse conjunto.

(Ana) E quais são os departamentos ?

(Marília)É porque nós estamos passando por uma reforma ... Deixe-me te explicar ou você não vai entender. Nós estamos passando por uma reforma administrativa , então nós estávamos já tentando uma estrutura nova , mas com nomes de departamentos velhos porque os departamentos não foram aprovados. O nome não diz nada . Um chama Departamento de Pedagogia , que tem professores que atendem não só à Pedagogia como às Licenciaturas . O outro chama Departamento de Fundamentos e Práticas de Ensino.

(Ana) E como está o processo de vocês de revisão ?

(Marília) Olha nós estamos vivendo, já há alguns anos que estamos tentando avaliar o curso de Pedagogia... a gente tem avaliado e algumas tentativas foram feitas de modificação. Esta é uma questão muito polêmica aqui porque a gente tem posições diferentes e às vezes acontece de você ir com uma proposta de mudança e reforma e na hora da aprovação , vira um grupo que não aceita e aquela proposta desmorona. Aí você tenta novamente... da última vez que isso aconteceu nós ficamos tão calejados que este processo está um pouco parado. Mas eu acho muito insatis-

fatória a forma que o curso de Pedagogia está pensado . Para você ter uma idéia , a disciplina de Filosofia é dada nos últimos anos 3º e 4º ano. É uma compreensão da Filosofia que eu particularmente não concordo. Se você estudasse o nosso curso de Pedagogia, é quase a noção de que é a Filosofia que faz este fechamento , pela Filosofia se daria isso . Acho que era muito o pensamento das pessoas que fizeram esta proposta e cuja maioria já se aposentou, não está mais aqui. E quando eu acho que a Filosofia, de novo eu não acho que é a Psicologia mas tão pouco acho que é a Filosofia. A Filosofia é uma área de conhecimento que também fundamenta a educação, ela não é a principal, a essencial, a fundamental...

(Ana) A especificidade da Pedagogia estaria em um outro plano.

(Marília) A especificidade dela se localizaria mesmo na ação, na prática educativa mesmo.

(Ana) Naquela ação enquanto ação pensada...

(Marília) Eu acho que é o fenômeno educativo que suscita as pesquisas . Eu não acho que seja uma área de conhecimento. Se eu concordasse com esta proposta eu estaria dizendo 'não é a Psicologia mas é a Filosofia'. Quando eu acho que durante muito tempo a gente achou que era a Sociologia, como tem de novo aí por parte das pessoas que estão formulando políticas educativas no Brasil, um retorno ao enfoque economicista. Eu acho que o enfoque economicista se casa muito bem com o psicológico. Então a gente está vivendo isso, um retorno do economicismo conciliado com um retorno do psicologismo .

(Ana) Vamos manter contato então Marília...

FIM DA GRAVAÇÃO

ENTREVISTA COM SAMUEL PFROMM NETTO .

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Departamento de Pós-Graduação em Psicologia.

Formação básica: Pedagogia

Campinas, 18 de outubro de 1996.

(Samuel) Proponha então o seu ponto de partida...

(Ana) O meu ponto de partida é o seguinte, eu conversei com ... bom, qual a minha pesquisa , o que eu pretendo com a minha pesquisa? Refletir junto aos cientistas das várias áreas fundamento o como eles apreendem a relação da sua ciência com a Pedagogia. Então eu entrevistei um sociólogo, um economista, tal. A primeira coisa , o ponto de partida para mim está sendo a pessoa dizer a respeito do espaço em que ela está . Então eu falei um pouco do meu espaço da Pedagogia e agora eu gostaria que o senhor falasse do seu espaço, da prática da Psicologia , o que seria , a sua concepção.

(Samuel) Perfeito. Bom, eu acho melhor começar com uma preliminar. Eu já havia comentado com você a minha dupla condição, eu sou pedagogo e sou psicólogo. Eu me formei em Pedagogia no tempo em que não existiam os cursos de Psicologia e só posteriormente vim a ser psicólogo, mas a minha formação básica foi em Pedagogia. Como eu lecionei também Pedagogia em Escola Normal , fui professor de ensino secundário essa coisa toda , talvez eu possa dizer para você o que me ocorre em relação a isso que nós chamamos Pedagogia. Você mencionou o problema do nome. É sabido que denominações têm sempre por trás de si algum tipo de satelização cultural, Pedagogia é um termo que surgiu num contexto em que a influência francesa era muito grande no Brasil, então a pédagogique francesa virou o pedagógico no Brasil. Se a nossa satelização fosse americana ou inglesa seria Ciência da Educação e não Pedagogia. É muito raro você ver a expressão 'pedagogia' no contexto anglo-saxônico , eles não usam quase esta palavra , é até um tanto surpreendente para eles quando a gente fala em Pedagogia , curso de Pedagogia ... eles não sabem o que é , você precisa explicar Educational Science ou Science of Education . Então considerado quer como ciência da educação ou como ciências da educação no plural, quer como pedagogia o fato é que existe uma longa e nobre tradição por trás desta atual Pedagogia ensinada e aprendida nas nossas universidades que começa no século passado principalmente, ganha maior peso , maior volume e ganha esta denominação com os cursos formais de Pedagogia tendo como centro, como foco obviamente o processo educativo ... processo educativo que engendra uma outra confusão semântica porque se volta essencialmente , fundamentalmente para o que seria a escolarização e não para a educação como um todo. Quando se fala de um pai educando

um filho é comum dizer 'isso não é pedagógico, é um outro tipo de problema que não tem nada a ver com Pedagogia'.

(Ana) Como se a escola fosse a-histórica , sempre existiu...

(Samuel) Exatamente. Então isso vai longe demais , mas em todo caso vamos lembrar que o 'paidós argos' era o escravo que conduzia a criança até o professor na escola, 'paidós' criança e 'argos' conduzir, levar era o condutor da criança em um sentido assim muito rasteiro . O termo começou a ganhar uma certa nobreza a partir do momento em que esse pedagogo passou a ser uma pessoa geralmente mais idosa , mais madura e que nessas idas e vindas da escola grega , romana da Antiguidade Clássica ensinava a criança, ajudava-a , orientava-a a respeito de problemas do ensino-aprendizagem e esse é o núcleo inicial do termo Pedagogia ou a arte de conduzir a criança no sentido de escolarização , escola e tudo mais . Bom, toda esta ênfase que a Pedagogia teve no século passado concentrou-se no que ? Em se tratando de educação volto a insistir professor, escola, aluno, conteúdos curriculares, metodologia, técnicas de ensino e procedimentos didáticos , problemas assemelhados como disciplina em sala de aula , prêmios e castigos e tal. Se você pega os livros mais antigos que temos em português de pedagogia , nossos primeiros tratados de pedagogia que datam do início do século ou antes , os que eu conheço e que tenho alguns deles são de 1915, 1908 e tal ... a literatura portanto de referência mais antiga de que se pode contar o que se constata é que mais ou menos isto que é o conteúdo destes livros . Eles discutem quem é o aluno, quem é a criança desde aqueles tempos mais remotos, como a criança se desenvolve , quais são os principais métodos , técnicas, procedimentos que compõem o capítulo metodologia e por extensão o capítulo didática , como ensinar , como aprender na sala de aula , professor e aluno e aspectos que eu disse a você que são aparentados que é como avaliar a aprendizagem do aluno, como conduzir a disciplina em classe , a motivação para aprender , os prêmios e os castigos... eram tradicionalmente colocados nos livros didáticos 'prêmios e castigos' , o uso dos prêmios na sala de aula como recursos motivacionais. Bom, eu não sei se está faltando alguma coisa nesta história ... talvez esteja faltando uma referência mais à área conteudista em que simultaneamente com o genérico de ensinar e do aprender. Desde cedo surgiram aquelas primeiras tentativas de fixar o que é que existia de pedagogia da matemática , pedagogia da aprendizagem do idioma, pedagogia da leitura, pedagogia da história e da geografia e tal, 'pedagogias' portanto constando no plural aqui enfatizando uma relação muito íntima entre o tipo de área de conhecimento e o procedimento que o professor adota junto ao aluno para que aprenda essas áreas de conhecimento. Até aqui estamos

em território mais ou menos tranqüilo. A partir no entanto dos anos 10 , anos 20, anos 30 cresceu e expandiu-se no mundo inteiro uma variante desta fórmula mais rígida que você encontra nestes livros antigos e que passou a advogar uma por exemplo, supressão das barreiras curriculares. Grande parte do movimento que acabou sendo o movimento síntese disso tudo chamado Movimento da Escola Nova , ou Dewey nos Estados Unidos , Ferrière no caso francês , Montessori no caso italiano e esse negócio todo, constituiu numa tentativa de propor uma solução para o trabalho que professores realizam nas escolas menos preocupada naqueles comparativos estanques de ensinar a aula de leitura , a aula de matemática, aula disso, aula daquilo , e integrar esses campos com o foco que passaria a ser , por isso mesmo segundo alguns a psicologização da Educação, com o foco no ser que se desenvolve na criança , nas suas necessidades de um lado, nas suas limitações , nos seus potenciais e de outro um foco nos reclamos da sociedade , o que é que a sociedade como um todo quer destas crianças no sentido de que elas sejam educadas para quê , que coisas elas devem aprender , saber, fazer , etc, que atividades , que competências elas devem ter para viver bem em sociedade . Acho que a Escola Nova representa de fato uma transição extremamente importante porque marca uma passagem de uma forma muito mais tradicional e rígida de pensar a Pedagogia para uma forma mais solta e mais integradora e mais preocupada com nuances sociais , psicológicas , biológicas , etc . Agora apesar do movimento da Escola Nova ter tido o eco que teve no mundo inteiro e inclusive aqui no Brasil , a verdade é que a escola continuou a ser a escola de sempre e a Escola Nova teve expressão em alguns grupos mas não chegou a influenciar no caso brasileiro por exemplo efetivamente o fazer diário , do dia a dia da sala de aula . Os professores continuaram a dar suas aulas , leram, estudaram os princípios da Escola Nova desde os anos 30, 40 mas mais ou menos a coisa se manteve dentro da linha que eu tinha comentado antes , de pedagogia entendida como esta história toda que eu mencionei inicialmente.

(Ana) A pedagogia da matemática...

(Samuel) Exato. As 'pedagogias' no sentido de didáticas para cada área ligadas a uma compreensão mais funda desses domínios de conhecimento. E com isso eu acho que você tem a estruturação do que corresponderia ao estado da arte em meados do século. O que é que acontecia por volta dos anos 50? Um pouco antes , um pouco depois, anos 40, 50 ou 60? As Escolas Normais até então ministravam os cursos de formação dos professores de 1º Grau , nessas escolas a Pedagogia era uma das disciplinas , paralela à Psicologia Educacional ou Sociologia Educacional , Neurologia Educacional. O professor de pedagogia desse meado do século dava então o que a gente poderia chamar funda-

mentos da educação , o que é educação, natureza da educação , o ato de educar e esta coisa toda , comentava esses fundamentos biológicos, psicológicos, sociológicos da educação independentemente deles merecerem um tratamento específico em disciplinas que tinham esses rótulos Psicologia da Educação, Sociologia da Educação e Biologia da Educação . Acrescentava-se a isso História da Educação que informava ao aluno o que seria uma evolução do ensino desde tempos remotos , civilização oriental, educação na China , educação na Índia etc, etc, em tempos remotísimos , passando pela Antiguidade Clássica e vindo até praticamente o século XX; mais algumas pitadas de Educação Comparada e de mais alguma outra coisa e que de fato não chegavam a constituir núcleos disciplinares ... com isso se formava o professor de 1º Grau. Quando as Faculdades de Filosofia passaram a desenvolver programas e cursos centrados em Pedagogia , agora é mero palpite, eu tenho a impressão de que o que marcou muito esta Pedagogia nascente nos nossos cursos superiores , lembrando que o curso superior de pedagogia começa na década de 30/40, este ensino se pautou e muito no que se fazia nas Escolas Normais . Tanto que boa parte dos professores chamados para lecionar nessas faculdades emergentes , nestas primeiras universidades eram professores... Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, todos eles vinculados a um ensino de 1º Grau. Eram professores ligados ao chamado Núcleo Normalista de Formação que preparou nossos docentes antes da existência das Faculdades de Filosofia , depois com as reformas que vieram converteria nas licenciaturas e tal e tal... mas pelo menos naquele tempo era uma espécie de privilégio a Faculdade de Filosofia formar o pedagogo, o licenciado, bacharel e licenciado em pedagogia. O que afinal de contas acabou então sendo essa preparação em Pedagogia? Ela repetiu em nível superior o que ocorria já em nível de curso normal . Os cursos de Pedagogia da U.S.P. , daqui de Campinas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas que precedeu a PUCCAMP e outros espalhados pelo estado tinham uma visão de , de um lado preparar professores que lecionariam pedagogia em nível de 2º Grau da mesma forma que os cursos de Química formavam professores que lecionariam química no 2º Grau , o curso de Matemática formava licenciados em matemática para lecionar matemática em 2º Grau e assim por diante . Então da mesma forma a Pedagogia surgiu para formar professores que lecionariam a nível de 2º Grau , preparar os professores primários e os secundários dentro de um campo específico e restrito que seria a Pedagogia. Além disso as nossas Faculdades de Filosofia se aperceberam do que se caracterizava o espírito já de outros cursos superiores ... a importância da pesquisa e da teorização . Então não bastava formar professores , era preciso que estes cursos também estimulassem a indagação, a pesquisa, o trabalho do investigador de Pedagogia. E esta teria sido então a segunda grande linha do nosso curso de

Pedagogia . Por um lado formar os futuros professores de 1º Grau naquele tempo chamados de professores primários, por outro lado preparar então os que pesquisam educação no país e que fazem investigações científicas, trabalhos, pesquisas, etc de psicologia educacional, sociologia educacional, biologia educacional e da própria pedagogia voltados portanto para a problemática educacional. Em terceiro lugar houve também uma relação não sei se formal , mas informalmente aconteceu, neste meado de século mais ou menos no seguinte sentido: quem é formado apenas em Escola Normal tem como destino pela frente assumir uma classe e ministrar aulas no ensino de 1º Grau, quem é formado por um curso superior de Pedagogia tem possibilidades outras e melhores ...1-) ser ele próprio professor de pedagogia nos então cursos emergentes de Pedagogia que estavam sendo criados aqui e em outros estados , 2-)ter posições administrativas , daí o peso muito grande que os cursos de Pedagogia atribuíram à administração escolar e à supervisão, orientação e ainda aos aspectos de educação comparada para saber como eram os grandes sistemas educacionais no mundo , como eram administrados, como funcionavam com o enfoque muito de quem seria diretor de escola , supervisor e assim por diante . Esse segundo aspecto seria então o prático da história , alguém que estaria usando o que aprendeu a serviço de posições , cargos, incumbências de natureza mais administrativa de estabelecimentos de ensino. Então passou a ser mais ou menos corrente isto 'estou fazendo Pedagogia porque quero ser diretor de escola, porque pretendo ser inspetor escolar, porque pretendo ir além de ser apenas professor de 1º Grau'. Não se cogitava , isso é muito posterior aí pelos anos 70, de um professor de 1º Grau ser formado em curso superior . O professor era formado em Escolas Normais de 2º Grau . Em meio a toda essa efervescência , a essas mudanças e a essas caracterizações eu acho que tem grande peso nisso o fato de que até então ... veja a Sociologia já existia no país e os cursos de Sociologia também , na Psicologia o país ainda não contava com a formação do psicólogo, nós não tínhamos psicólogos formados como tais e a psicologia educacional era apenas uma das cátedras ou seria hoje departamento, setor e tal nos cursos de Pedagogia. Aí as instituições de ensino superior mantinham também às vezes , como no caso da U.S.P., uma cátedra de psicologia experimental mas que era no curso de Filosofia. Então se você ia para a Filosofia você estudava Psicologia enquanto futuro filósofo, como disciplina psicologia experimental, se pelo contrário você ia para a área da educação você fazia o curso de Pedagogia e estudava psicologia educacional. Não havia a formação do psicólogo . E houve um tempo, eu me lembro até hoje, em que se discutiu muito a tônica da palavra... é 'psicologia' educacional ou psicologia 'educacional'? Qual é o tom maior? Havia um grupo influente que dizia que o psicólogo educacional só pode ser alguém que tenha uma formação pedagó-

gica , que tenha uma consciência muito clara de tudo quanto diz respeito à escola, professor, ensino, sala de aula, etc e tal e além disso põe as tintas da psicologia à serviço disso. Por outro lado havia uma pressão grande também daqueles que diziam que a condição fundamental é ser psicólogo e o psicólogo poderá aplicar seus conhecimentos , seus domínios , suas competências em diferentes áreas , uma das quais pode ser a escola ...mas o núcleo mesmo, a essência seria formar o psicólogo. Daí o surgimento dos cursos de Psicologia entre nós e agora já estamos na segunda metade do século e uma certa ambiguidade que permanece até hoje em relação a onde terminam as fronteiras da Pedagogia e onde começam as da Psicologia . A Pedagogia comprou assim uma porção de brigas . Ela comprou um pouco com a primeira briga com a Sociologia ... afinal de contas quem faz sociologia educacional é o sociólogo ou é o pedagogo que se especializa em aplicar Sociologia em educação. Então havia umas confusões nesta área aí. A própria U.S.P. resolveu salomonicamente o problema, enquanto de um lado a cátedra do Florestan Fernandes era de Sociologia que deu Fernando Henrique , Ianni e cia. , a cátedra do Fernando Azevedo era de Sociologia Educacional porque o Fernando era mais ligado exatamente ao curso de Pedagogia . Ou mesmo no caso da Psicologia... a Biologia acho que nunca chegou a esboçar qualquer tipo de conflito com a Pedagogia talvez pelo fato de que os pedagogos não se sentiram muito seguros em relação à Biologia , sempre atribuíram isso a médicos , a higienistas, etc. Então quando se entrava no território de aplicações na educação de princípios da Biologia , da chamada biologia educacional , princípios de higiene , etc, etc, normalmente o que ali se marcava como participação em congressos e tal era médico... o próprio Almeida Júnior que foi diretor de ensino de São Paulo era médico de formação. De modo que no caso da Biologia as coisas não ficaram assim tão conflituosas mas isso fez com que desde aqueles tempos , estamos falando mais uma vez de meados do século e agora já início da segunda metade nos anos 60, se esboçasse uma discussão em torno de o que é afinal de contas substantivo na Pedagogia independente destes educacionais aí... da psicologia educacional, da sociologia educacional, e tal. E essa situação perdura até hoje .Eu não tenho aqui para lhe mostrar mas alguns livros contemporâneos de Pedagogia parece que ainda continuam insistindo em que Pedagogia é de um lado conhecimento do educando e dos princípios de aprendizagem do ensino que pertencem à área da Psicologia a serviço de viabilizar propostas pedagógicas. Pedagogia é também o conhecimento do meio em que a criança vive e cresce , sua interação no bairro, na comunidade que constituem área da Sociologia , o social na vida da criança , na escola como parte integrante de um social maior , de uma coletividade maior e tal. E a biologia educacional também acabou ficando muito mais Biologia que Educação, talvez selecionando conteúdos

da Biologia genérica aquilo que se aplicaria mais às doenças mais comuns na infância, questões ligadas ao arejamento da escola, escoliose, defeitos de posição, postura mais nesta linha de fundamentos da biologia aplicados ao contexto de ensino. Em face de um quadro que é este, o que é que restaria então 'a Pedagogia? Parece que resta o fato de ela ordenar, juntar, integrar estas partes porque o que ela tem em vista não é a criança psicologizada, sociologizada, nem biologizada, é a criança como um todo, é a criança que está na sala de aula e a quem o professor dá o melhor de seus empenhos, teoricamente pelo menos, para ajudá-la a crescer, desenvolver, formar-se adolescente e finalmente adulto ajudando no processo de vir a ser um dia um adulto formado, preparado para viver/conviver plenamente na sociedade. Esta integração portanto seria talvez o propósito central da Pedagogia acrescido de certos aspectos que a gente costuma dizer o seguinte 'ninguém mais trata disso, é a Pedagogia que vai tratar'. Os psicólogos, sociólogos e outros 'ólogos' que andam por aí não estudam por exemplo como a educação evoluiu, então a evolução da educação através dos tempos, vale dizer História e Filosofia da educação, o que é a educação como pergunta central, o que é educar... estes seriam campos por excelência do pedagogo. A Filosofia da educação, valores, fins, objetivos e tudo mais, metas em educação, a natureza mesmo, a essência da educação e o ato de educar, o ato de ensinar e tudo mais, porque isso não é feito nem por psicólogos, nem por sociólogos, nem por mais ninguém. A História, como evoluiu a educação desde formas primitivas, aquelas escolas na Antiguidade Oriental até as escolas contemporâneas, os aspectos administrativos a que eu já me referi e que dizem respeito à estruturação da escola, à escola enquanto empresa, enquanto algo que tem muito a ver com administração de empresas... porque é a preparação de um administrador para administrar uma escola, como se administra uma escola no que diz respeito à pessoal docente, aluno, pessoal auxiliar, secretaria e outros setores que funcionam dentro da escola desde a merenda até aspectos que transcenderiam este nível 'pé na terra' da escola para se situarem num nível almejado mas nunca alcançado de que secretários da educação e seus principais auxiliares deveriam ser por excelência pedagogos, o que parece que não tem acontecido e volta e meia quem quer que seja... para a educação todo mundo é bom. Ministro da educação, quem deve ser? Um pedagogo porque um ministro da saúde tem que ser um médico, ministro da agricultura um nome reconhecido e renomado na área da agricultura, um fazendeiro, um agrônomo, alguém ligado à área. Educação não, educação qualquer um serve e por isso vai um cidadão que é formado em Direito ou que é formado sei lá... em artes culinárias e vai lá.

(Ana) Na verdade muitas vezes essa integração é vista como um esvaziamento de um discurso próprio pedagógico.

(Samuel) É verdade.

(Ana) Me parece que o pedagogo fica muitas vezes repetindo o que as outras pessoas das outras áreas dizem ou aplicando e não fazem a integração no sentido de tese-antítese-síntese, a síntese sendo algo novo e não uma mera superposição.

(Samuel) Agora com isso nós vamos para algo mais, a solução na área da Pedagogia de responsabilidade - e isto data mais ou menos desta época, meados do século - de que dizia a você. Deixe-me ver o curso do Onofre na U.S.P. foi em cinquenta e pouco, o primeiro curso na U.S.P. sobre orientação educacional ocorreu em meados do século, estamos de novo nos anos 50, senão foi 54, foi um pouco antes, um pouco depois. Então o surgimento da orientação educacional e a consciência de que a criança e o adolescente precisavam de alguém além do professor de sala de aula para ajudá-lo, ajudá-la no sentido de superar suas dificuldades, problemas, etc e tendo em vista principalmente aquele aspecto vocacional de escolha de profissão e tal e tal, passou a ser um componente da Pedagogia admitindo-se que o orientador educacional era alguém formado em Pedagogia com algo mais... formado em Pedagogia e de um modo mais geral também mais versado em aspectos psicológicos do que o pedagogo sem essa preocupação de orientação educacional. Lembre-se não existiam os psicólogos naquele tempo, então era o pedagogo pelo seu gosto, interesse e entusiasmo por aspectos psicológicos que ia assumir este tipo de tarefa de orientação educacional. Daí o surgimento dos primeiros cursos de orientação educacional, primeiros concursos de orientação educacional e tal, mais ou menos neste tempo. Com isso nós já estamos cobrindo quase tudo. O que é que está faltando? A administração escolar, a orientação educacional, escola, professor, vocacional... Ah! O outro até então mais ou menos ignorado ou desenvolvido sem nenhuma integração, o outro rumo que no entanto é bem antigo de desenvolvimento da Pedagogia é o da educação especial. Por quê? Porque a escola comum, já o nome o diz, é uma escola que se destina às crianças mais ou menos comuns. Se elas têm limitações mais ou menos sérias físicas, de visão, audição, mentais, um déficit bastante significativo em matéria de desenvolvimento intelectual que naqueles tempos se atribuía o nome deficiências, deficiente mental e que depois passou a ser chamado retardamento mental... se se trata do retardamento mental, do déficit físico multisensorial ou surdo-mudo, cego e tal, expressões que no passado designavam isso que depois passou a ser educação das crianças com déficit de audição, com déficit de visão e tal; então Pedagogia deveria assu-

mir isso também . Só que até por volta de meados do século ou até mais recentemente estas formas especializadas de educação para crianças com coisas que as singularizavam , separando-as das demais quanto a certas limitações para aprender , eram trabalhadas independentemente uma da outra. Então havia toda uma longa história do ensino para alunos surdos-mudos no Brasil, no Rio de Janeiro ou São Paulo, no Instituto Padre Chico , no Instituto Benjamin Constant e tal ... eram nomes de entidades ora ligadas à surdo-mudos, ora só a cegos , ora só a deficientes mentais que se desconheciam entre si. Pensava-se que formar , preparar o professor por exemplo para trabalhar com surdos-mudos , a melhor coisa de fazê-lo era colocá-lo numa instituição para surdos-mudos que além de atender aos próprios formava professores, preparava dentro dela mesmo ... no caso do Benjamin Constant e idem no caso de educação dos cegos e assim por diante. Com o virar das coisas no mundo e a integração cada vez maior na área de educação especial, a educação especial passou a ser também assim um rótulo mais genérico , um guarda-chuva para esta variedade de educações , de coisas que está dentro em cheio da Pedagogia . Então educação especial também é uma área legitimamente pedagógica . Da História e da Filosofia da educação já falamos, da administração , a educação comparada poderia ser talvez proposta aí talvez como uma extensão ou ampliação da própria administração escolar mas com nuances , com aspectos que a fazem também singularizada. Eu vejo a educação comparada como um campo de especialização também. Em educação comparada você pode por exemplo estar preocupada se você é pesquisadora de educação comparada, no ensino da leitura em outros países, com o como as crianças japonesas , francesas, italianas , brasileiras, russas, etc aprendem a ler... então é educação comparada e não tem nada a ver com a administração escolar. Então esta seria uma outra perspectiva digamos autenticamente pedagógica , que ninguém faz a não ser a própria Pedagogia. Você vai me ajudar agora... há alguma coisa em currículos e tudo mais que não está no, meio destas coisas todas que eu falei a você?

(Ana) Não, só... educação não-formal agora.

(Samuel) Espere, espere. Aí é que está, faltou 'eu' nesta história . Acontece o seguinte, eu vou dizer já para você rapidinho. Desde muito cedo eu me voltei para cinema, rádio, televisão, mídia usada em ensino-aprendizagem. Eu comecei como professor normalista no interior e era também um homem de comunicação. Trabalhei nestes meios todos televisão, cinema, rádio...então fiz cinema , fiz televisão, fiz rádio e sempre me entusiasmei muito isto que se chamava em tempos remotos de educação áudio-visual ou de recursos, técnicas áudio-visuais a serviço da educação. Ora essas coisas todas que surgiram também em tempos relativamente remotos se você ler o relatório por exemplo

do ensino no estado de São Paulo nos anos 30 do Almeida Júnior , neste relatório você tem a surpresa de verificar que num determinado momento da história do ensino público paulista todas as escolas tinham projetores cinematográficos e todas elas participavam de um programa sob o patrocínio da então Diretoria de Instrução Pública, que depois passou a ser Secretaria de Educação, de distribuição e uso de filmes educativos nas escolas públicas do estado. E há até então a preocupação de estatísticas de quantos filmes foram exibidos 'esse ano foram projetados em todas as escolas públicas do estado 'n' filmes'. Então estes primórdios da utilização do cinema na escola e uns frágeis inícios de utilização do gravador , do disco ... não existiam as fitas gravadas , existiam portanto os discos originados nos anos 30, nos anos 40 , nos anos 50 e também uma proliferação de primeiros livros, primeiros artigos , primeiros congressos , primeiras exposições ou feiras de recursos áudio-visuais com vistas ao ensino predominantemente público de 1º Grau . Ora este é o começo de algo que meio aos 'trancos e barrancos' veio se arrastando até hoje e que presentemente se prefere por baixo de um rótulo mais genérico como tecnologia da educação , significando ou a utilização de toda essa variedade de recursos desde os meios mais simples , o slide até o computador em sala de aula, designando também o 'modus facesso' da produção de materiais para esta mídia e designando por último a utilização efetiva , o como usar bem isso em sala de aula com o aluno , como integrar isso no ensino . Só que um ponto que é muito importante para ser ressaltado em relação a esta tecnologia educacional é que no início isto era feito mais ou menos ingenuamente . Quer dizer, o professor ilustrava as aulas dele da mesma forma que tinha as figurinhas do livro . Colocava isso em slide e projetava o slide para a criançada , especialmente aqueles que não estavam no livro e assim por diante . Com o correr do tempo isto passou a ser mais e mais trabalhado em termos de por exemplo, pesquisa para identificar condições de uso do filme cinematográfico , como é que se faz um filme cinematográfico que ensina mais e melhor do que outro filme cinematográfico que ensina menos e pior a mesma noção , os mesmos princípios . Isto fez com que se desenvolvesse em tecnologia da educação , que é outra área a meu ver privilegiada da Pedagogia, não só a parte de uso propriamente destes recursos mas de elaboração , de criação , de produção de materiais e equipamentos para ensino. Esta perspectiva da tecnologia da educação engloba portanto os chamados recursos áudio-visuais do passado mas vai muito além porque abrange outras formas não convencionais de educação ou as quais são chamadas escolas à distância , educação à distância e tudo mais . Ora, se eu posso atingir um outro município , um outro estado , um outro país por meio da televisão por que não dar um curso por televisão e submeter depois os alunos a um exame e essa coisa toda ? Então isso cresceu

no mundo inteiro , hoje alguns países estão avançadíssimos em matéria disso , você tem curso superior de pós-graduação à distância que é ministrado hoje em alguns dos principais países do mundo e tem por outro lado também uma expansão extraordinária do rádio educativo , do cinema educativo, da televisão educativa...

INTERRUPÇÃO PARA DIÁLOGO COM A PROFESSORA GERALDINA QUE CHEGA À PORTA DA SALA

(Samuel) Mas voltando então ao caso desta multiplicação de recursos que permitem que você esteja presente apesar de estar a quilômetros de distância, léguas e léguas e léguas de distância . Estão engendrando uma metamorfose que este que lhe fala vê com muito entusiasmo porque é a globalização também na educação, apesar das resistências e do ranger de dentes de gente que morreu e não percebeu ainda isso. Estamos às vésperas de você fazer um curso na Universidade de Paris na sua casa , meu deus do céu! E por que não? 'Ah não pode porque o M.E.C....' meu deus do céu você está pensando com quadros de referência dos tempos em que estas coisas existiam , estão pensando com quadros de referências dos 'carros de boi' da escola do começo do século. Nós estamos às vésperas do ano 2.000 e agora é o momento em que no mundo inteiro estes programas, planos e projetos envolvendo ensino à distância não só estão em marcha , estão muito bem obrigado e já em alguns casos em dezenas de anos . A Open University , eu visitei a Open em 70 , estagiei lá ... poxa 75 para 96 são 21 anos que estão formando gente lá com educação à distância com televisão, rádio , com material impresso muito bem bolado e com cursos que - este é um ponto que se perde muito de vista - são considerados por alguns melhores do que os cursos convencionais ministrados nas universidades e faculdades . É curioso como ao invés de a Open University ter sido na Grã-Bretanha algo depreciativo em matéria de educação , a Open mudou o próprio padrão de ensino das melhores universidades inglesas que de repente se aperceberam que não estavam bem não... Você está vendo pela televisão , está recebendo o material impresso que é de muito boa qualidade , superior ao que era usado nas escolas . A turma da Open trabalhava com muita seriedade, com equipes formadas para montar aqueles cursos e tudo. Então o desfecho desta novela eu acho que é esse . Você tem uma Pedagogia que é na verdade um rótulo genérico abrangendo uma variedade de disciplinas e sub-disciplinas amarrando-as e integrando-as àquelas para que a Pedagogia surgiu que é o foco nosso ... escola-ensino-educação. Esse é o nosso foco privilegiado, ninguém pode avançar neste território sem o nosso aval , sem a nossa orientação. . Nós vemos a criança como um todo, a escola como um todo, essa coisa toda e por último mantém evidentemente relações muito estreitas com estas chamadas áreas irmãs numa troca muito saudável em que uma e outra ganham

. A Psicologia Educacional e escolar ganhando muito da sua interface com a Pedagogia e a Pedagogia também valendo-se por sua vez disso. Faltou para marcar isso tudo talvez o que seja um ponto central e essencial da presença da Pedagogia no ensino superior brasileiro e que é a meu ver talvez a nossa grande fragilidade. Do ponto de vista puramente pessoal e portanto suscetível de objeções muito sérias da mesma maneira que eu também objeto a essas outras posições, faltou no caso brasileiro a devida ênfase no que eu chamaria cientificização da Pedagogia. A Pedagogia no Brasil não se ajustou aos padrões hoje vigentes nos principais países do mundo, chamemo-los os mais desenvolvidos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Alemanha... Alemanha principalmente, a Alemanha estaria no primeiro grupo, Canadá. O Canadá é tremendamente importante nesta história, não sei se você sabia mas o Canadá recentemente é o país que em matéria educacional está conseguindo um negócio incrível. Sabe quantos jovens entre 18 e 22 anos frequentam as escolas superiores no Canadá? 100%, todos os adolescentes entre 18 e 22 anos frequentam curso superior no Canadá... o total da população adolescente 2º e 1º Graus de novo 100% e 100%. Não chega a ser 100% porque você sempre tem 99,9999... um caso de crianças que levam uma vida puramente vegetativa e não têm condições de se comunicar nem nada, então há uma pequena fração. Ah, mas embutida nisto até a educação especial, até os casos de educação especial subindo até a universidade. É um negócio impressionante o Canadá. Mas voltando ao que era mais genérico, nestes países a Pedagogia desde seus primórdios, começo do século e particularmente meados do século assumiu e muito esta espécie de obrigação moral para consigo mesma de se alicerçar em provas, em pesquisas. Como eu posso dizer que o método A de leitura é melhor que o método B? Apresente-me resultados quantitativos em que você trabalhou com o grupo experimental e com o grupo de controle, aplicou o método A no grupo experimental e o método B no grupo de controle, fez uma análise de variância, verificou qual a média, desvio padrão, etc e os resultados mostram que o método A de fato foi superior ao B, ou pelo contrário não foi, ou ainda o B é superior ao A e tal. Esse raciocínio bem ingênuo aplicado em extenso significa que a visão mais científica da Pedagogia é uma visão estribada no que é comum a todo conhecimento científico, a exigência de provas. Eu não aceito uma simples elocubração ou um simples 'eu acho que' ou um entusiasmo de alguém que quer vender alguma coisa para mim. Eu quero que ele prove que isso é bom para. É um raciocínio talvez, é uma deformação minha ou uma formação minha, mas é um raciocínio talvez fácil de ser compreendido quando se pensa em termos de medicamento. Quando é que um medicamento está na praça, está sendo vendido e consumido uma droga chamada 'ampictil'? Depois que testes cuidadosos são feitos e provas existem de que pelo menos 85% para mais das pessoas que receberam

este medicamento se recuperaram graças a esse medicamento e não a outro. Então da mesma forma que em medicina se exige que o medicamento só vá à praça e esteja nas farmácias depois de devidamente comprovada a sua virtude terapêutica, da mesma forma em Pedagogia esta exigência fez com que já nos primórdios do século na Alemanha, na França, na Itália, na Europa de modo geral, assim também Estados Unidos e Canadá no caso da América do Norte e curiosamente em até alguns países da Ásia se insistisse muito na expressão pedagogia experimental, que aqui nós abandonamos. Essa expressão pedagogia experimental aparece nos livros escritos em 20, nos anos 10 e nos anos 30 do Binet e tudo mais. Usava-se frequentemente esta chamada pedagogia experimental para diferenciá-la de uma pedagogia mais filosófica e de 'acho que'. Então você acha, eu acho, um terceiro acha, nós achamos e tal. Então vamos acabar com esses achômetros aqui e vamos partir para uma Pedagogia baseada em experimentos, em pesquisas, em investigações e tal e tal. Quem participou muito disto inicialmente, curiosamente não foram os Estados Unidos, mas foi muito mais a Europa a Pedagogia alemã, a Pedagogia francesa que é também tremendamente experimental desenvolvida em base de muita pesquisa científica a ponto de certos livros que você tem hoje disponíveis em português, por exemplo o 'Tratado de Ciências Pedagógicas' do Debesse & Mialaret... sinal dos tempos a Companhia Editora Nacional lançou os primeiros cinco volumes e parou. Na edição francesa completa se não me engano são dez volumes e no Brasil só saíram os cinco primeiros, depois desanimaram e pararam a publicação, mas a obra existe na sua extensão total na sua versão original. Mas você percebe que nesses livros, são um tratado de Pedagogia em dez volumes, grande parte do material que há neles são dados quantitativos, é pesquisa, pesquisa, pesquisa... 'Fulano de tal pesquisou, verificou que 80 crianças em tal situação etc, etc'. A ênfase é tremendamente em pesquisas, só isso? Não, não é só isso. É verdade que o livro se chama 'Tratado de Ciências Pedagógicas', portanto é mais na linha de ciência e pesquisa mesmo, agora aqui e ali há alguma coisa que a gente poderia chamar que não é assim tão fundamentado, só que esta parte é relativamente pequena no conjunto da obra.

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE FITA

(Samuel) Vamos lá, o que é que eu estava comentando sobre o Debesse & Mialaret. São dois dos nomes mais importantes da Pedagogia mundial e particularmente, é óbvio, da Pedagogia francesa. Não sei se ainda vivem, são veteranos com outros livros já traduzidos para o português e etc. Eu estou citando o caso dos franceses porque é frequente usar uma expressão de desprezo e de ironia em relação a esta história de cientificização americana e tal... e os americanos entram aí bem depois, o grande motor desta

história toda foi, volto a dizer a você, a Europa particularmente pela França , pela Alemanha e pela Inglaterra que marcaram muito esta direção de se fazer pesquisa em Pedagogia , pesquisa pedagógica. E apoiada em grande parte em método experimental mesmo e em alguns casos não experimental mas ainda assim pesquisa . Isto tudo no contexto brasileiro precisa ser repensado por causa do seguinte, volto a dizer a você esta parte toda aqui é uma visão minha e que concedida aí a debate a proposta que eu faço, a nossa escola é afinal de contas originária de que escola? Da escola portuguesa. O Brasil até, como você bem sabe, até D. Pedro I fazia parte de Portugal primeiro como colônia , depois como sendo Reino, depois D. João veio para cá e aquela coisa toda, mas enfim toda a nossa formação e as nossas instituições , os nossos costumes , o nosso idioma , a nossa religião são fundamentalmente portugueses. Eu digo para as pessoas , não sei se é o seu caso , se você não foi para Portugal vá lá e identifique-se e perceba o quanto portugueses nós somos aqui. Nós somos acho que essencialmente portugueses. As influências do indígena e do negro na nossa cultura existem é claro , mas são muito mais tênues no que diz respeito à instituições , sociedade, organização social e tal do que a influência lusitana . No caso da Educação a mesma coisa acontece nós herdamos uma escola portuguesa e para o mal dos nossos pecados herdamos de uma escola que em 1950 , segundo a Britânica , ainda não conseguia ir além da alfabetização de 50% da população . Portugal é um dos países mais atrasados do mundo em meados do século atual . Portugal nunca levou muito a sério a educação , isso esconde a meu ver uma visão extremamente elitista de sociedade que nos formou. Nós fomos modelados por um país tremendamente elitista , aristocrata em que a grande massa , a plebe passa a vida na ignorância mesmo e para trabalhar para uma nobreza no início e depois de uma nobreza uma burguesia , etc, etc. Então estes traços que estão em Portugal geraram uma escola extremamente precária .Ao invés de Portugal ter como tiveram os outros países - de novo os citados Alemanha, França, Itália , estados Unidos , etc - uma expansão da educação popular , Portugal em meados do século não tinha um sistema público de ensino que fosse além de metade das crianças nascidas em Portugal e crescidas lá. E o Brasil seguiu o mesmo caminho quer dizer, a mesma droga que existia em Portugal veio para cá . Passamos a ter ainda uma outra tragédia aqui , a contribuição de Portugal para a ciência é para não dizer nula , muitíssimo pequena. Veja os prêmios Nobel , quantos prêmios são portugueses? Um só , o Muniz . Todos os outros prêmios Nobel não têm nada a ver com o nosso idioma , nossa tradição. Portugal resistiu enquanto pode e há uma série de razões complicadas que nem vale a pena discutir aqui , mas há razões da Igreja por exemplo. O clero português é um dos cleros mais retrógrados do mundo , um dos mais atrasados e ignorantes do mundo ... é por

que a Igreja ela também se acomodou e ajustou ao que encontrava em cada país , onde havia inteligência , saber , conhecimento a Igreja teve sacerdotes que eram sábios e inteligentes e tal e tal, em Portugal em que as condições eram muito precárias e muito ruins e tudo mais, a maior parte do clero era ignata mesmo. E em virtude disto também no caso brasileiro ocorreu esta tragédia de que não houve lugar para a ciência no Brasil , o conhecimento científico , o saber científico, a pesquisa científica ... ficou impedido tudo isto de crescer no nosso meio.

(Ana) E como o senhor define Ciência ?

(Samuel) Isso vai longe , mas em todo caso vamos lá . O que é esse fazer científico? Primeiro um saber que exige provas , a primeira expressão eu já usei , é um saber que precisa apresentar provas daquilo que você afirma. É um saber portanto fundamentalmente empírico , note que em português chega-se até a dizer que o termo empírico tem um sentido depreciativo 'ah mas isso é empírico' ... fala-se menosprezando alguma coisa ou o empirismo. No alemão e tudo mais não é isso! O empirismo é algo que não está na minha cabeça mas que eu posso provar , posso verificar através de... outro ponto objetividade. Empirismo , objetividade, possibilidade de refutação ... o conhecimento pode ser refutado por outros experimentos , pesquisas, etc, etc. Então eu provo que a sua pesquisa não foi bem cuidada , bem desenvolvida porque eu realizei a sua pesquisa aqui e não deu este resultado , deu um resultado diferente , alguma coisa está errada na sua pesquisa . Então a refutabilidade é outro ponto fundamental. Note como essas coisas se opõem em paralelo assim 'refutabilidade' X 'o mestre afirmou' . De quem é esta palavra? Essa palavra é de São Tomás de Aquino e Tomás de Aquino falou , acabou. Ninguém pode por em dúvida , contestar ou discutir o que pertence às páginas de Santo Agostinho ou de São Tomás de Aquino e assim por diante . Tanto que eu sou católico mas eu separo muito uma coisa da outra , a religião e a prática , a espiritualidade e tudo desses outros aspectos no que se refere no entanto à construção de conhecimento , à elaboração , produção de conhecimentos . Então o que nós podemos dizer que é uma das grandes mazelas da nossa colonização portuguesa é que os portugueses que para cá vieram não tinham a mínima idéia do que era conhecimento científico. A contribuição para o desenvolvimento das ciências nos séculos pós-renascimento é fundamentalmente , de novo, francesa, alemã, italiana, inglesa e já tardiamente americana... os americanos entram nesta história no finalzinho dela agora no fim do século passado e começo deste século. Se você pega os nomes por exemplo , pegue um bom livro de Química, de Física, de Biologia etc e veja quem é citado. Até o século XIX geralmente é um destes que eu mencionei... ou é um francês , um alemão , um italiano, um inglês .

Então não sai muito disto , às vezes um ou outro país pequeno , um belga , um polonês e tal. Mas o grosso da tropa do conhecimento científico originou-se desses países. Os americanos argutamente pegaram esse negócio por força da matriz inglesa e também porque todos eles iam estudar na Alemanha no fim do século passado , iam estudar na Itália, na França e tal. Então havia esse conhecimento, importaram também os próprios cientistas , tinham dinheiro e passaram a trazer os cientistas europeus para os Estados Unidos . E nós? Nós ficamos na Universidade de Coimbra famosa pelos discursos , pela falação , pelo Direito , pelo cultivo das Letras e da Filosofia , do chamado humanismo neste sentido de 'não queremos saber de nada científico' . As ciências foram em Portugal perseguidas e dificultado e complicado qualquer tipo de trabalho científico em Portugal ... exceto num breve período com o Marquês de Pombal que de todos os méritos teve esse, estimular o saber e o fazer , mas que foi frágil demais porque tinha contra ele em primeiro lugar a grande maioria da Igreja . Quando se fala em Igreja também se comete um erro grave porque numa Igreja há de tudo , os oratorianos por exemplo... era uma congregação religiosa muito mais aberta para a ciência , para a pesquisa e tudo mais só que em minoria enquanto os jesuítas não, os jesuítas eram bem mais 'bellâtristas' , 'belle lettre', o falar bem , aprender com Cícero as premissas do discurso , como argumentar bem e tal que chega muito ao Direito , à linguagem de forma a defender causas políticas . É a famosa figura do bacharel do Brasil no começo do século nas primeiras décadas do século . Isso tudo marcou muito o começo fragilíssimo das ciências humanas , não sei como mas alguma coisa se fez. Agora vai entrar a coisa da Pedagogia , a Pedagogia sofre deste mal. A Pedagogia no Brasil acabou crescendo , surgindo e se expandindo muito menos com o enfoque científico de pesquisa , de investigação e muito mais com belos discursos... com os 'reflexores'. A palavra reflexão ao meu ver é um termo infeliz à beça , reflexão é reflexão da luz é princípio de Física , a nossa reflexão não é científica, não é da Física luz não. É muito mais o 'eu ponho a mão no queixo', é o que os americanos chamam de 'arm chair knowledge', conhecimento de poltrona . Eu sento no meu gabinete inspiro bem , ponho a mão no queixo e penso, penso, penso e ponho no papel . Provas? Para que provas? Eu já disse está aqui ... você tem que se convencer com meus argumentos, as provas são absolutamente desnecessárias. Então exagerando um pouco eu acho que nós somos um povo anticientífico , um povo rebelde a qualquer tipo de coisa que signifique conhecimento medido, pesado, comparado, aferido, objetivo, rigoroso e muito mais propensos a um discurso mais literário. Então acho que por causa disso a nossa Pedagogia acabou sendo 80% literária e uns frágeis 20% , e olhe lá, de Pedagogia mais a base de pesquisa empírica mesmo. Essa longa e complicada história eu

acho que explica de certo modo o que eu percebo como a incomensurável crise da Pedagogia brasileira às vésperas do ano 2.000. Nós somos uns botocudos entrando em aviões, estamos com as nossas penas de índios, os nossos cocares, os nossos ritos etc. e você vai ter que assumir a espaçonave aqui, você vai ter que pilotar essa espaçonave e eu só sei atirar flechas. Nossa Pedagogia acabou então sendo marcada por uma linha extremamente cáustica, não de construir, não de levantar mas de usar estilingues. Muito de crítica, crítica, crítica ... apenas desenvolver críticas, mas espere um pouco amigo! E a construção, quem é que constrói? É mais fácil de fato ser um moleque com estilingue e atacar a Catedral de Notre Dame do que levantar a catedral, quer dizer levantar a catedral dá muito trabalho, leva muito tempo. De um lado uma Pedagogia que passou a ser extremamente crítica, de outro uma Pedagogia que tem pouco ou nenhum domínio pelos que a fazem de conhecimento, know-how científico de como se faz ciência, a grande maioria destas pessoas desconhecem, alguns são francamente analfabetos, não tem a mínima idéia do que é conhecimento científico num mundo que é maciçamente, cada vez mais um mundo científico e tecnológico, um mundo que caminha mais e mais para um racional científico em que estas duas coisas se combinam, se misturam. No meu prefácio, no início do meu livrinho de 'Psicologia: introdução e guia de estudo' eu comento um fato de que o método em Psicologia, o como fazemos Psicologia é simultaneamente racional e empírico. Por que racional? Porque não adianta só o empirismo. Não adianta eu ficar com as coisas aqui medindo e tudo mais, eu tenho que pensar em cima disto. Mas também não adianta o outro lado da história, só pensar sem ter dados concretos de realidade avaliados, mensurados etc,etc,etc. Quer dizer pensar em cima de coisas que foram observadas, foram registradas, foram, foram, foram. Então esse fazer científico não impregnou a nossa Pedagogia e pelo contrário, eu acho que vai muito mal das pernas. A grande maioria de certos textos pretensamente de guias, orientação para a Pedagogia fogem da ciência como o diabo da cruz e quando se metem a falar de Pedagogia científica essa coisa toda é em tom de menosprezo dizendo 'pois é esses de visão tecnológica, esse pessoal...' e misturam uma outra coisa aí que até hoje eu não entendi. Por que acontece esse negócio com tamanha virulência? Misturam cores de políticas, político-partidárias mesmo, ideológicas e essa coisa toda quando é algo que não tem nada a ver com isso. Querer ensinar bem mitose-meiose para uma criança em ciências, querer ensinar bem o binômio de Newton para a turminha aí em matemática... afinal de contas é um bocado de exagero dizer que eu vou fazer isso em nome do P.S.D.B. ou em nome do P.T. ou do não sei o quê. Eu acho que é isso ... a criança tem que aprender. Ensinar língua portuguesa porque tem dominar o seu idioma, agora o uso que você vai fazer do seu idioma é com você. Você

vai dominar o seu idioma para ser sucessora da Erundina ... tudo bem! Ou você quer continuar, ser um sucessor do Fernando Henrique, ou um sucessor do Maluf, seja lá de quem for é opção ... fazem parte do jogo da vida, cada um usará isso às vezes até tragicamente, para sua infelicidade. De repente um sujeito resolve usar o idioma português que ele aprendeu também para escrever livros sado-masoquistas ou de pornografia barata, o que é que eu vou fazer? É opção dele. Meu papel foi esse, eu ensinei e você pode criticar quanto ao ideário dele mas 'veja que português bonito', eu ensinei muito bem o português. Da mesma forma outras pessoas das outras áreas. Então eu quero só fechar isso lembrando que talvez a grande crise que a Pedagogia enfrenta hoje no mundo inteiro, no caso brasileiro ela é infinitamente maior porque ... (suspiro) coragem ... nós deixamos de fazer Pedagogia no Brasil durante esta segunda metade do século por força de uma série de fatores que nem é bom pensar. Viemos de uma ditadura, a ditadura de Getúlio Vargas que calou a boca dos brasileiros, que botou gente na prisão, que perseguiu Anísio Teixeira porque era comunista e por aí. Uma ditadura portanto de direita getulista que depois não se sabia bem se era de direita se era do que, mas de qualquer maneira era ostensivamente visada a todos aqueles educadores que tinham algumas fumaças de alguma visão mais aberta ou mais generosa da sociedade e que se levantaram, segundo eles, contra portanto a filosofia do Estado Novo do ditador Getúlio Vargas. Viemos portanto desta ditadura que já custou uma série de arranhões e ferimentos sérios na Pedagogia brasileira. Depois de um breve período de foração em que as coisas pareciam estar retomando um bom rumo, um rumo sério, etc, caímos em outra ditadura, agora uma ditadura militar. Eu costumo dizer que entre a ditadura A ou ditadura B, entre o totalitarismo de João ou o totalitarismo de Pedro eu não escolho... para mim são todos horríveis, são detestáveis. Afogam a liberdade de criar, de inovar, de inventar, de ter suas próprias idéias e de proclamá-las, você está matando o essencial do ser humano. Eu acho que esta experiência de pressão de liberdade é terrível e vocês não fazem idéia de que isso seja para quem, como no meu caso, viveu as duas fases, as duas ditaduras. Então por força disso tudo, isso deu uma espécie de desarranjo total na construção da nossa Pedagogia e de modo que vingou uma Pedagogia de xingação ou de choramingueira ... choramingueira dos velhos tempos de Escola Normal e 'como era bom aquele meu Brasil', ou de xingação de tudo quanto se tenta fazer de novo, de inovador é acusado de se estar a serviço dos norte-americanos, de estar a serviço do capital yankee, besteiras deste gênero num quadro de referência que ao meu ver é de uma pobreza mental impressionante, de novo do meu ponto de vista, ao contrário do que são as tendências mundiais hoje em Pedagogia. Então, quando certas coisas são discutidas em Educação eu costumo me valer de

dois argumentos. O primeiro, se você quer saber qual é a situação atual da Pedagogia não me pergunte, nem a A ou a B ou a C que representam pontos de vista opostos ao meu, mas pergunte à literatura. O que está acontecendo na Pedagogia francesa? Pegue dois ou três livros como este do Mialaret que é bem expressivo do que é a Pedagogia francesa neste últimos 30 anos em que ela está, pegue algum livro até mais contemporâneo, as revistas de Educação francesa, veja o que está acontecendo com a Pedagogia belga, norte-americana, alemã, com a pedagogia italiana e você vai ver que embora exista uma certa parcela nestas 'pedagogias', de trabalhos mais assim de reflexão, de ponderação, chamemos teóricos segundo o velho sentido do termo, mas a tônica é pesquisa quando você está às voltas com números, com tabelas, com gráficos, com problemas à luz de pesquisa ... isto não aconteceu no Brasil. A maioria de nossos estudantes de cursos de 3º Grau está às voltas com uma literatura que pouco ou nada tem disso e ... não que seja inútil entende? Eu não quero dizer isso, eu quero apenas dizer que não é tão importante. Se você vai guiar um carro não adianta nada eu dizer o seguinte 'Ah, é, você vai guiar um carro? Então vou dar um curso para você, vou dizer quem foi este amaldiçoado Ford que inventou esse carro Ford que explorava os trabalhadores nos Estados Unidos e na nossa luta contra a opressão...' e você pára dizendo 'Dá licença? Eu quero guiar um carro!' Percebe? Então há um negócio que ... então não se deve dizer nada? Deve sim, deve dizer que há formas de opressão que existem ainda mascaradas, existe a sociedade tal... Mas pelo amor de deus! Ensine o pessoal à pescar, porque ele vai ter que jogar a linha dele, o anzol e tudo. E essa é a segunda chave. Constantemente eu peço nas discussões em Educação quando as coisas começam a tomar um rumo estranho ... eu sempre caio no seguinte 'olhe não vamos falar da educação em geral, vamos falar especificamente do como é que você estuda e ensina o binômio de Newton, equações de 2º grau...' . Porque se você começa 'ah, mas isso aí não tem importância' eu digo 'espere aí, mas o que eu como professor de segundo grau preciso ensinar é matemática, este discurso está muito bonito mas o que eu tenho que ensinar é matemática e eles não podem sair daqui ignorando matemática que aí eles não passam para entrar no cursinho nem sabem matemática para a vida, o que é outro ponto fundamental, não é só o cursinho não.' Da mesma forma ele sabe o que é uma célula, ele sabe o que é um vírus porque senão ele vai dizer como uma bobinha aí 'eu não uso camisinha não porque eu estou fechada pelo pai Zezinho da macumba aí, ele me fechou'. E ela tem 1º grau, 2º grau o que adianta? Então nós temos que ensinar o quê? Coisas concretas, específicas que fazem parte de programas e currículos e tudo mais e é isso que é o nosso grande desafio e de que maneira um pedagogo pode ajudar quem vai lecionar no sentido de fazer com que a criança seja mais senhora de si mesma e do mundo que a

rodeia , controle mais estas coisas e seja menos brinquedo dos outros, brinquedo de forças que ela não conhece, não controla nem nada. Eu não sei o que é pior , se é você ser controlado por outras pessoas ou ser controlado pela sua ignorância. 'O césio aqui olhe que negocinho bonitinho, olhe está brilhando!' e depois morre ... ou o tomate lá no Paraná , um analfabeto que o dono lá da plantação disse 'você põe uma colherinha destas em 10 litros de água e asperge sobre os tomateiros' e ele disse 'ah, uma colherinha só é muito pouco , eu vou colocar o galão inteiro' , está todo mundo envenenado e crianças morrendo. Então isso é o que me deixa furioso, não podemos mais ficar com conversa fiada, nós temos é que ensinar o professor, ajudá-lo a entender melhor de que maneira ele faz com que a criança entenda o mundo que a cerca , compreenda estas coisas todas, estes fenômenos da natureza , saiba lidar com números, saiba escrever pelo menos decentemente , ler. Acho que aqui está então o que eu chamaria 'Tragédia Grega Brasileira', a nossa grande tragédia é essa , que o mundo todo hoje está enfrentando problemas sérios em matéria de educação mas , para quem sabe nosso orgulho de brasileiro, no nosso caso mais ainda porque nós temos uma Pedagogia que parece não ter acordado para isso. O último ponto seria justamente esse, quais são as chaves para o ano 2000 ? Informatização, computação, informática , a informação recebida em tempo real . A pessoa que saiu daqui um pouquinho antes de você , a Sandra, tinha recebido pela Internet hoje de manhã de um professor norte-americano da Universidade de Illinois o relato da pesquisa que ele está fazendo para ela usar aqui no projeto de tese dela. Então essa informação 'real time', você recebe agora, aqui para usar no seu trabalho não existiu para os nossos avós, nem para mim, nem para você até bem pouco tempo e agora começa a existir. Então o mundo ficou assim, deste tamanhinho. Globalização, informatização, robótica , transformações tremendas na sociedade. Como é que nós estamos preparando a nossa criança , a nossa juventude para isso? À base de discurso não dá! No mundo inteiro é mais ciência, mais tecnologia, melhor ensino em todos os níveis e tal e tal. E aqui ainda nós estamos mais ou menos a ver navios . apenas o pessoal se limita a comentar que as coisas não vão bem , mas o ponto essencial e fundamental acho que continua sendo esse , o abandono desses discursos genéricos para problemas muito mais específicos e uma consciência argutíssima de que se o conhecimento de que dispomos não for um conhecimento revistado, checado, provado , esse conhecimento entra na linha das teorias bonitas , palpites que qualquer um pode fazer e tal e tal. Submeta a uma prova , verifique se isso não é verdadeiro.

(Ana) Professor , se eu não estiver atrapalhando eu queria retomar...

(Samuel) Não, não. Termino aqui a minha parte, agora fique à vontade...

(Ana) A questão da Psicologia, o que seria a Psicologia, qual seria o objeto da Psicologia? Por exemplo no caso da Pedagogia seria a educação. E a Psicologia dentro das ciências irmãs...

(Samuel) A Psicologia é um desdobramento, como são também aliás as outras ciências, da Filosofia. A própria Pedagogia como a gente comentou antes, a chamada filosofia da educação é ainda esse remanescente da mãe na filha. A Filosofia antes era um nome genérico que incluía o que gradualmente se desgarrou constituindo ciências à parte. Se você pega por exemplo a obra de um Aristóteles entre os gregos antes de Cristo, você vê que Aristóteles fala sobre fenômenos biológicos, fenômenos físicos e sobre assuntos tipicamente filosóficos. Pouco a pouco as ciências foram se separando da Filosofia graças fundamentalmente ao método experimental, graças ao desenvolvimento de equipamentos, recursos e materiais que permitiam chegar a esse conhecimento empírico a que nós nos referimos etc, etc. E a Psicologia é uma das últimas a se desgarrar da mãe Filosofia. A Psicologia tem pouco mais de uma centena de anos, com que propósito? Com o propósito de trabalhar um tipo de problema, um tipo de desafio que nenhuma das outras ciências cuidava, a chamada vida mental, os fenômenos ou processos mentais. Poder-se-ia perguntar, mas isso não é a Fisiologia que trabalha? A Fisiologia estuda como por exemplo seu sistema nervoso funciona para que esses processos mentais ocorram, mas quando você se refere ao que você está imaginando, a algo que você sonha realizar, a noivinha pensando 'já estou me vendo à frente do altar com o padre' e fecha os olhos... isso é tudo fenômeno mental. A Psicologia nasceu então e se expandiu com este foco, estudo científico, ênfase no científico não no filosófico dos fenômenos/processos mentais. Na evolução da Psicologia surgiu um momento em que os próprios psicólogos passaram a reconhecer que os fenômenos mentais só podem ser estudados de modo indireto, através das manifestações deles. Por exemplo, seu olhar mostra que você está prestando atenção, os movimentos da sua mão, isso tudo que então passou a ser chamado comportamento. Daí a expressão Psicologia é o estudo do comportamento. Hoje em dia a tendência mental X comportamental está sendo resolvida de modo bem salomônico, diz-se que a Psicologia estuda os processos mentais e comportamentais... assim temos lugar para uma e outra coisa. Certas coisas nós só podemos de fato estudar comportamentalmente, por exemplo o comportamento do cachorro, eu não sei como entrar na mente do cachorro e cachorro não fala, ele não diz o que está se passando dentro dele. Mas eu posso estudar o comportamento dele como Pavlov fez lá nos reflexos condicionados, como Skinner fez

com ratinhos e tal. Então o comportamento é visível , é externalizado . Mas esses processos que nós chamamos de pensamento, raciocínio , inteligência, emoção, etc são processos mentais que vão muito além de um comportamento manifesto exibido pela pessoa . Por isso é que na Psicologia hoje em dia se insiste no fato de que também esses processos mentais podem ser estudados ao lado dos processos comportamentais. Então estudamos tanto o comportamento manifesto como o que poderia ser chamado algo intrínseco , algo que está operando dentro do sujeito valendo-nos da linguagem. Este ponto da discórdia é muito complicado para discutir com você aqui , mas no fundo é o seguinte para alguns psicólogos tudo é comportamento, essa pessoa que esteve aqui a Geraldina por exemplo adota este ponto de vista , tudo é comportamento , a linguagem é comportamento. Para outro grupo de psicólogos linguagem é algo diferente de comportamento e o que está me interessando não é a linguagem em si mas a comunicação que você me faz do que está se passando dentro de você, a linguagem é um comportamento mas o que me interessa não é este comportamento verbal seu, é o que é que através da linguagem está se mostrando. Cliente meu no consultório 'eu estou desesperado, eu acho que vou me matar, eu não aguento mais , eu estou numa crise existencial' , ora isso não é comportamento, é algo que está existindo dentro dele e o trabalho do psicólogo é 'vamos devagar, como é que começou isso, por que você se sente desesperado?' e ele vai pondo para fora uma porção de coisas que estão dentro dele. Mas note bem, eu não estou pesquisando a linguagem humana , o comportamento verbal humano, estou pesquisando isso que graças à linguagem humana eu posso saber que está acontecendo à ele. De modo que daí a ênfase que se dá hoje aos dois aspectos.

INTERRUPÇÃO PARA RECEBIMENTO DE CORRESPONDÊNCIAS

(Samuel) Voltando então , a Psicologia é entendida pois como estudo científico de processos mentais e comportamentais tendo em vista o quê? Tendo em vista primeiro descrever esses processos , visa o quê? Descrição . Além de descrever estes processos ela visa a compreensão destes processos . Não basta eu descrever , eu preciso entender estes processos . Compreensão . Em terceiro lugar , descrevendo e compreendendo, eu posso avançar um pouquinho mais para a possibilidade de eu poder prever . Então a previsão destes processos . E pelo motivo que é o mais complicados dos quatro , o controle destes processos. Se alguém disser a você que esse controle é autocrático, é totalitário, é fascista e tudo mais , não! É auto-controle inclusive . Eu ensino a pessoa a se controlar , então é auto-controle. Como você que come demais pode autocontrolar sua alimentação e com isso reduzir sua gordura? São técnicas que no fundo chegam à Psicologia por causa disto. Até o caso em que o controle de outrem é

legítimo, é válido por quê? Porque por exemplo, ele é um criminoso brutal, então o comportamento dele precisa ser controlado senão ele sai por aí matando e destruindo . A criança não é? A criança bate na irmãzinha , a criança rasga as coisas e tal... o comportamento dela precisa ser controlado e a grande chave é exatamente essa, de como passar de um controle externo para um controle interno. Como deslocar o foco do controle para que você seja senhora de você mesma? Você é dona de si própria e portanto pode dizer sim ou não quando lhe apraz, quando julga que é o caso de dizer sim quando é o caso de dizer não , ao invés de eu dizer não à você ou dizer sim à você , permito ou não permito. É você que deve ter este autocontrole. De uma forma ou de outra o problema do controle está muito ligado à área por exemplo, de distúrbios mentais, de problemas sociais, como reduzir delinquência e crime na sociedade , etc e esconde também preocupações que estão na área de educação , que no fundo no fundo é controle fazer com que a criança aprenda comigo a ler e escrever porque sem mim ela não aprenderá. Ela precisa contar com a minha ajuda e essa ajuda às vezes é um termo mais suave para no fim significar controle ... bem entendido pelos bons professores no sentido de que eu começo com o máximo de controle e gradualmente eu vou tirando esse meu controle para ele que cada vez mais assuma ele próprio o controle de si mesmo. Então no começo eu seguro a mão da criança para fazer a letra 'a' toda torcida e tal, eu vou ajudando e hipercontrolando , depois faz o 'a' com um pouquinho menos de ajuda até que por fim 'olhe o 'a' que eu fiz que bonito'... ela fez sozinha ninguém mais ajuda 'eu já sou dono disto aqui , agora pode ir embora eu já sei'. Este aspecto é muito bonito na Pedagogia , eu acho que é a coisa mais linda que na Pedagogia existe é essa... é dizer 'agora eu sou dispensável, agora você já é capaz , você já sabe nadar e você não precisa mais do seu professor de natação'. E aí eu digo que a grande felicidade em Pedagogia para o educador é quando descobre que não só eu professor de natação digo a você 'pode nadar sozinha' como você chega e diz 'professor o senhor me ensinou natação mas olhe o que eu ganhei ... esta medalha nas Olimpíadas e o senhor não ganhou até hoje, eu superei o senhor, eu sou mais do que o senhor é'. É lindo isso ! Poxa, é isso que nós queremos 'sejam, façam tudo o que puderem para serem melhores do que eu sou' seja lá o que for natação, Filosofia, Psicologia... Bom, portanto a ênfase da Psicologia é no método científico e por uma razão que é mais ou menos óbvia a Psicologia tem-se concentrado mais no que a gente chamaria psicologia humana . Quer dizer interessamo-nos por processos que ocorrem na criança , no adolescente , no adulto e tal e tal. Só que isso omite um fato de que uma grande parte dos conhecimentos psicológicos é obtido nos animais quer por que os animais são organismos mais simples, mais dóceis , dão menos trabalho... um retinho, uma barata , um

macaco, um gato são muito menos trabalhosos do que com sujeitos humanos; são mais suscetíveis de controle também quer por que os processos que nesses animais aparecem de certo modo são formas muito primitivas , muito básicas que em suas formas mais complexas geram o ser humano. O macaco, o gato, o cachorro aprendem como nós aprendemos também e de modo que boa parte da literatura sobre psicologia da aprendizagem se desenvolveu destas pesquisas feitas com animais . Pede-se apenas que se faça réplicas com seres humanos para ver se com seres humanos também é assim ou não. Mas de qualquer maneira a maior parte dos trabalhos da Psicologia tem mais em vista o ser humano mesmo , inclusive quando faz com o animal , mais ou menos à semelhança da Medicina . Você estuda tais ou tais novas drogas em ratos , em cavalos etc, então depois de verificado agora vamos fazer estudos em cobaias humanas , pessoas que já estão doentes e que podem inclusive morrer se não receberem esse suposto medicamento, aí que vai resolver o problema. Aí surgem uns 20 voluntários de A.I.D.S. para experimentar uma nova droga, quem sabe uma esperança para ele de que ele saia com algo que já está sendo testado a nível humano não mais animal e com um cuidado muito maior evidentemente. Acho que isso aí resume o que é a Psicologia ... bom, a Psicologia tanto em um sentido geral em relação a esses itens que eu mencionei a pouco inteligência, emoção, raciocínio, etc, etc, como também ganha um sentido de aplicações , Psicologia aplicada . É neste sentido que agora chegamos na Pedagogia . Como Psicologias Aplicadas as quatro áreas nobres são e tradicionalmente por assim dizer são a clínica , a psicologia aplicada ao contexto clínico no sentido de distúrbios , perturbações de natureza mental e comportamental; a psicologia escolar e/ou educacional... o que os ingleses chamam educacional é o que os americanos chamam de escolar e as fronteiras entre uma e outra não parecem se muito claras nos Estados Unidos psicologia educacional é mais acadêmica ensinada nas escolas e psicologia escolar é mais Psicologia praticada dentro da escola com a criança, com o adulto , etc... a psicologia aplicada à área do trabalho , psicologia portanto industrial, organizacional é a expressão que melhor corresponde a ela; por último o que seria a psicologia para a área de saúde , psicologia hospitalar e temas correlatos, é a Psicologia como uma espécie de ajuda ao médico , ao hospital, ao tratamento de doentes com uma série de aspectos , características e problemas que são associados com as próprias enfermidades , às próprias lesões , problemas de reabilitação por exemplo... uma psicologia da reabilitação , de pessoas que sofrem a amputação de membros e o psicólogo entra para ajudar o médico , a equipe médica , ou de crianças que vão ser operadas , vão passar por cirurgias extremamente traumatizantes e tudo , uma ação psicológica neste sentido é mais a área da psicologia da saúde e hospitalar. Seriam as quatro grandes áreas e uma porção de ou-

tras, mas essas quatro são as principais . No caso da escola o que acontece? Surgiu então esta duplicidade a que eu me referi e que de certo modo eu acho que caracteriza o estado de coisas atual. É de preferência chamada psicologia educacional uma psicologia que é ensinada em diferentes cursos, inclusive no de Pedagogia para ajudar na formação , na preparação do futuro professor . Então você se forma em Matemática só que além de estudar as disciplinas estritamente de Matemática , você deve fazer uma parte do seu currículo ... eu estou falando em termos do mundo inteiro, centrada em Pedagogia e em psicologia educacional. O que é que a psicologia educacional fornece neste sentido? Ela se concentra no conhecimento do educando sob o aspecto do desenvolvimento humano, como o ser humano se desenvolve desde a fase pré-natal até a morte , o desenvolvimento humano com ênfase maior evidentemente na criança e no adolescente quando se trabalha na escola. Mas hoje, aliás faltou isso no caso da Pedagogia ... a andragogia , a pedagogia da terceira idade como um dos setores emergentes e que está no mundo inteiro ganhando uma aceitação muito grande , a pedagogia do idoso e do adulto , a pedagogia da terceira idade como sendo uma das tônicas destes próximos 10, 20, 30 anos e que eu saiba não está sendo muito visada pelos nossos cursos .

(Ana) É , o trabalho da educação não-formal que acontece na empresa...

(Samuel) Pois é, acho que aí há mistura de águas porque o problema da terceira idade é múltiplo, é bio-psico-social de novo, apresenta uma série de nuances e aspectos e tudo mais quanto à ensinar e aprender junto a essas pessoas idosas representa desafios muito diferentes dos de ensinar-aprender com crianças e adolescentes . Mas voltando agora 1º-) conhecimento do educando sob o ponto de vista do seu desenvolvimento, como se desenvolve, 2º-) centrada em aprendizagem e ensino , seria a psicologia do ensino , de que maneira variáveis , fatores , condições de natureza psicológica influem no ensino e de que maneira se dá essa aprendizagem humana do ponto de vista psicológico, o que é que os psicólogos pesquisaram , investigaram a respeito de aprendizagem humana , 3º-) é personalidade e diferenças individuais no sentido de você saber não mais o genérico , como a criança em geral se desenvolve , como o adulto se comporta o idoso e tal , mas por que João é diferente de Maria, e por que João tem uma personalidade muito mais impulsiva etc, enquanto Maria é, estou usando uma linguagem vulgar, tem uma personalidade muito mais tranquila, sensata e tal , tem um temperamento mais agradável e tudo. Então essas diferenças de personalidade e diferenças individuais , há uma enorme variedade de fatores e condições inclusive de inteligência que constituiriam este 3º item , a psicologia da personalidade e das diferenças individuais. 4º-) Por último um outro problema

que por uma série de razões que não vem aqui ao caso, cresceu e ampliou-se tremendamente em Psicologia que é o problema da avaliação, a avaliação particularmente do ensinar e do aprender, até que ponto a criança de fato domina aquilo que lhe foi ensinado ou aquilo que foi aprendido. Então é a construção dos chamados testes de escolaridade e medida de desempenho da criança, avaliação formativa e somatória, avaliação diagnóstica e terminologias semelhantes, avaliação de programas. Tudo isso cresceu num contexto de Psicologia, também foi desenvolvido por psicólogos. A maioria destes testes teve uma origem psicológica e pouco a pouco os testes psicológicos foram se desvincilhando dos testes pedagógicos. Os testes pedagógicos passaram a ser cada vez mais concentrados em aspectos não psicológicos, problemas portanto de testes para medir a aprendizagem de fato, testes de matemática, testes de biologia, testes de química, testes de história e geografia centrados em processos e conteúdos, conhecimentos, compreensões, etc e uma variedade de coisas muito grande aí que são ensinadas e aprendidas na escola. Note no entanto que a preocupação com essa avaliação transcende os rótulos das disciplinas formais do currículo na psicologia educacional porque incluem a avaliação em contextos como treinamento de pessoal, área militar... Como se avalia se o sujeito que está ali fazendo exército aprendeu ou não a montar e desmontar uma metralhadora e tal? Então isto é território da avaliação dos psicólogos que juntamente com pedagogos começaram essa coisa toda que presentemente é fundamentalmente pedagógico. Hoje em dia a literatura sobre avaliação educacional é trabalhada 70, 80% lá fora por pedagogos e uns mais 20% remanescentes de psicólogos que ainda gostam disso e continuam a trabalhar com isso. Mas é outro território por excelência em que a Pedagogia tem muito a dar, mas que nos cursos de psicologia educacional, na disciplina psicologia educacional normalmente são enquadradas estas quatro rubricas como sendo atribuição do professor de psicologia educacional tratar destas coisas aqui. Aliás a avaliação educacional... faltou isso na nossa listagem anterior, educação especial, depois eu comentei da educação do idoso e tem a avaliação educacional como outro setor que se expandiu muito, cresceu, agigantou-se e hoje é especialização profissional.

(Ana) E que serviria para trazer fundamentos para outras áreas também.

(Samuel) Para você ter uma idéia, universidades lá fora hoje já ministram mestrado e doutorado em avaliação educacional, não é mestrado e doutorado em Pedagogia nem em Psicologia, mas em avaliação educacional. Então eu acho que é por aí, dá para a gente entender que a parte chamada psicologia educacional entra pois como uma espécie de contribuição à preparação do professor. O professor pre-

cisa saber um pouco disso tudo porque vai lidar afinal de contas com essas realidades , com a criança.

(Ana) E a Pedagogia também interfere na formação do psicólogo?

(Samuel) Falta no entanto o outro lado e a Psicologia não apenas como uma contribuição aí de linha teórica , disciplina acadêmica e tudo, mas na prática. Na prática o rótulo preferencial adotado no mundo inteiro e é esse que adotamos aqui também no Brasil a relativamente pouco tempo. Veja o primeiro curso de psicologia escolar criado aqui em São Paulo , eu dei juntamente com a Geraldina e mais um outro colega nosso já faleceu, da U.S.P. em 66 então a psicologia escolar muita gente nem sabia o que era, era uma palavra nova. 'Não é psicologia educacional?' , não ! É psicologia escolar. Se bem que nós tivéssemos tido psicólogos escolares no Brasil antes do nome existir. Desde os anos 30 foram criados geralmente subordinados à medicina e ao serviço de saúde , setores e serviços de atendimento à crianças que apresentavam ou problemas de comportamento ou problemas de aprendizagem. Estes setores e serviços nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro , estes setores e serviços faziam o que seria os primórdios da psicologia escolar no nosso meio . Então Joãozinho falta muito à aula, Pedrinho é muito mentiroso, Maria é muito agressiva e bate nos colegas, etc ... enviava-se lá para o serviço para eles verificarem se essa criança tem algum problema complicado que faz com que ela seja , note bem o detalhe aí , tão diferente das outras . Era mais a busca de casos de exceção que quebravam a disciplina da sala de aula ou a criança que fica muito tímida , fica o tempo todo chorando na sala de aula chora, chora ninguém sabe o porquê e a mãe diz a mesma coisa 'é, em casa ele chora muito e nós não sabemos , eu pergunto para ele e está sempre chorando' . Então esses casos problemáticos , chamados alunos-problema ou por que tinham um comportamento que discrepava do comum das crianças ou estavam encontrando muita dificuldade para aprender a ler , a escrever , para aprender matemática ... eram encaminhados à esses serviços. Isso era frágil, precário, apenas em duas, três, quatro, cinco capitais do país, mas gradualmente se entendeu que esse problema era muito mais generalizado do que se pensava de modo que o surgimento e a ampliação da psicologia escolar no mundo inteiro se deve à consciência de que os profissionais que trabalham na escola , além da professora que ministra as aulas, do diretor que dirige a escola e tal, pessoal auxiliar e além do dentista que cuida dos dentes das crianças , do médico que faz um acompanhamento da saúde das crianças peso, altura, menino que está com febre ... era preciso existir dentro da escola um psicólogo para ajudar os professores, professoras e a todos os demais que trabalham na escola no campo de competência que é o dele . Quer di-

zer ele tem condições de usar instrumentos para verificar como anda a inteligência da criança , a personalidade da criança , o comportamento da criança e domina técnicas instrumentais como os testes , os procedimentos clínicos e assim por diante que facilitariam então a solução desses problemas ou pelo menos atenuá-los , diminuir , reduzir esses problemas. O outro aspecto que a psicologia escolar assumiu nesses últimos anos , mais nestes últimos anos que antes, foi a passagem de uma linha de intervenção nos casos concretos que há o que fazer a uma criança que bate nos outros e que agride os colegas, para uma fase de prevenção. A intervenção dos psicólogos escolares nestes anos 90 , por exemplo, está sendo dito que deve ser a mais precoce possível, quanto mais cedo você detectar sintomas de que a criança está tendo um problema e este problema está se agravando , então detenha o mais cedo possível. Daí medidas preventivas no sentido de recorrer a uma série de expedientes que fazem com que em alguns casos nem sequer o problema apareça, por quê? Porque já bem cedo você está estimulando a sociabilidade da criança com os colegas ou o entendimento entre professor e aluno tal e tal, ou está dando aulas suplementares e tal. Não espere que a coisa amadureça e produza uma explosão . Então a psicologia escolar surge hoje como rotulada ou preventiva , ou de intervenção nos casos que requerem uma ajuda psicológica dentro da escola

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE FITA

(Samuel) Interrompeu onde eu não sei, mas só para recuperar um pouco vamos repetir o essencial. O essencial foi aquilo que eu disse agora há pouco que no caso francês a psicologia escolar surgiu oficializada , introduzida oficialmente no sistema educacional público em virtude de uma lei , lei datada de 1945 e que fez com que a partir dali os psicólogos escolares passassem a ter um lugar , pode-se dizer, obrigatório nas escolas. Isto é importante para algo que eu vou dizer depois em relação à psicopedagogia, porque de certo modo a psicopedagogia foi uma saída para o sufoco que os franceses estavam tendo de não ter psicólogos em quantidade suficiente para abastecer toda essa rede de psicologia escolar, mas isso é algo que vem depois. Agora no que diz respeito ao Brasil, o que acontece no nosso caso? Aqui (referindo-se ao seu livro que havia me dado) você tem uma indicação com bastante detalhes e por isso mesmo eu não vou entrar em minúcias de como surgiu a preparação do psicólogo em virtude de uma lei de 27 de agosto de 62, então esta lei dispôs sobre os cursos de formação em Psicologia e depois vieram outras leis que criaram a profissão pedagogo em 64, foi criada a profissão no país de psicólogo e também foram criados os conselhos etc, etc. Antes, em 62 a primeira especificação de um currículo mínimo e duração de um curso de Psicologia para o país. Os primeiros cursos de Psi-

ciologia surgidos em nosso meio são anteriores à 62, um pouco anteriores mas ainda tinha um caráter mais ou menos precário . Aqui (62) os cursos passaram a ter um currículo mínimo bem estruturado , baseado aliás nos cursos que já existiam o curso da U.S.P. , o curso do Rio de Janeiro, o curso da P.U.C.. Então é neste começo dos anos 60 que de fato se faz esta separação, este surgimento de uma Psicologia autônoma não mais subordinada à Pedagogia de um lado e não mais subordinada à Filosofia de outro lado. Porque antes ou ela estava em uma caso ou na outra , ou na Filosofia como psicologia experimental ou na casa da Pedagogia como no caso da psicologia educacional, as outras psicologias de certo modo estavam embutidas nessas duas. Por exemplo a área de psicologia da personalidade estava dentro da psicologia educacional na U.S.P. , a área de psicologia clínica estava dentro da psicologia experimental. Então faziam parte destes dois conglomerados: educacional de um lado e experimental de outro. O que é que vai então daí por diante ocorrer? Por um lado nós passamos a viver um período marcado pela presença do Chagas , do Passarinho, as famosas reformas que vão explodir nos anos 70 em que muita coisa boa se fez e que muita bobagem se fez também, muita tolice se fez. Uma das maiores e mais rematadas burradas foi a extinção do curso ensino Normal no país. Ao invés de fazermos o que todo o mundo fez, converteram as Escolas Normais em Escolas Normais Superiores , que foi o modelo francês adotado em outros países também. Nos Estados Unidos as muito antigas Normal Schools passaram a ser Colleges e depois universidades. Mas com esta confusão criada na época ... eu participei pessoalmente das reuniões com Valnir Chagas em que argumentei veementemente contra certas coisas dizendo 'você estão esvaziando a Pedagogia , a Pedagogia afinal de contas vai ficar com um currículo aqui que os pedagogos não terão mercado de trabalho', mas com os votos vencidos eu e os colegas que levantávamos essas bandeiras porque na ocasião, me lembro disso como se fosse hoje , o Chagas disse 'acontece que eu não vim aqui para discutir estas coisas com vocês, eu trouxe isto aqui para ser aprovado , quem quer assinar assina, quem não quiser não assina' . Então temos mais ou menos um mando militar no negócio, quem topa , topa ; quem não topa sai da sala. De modo que meio estomagado com esta coisa toda , naquela época eu levei ingenuamente aquelas propostas 'olha tecnologia da educação e mais isso e mais aquilo ... estas são áreas emergentes de trabalho, a avaliação, experts em problemas de avaliação e tudo' . A Pedagogia tomou então um rumo meio esquisito porque de um lado ela tinha perdido com a criação da Psicologia boa parte daqueles laços psicológicos , a Sociologia já era mais ou menos independente da sociologia educacional trabalhando à solta ... e agora o que sobrava? Sobravam estas disciplinas a que nos referimos e a meu ver faltou exatamente nesta mudança uma consciência mais clara de que nós estávamos

na Pedagogia e estamos na Pedagogia não formando apenas um profissional mas vários, nós estamos formando pesquisadores, estamos formando o indivíduo que atua num contexto universitário, secundário e de 1º grau seja lá qual for, programa de educação de adultos, treinamento na indústria e tal e tal. Esse era outro aspecto que a gente achava que era fundamental, que toda essa parte de treinamento e desenvolvimento de Recursos Humanos ficasse atrelada à Pedagogia ... também voto vencido. Mas...

(Ana) E que reuniões foram essas ?

(Samuel) Reuniões organizadas pelo então M.E.C. da época no Rio de Janeiro e que participávamos eu e outros convidados lá para discutir, mas que chegamos à seguinte conclusão de que estávamos indo lá mais para subescrever simplesmente, botar uma assinatura no papel lá. Então fizemos um voto separado, não adiantou nada porque a máquina já estava toda montada e aquilo era mais para inglês ver mesmo. Era o que o Valnir propôs mesmo que acabou sendo aprovado e sacramentado e é o que está aí até hoje. A Pedagogia portanto desvencilhando-se de um lado daquilo que angariou autonomia na Psicologia, mas sem ter muita consciência dos rumos que ela estava tomando no mundo inteiro e daquelas mudanças que estavam em marcha ... você quer ver uma outra coisa? Que a gente acaba falando e lembrando coisas que deveria ter mencionado, por exemplo naquela ocasião uma das coisas que estavam agitando, polemizando o mundo inteiro por uma série de razões, anos 60 indo do início para 70, a educação pré-primária ou a educação antes dos 7 anos de idade. Então havia toda uma efervescência e essa é outra bandeira básica da Pedagogia, onde é que você forma especialistas em lidar com crianças antes dos 7 anos, em programas visando crianças antes de 7 anos? Olhe que isso é muito abrangente porque vai desde os chamados centros de puericultura e mais não sei o quê, creches e assim por diante, até as classes prézinho para crianças de 6 anos, os jardins e essa coisa toda. Então toda essa gama que vai do nascimento até os seis anos, naquela época eu já dizia 'isto tem que entrar na Pedagogia, isto é propriedade do pedagogo a educação pré-escolar em toda a sua extensão' e no mundo todo já havia uma celeuma grande da importância e necessidade, o reconhecimento de que crianças que fazem pré-escola chegam à escola de 1º Grau mais maduras, mais competentes, mais capazes, são objeto de menos reprovação, deserção, abandono, etc. Parece-me pois que se perdeu aí um momento tragicamente por circunstâncias, de novo, político-ideológicas de construir uma bela Pedagogia no Brasil porque a visão que estas pessoas tinham - o tempo já passou e eu posso dizer tranquilamente isso - era muito fechada, eles eram incapazes de perceber que o Brasil é maior que o Piauí. Então achavam que o Piauí é o

Brasil de modo que aconteceu esta tragédia aqui entre nós.

(Ana) Será que eu consigo as atas destas reuniões?

(Samuel) Ah, é difícil. Isto tudo se perdeu com a poeira. Tantas e tantas e tantas reuniões organizadas a respeito de ensino de 1º Grau, de 2º Grau e tal que acabaram se transformando na legislação que até hoje é vigente. O fato é que por um lado então a Pedagogia ficou meio órfã de pai e mãe, ela não tinha mais nem aquele peso que a Psicologia de certo modo ajudava a dar a ela no contexto universitário e de outro lado não assumiu claramente estas responsabilidades quanto a tecnologias da educação, quanto a ensino pela televisão, rádio, cinema, recursos áudio-visuais etc, educação pré-primária, educação para adultos, educação para o idoso... tudo isso ficou assim nas entrelinhas e acabou se restringindo à Filosofia e História da educação, educação comparada, administração escolar e orientação educacional, educação especial, por aí. Não é mais ou menos isso?

(Ana) São fundamentalmente essas.

(Samuel) Acrescente à administração escolar a supervisão, a parte mais burocrática. Então eu acho que agora a vez é de vocês, vocês cidadãos do ano 2000, do próximo milênio entre os quais você se inclui gostosamente. Vocês têm que liderar uma retomada de uma Pedagogia sintonizada com o mundo. Então chegou a hora de dizer 'minha gente vamos parar com esta bobagem de achar que nós somos uma espécie de marcianos neste mundo de deus chamado brasileiro' e vamos pensar que as criancinhas e que os adolescentes na Turquia, na França, na Itália, na Alemanha, no Japão, na Sibéria seja lá onde for também aprendem, também se ensina matemática, física, biologia, língua mãe, uma língua estrangeira, essas crianças crescem, se desenvolvem e nós temos muito o que aprender com esta gente como eles também querem aprender conosco. Eu estou participando, agora mesmo devo estar no Japão na primeira semana de novembro para um congresso em que vamos trocar figurinhas entre japoneses e brasileiros sobre como o Japão pode ajudar o Brasil e como o Brasil pode ajudar o Japão a educar melhor as crianças de um e de outro país. Então reconhecer este que é um mundo pequeno em que todos hoje estão mais ao corrente do que os outros estão fazendo, significaria ver qual é, mapear qual é o estado atual da Pedagogia nestes países de maior ressonância, essas capitais de conhecimento das quais nós tiramos grande parte da nossa própria Pedagogia. É aquele famoso desafio quando você fala em determinados... que nomes vêm à sua mente quando você fala de grandes educadores tal e tal? Montessori, Piaget, Dewey... mas e brasileiro? Tem algum brasileiro aí no meio disso tudo?

(Ana) Paulo Freire!

(Samuel) Pois é, aí é que está, mas estes de fato... Porque aí é que está a diferença, estes que de fato marcaram a história da pedagogia com construções abrangentes, fundamentadas em pesquisas científicas e que mais ainda tiveram ressonância no mundo inteiro e influenciaram nos sistemas de ensino de todos os países de fato, são em sua maioria ou europeus ou americanos, queiramos ou não. De vez em quando a gente lembra com muito orgulho aqui no Brasil este ou aquele nome e os mexicanos lembram dois ou três nomes e os argentinos também lembram Sarmiento... Mas quem foi Sarmiento, você tem alguma idéia? Pois é, um grande nome da Pedagogia argentina mas isso é mais local, é uma história local. Em termos de história internacional e situação internacional de agora existem fontes e para minha surpresa a grande maioria dos autores brasileiros desconhecem e não mencionam e não se referem a elas e que são estes pontos de referência de como vai a coisa. Nossa biblioteca tem aqui uma 'International Encyclopedia of Education' de 12 volumes escrita por autores do mundo inteiro e que é um vastíssimo panorama do que é a pedagogia em 1994 e tá pouca gente cita esta obra, pouca gente sabe que ela existe, por quê? Porque a grande maioria continua olhando para o próprio umbigo e dizendo 'como é bonito meu umbigo!'. Olhe um pouco o que é a Suécia em educação, o que é o Japão em educação, o que a Índia está fazendo em educação, o que a Itália está fazendo e tal. Caio agora em um outro tema que você sugeriu aqui de por que a psicopedagogia? A psicopedagogia surgiu primeiro como uma outra expressão que designou-se no exterior, particularmente na Europa, a mesma psicologia educacional de um lado e de outro a mesma pedagogia experimental. Na verdade a pedagogia experimental tinha muito de Psicologia e a psicologia educacional por sua vez tinha muito de Pedagogia. Então a psicopedagogia aparecia como uma outra opção de nome, de rótulo. Eu posso chamar a essa coisa aí ou de pedagogia experimental ou de psicologia educacional se eu sigo o modelo americano... pedagogia experimental se eu sigo o modelo francês ou ainda psicologia pedagógica que os alemães usavam e surgiu também um neologismo 'psicopedagogia' juntando as duas palavras, ao invés de por a Pedagogia em primeiro lugar pô-la no fim e o 'psico' antes. Este movimento todo que foi portanto o nascimento comum destas áreas pedagogia experimental, psicologia educacional, psicopedagogia, psicologia escolar gradualmente essas coisas foram modificando, sofrendo alterações e num determinado momento da história francesa que eu não sei dizer a você quando foi, mas deve ter sido por volta dos anos 70, em virtude da dificuldade de encontrar pessoas para lidar com os problemas psicológicos das crianças nas escolas e ainda por que a formação do psicólogo na França era uma forma-

ção muito pesada e muito demorada com ênfase muito grande também em aspectos não pedagógicos passou-se a adotar o seguinte procedimento , as pessoas que tinham um diploma de licenciatura em alguma área, por exemplo você é licenciada em letras , outro é licenciado em geografia ... essas pessoas poderiam fazer um curso de curta duração - seis meses na maioria dos casos - e receber com isso um certificado ou atestado de psicopedagogia . Ao contrário do doutor, do mestre , do licenciado em tal e tal , era um certificado de emergência digamos assim . Então dava-se uma tonelada de conhecimentos psicológicos e pedagógicos para essas pessoas que geralmente vinham das áreas mais espaçadas e se reuniam nesses cursos, a exemplo das nossas licenciaturas aqui , se dava fumaças de Psicologia para elas e elas saíam por aí fazendo a chamada psicopedagogia . Foi mais ou menos por aí que começou , no sentido de aliviar um pouco o fardo das dificuldades que as crianças estavam encontrando nas escolas para aprender a ler, escrever e tal e tal, criado também por uma mania de revolucionar a Pedagogia francesa que de certo foi uma Escola Nova piorada com muitas idéias assim absolutamente antagônicas do chamado convencional em sala de aula. Então não havia mais conteúdo, o professor ensina o que bem entende, os alunos aprendem o que eles querem e senão quiserem não aprendem coisa nenhuma. Então 'vamos fazer uma grande festa e esta festa serve para a gente aprender tanta coisa' , no fim não aprendiam nada e só ficavam mais na festa . Então dentro disso começou a criar na França um problema cada vez mais sério... essa faixa crescente de crianças que não sabiam mais ler francês , não sabiam rudimentos de aritmética e se resolveu, o Ministério da Educação francês deu uma guinada procurando diminuir isso criando este certificado , esse atestado de psicopedagogia nos cursos de curta duração . Foi assim que nasceu no contexto francês a psicopedagogia , depois a psicopedagogia evoluiu e evidentemente essas pessoas passaram a ter associações no mundo ... mas com isso a França tem uma situação muito curiosa , ela tem nas escolas 1-) psicólogos pura e simplesmente, são psicólogos especialmente nas escolas privadas, 2-) psicólogos escolares, com esse rótulo mesmo, uma das associações mais poderosas de Psicologia na França é justamente a de psicólogos escolares de ensino privado de escolas confessionais, são psicólogos escolares que trabalham em escolas católicas de 1º grau, de 2º grau , 3-) e finalmente os psicopedagogos formados por esses cursos de emergência e que passaram a colaborar com a rede pública no sentido de aliviar um pouco os problemas que as crianças estavam enfrentando em sala de aula . Mas o problema maior é que o psicopedagogo não tem uma formação pedagógica nem uma formação psicológica no caso francês. Ele é na maioria dos casos alguém que faz uma licenciatura , quer dizer que o que ele tem de Pedagogia e Psicologia é o que ele aprendeu em virtude da licenciatura em ciência ou biolo-

gia, ou literatura , seja lá o que for . Aqui no Brasil a psicopedagogia apareceu como um modismo que soube espertamente amarrar-se ao piagetismo em voga aqui. Parece que o Brasil é o único país do mundo em que o Piaget é obrigatório em todas as escolas em virtude da reforma 'Passarinho'... sem nenhuma maldade, é fato concreto. Então a psicopedagogia , vamos tratar de nos prender mais à esta perspectiva, tanto quanto eu li e estudei sobre o assunto é o que eu posso dizer a você . Fontes principais nos casos de citação francesa 'Tratado de Ciências Pedagógicas' você tem em português em cinco volumes traduzidos já e que deve existir na biblioteca lá. Ele tem um capítulo específico sobre psicologia escolar e nos índices alfabéticos dos outros volumes se localiza lá 'psicopedagogia', 'Psicologia'... E um outro livro que se chama 'A Pedagogia no século XX' que é um livro escrito por múltiplos autores que foi traduzido acho que em Portugal, eu tenho a edição original francesa e depois saiu uma tradução em português mas editada em Portugal. Mas seria legal se eles denominassem 'A Pedagogia Francesa do Século XX' porque é muito mais a linha do que eles trabalharam lá na França . Lá existe também um breve histórico disto que eu estou contando a você de como surgiu a psicopedagogia para responder a essas necessidades urgentes de por nas escolas gente assim não tão preparada, mas que tem um realismo que ao meu ver é válido. É aquela velha história que diz o seguinte: 'Bom, para formar nós queremos agora criar uma nova situação , um pedagogo no sentido de expert em educação e tudo mais, necessariamente deve existir um em cada escola que tenha no mínimo 400 alunos , temos pedagogos em número suficiente para por em todas as escolas? Não , não temos . E então o que é que vamos fazer com essas crianças , quanto tempo vai demorar para formar o exército que nós precisamos formar para isso tudo? Porque o pedagogo morre também , se aposenta, então quantos nós temos , quanto tempo vamos precisar? Vamos precisar de 20 anos para formar o que precisamos agora. Então vamos fazer o seguinte, vamos fazer uma Pedagogia menor aqui de seis meses, vamos formar uma batelada de gente para aliviar um pouquinho esse problema'... É um desses pontos paradoxais , você pode dizer muita coisa em favor e muita coisa contra em discussões deste tipo. E acho que o caso da psicopedagogia também pega por aí . Pessoalmente eu vejo a psicopedagogia como, no Brasil, uma solução muito infeliz . É pessoal que não tem conhecimento, domínio de técnicas , habilidades de natureza psicológica e em não poucos casos também cuja formação pedagógica deixa a desejar.

(Ana) Está certo professor!

(Samuel)Então aqui está o violino e aqui está a partitura e você se apresentou como um 'violinoãoseiquelá', 'ah, mas

eu não sei ler a partitura e nem conheço o violino', então não dá. É por aí .

(Ana) Então está certo! Agradeço muito...

INTERRUPÇÃO FINAL

ENTREVISTA COM RENATO ORTIZ.

Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas / Departamento de Sociologia.

Formação básica : Sociologia.

Campinas, 22 de março de 1996.

(Ana Flávia) Dia 22 de março de 1996, entrevista com o professor Renato Ortiz no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , departamento de Sociologia. Bom professor, aproveitando de Certeau ... a questão dos lugares e espaços . Do meu lugar eu já falei um pouco a respeito da educação ... ontem a gente conversou um pouco sobre isso. Agora gostaria que você falasse sobre o seu lugar, o lugar da Sociologia, para que a gente pudesse nesta mistura , entrelaçamento de lugares, fazer desses lugares um espaço que abrangesse o movimento entre a Sociologia e a Educação... ver de a gente consegue chegar em uma enunciação que aborde esse movimento. Então professor primeiramente eu queria que você falasse um pouco sobre a Sociologia, o que é a Sociologia, o objeto da Sociologia...

(Renato) Não é muito fácil dar uma resposta rápida e concisa, mas de qualquer maneira podemos compreender a Sociologia como uma disciplina que se ocupa da sociedade , das relações e que se constitui num espaço teórico bem delimitado. Implica em que esse espaço tenha uma materialidade ... no caso se vincula à invenção da moderna universidade no século XIX , ou seja antes da moderna universidade no final do século XIX Não existia. Sociologia é isso. Implica também numa autonomia deste espaço em relação à outras disciplinas , portanto na constituição de uma especificidade e de uma interseção desta especificidade em relação a outras disciplinas tipo , sei lá, Filosofia... a Sociologia vira um território específico. Dentro da perspectiva de epistemologia tem um repertório amplo que não pode estar incluída só no sentido estrito... mas de Antropologia e de Ciências Políticas como hoje se coloca.

(Ana) Dentro da Sociologia?

(Renato) Sim, dentro desta idéia de Sociologia. Seria mais a idéia de Ciências Sociais.

(Ana) Este conceito de Ciências Sociais, Como ele é pensado dentro da Sociologia? Ciências Sociais...como são articuladas?

(Renato) Existe um objeto específico, existem regras específicas e estas regras têm sua validade dentro da disciplina , da mesma forma que a Economia também é definida como uma disciplina. Neste quadro que a Sociologia se coloca ... portanto não existe uma prática sociológica ,

mas na verdade uma prática no interior da disciplina . Isso significa que a relação da disciplina com o que está fora é sempre uma relação a ser construída que pode ser harmônica ou pode ser conflituosa. Não é o caso da Educação, ou da Pedagogia, que já se define como uma reflexão sobre uma prática . Isso significa que neste caso as fronteiras da Pedagogia são mais difíceis de serem definidas , porque neste caso a prática social do pedagogo tem implicações na própria construção da disciplina . Durkheim dizia que a Sociologia é uma ciência , a Pedagogia é uma técnica. Técnica não no sentido que nós entendemos atualmente, mas técnica no sentido medieval do termo , de artesanato ... técnica no sentido de que o indivíduo para fazer artesanato tem que ter um saber , mas não basta o saber, ele tem que se concretizar, se realizar de uma forma específica . Eu tenho a impressão de que Durkheim tinha razão neste sentido. Talvez não utilizaria os mesmos termos , mas ele tem razão neste sentido... a Pedagogia ou aquilo que chamamos de disciplina da educação , ou o nome que dermos, são na verdade saberes voltados especificamente para uma prática e por isso a educação , a Pedagogia, está muito marcada por esta prática nos diversos contextos históricos . Dito de uma outra forma: não há uma ciência da Pedagogia da mesma forma que existe uma ciência Sociologia. Mesmo assim é necessário alçar a idéia de ciência na Sociologia, se bem que não é o caso da nossa discussão aqui, mas mesmo se nós não alcanássemos eu acho que as diferenças são essenciais.

(Ana) E neste termo 'Ciências Sociais' existe algum tipo de conflito? Alguma falta de integração... como as várias ciências sociais , como elas são articuladas?

(Renato) Bom, tem um ponto preliminar agora na medida em que essas várias ciências se desenvolveram houve no interior das ciências sociais um processo de especialização das disciplinas no caso da Sociologia stricto sensu , Antropologia stricto sensu, Ciência Política mais stricto sensu ... e no interior destas disciplinas houve ainda processos de especialização maiores : sociologia do trabalho, sociologia da educação, sociologia da literatura, e etc. Há um processo de racionalização e especialização das disciplinas , o que por um lado tem vantagens e por outro profundas desvantagens. Algumas vantagens obviamente na medida em que se estabelecem universos menores em relação à sociedade e é possível acumular conhecimentos mais rapidamente. Por outro lado na medida em que você incentiva este movimento , você perde uma visão de conjunto... a especialidade acaba tomando uma preeminência tal que você já não mais consegue pensar as relações sociais em um nível mais amplo.

(Ana) E hoje existe este espaço onde...

(Renato) Eu diria que há uma tensão , se eu tivesse que dizer eu diria que a tensão está mais favorável ao processo , digamos mais de universalização.

(Ana) Porque esta questão é muito pertinente dentro da Educação também... um espaço de integração das várias especializações.

(Renato) Sem dúvida!

(Ana) A Sociologia é um tema que me interessa também. Professor e qual seria a contribuição da Sociologia para o olhar a educação?

(Renato) A sociologia da educação contribui na medida em que esclarece os conjuntos de mecanismos existentes a respeito do processo de socialização em particular , seja o processo de socialização profissional através da escola, ou o processo de socialização através de outras instâncias como a família, meios de comunicação.

(Ana) Interessante esta abordagem porque normalmente as pessoas ficam muito presas ao conceito de escola, à educação formal...e agora você abordou mais...

(Renato) É porque a Pedagogia recorta a socialização através de uma instituição específica ... porque a Pedagogia , a história da Pedagogia está muito ligada à história da formação de professores.

(Ana) E essencialmente a legislação toda...

(Renato) As Faculdades de Educação foram inventadas para formar professores...

(Ana) E o Valnir Chagas chega a falar em 62 que deveria ser o curso de Pedagogia voltado para a formação a nível de 3º grau e a formação do pedagogo a nível de pós. Isso é muito complicado porque a visão de educação como um todo... A educação pode ser formal , ter o aspecto formal, não-formal e informal. O formal seria o escolar, o não-formal seria o sistemático, o tético mas não dentro da escola , como você disse na família, nos meios de comunicação, nas empresas...

(Renato) Uma sociologia da educação seguramente, embora não se desenvolva tanto aqui, mas seguramente tem como objetivo outras instâncias de educação e não exclusivamente a escola. Agora, obviamente a escola foi, digamos cristalizaram-se na escola os interesses não por motivo conceitual mas por motivo de pacto. As faculdades de educação estão vinculadas ao sistema de ensino. Não existe Faculdade de Educação sem sistema de ensino. Então na verdade elas continuam até hoje , formando professores

que têm como objeto de reflexão e de atuação os sistemas de ensino diferenciados.

(Ana) É, e hoje está havendo uma discussão, bom "hoje", na Faculdade de Educação, no departamento de Ciências Sociais justamente em relação à educação formal e não-formal, o tentar fazer com que o pedagogo olhe para essa educação não-formal, porque a atuação do pedagogo dentro da escola é muito mais cercada, é muito mais difícil você levantar conflitos e contradições e mudar... porque o sistema está todo estabelecido... é muito complexo o sistema escolar, enquanto a educação não-formal te dá um espaço de atuação muito mais crítico, por exemplo o Projeto Axé na Bahia. Então eles estão tentando retomar esta discussão do pedagogo na educação não-formal também. E professor, como a Sociologia da Educação, o sociólogo da educação apreende a educação? De onde ele tira a problemática, ele não aplica...

(Renato) Não, pensando 'stricto sensu' de quem está do lado das Ciências Sociais, vamos chamar Sociologia para economizar os termos, ele está interessado em construir um objeto e este objeto pode ser a educação, pode ser a mídia, pode ser o trabalho, pode ser a imigração ou qualquer um destes objetos. A educação, dentro deste ponto de vista, não tem nenhuma particularidade que a distingue dos outros objetos em termos de hierarquia ou de tratamento. É um objeto entre outros. O que acontece é que este objeto é disputado por outras pessoas que são justamente os pedagogos. Os pedagogos pegam este objeto educação e o transformam na matriz da totalidade de seus interesses. A Sociologia não tem a totalidade dos seus interesses inscritos no tema educação. Ela se interessa pelos protecionismos, ela se interessa por um conjunto de temas da política, economia ou cultura. Na educação não, a educação já é um tema específico que é retirado mas não em função de uma, creio eu, perspectiva do interesse teórico... é isso o que distingue o que é talvez educação para um sociólogo e para um pedagogo. O pedagogo na verdade vai recortar segundo outros interesses, ele recorta a educação, retira a educação do resto, não a educação do contexto sociedade mas dos outros temas, e transforma aquilo na sua totalidade, no seu universo de interesses.

(Ana) E a educação seria um objeto?

(Renato) Seguramente para o sociólogo a educação é um objeto, só que ele diria antes que a educação não seria um objeto que se reduziria à educação formal. É um objeto que pode ser a educação formal e muitas vezes acaba sendo formal. É por isso que muitas vezes os sociólogos que escrevem sobre educação e são lidos na educação, eles têm uma certa dificuldade... ou o aceitam muito bem, ou o

aceitam muito mal. É diferente da proposta. Por exemplo Bourdieu e Passeron, a leitura de textos que eles fazem da sociedade ... não são textos de pedagogos, a reflexão que fazem não tem necessariamente uma implicação na Pedagogia, ou seja eu não posso na leitura de Bourdieu e Passeron retirar ensinamentos para uma técnica pedagógica. Para isso eu teria que cruzar os elementos que eu tenho no texto de Bourdieu e Passeron com outros elementos de muitos outros educadores ou políticas de outros pensadores. Não porque os textos de Bourdieu e Passeron sejam ruins, não porque sejam incompletos, não porque sejam insuficientes... e isto é válido para qualquer outro texto.

(Ana) Então na verdade o que distinguiria o pedagogo dos demais seria a própria didática? A didática daria esta especificidade?

(Renato) Eu tenho a impressão que a Pedagogia está próxima um pouco da engenharia. A engenharia não é uma ciência. Muito próxima do Direito também... o Direito não é uma ciência no sentido de que a Física é uma ciência, a Sociologia é uma ciência. Veja, eu poderia inclusive criticar a idéia de ciência na Sociologia e na Física. Não vou fazer isto para não complicar. Mesmo aceitando as críticas existe o direito a um saber específico, eu estudo Direito, sou obrigado a conhecer um conjunto de técnicas, eu tenho que ter certo entendimento da sociedade ... mas com uma finalidade: eu tenho que dar respostas concretas às situações concretas. Divorciou, a quem cabe a parte da herança? Estabeleceu-se um acordo internacional... corre-se ao acordo estabelecido. Para eu estabelecer critérios de justiça e injustiça eu tenho um conjunto de procedimentos legais que eu sou obrigado a conhecer e esses procedimentos legais são definidos em função das hierarquias... entende o que eu quero dizer? A mesma coisa a engenharia. Um engenheiro trabalha com Física, um físico teórico faz suas experiências em função do contexto em que se encontra a disciplina tendo inclusive a possibilidade de escapar da realidade muito maior que um engenheiro. O engenheiro tem que ter aqueles conhecimentos todos, porém ele tem um outro elemento, o elemento técnico no sentido anterior que eu estava te dizendo da Pedagogia, ele tem que dar respostas às situações extremamente concretas. Portanto é um saber que tem cruzadas utilizações as mais variadas possíveis, inclusive utiliza fontes e disciplinas científicas as mais diferentes, porém terá que responder às questões concretas muito específicas.

(Ana) É engraçado professor, você chegou muito próximo de algumas questões muito pertinentes na Educação e que estão acontecendo agora...

(Renato) Ou seja, na minha visão, a visão ideal da coisa, um sociólogo está menos envolvido pela prática que um

pedagogo. Isto em termos ideais, fatalmente não é assim porque você tem ideologias , mas do ponto de vista abstrato é assim que se dá.

(Ana) É, porque a grande preocupação na discussão que vem de anos na Faculdade de Educação é a seguinte... A Pedagogia, ou o termo Pedagogia se aplica, ou seria mais aplicado às ciências da Educação, como ciências sociais e ciências médicas, ou ciência da educação? Essa na verdade é a grande discussão. O Gadotti por exemplo, diz que o termo Pedagogia não se aplica mais à sociedade de hoje porque o pedagogo era aquele que conduzia as crianças até quem iria ensinar, que isto já está ultrapassado e tal. Já outros defendem o termo Pedagogia como espaço justamente onde todos os modelos conceituais que tratam da educação de alguma forma vêm responder às questões práticas . Voltando às pessoas que dizem a respeito de ciências da educação, elas falam que a Pedagogia seria, o pedagogo seria aquele profissional que saberia um pouco de cada ciência aplicada à educação , então seria a aplicação...a Filosofia aplicada à educação, a história aplicada à educação, a sociologia, a economia e tal. E os partidários da Ciência da Educação dizem que não se pode dizer que são ciências ... no caso o problema surgiria na prática educativa, viria buscar suportes nos vários modelos conceituais e voltaria para a educação. Uma das discussões é a do colonialismo epistemológico ... em determinada época a Sociologia ganha ênfase então caímos num sociologismo...

(Renato) Não existe esta relação, nunca vai existir. Pode mudar de nome que não vai adiantar nada. A especificidade já está dada desde o final do século passado. Isto é uma briga interna que os pedagogos vão ter , mas na minha impressão, não vai ter nenhum rendimento. Mesmo que eles definam que seja uma ciência , a Educação vai continuar a mesma coisa. Quer dizer, muda de nome , não vai mudar a natureza do problema. A natureza do problema está na fundação das diferentes vocações, são vocações diferentes. Pode-se chamar de Pedagogia , ciência da educação ou ciências da educação... podem rebolar o máximo para fazer isso mas a vocação inicial... É o mesmo drama de quem faz comunicação. Existe uma ciência da comunicação? Claro que não existe. Houve um certo momento em que as pessoas apostaram nisso, escreveram toneladas de papéis , só que até hoje não conseguiram sair do lugar... não vão conseguir sair do lugar. Por quê? Porque as Faculdades de Comunicação foram criadas muito posteriormente às Faculdades de Educação mas com uma vocação também específica. A pessoa que entra na Faculdade de Comunicação segue uma carreira específica para uma profissão. Qual a profissão? A profissão é ser publicitário, a profissão é uma profissão que está regulada e com certas funções. A Sociologia vive este dilema também mas em parte. Existe uma profis-

são do sociólogo se a idéia do profissional da educação existe . Então por exemplo existem pessoas que entram na faculdade querendo justamente aplicar os seus modelos para resolver determinados problemas. Existe uma Sociologia aplicada e profissionalizante, só que a Sociologia não se define assim, ela se define de outro jeito. E não nasceu assim, nasceu de outro jeito. Se eles fosse predominante , a Sociologia se aproximaria da Faculdade de Educação. Eu diria que tem mais chance a Faculdade de Sociologia se transformar em um tipo de Faculdade de Comunicação e Educação do que o contrário. Porque o contrário , justamente no século XIX quando estas disciplinas foram fundadas , o ponto de partida é diferente.

(Ana) E no caso a função social do pedagogo , ela não está ligada...

(Renato) Eu diria que são saberes . Não há porque estes saberes não serem práticas.

(Ana) Não há nenhum demérito nisso.

(Renato) Eu não vejo nenhum. Não há porque exigir ou de alguém que faça Comunicação , ou de alguém que faça Educação imaginar o rigor , a disciplina que existe na fronteira das ciências sociais , da Sociologia no caso. Por quê? São ocupações diferentes. É a mesma coisa que um físico, numa conversa de bar ele pode desmerecer um engenheiro , e eles fazem isso... basta você frequentar a área. Porém no convívio social se vê pessoalmente o impensado ou inócuo considerado como alguém superior ao engenheiro , ou a ciência da Física superior ao saber engenharia.

(Ana) A questão do 'fetiche' em torno do termo ciência...

(Renato) ... em torno do termo ciência. São disciplinas que estão conseguindo se construir definindo um objetivo vamos chamar esta objetividade de cientificidade, ora esta cientificidade é dada a duras penas no interior de contextos. Ora não há porque imaginarmos que isso tem que ser padrão válido para toda a sociedade ou para todos os saberes.

(Ana) Então a universidade no caso, não teria um compromisso só com a ciência.

(Renato) Não.

(Ana) Mesmo a nível de pesquisa e ensino... então por exemplo pesquisa , ensino e extensão...

(Renato) A universidade tem um conjunto de funções que é de formação, desenvolvimento de ciências, de pesquisa em

torno de várias atividades. Ela tem outras atividades... uma por exemplo a atividade cultural que não é científica, a atividade cultural. Não há por que imaginar a universidade socialmente como um espaço específico da ciência. É um espaço onde se dá ciência... se não tiver este espaço a ciência não tem outro, a verdade é essa... ela não tem outro espaço na sociedade contemporânea.

(Ana) Mas na verdade a ciência acaba...esse saber, essa técnica da Pedagogia não exclui a ciência mas se alimenta...

(Renato) Ela se alimenta de um conjunto de outros saberes e discursos científicos, é só saber qual é o ponto ideal desta utilização e a vocação das faculdades.

(Ana) Aí as faculdades de educação seriam um espaço que teceria os vários conhecimentos científicos, mas com este enfoque de técnica...

(Renato) Técnica no sentido anterior, não de técnica no sentido experimental, racional... técnica no sentido de se realizar algo. A idéia de técnica implica em realização, em fazer. Por isso alguns antropólogos aproximam a idéia de técnica à idéia de magia e opõem a magia à religião. A religião é uma cosmovisão muito teórica, a magia é prática no sentido de... mesmo que ela der errado não tem problema, aí eu realizo algo determinado para atingir determinado objetivo... ficar mais rico, conseguir minha mulher de volta, matar o inimigo, ou seja... ela passa por uma concretização, esse elemento da magia implica no fazer.

(Ana) E ela se alimenta da religião.

(Renato) É lógico que ela se alimenta da religião mas ela tem este lado do fazer. É neste sentido que o Durkheim está dizendo que, pelo menos em termos técnicos no século XIX, fazer implica no artesanato que faz, realiza o objeto e pode ver naquele objeto um todo, ao passo que o espírito científico é mais ascético, ele se distancia deste fazer. O seu objeto é abstrato, é construído abstratamente. Neste sentido não existe... por isso Durkheim dizia que a ciência é uma moral sem ética. O que era uma sem ética? Uma moral que não tem consequências práticas, ou seja através da ciência eu só tenho o 'ethos', o 'ethos' científico, mas através da ciência eu não vivo padrões de realização, de comportamento para a sociedade. Eu não modifico nada na ciência. No fundo é isso... eu penso mas não ajo. Ao passo que o saber técnico é ao mesmo tempo uma reflexão e uma ação. Neste sentido, eu sinceramente não vejo por que este aspecto de complexo. Na verdade eu não vejo por que as coisas devam ser colocadas desta forma, eu vejo como vocações diferenciadas, não sob o ponto

de vista individual, vocações diferenciadas da vida social.

(Ana) No caso, os professores da Faculdade de Educação deveriam ser , por exemplo o departamento de Ciências Sociais aplicadas à educação... deveria ser o sociólogo?

(Renato) Aí eu acho que é possível que sim e é possível que não. Depende do como você definir. Eu não vejo por que um departamento de Ciências Sociais aplicadas à educação seja exclusivamente composto por sociólogos... pode ser por antropólogos, pode ser também por pedagogos. Porque seria incongruente com o que eu disse anteriormente se eu afirmasse o contrário. Porque na verdade , digamos as faculdades de educação deveriam ser uma instância onde estes objetivos mais gerais pudessem ser equacionados . Agora estes objetivos só podem surgir num conjunto de disciplinas e saberes e práticas dentro da própria Faculdade de Educação, ou seja a Faculdade de Educação não é um conjunto de interdisciplinaridade , não é isso . Mas é diferente.

(Ana) No caso o próprio sistema departamental não fosse o ideal...

(Renato) Eu não saberia porque nunca pensei nisto com detalhes, organizado de maneira...

(Ana) Eu também nunca pensei...

(Renato) A Faculdade de Educação é importante que tenha os objetivos claros , que pense com clareza quais são as distinções ...

(Ana) Porque aí o vínculo... uma coisa que o Wilson Cano falou sobre a Faculdade de Educação é que ela acaba se isolando na universidade, ela usa as várias ciências da universidade mas de uma certa forma acaba se fechando , ela não tem um contato , e deveria ter, com as outras áreas, com as Ciências Sociais, Economia, História ou Filosofia.

(Renato) Ela tem...

(Ana) Quando a gente discute as nossas questões no dia a dia, nas aulas, vocês não estão presentes , vocês estão presentes eventualmente em alguma palestra, algum debate e talvez este vínculo devesse ser mais forte.

(Renato) Poderia ser cultivado de outra forma...

(Ana) Por isso agora me ocorreu a questão do departamento. Tem um departamento de Ciências Sociais aplicadas à Educação na Faculdade de Educação o que acaba fazendo com

que a pessoa fique dentro da F.E., não tenha acesso até o departamento de Sociologia aqui.

(Renato) Pode até ser mas você pode imaginar o ponto de vista inverso. Se você não tivesse o departamento de Ciências Sociais aplicadas à Educação, vocês não veriam sequer o que vocês estão vendo hoje, uma vez que este contato não está estabelecido. A situação ficaria ainda mais difícil.

(Ana) Porque poderia haver aulas aqui por exemplo.

(Renato) A Faculdade de educação poderia eventualmente, deve até haver a possibilidade no currículo o fato de se fazer o curso... Em São Paulo alguns estudantes de comunicação têm um interesse muito grande em fazer ciências sociais, isso poderia ser possível do ponto de vista da estrutura curricular, isso não significa que não deveria existir Ciências Sociais na faculdade de comunicação ou na Faculdade de Educação, mas no conjunto da universidade você poderia compor seu currículo de forma mais aberta. Talvez seja isso.

(Ana) É que é redundante, pensando agora sobre isso, a gente tem sociologia geral lá com o professor de lá quando na verdade seria importante para o pedagogo, já que ele se alimenta das várias ciências vir até o lugar onde a Sociologia...

(Renato) Você poderia perfeitamente ter sociologia geral lá e depois ao longo do currículo algumas sociologias especiais você fizesse fora. Não há nenhum problema em função do currículo, a questão é saber só em função do que a educação define o perfil do seu formando, porque aí sim pode haver uma ênfase muito maior na Pedagogia do que na formação mais abstrata. Aí é uma questão de como inteirar estas coisas.

(Ana) Porque na verdade o que eu pensei agora, por isso é bom entrevista... as coisas vão se amarrando, esse próprio isolamento da Faculdade de Educação acontece porque ela se coloca numa condição de autonomia. Essa discussão na verdade nasce neste sentido.

(Renato) O problema da Faculdade de Educação não é o isolamento, é a sua abertura. É aberta demais... Se ela fosse fechada como a Sociologia que delimitou suas fronteiras, os problemas seriam muito menores. A Faculdade de Educação é extremamente aberta porque ela já é formada numa encruzilhada, ela se constitui numa encruzilhada...

INTERRUPÇÃO PARA TROCA DE FITA

(Ana) E professor, agora mudando de assunto , no seu cotidiano... o Renato Ortiz não é mais o professor de Sociologia... qual é o seu contato no cotidiano com o pedagogo?

(Renato) Pequeno, como é pequeno o contato com outras instâncias da universidade. A meu ver não é nenhuma especificidade no pedagogo. Eu tenho muitos alunos , talvez tenha até mais contato que muitos colegas meus. Que tipo de contato... eu tenho vários alunos que vêm da educação para os meus cursos. Então eu tenho tido regularmente alunos da F.E..

(Ana) E no seu dia a dia , enquanto cidadão comum, como você vê a presença do pedagogo? Não sei se você tem filhos...

(Renato) Aí eu só posso ver como pai. Eu acho importante na escola... eu não acho importante, eu acho fundamental para quem... Ou seja qualquer preocupação, saindo do ponto de vista intelectual , saindo do ponto de vista profissional, a preocupação de qualquer pai ou mãe é colocar os filhos numa boa escola. O que é uma boa escola? Eu sei que os conceitos mudam mas para mim , falando como pai , seria uma boa formação , mais universal que constitua a possibilidade de trazer um conjunto de conhecimentos que situe a criança e o adolescente n vida de uma forma diferenciada das outras instâncias de socialização , ou seja não há necessidade nenhuma ... Eu quando fui colocar minha filha na escola , eu escolhi a dedo por quê? Porque eu queria que ela fizesse uma escola que não só fosse do tipo autoritária , austera , mas uma escola que tivesse conteúdo, tivesse uma visão política do mundo , mais crítica e que tivesse também , que incentivasse entre os alunos um tipo de vida um pouco distinta do que as pessoas têm na televisão, no shopping center , porque aí não precisa ... as crianças vêem televisão e vão ao shopping center. Se for fazer alguma coisa acoplada a isso eu não estou acrescentando nada. Então no meu caso interessava por exemplo, que a pessoa tivesse esta possibilidade . Não que todos os alunos fossem introduzidos numa forma única , mas a escola em que eu coloquei minha filha tem esta possibilidade, tem este perfil.

(Ana) E que outros campos de atuação você vê como possíveis campos de atuação do pedagogo?

(Renato) Ah, vários! Política educacional, na formação de professores . Não há nenhum prospecto...

(Ana) E no caso da educação não-formal?

(Renato) Poderia, aí eu acho que as Faculdades de Educação mudariam um pouco...

(Ana) Mudaria um pouco este perfil?

(Renato) Poderia mudar, agregar na Faculdade de Educação um conjunto de preocupações novas na formação da criança, não apenas a nível de educação formal. É um campo em aberto que não seria negligenciado.

(Ana) Porque se a gente for observar, a educação acontece o tempo todo... a educação informal, a educação...

(Renato) Se você for identificar a educação à socialização, aí é uma coisa permanente.

(Ana) Como a formação da 2ª natureza...

(Renato) Agora, acontece que a escola no século XIX, as teorias que fundam as Faculdades de Educação e a origem disso é que a escola é o elemento fundamental se não é 'o', é 'um' dos elementos fundamentais na constituição do cidadão. Então aí a escola, sobretudo a escola republicana, tem muito clara esta visão de ensino leigo que forma o cidadão... não sei se isso é verdade hoje, a indústria cultural tem muito mais peso em educação e na socialização que qualquer escola, sobretudo no caso do Brasil em que o ensino é caótico. Então neste caso, é o seguinte, a educação já não é mais, a escola já não é mais o lugar privilegiado da formação nem do cidadão, nem da sua socialização. Ela dá alguma coisa... já não é mais o lugar preponderante e privilegiado. Neste sentido as Faculdades de Educação perdem em importância não por que elas não são científicas, elas perdem importância porque outras fontes que concorrem com a formação tornam-se mais importantes. Ou seja, as faculdades de educação não concorrem em legitimidade com a T.V. Globo.

(Ana) Quando na verdade, por exemplo o programa 'Rá-Tim-Bum' tem todo um respaldo pedagógico e tem um alcance maior que a escola...

(Renato) Sim, aí poder-se-ia pensar no interior da Faculdade de Educação toda uma parte de vídeo e informática, isso poderia ser feito... O pedagogo ter um setor específico que trabalharia com histórias de crianças produzidos em vídeo.

(Ana) Mesmo o pedagogo na empresa é algo que hoje é muito requisitado... a Gessy Lever requisita e de repente o pedagogo não está preparado para isso.

(Renato) Sim, aí tem outras funções que poderiam ser abertas. Provavelmente as faculdades de educação têm sido muito transmissionais. Eu diria que muito mais interessante que ficar discutindo se é ciência da educação,

ciências da educação ou pedagogia, isso aí tá dado, seria discutir como uma Faculdade de Educação pode se inserir no mundo contemporâneo... dando conta dos problemas do mundo contemporâneo.

(Ana) Na verdade este é o principal problema...

(Renato) É, eu acho que sim, mais por este lado como a formação do cidadão no mundo contemporâneo é feita e de que forma a educação no sentido amplo e não no sentido pedagógico escolar, poderia trabalhar... Aí você sai, aumenta, alarga os horizontes. Quem sabe as faculdades de educação poderiam chegar a algumas propostas distintas de grades curriculares internas. Poderiam até manter formação de professores de um lado, este tipo de coisa... os educadores poderiam trabalhar questões de literatura infantil, livros infantis, quem faz isso? A Editora Abril. Quem faz isso? A televisão Cultura. Quem trabalha nisso? As pessoas que fazem livro não estão interessadas, não tem um saber maior, uma reflexão sobre criança, sobre espaço, sobre o que é educação. Isso poderia ser feito, sem dúvida nenhuma.

(Ana) É, a gente chegou num ponto interessante porque...

(Renato) Mas quem se ocupa desta área?

(Ana) A indústria cultural.

(Renato) A indústria cultural. Olhe aqui o seu ...

(Ana) Chamequinho?

(Renato) Não são vocês que estão fazendo, são as indústrias de brinquedos.

(Ana) Exatamente! Aí eu volto na questão dos departamentos. Na Faculdade de Educação nós temos cinco departamentos: o departamento de Psicologia aplicada à educação, Ciências Sociais, Supervisão e Administração, Filosofia e História, e um departamento que é de Metodologia. Então na verdade um quinto só dos departamentos é dedicado à educação em si, aos campos de atuação na educação. Os outras queiram ou não, são muito o olhar do historiador para a educação, mas onde se articula isso é no Departamento de Metodologia não é?

(Renato) Mas existe uma instância que dá os objetivos centrais da Faculdade?

(Ana) A nível de departamento?

(Renato) Não, a nível da faculdade, a congregação... O grande problema é o seguinte, em que medida vocês são só

um conjunto de departamentos separados ou se esse conjunto de departamentos se articula de forma mais orgânica na determinação de objetivos mais gerais. É isso que dá a Faculdade de Educação, se você determina dividir aqui em departamentos não tem grande problema porque as disciplinas estão constituídas ... a História está constituída, a Filosofia está constituída, ninguém... aí eles vão até preferir que fique assim. Mas agora uma Faculdade de Educação, justamente por ser uma encruzilhada, se você a segmenta não é mais encruzilhada, vira esquina não é verdade? Cada um está numa esquina. Agora eu não sei, como funciona a Faculdade de Educação tem que ver no interior do contexto da Faculdade, como se estabelecería este conjunto de uma forma mais orgânica e dinâmica. Aí sim os diferentes departamentos existentes, ou os que vierem a ser fundados ... o que seja, poderiam articular propostas diferenciadas no contexto da formação dos indivíduos.

(Ana) É, então talvez atrás de todo o discurso de ciência da educação, ciências da educação e pedagogia, esteja uma questão muito maior...

(Renato) Eu creio que sim. Eu acho que esta discussão é uma falsa discussão, quer dizer cria-se um falso problema. Todos os argumentos de forma brilhante para cada posição mas no fundo este problema é insolúvel e esconde um problema maior. Do ponto de vista da cientificidade, as Faculdades de Comunicação não podem competir com a Sociologia e nem com a Economia... mas não há por que tomarmos como parâmetro de hierarquização dos grupos na sociedade. Nós devemos tomá-las como vocações diferenciadas.

(Ana) E de repente se a gente analisa o quadro de professores da Faculdade de Educação, a parte que está voltada à técnica, o departamento que por definição teria esse papel, é mínima ... adquire uma importância mínima no todo.

(Renato) Eu não sei porque eu não conheço, mas se você ficar demasiado na técnica você fica exclusivamente na rotina. Se você puxa para o lado da abstração você perde no lado da técnica... como vocês não podem puxar demasiadamente aqui porque a técnica é o, técnica no sentido do fazer constitutivo do universo que vocês estão trabalhando, vocês têm que estabelecer o ideal entre a reflexão e o fazer.

(Ana) Porque na verdade o que eu fico pensando é o seguinte, já tem na universidade...

(Renato) É, eu acho que vocês já têm um ideal estabelecido, em que de alguma forma a história das Faculdades de Educação já tem mais ou menos o ideal, provavelmente não vai levar a um consenso ... eu acho que se eu tivesse que

pensar sobre isso não pensaria pelo lado da cientificidade, pesquisaria o lugar das Faculdades de Educação no mundo contemporâneo. Para mim é isso.

(Ana) São duas questões distintas ... perfeito! Professor o senhor tocou em todos os pontos...

FIM DA GRAVAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Mateus Leite, Pontos de Pedagogia Geral. Mirassol, 1944.
- ALMEIDA, Regina, Breves Reflexões sobre o Sistema de Formação de Recursos Humanos para a Educação e sugestões iniciais para sua redefinição. Belo Horizonte, 1980, mimeo.
- ALMEIDA, Sylvia Peixoto Leão, A Produção do Conceito e o Conceito da Produção: Identidade e Contradição. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas/Orientador: Hermas Gonçalves Arana. Campinas, SP, [s.n.], 1995.
- APPLE, Michael W., Educação e Poder. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail, Questões de literatura e de estética. São Paulo, Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail, Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais de método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Editora Hucitec, 1995.
- BERGMAN, Ingmar, Imagens. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- BERNET, J. T. "La Educación no Formal". In: MARFULL (org). Introducción a la Pedagogia. Barcelona, Barcanova, 1984.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos, As fronteiras da epistemologia : uma introdução ao problema da racionalidade e da historicidade do conhecimento. Petrópolis/ RJ, Vozes, 1992.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos, "Epistemologia: produção, transmissão e transformação do conhecimento". In: Anais VII ENDIPE Vol. 2. Goiânia, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, O que é Educação. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, Coleção Primeiros Passos.
- BRZEZINSKI, Iria, Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento. Campinas/SP, Papirus, 1996.

Bibliografia

- BUENO, B. Oliveira, Epistemologia da pedagogia: um estudo sobre as obras de Carlos Leôncio da Silva. São Paulo, Ed. Salesiana D. Bosco, 1992.
- CASONATO, Osvaldo, "A Epistemologia Professada e a Epistemologia Adotada". In: Anais de VII ENDIPE vol. 2. Goiânia, 1994.
- CERTEAU, Michel de, A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis/RJ, Vozes, 1994.
- CHAGAS, Valnir, "Parecer 251/1962". Documenta (11). Rio de Janeiro, MEC-CFE, 1963.
- CHAGAS, Valnir, Formação do magistério: novo sistema. São Paulo, Atlas, 1976.
- CHAVES, Eduardo O.C., "O Curso de Pedagogia". Cadernos CEDES, 02. São Paulo, CEDES, 1980, pp 47-69.
- COELHO, Ildeu Moreira, "A Formação do Educador em questão. Pensando e fazendo um novo curso de pedagogia; A experiência da Universidade Federal de Goiás". Revista de Educação AEC 14, 58. Brasília, out./dez. 1985, pp 36-60.
- COELHO, Ildeu Moreira, O Ensino de Graduação e Currículo. Curitiba: UFPR / PROGRAD, 1994.
- COMÊNIO, João Amós, Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Porto, Tip. Bonfim, 1985.
- CUNHA, Luiz Antonio. A universidade reformada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- DIAS, P. K., "Ciencias de la Educación, promocion cultural y desarrollo en Tercer Mundo". Educación, vol.25. Tübingen, Georg Hauser, 1982.
- ESCOLANO, Augustín "Las Ciencias de La Educación. Reflexiones sobre algunos problemas epistemológicos". In: Epistemología y Educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- FALCÃO, Maria do Carmo & NETTO, José Paulo, Cotidiano : conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 1987.
- FOUCAULT, Michel, As Palavras e as Coisas. Lisboa, Portugália Editora, 1966.
- FREITAS, Luiz Carlos de, "Pedagogo, Psicólogo Escolar e Análise Experimental do Comportamento: Limitações

Bibliografia

- Ideológicas e Perspectivas" . Educação & Sociedade , 13 . Campinas, CEDES, dezembro de 1982, pp 19-32.
- FREITAS, Luiz Carlos de , "Notas sobre a especificidade do pedagogo e sua responsabilidade no estudo da teoria e prática pedagógicas" . Educação & Sociedade , 22 . Campinas , CEDES , set./dez. 1985 ,pp 12-19.
- FREITAS, Luiz Carlos de , "A questão da interdisciplinaridade: notas para a reformulação dos cursos de pedagogia" . Educação & Sociedade , 33 . Campinas , CEDES , agosto , 1989 , pp 105-131.
- GADOTTI, Moacir, "Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na Atual Sociedade Brasileira" . Educação & Sociedade , 01 . Campinas, Cortez & Moraes , setembro de 1978, pp 05-16.
- GADOTTI, Moacir, "A Faculdade de Educação e a Integração Universitária". Cadernos CEDES, 02 . São Paulo, CEDES, 1980, pp 70-78.
- GADOTTI, Moacir, "Elementos para a Crítica da Questão da Especificidade da Educação". Em Aberto, 22. Brasília , INEP, jul./ago.1984, pp 21-30.
- GALLO, Silvio D. O., Autoridade e a construção da Liberdade: o paradigma anarquista em educação . Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, orientador N. A. Von Zuben. Campinas , 1993.
- GAMBOA, Silvio S.(org.) & SANTOS FILHO, José Camilo, Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. São Paulo, Cortez, 1995.
- GENTILI, P. A. A. & SILVA, Tomaz Tadeu(orgs.). Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. Petrópolis, Vozes, 1995.
- GHIRALDELLI JR.,Paulo, História da educação. São Paulo, Cortez, 1990.
- GHIRALDELLI JR.,Paulo, O que é Pedagogia. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- GÓMEZ, Angel P., "Ciencias Humanas y Ciencias de la Educación". In: Epistemología y educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- HAIDAR, Maria de L. M. , "Natureza e Especificidade da Educação - Subsídio para a Reformulação dos cursos de Preparação de Recursos Humanos para a Educação". Em Aberto, 22. Brasília, INEP, jul./ago.1984, pp 15-20.

Bibliografia

- HAWTHORN, Geoffrey, Iluminismo e desespero: uma história da sociologia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- HELLER, Agnes, O Cotidiano e a História. São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- HENRY, Paul, "Os Fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969)". In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/ SP, Editora da UNICAMP, 1990, pp 13-38.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W.; HABERMAS, J. Textos escolhidos. Coleção Os Pensadores. Primeira edição volume XLVIII. São Paulo, Abril Cultural, 1975. Seleccionados os seguintes ensaios: Horkheimer 'Teoria Tradicional e Teoria Crítica'. Habermas 'Teoria Analítica da Ciência e da Dialética'.
- JANELA, Almerindo Afonso, "Sociologia da Educação não-escolar: Reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?". In: ESTEVES, Antonio & STOER, Joaquim (orgs.). A Sociologia na Escola: professores, educação e desenvolvimento. Porto, Ed. Afrontamento, 1992.
- JAPIASSU, Hilton, Introdução ao Pensamento Epistemológico. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- JAPIASSU, Hilton, "A Crise nas Ciências Humanas". In: Anais do VII ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Goiânia, 1994.
- KANT, Immanuel (1724-1804), Sobre a Pedagogia. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, Ed. UNIMEP, 1996.
- KOWARZIK, W. S., Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- KRAMER, Sonia, Por Entre as Pedras: arma e sonho na escola. São Paulo, Ed. Ática, 1993.
- LEFEBVRE, Henri, La presencia y la ausencia. México, Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri, La vida cotidiana en el mundo moderno. Madrid, Alianza Editorial, 1984 3ª edição.
- LIBÂNEO, José Carlos, "Contribuição das Ciências da Educação na Constituição do Objeto de Estudo da Didática". In: Anais VII ENDIPE Vol. 2. Goiânia, 1994.

Bibliografia

- LIBÂNEO, José Carlos, "Que Destino os Educadores Darão à Pedagogia?". In: PIMENTA, Selma G. (coord.). Pedagogia Ciência da Educação? . São Paulo, Cortez, 1996.
- LUTFI, E. P., SOCHACZWESKI, S. & JAHNEL, T. C., "As representações e o possível". In: MARTINS, J. S.(org.). Henri Lefebvre e o retorno da dialética. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- MANACORDA, M. A., Marx e la Pedagogia Moderna . Barcelona (Espanha), Gráficas García , 1969.
- MANACORDA, Mario A., História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez Ed. Autores Associados, 1989.
- MARFULL, A.S. , "Educación, Pedagogia y las ciencias de la educación". In: MARFULL, A.S.(org.). Introducción a la Pedagogia . Barcelona, Editorial Barcanova , 1984.
- MARIN, Alda Junqueira, "A Produção do Conhecimento na Didática em Suas Várias Feições". In: Anais do VII ENDIPE Vol. 2. Goiânia, 1994.
- MARQUES, Mario Osorio, A Formação do Profissional da Educação. Ijuí/RS, Ed. Unijuí, 1992.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich, Crítica da Educação e do Ensino. Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich, A Ideologia Alemã. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MATOS, Olgária C. F., A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo, Moderna, 1993.
- MAZZOTTI, Tarso Bonilha, "A Pedagogia como Ciência da Prática Educativa". In: Anais do VII ENDIPE vol. 2. Goiânia, 1994.
- MAZZOTTI, Tarso Bonilha, "Estatuto de cientificidade da Pedagogia". In: PIMENTA, Selma G.(coord.). Pedagogia, Ciência da Educação? . São Paulo, Cortez, 1996.
- MEIRELES, Cecília, Poesia Completa. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1994.
- NASSER, A. C. A. & FUMAGALLI, M., "A Opressão da equivalência, as diferenças". In: Henri Lefebvre e o retorno à dialética, MARTINS, J. S.(org.). São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

Bibliografia

- NÓVOA, Antônio, "As Ciências da Educação e os Processos de Mudança". In: Pedagogia, Ciência da Educação? PIMENTA, Selma G. (coord.). São Paulo, Cortez, 1996.
- OLIVEIRA, B. A. C. C. & MORAES, C. S. V., "A teoria das formas em Lefebvre". In: MARTINS, J. S. (org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales, "Paradigmas e Métodos de Investigação: os fundamentos epistemológicos da didática". In: Anais VII ENDIPE. Goiânia, 1994.
- OLIVEIRA, Marta Kohl, Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo, Ed. Scipione, 1995.
- ORLANDI, Eni P., "Efeitos do Verbal sobre o Não Verbal". Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP número 1. Campinas/SP, Gráfica ASE UNICAMP, março 1995, pp 35-48.
- ORLANDI, Eni P., Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis/RJ, Vozes, 1996.
- ORTEGA, José, "Hacia una ciencia de la educación". In: Epistemología y Educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- OSEKI, J. H., "O único e o homogêneo na produção do espaço". In: MARTINS, J. S. (org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- PÊCHEUX, Michel & FICHANT, Michel, Sobre a História das Ciências. Lisboa, Editorial Estampa, 1977.
- PENIN, Sonia, Cotidiano e escola: a obra em construção. São Paulo, Cortez, 1989.
- PÉREZ, Miguel F., "Modelos conceptuales de las ciencias humanas y sua aplicación a las ciencias de la educación". In: Epistemología y Educación. Aslamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- PFROMM NETTO, Samuel, Psicologia: introdução e guia de estudo. São Paulo, EPU, 1990.
- PIMENTA, Selma Garrido, "Educação, Pedagogia e Didática". In: Anais VII ENDIPE Vol. 2. Goiânia, 1994.
- PIMENTA, Selma Garrido, "Panorama Atual da Didática no Quadro das Ciências da Educação: educação, pedagogia e

Bibliografia

- didática". In: PIMENTA, Selma G. (coord.). Pedagogia, Ciência da Educação? . São Paulo, Cortez, 1996.
- PINO, Ivany Rodrigues & GADOTTI, Moacir, "A Redefinição do Curso de Pedagogia: idéias, diretrizes". Revista Brasileira de Est. Pedagógicos, vol. 63 (144) . Brasília, maio/ago. 1979.
- PONCE, Anibal, Educação e Luta de Classes. São Paulo , Cortez Autores Associados , 1990.
- QUINTANILLA, Miguel A., "El estatuto epistemológico de las ciencias de la educación". In: Epistemología y educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- REZENDE, A.M.(org.), Iniciação Teórica e Prática às Ciências da Educação . Petrópolis, Vozes, 1979.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos, História da Educação Brasileira: a organização escolar. São Paulo, Cortez Ed. Autores Associados, 1988.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira, História da Educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis, Vozes, 1978.
- ROSSI, W. R. , "O papel do pedagogo na sociedade" . Cadernos CEDES , 02 . São Paulo, Cedes, 1980, pp 28-38.
- ROTGER, A.Petrus. "Teoría y las teorías de la educación". In: MARFULL(org.). Introducción a la Pedagogía . Barcelona, Editorial Barcanova , 1984.
- SACRISTÁN, José Gimeno, "Explicación, Norma y Utopía en las Ciencias de la Educación". In: Epistemología y Educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- SANTAMARÍA, Castro, "Ideología, Ciencia y Praxis de la Educación". In: Epistemología y Educación. Salamanca (España), Gráficas Ortega, 1978.
- SAVIANI, Dermeval , "Educação Brasileira: problemas". Educação & Sociedade , 01 . Campinas, Cortez & Moraes, setembro de 1978, pp 51-63.
- SAVIANI, Dermeval, Uma estratégia para a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura: formar o especialista no educador. São Paulo, 1980, mimeo.
- SAVIANI, Dermeval, "Sobre a Natureza e Especificidade da Educação". Em Aberto , 22 . Brasília, INEP , jul./ago. 1984, pp 01-06.

Bibliografia

- SAVIANI, Dermeval, Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo, Cortez Ed. Autores Associados, 1989.
- SAVIANI, Dermeval, Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1991a.
- SAVIANI, Dermeval, Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez Ed. Autores Associados, 1991b.
- SCHAFF, Adam, História e Verdade. Lisboa, Editorial Estampa, 1974.
- SCHEUERL, H. "Sobre la cuestión de la fundamentación de las decisiones pedagógicas". Educación, vol 30. Tübingen, Federal Republic of Germany, Georg Hauser, 1984.
- SEABRA, Odette C. L., "A insurreição do uso". In: MARTINS, J. S.(org.). Henri Lefebvre e o retorno a dialética. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- SILVA, Jefferson I. , "A Educação do Educador" . Cadernos CEDES , 02 . São Paulo , CEDES, 1980, pp 39-46.
- SILVA, Jefferson I. , "A Natureza e a Especificidade da Educação - Subsídios para uma Reflexão sobre a Formação do Educador". Em Aberto, 22 . Brasília, INEP, jul./ago. 1984, pp 07-13.
- SILVA, Tomaz Tadeu, O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- SILVA, Tomaz Tadeu, Identidade terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Vozes, Petrópolis, 1996.
- SOARES, Anna Maria S. C. , O Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão: discurso e prática . São Luis , UFMA/ Secretaria da Educação , 1984.
- SUCHODOLSHI, B. A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas: Pedagogia da Essência e Pedagogia da Existência. Lisboa, Horizonte, 1978
- TERNES, José, Conferência proferida no seminário de avaliação do currículo do curso de pedagogia em 05/10/92. Goiânia, 1992 , mimeo.

Bibliografia

VYGOTSKY, L. S., A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

WARDE, Mirian J., Educação e Estrutura Social: a profissionalização em questão. Cortez & Moraes.

WIGGER, L., "Acción y educación - un análisis de las concepciones de acción en las Teorías Educativas". Educación, vol. 30. Tübingen, Federal Republic Germany, Georg Hauser, 1984.